

CARMEN REID



Uma Cama  
para Três

**BB**  
BERTRAND BRASIL

Carmen Reid  
**Uma cama para três**

**Título Original:** Three in a Bed

**Texto fonte por:** Digitalsource

**Formatação/ conversão ePub por:** Reliquia

## Sumário

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)

[Capítulo Trinta e Seis](#)

[Capítulo Trinta e Sete](#)

[Capítulo Trinta e Oito](#)

[Capítulo Trinta e Nove](#)

[Capítulo Quarenta](#)

[Capítulo Quarenta e Um](#)

[Capítulo Quarenta e Dois](#)

[Capítulo Quarenta e Três](#)

[Capítulo Quarenta e Quatro](#)

[Capítulo Quarenta e Cinco](#)

[Capítulo Quarenta e Seis](#)  
[Capítulo Quarenta e Sete](#)

## Capítulo Um

Eram 6h29 da manhã. O alarme do relógio digital no criado-mudo estava prestes a soar. Assim que o alarme chatinho começou a tinir, o telefone, ao lado, também deu sinal de vida. Bella inclinou-se para desligar o relógio e atender o telefone.

— Alô?

Ela ouviu um "Alô!" distante do outro lado da linha cheia de estalidos, seguido por uma canção.

— Parabéns pra você, parabéns pra você...

— Don! — ela gritou e ouviu o eco do que disse.

— Alô, Bella, acorde, eu te amo e quero fazer sexo por telefone agora mesmo.

— Também te amo — ela respondeu as gargalhadas.

— O quê? A ligação está horrível.

— Também amo você! — ela gritou. — Quando você vai voltar para casa? — Hã... bem, estou telefonando do aeroporto de Grozny. Estarei em casa quando você voltar do trabalho.

— Mesmo?! Não posso acreditar! Isto é absolutamente maravilhoso! — Meu trabalho aqui está terminado — disse imitando uma voz de super-herói. — Falando sério, tem sido um pesadelo, agora começa a ficar perigoso e é por isso que estão me tirando daqui. Além disso, disse a eles que era seu aniversário e que eu deveria ir para casa ou sofreria um destino pior do que encontrar um atirador rebelde.

— Você está bem? — ela perguntou.

— Estou muito cansado, foram três semanas infernais. Oh, droga, querida, tenho que ir agora, vejo você de noite. E estou ansioso por isso.

— Eu também. Cuide-se, — Já estou com saudades — brincou, e a linha caiu.

Um sorriso de orelha a orelha surgiu no rosto dela. Ela iria sorrir assim o dia todo, pensou, enquanto saía da cama e começava a Operação Bella. A diferença entre Bella e as outras mulheres cujo visual oscila entre médio e bom era que ela dava mais duro. Na verdade, "dar duro" era uma descrição constante nos relatórios escolares desde que era pequena.

Bem no início da sua carreira Bella passou um longo verão trabalhando em Nova York, foi lá que encontrou suas irmãs espirituais, as imaculadas mulheres nova-iorquinas que corriam, faziam ginástica, tinham unhas impecáveis e tratavam o sexo como uma outra forma de fazer contatos de negócios. Foi uma revelação para Bella e ela sempre fez piada sobre o fato de ter deixado suas inseguranças na alfândega do aeroporto John F. Kennedy e nunca mais ter ido buscá-las. Não era exatamente verdade. As inseguranças ainda estavam lá, mas ela aprendera a escondê-las bem.

Vestiu o agasalho de ginástica porque, de segunda a sexta, corria todas as manhãs por 25 minutos sem NENHUMA EXCEÇÃO. Detestava cada segundo disto, mas era a única maneira de se livrar do excesso de bebida da noite anterior, manter esguio o corpo voluptuoso e garantir algum exercício diário.

Depois de correr, tomava uma ducha, depilava-se e passava hidratante. Depois disso, com o cabelo enrolado em uma grande toalha branca, ficava em pé na frente do espelho do banheiro.

Ela deu uma boa olhada em seu rosto. Vinte e oito anos hoje. Dando um sorriso, olhou os minúsculos pés-de-galinha irradiando-se dos olhos e os primeiros sinais de inchaço nas pálpebras. Estava na cara que a partir de agora tudo seguiria ladeira abaixo.

Espalhou uma generosa quantidade de base do pescoço até a raiz dos cabelos e armou-se com uma esponja de maquiagem para espalhar tudo no rosto. Todas as manhãs agradecia a Deus pela invenção da maquiagem.

Depois soltou os cabelos da toalha e secou-os, antes de prendê-los em um coque frouxo, que a fazia parecer mais velha e mais séria para o trabalho.

De volta ao quarto, abriu a gaveta de lingerie e remexeu em tudo.

Don estava voltando para casa! Ele ficara tanto tempo longe que a acharia atraente mesmo usando calcinhas grandes e um sutiã esportivo, mai, Com os diabos, ele merecia um agrado. Pegou seu mais novo conjunto de sutiã e fio-dental, rosa e preto, de renda, e abriu o guarda-roupa. Vestiu uma blusa impecável, meias 7/8, uma saia reta na altura do joelho e um paletó justo.

Deu uma olhada no grande espelho no quarto e aprovou o conjunto.

É claro que, desde Nova York, nada no guarda-roupa de trabalho de Bella era escolhido por acaso. Teve aulas de maquiagem e penteado, passou por consultores de beleza e estilo. O traje perfeitamente adequado, prestes a receber os acessórios perfeitos, deveria gritar "mulher em direção ao topo".

Bella revirou a gaveta das jóias, procurando os brincos pequenos e elegantes e o minúsculo pingente de platina que Don lhe dera de presente.

Lutou para colocá-los, depois agarrou os sapatos de couro de salto alto na sapateira e correu para a cozinha.

Duas laranjas viraram suco no pequeno espremedor elétrico. Colocou o copo de suco e o pote de iogurte na minúscula mesa de mármore da cozinha e foi até a porta da frente do apartamento para pegar os jornais.

Sentou-se e estudou cuidadosamente o Financial Times enquanto tomava o café da manhã, depois deu uma folheada no tablóide de Don até encontrara mais recente reportagem dele e leu cada palavra.

7h45 era a hora de sair e, pegando a capa de chuva, a pasta executiva, o lap-top e as chaves, foi para o trabalho. Enquanto a mão esquerda fechava a pesada porta de madeira e vidro da portaria, seus olhos caíram sobre a estreita aliança de platina, onde minúsculos diamantes cintilavam no quarto dedo e não conseguiu conter um sorriso. Meu Deus! O casamento era uma novidade e tanto.

No seu último aniversário acordara em um quarto desconhecido no estilo de um loft, com a maquiagem completamente afronhada nos seus poros e o Início de uma ressaca monumental tomando conta do seu crânio.

Suas narinas estavam queimadas de modo suspeito e ela tinha ficado enojada ao ver um gorducho corretor da Bolsa, cujo nome não conseguia lembrar, roncando profundamente ao lado dela na cama.

Vestiu a lingerie, colocou o vestido, endurecido com o suor da noite anterior, pegou a bolsa e os sapatos e escapuliu do apartamento. Depois de tomar três expressos com cafeína suficiente para provocar um ataque cardíaco, no café italiano na esquina, percebeu que era

hora de tratar sua vida pessoal da mesma maneira que cuidava de sua carreira. Um mês depois disso, completamente preparada para ficar longa de homens e trepadas de uma noite só até conseguir organizai seus pensamentos, tropicou em cima do Homem da sua Vida. Depois de 13 semanas de namoro, seu mais longo relacionamento em anos, casaram-se. Quem falou em medo de compromissos? Ela cruzou a fronteira, deu o salto, mergulhou de cabeça. Na verdade, Don fora capaz de enxergar facilmente através da máscara garota-durona- da-City<sup>{1}</sup> -que-dorme-com-todo-mundo e viu uma mulher que não se atrevia a amar desde que o Grande Romance Número Um tinha dado muito errado. Don segurou sua mão e a convenceu de que o que tinham era amor de verdade. Pediu que ela mergulhasse de cabeça com ele e, quando colocou o anel no seu dedo, ela surpreendeu-se com a sensação de solenidade. E também ficou aterrorizada. Mas ele irradiava tanto amor que ela assumiu o compromisso, assinou na linha pontilhada e selou o acordo.

Bella fechou a porta e sentiu o morno sol de maio. Conseguia ouvir o ruído suave do tráfego ao longe: já começava outro dia na capital. Abriu a porta do seu Mercedes 280/SL conversível creme, jogou o casaco e as pastas no banco do passageiro e sentou-se, manchando a batata da perna direita com o óleo da porta.

— Merda — disse em voz alta, inclinando-se na direção do minúsculo porta-luvas, apertou o botão, fez com que meia dúzia de pacotes de meias pretas caíssem ao chão. Colocou a perna para fora do carro, despiu a meia manchada, vestiu a nova e, jogando a usada no banco de trás, deu a partida e saiu em direção ao escritório.

Às 8h25, equilibrando a capa de chuva, a pasta executiva, a mala do laptop, um pacote de 20 maços de Marlboro Lights e uma garrafa grande de Evian, comprados na loja do lado, Bella chegou à sede da Prentice and Partners, uma das menores, mas melhores empresas de consultoria empresarial da City.

— Bom-dia, Kitty — ela disse ao entrar.

— Oi, Bella — Kitty respondeu, olhando de sua mesa na grande recepção.

— Susan está? — Claro que sim.

— Primeiro as damas. Os meninos vêm brincar hoje? — Sim, Hector deve estar chegando e — Kitty verificou no computador — Chris vem para a reunião da tarde, mas pode chegar antes da hora marcada.

— OK. Só vou checar minha agenda e fazer um café. Depois disso estou pronta para você — Bella disse com um sorriso.

Entrou em sua sala, pendurou a capa de chuva e ligou a cafeteira antes de tirar o laptop da mala, verificar os e-mails e abrir a agenda.

## **8 DE MAIO** **Terça-feira**

\* Feliz aniversário — caso você tenha se esquecido. Sua velhota.

\* Ligar para o escritório de Petersham para responder perguntas/tranquilizar ataques de nervos.

\* Preparar-se para a reunião na Merris.

- \* GRITAR com Hector.
- \* Reunião com Chris e Susan, às 14 horas — Detalhes sobre Petersham e Merris.
- \* Engravidar?

O quê????! Ela releu a última frase. Meu Deus, por que escreveu isto? Era uma coisa que andava na sua cabeça, mas não significava que deveria estar na agenda. Apertou o botão delete. A frase desapareceu da tela, mas não da sua cabeça. Sabia que queria um bebê: queria muito, muito mesmo. Algo que tinha começado há alguns meses como um vago interesse e se transformara em um desejo absoluto. Era estranho.

Por que ela queria tanto um bebê? Tentou analisar seus motivos inúmeras vezes: talvez porque seus pais tivessem estragado tanto as coisas e ela quisesse se sair melhor que eles, talvez porque se preocupasse tanto com o seu futuro e o de Don se não tivessem filhos. Ele era 13 anos mais velho e ela não conseguia imaginar-se envelhecendo sozinha, somente com a companhia de gatos doentes, com incontinência urinária, em vez de filhos e netos.

Bella também temia que levasse muito tempo para conseguir ter um bebê. Sua mãe tinha dado à luz aos 29 anos, e depois passou oito anos sofrendo aborto atrás de aborto antes de finalmente desistir de ter um segundo filho. Ela se lembrava do berço e das caixas de roupas de bebê, todas cuidadosamente etiquetadas no sótão, e como quando pequena costumava encontrar sua mãe ali, chorando furiosamente.

Mas agora o maior problema de Bella era que, quando se casara com Don, há sete meses, ele não queria filhos — disse que era muito velho, muito independente, muito cheio de manias —, e ela concordou com a regra "sem filhos". Mas agora sabia que não tinha a intenção de concordar com a regra, que não tinha pensado profundamente a respeito.

Começou a tomar forma em sua mente que, se uma gravidez acontecesse, deveria ser "accidental". E claro que Don ficaria chocado, mas tinha certeza de que ele iria se adaptar à idéia. Seja como for, a experiência de sua mãe deixara Bella com a crença de que a concepção estava a milhões de quilômetros do parto. Então, seria assim tão ruim ficar grávida e ver o que aconteceria? Uma batida na porta e os pensamentos de Bella foram interrompidos por Kitty.

Bella serviu café para as duas e, como de costume, debochou da roupa de Kitty durante a reunião que tratava da agenda do dia, Kitty, baixinha, com cabelos ruivos espetados e curvas generosas, vestia calças estilo hippie prateadas, uma camiseta roxa minúscula e um colete acolchoado prata. Tênis com sola grossa e luzes piscantes completavam o visual.

— Quando a nave-mãe vai aterrissar? — Bella perguntou, com as sobrancelhas erguidas.

Kitty olhou para ela, imperturbável.

— Você não fala a língua dos terráqueos? — Bella acrescentou.

— Cale a boca, Bella. — Um sorriso atravessou o rosto de Kitty. — Só porque você gosta de se vestir como uma aeromoça, sua antiquada do século XX. — Ela ignorou as exageradas exclamações de horror de Bella e acrescentou: — Prata é a cor do momento.

— Mas você está vestida para ser bem-sucedida, Kitty? Acho que não — respondeu Bella.

— Você é tão clone corporativo! Vestir-se como uma executiva não implica ter poder. —



Kitty devolveu. — Para onde você vai Bella? Direto para a barreira de discriminação sexual. — Oh meu Deus — Bella gemeu. — É muito cedo para um discurso feminista radica, faça-me o favor. — Abriu o pacote de cigarros, acendeu um de um maço, fechando os olhos com o prazer obtido com a primeira tragada do dia.

Quando o relógio se aproximou das nove da manhã, Bella expulsou Kitty do seu escritório e começou a fazer suas ligações. Estava em uma entressafra entre dois grandes contratos e ansiosa para começar algo novo.

Depois de ter feito a primeira ligação, o telefone em sua mesa tocou.

— Alô. Bella Krowning — respondeu.

— Bella, é Kitty, tenho uma ligação com alguém muito zangado com você. Quer que eu diga que está ocupada? — Não, ele ligará novamente. É melhor encarar a fera. Quem é? — Tom Proctor, da AMP.

— OK, me dê 30 segundos e depois passe a ligação. Ela fechou os olhos e respirou fundo, dizendo a si mesma para ficar calma enquanto vagarosamente apertava o botão aceso para atender à chamada. — Olá, Tom, como vai? — disse.

— Não me chame de Tom, sua vaca — ele devolveu. — Você sabe muito bem como estou. Fodido e desempregado. Fui despedido depois de ralar a bunda nesta empresa durante 17 anos somente para você passar oito semanas aqui e destruir tudo.

Esta era a pior parte de seu trabalho, a que a enchia de culpa. Tom tinha 53 anos, três filhos na escola e um estilo de vida muito elevado para manter. Não possuía um bom currículo e seria difícil encontrar outro emprego tão bom quanto este do qual ela o demitira.

— Você faz idéia dos danos que causou? — ele gritou, enraivecido.

— Meus colegas, homens com família e filhos pequenos para cuidar, estão colocando seus pertences em caixas e saindo da empresa aos prantos.

Ela engoliu em seco, não queria mesmo ouvir isto.

— Quem você pensa que é? — ele gritou ao telefone. — Eu vou lhe dizer: você é uma universitária metida a besta com uma merda de diploma; sua única idéia de eficiência e redução de custos é demitir pessoas, e provavelmente você somente conseguiu o seu emprego absurdamente bem remunerado depois de ter chupado todos os paus da cidade.

Jesus, isto era demais.

Ela respondeu friamente: — Sr. Proctor, graduei-me com honras em economia pela Londou Schoul of Economics, onde fui a primeira da classe no meu mestrado.

Passei quatro anos trabalhando para as maiores consultorias do país antes de entrar para a Prentice and Partners. E Susan Prentice é uma mulher, de modo que eu com certeza não precisei chupar o pau dela.

Sem se abalar, ele gritou de volta: — Nós não precisávamos de vocês aqui, suas malditas sanguessugas.

Vocês nos destruíram. Vou fazer o possível para que você nunca mais consiga outro contrato na City, sua filha-da-puta convencida.

Ela não podia acreditar no que ouvia. Levantou da mesa e sua voz começou a subir de Tom: — Se você tivesse a metade da competência que deveria ter no seu trabalho, como eu tenho no meu, a AMP nunca teria tido a necessidade de chamar consultores. Sem a

minha ajuda, a empresa teria afundado no máximo em dois anos e todos teriam sido demitidos sem a generosa indenização que você está recebendo.

E, para completar, acrescentou: — Como se atreve a telefonar para me ofender? Você vivia dizendo que queria mudar para o campo e restaurar móveis antigos; então, por que não vai tomar no cu e fazer isso? Merda, ela lamentou ter dito isso imediatamente, mas filha-da-puta! Filhada puta? Como ele se atreve? Neste momento ela olhou para a porta e viu Chris sorrindo para ela e fazendo sinal de positivo com os polegares. Era o que ela precisava, que o homem mais importante da empresa depois de Susan ouvisse isto. Ela acrescentou depressa: — Sr. Proctor, estou muito ocupada; com sua licença. Obrigada por telefonar. Ela ouviu uma exclamação atônita, mas colocou o fone no gancho antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa.

— Nossa, você disse poucas e boas, Bella. — Chris sorriu para ela.

— "Vá simplesmente tomar no cu no campo e restaurar móveis antigos," Preciso me lembrar desta frase da próxima vez que alguém me chamar de bicha.

Chris, seu monte de merda sem coração — ela respondeu, aliviada em ver que ele não estava levando aquilo a sério. — Estou mesmo muito sem graça por você ter ouvido. Vai me despedir agora? — ela perguntou, com as sobancelhas erguidas em arco.

— Não. — ele fez uma pausa dramática —, mas talvez tenha que ser muito sincero com você. Sra. Browning. — E acrescentou: — Tente não fazer muitos inimigos eternos. Bom, e como foi o fim de semana? — Bom — ela respondeu. — Don não estava na cidade, de modo que fiz coisas de menina; sabe como é, bebi várias canecas de cerveja, cheirei três carreiras de cocaína e trepei com um desconhecido no banheiro. Ele a olhou, intrigado.

— Estou brincando, Chris. — Foi aí que a ficha caiu. — Oh! Você fez isto tudo. Bom, você é um rapaz de sorte, mas na sua idade deveria começar a pensar na saúde, sabe como é. Só tenho 34 anos. — Hum, mas há o estresse extra de ser um sócio sênior na empresa — ela brincou.

— Um emprego que você me mataria para ter. É por isso que eu nunca pedi que você fosse comprar um sanduíche para mim. — Eu nunca iria! — Bella. — Ele colocou a mão na maçaneta. — Foi um prazer, como sempre, mas tenho um monte de trabalho a fazer antes da reunião desta tarde. Em relação à Merris e Petersham, se tiver dúvidas, estou na sala ao lado, espiando você pelo buraquinho secreto. — Vejo você mais tarde — disse ela, e ele saiu da sala, deixando-a com um sorriso um pouco assanhado demais no rosto. Alguém bateu novamente na porta.

— Entre. — Ela sabia que era Hector. Hector, o novo garotão recém- saído da faculdade, que nunca se cansava de contar a todos sobre seus heróicos ancestrais escoceses. E esta era apenas uma das suas várias características irritantes.

— Você queria me ver? — Ele enfiou a cabeça desgrenhada pela fresta da porta.

— Sim — ela respondeu.

Ele entrou com um ar arrogantemente amassado, como de costume.

Ainda usava ternos no estilo "artista", de tweed, com o visual de "não vou ser um conformista, nem tentar me arrumar muito". Era um rapaz muito brilhante: por que outro motivo estaria trabalhando aqui? Mas tinha que começar a se comportar adequadamente.

Ele sentou-se na cadeira na frente da mesa dela.

— Então, o que é este monte de merda? — Ela jogou um grosso relatório, encadernado em espiral, na mesa.

— Ah, eu estava mesmo imaginando se deixei passar alguns números incorretos.

— Alguns números incorretos! — Ela pegou novamente o relatório.

— Vamos abrir ao acaso... 32% de 586 mil libras? Isto é... — ela mal fez uma pausa — 1 87.520 libras. Mas, inacreditavelmente, você achou que seriam 28.500. Totalmente, completamente fora de foco.

— Bom, acho que não sou um gênio da matemática como você, Bella — ele teve o topete de lhe responder.

— E o que uma coisa tem a ver com a outra? Por que não compra a merda de uma calculadora? — ela retrucou. — Na verdade, vá comprar uma e aproveite para comprar uma merda de terno adequado quando estiver na loja. Já é hora de você se vestir melhor.

Ele olhou para ela muito surpreso, mas Bella continuou: — Você já está aqui há quatro meses e parece não ter aprendido nada. Este relatório é sobre uma grande empresa, você estava trabalhando nos lucros, perdas e despesas. Seus erros poderiam ter custado centenas de milhares de libras, poderiam ter custado o emprego de pessoas. Isto não é um jogo, Hector, não é um problema teórico que você discute na sala de aula. Caramba. É suficiente ter potencial quando se está na universidade.

Mas, depois, chega a hora de provar que se tem competência no mundo real.

Houve uma longa pausa.

Hector ficou pensando por que Bella estava segurando o relatório bem no rosto dele e tremendo um pouco.

— Você está OK? — ele perguntou.

Hector ficou surpreso ao ouvir o resfolegar de uma gargalhada saindo detrás das páginas.

— Ah, meu Deus — ela colocou o relatório novamente na mesa. — Eu deveria rebaixar você de posto, mas não consigo fazer isto sem cair na gargalhada.

— Hã... Sinto muito. Quer que eu faça novamente? — ele perguntou.

— Não, já resolvi tudo. Mas pode fazer o favor de se concentrar melhor no trabalho próxima vez que eu lhe der algo? — Tá, desculpe.

Quando Bella ficou novamente sozinha na sala, caiu na gargalhada.

"É suficiente ter potencial quando se está na universidade", desconfiou que tinha lido isto em algum outdoor.

Acendeu outro cigarro, deu uma tragada funda e massageou as têmporas, Este estava se transformando em um dia dos diabos.

Outra batida na porta e Kitty apareceu com um buquê de flores enorme. Você achou que tínhamos esquecido, não foi? — Esquecido do quê? — Bella perguntou. Do seu aniversário, sua cretina.

— Ah, meu Deus... obrigada. — Ela pegou as flores e leu o cartão assinado pelos quatro. — Obrigada — repetiu, olhando ao redor e imaginando onde iria colocá-las.

— Tem um vaso na recepção. Quer que eu as deixe lá até o fim do dia? — Kitty perguntou.

— Sim, você é o máximo, Kitty. Aposto que todos os outros tinham esquecido.

Nove horas depois, após centenas de ligações, cálculos e uma reunião horrorosa com Chris

e Susan, Bella digitava seu último memorando e arrumava a mesa no fim do dia. Eram 19h15 quando Chris apareceu na porta para perguntar se ela iria se juntar a eles para um drinque.

Ela recusou porque, finalmente, era hora de ir para casa ver Don. O trânsito estava insuportavelmente lento em todo o trajeto de volta, de modo que ela refez a maquiagem, colocou perfume e revirou o porta-CDs antes de desistir, desanimada, e agüentar a programação do rádio. Mal podia esperar para ver Don novamente, Três semanas inteiras: o período mais longo que estiveram separados.

Quando conseguiu finalmente chegar no prédio, escancarou a porta da entrada, correu para o elevador e apertou várias vezes o botão, até que as portas se abriram.

O apartamento estava silencioso e, por um momento devastador, ela pensou que Don não tinha conseguido voltar para casa. Foi então que viu a mala e o gasto casaco impermeável no hall. Caminhou silenciosamente até o quarto. As cortinas estavam fechadas e Don estava deitado na cama, dormindo profundamente.

Ela estava tão feliz em vê-lo que sentiu o estômago revirar. Chegou mais perto e deu uma olhada demorada nele. Seu rosto estava bronzeado em contraste com o travesseiro branco, mas abatido. Seus cabelos grisalhos e crespos estavam despenteados e ainda molhados da ducha que deveria ter tomado. Os óculos estavam no criado-mudo e ele parecia deliciosamente limpo e recém-barbeado.

Ela tinha certeza que ele estava nu debaixo do edredom e não podia mais resistir, ansiava por sentir seu corpo contra o dela. Pendurou as malas e a capa, tirou os sapatos e a roupa e depois deslizou para debaixo da coberta, ao seu lado, encostando o corpo nu contra as costas nuas e mornas de seu marido. Envolvendo-o com os braços, colocou o nariz na base da sua nuca, sentindo o cheiro do sabonete de sândalo que ela estava usando porque sentia demais a falta dele.

— Olá, Don — ela sussurrou.

Ele moveu-se um pouco e respondeu com um "hum", de modo que ela se aproximou mais. Correu as mãos pelo seu peito e abdome peludo e quente, até chegar ao seu pênis adormecido.

Um longo e profundo "mmmm" saiu de sua garganta quando ela envolveu o pênis com a mão.

— Olá — ela disse. — Não vai acordar e dizer oi? — Sim, claro — ele respondeu, despertando. Rolou na cama, a fim de olhar para ela, e a beijou nos lábios.

Depois sorriu, franzindo a pele ao redor dos olhos e olhando para ela com tanto amor e desejo que ela sentiu um aperto na garganta.

— Querida, estou tão feliz que você esteja em casa, você não faz idéia — ele disse com a voz pesada de sono.

— Também senti sua falta. — Ela o beijou de volta, encaixando as pernas nas dele, puxando-o para tão perto que seus pêlos púbicos se esfregaram e ela podia sentir o pênis erguendo-se, de encontro à sua pele, enquanto ele descia as mãos pela cintura dela até as nádegas.

— Ainda não acredito que estou casado com você... — ele disse entre beijinhos famintos — e você está nua! Agora a beijou como deveria, apertando-a contra si e abrindo seus

lábios com a língua. Ela saboreou sua boca quente, com gosto de hortelã.

Enquanto ele a puxava de encontro à sua rija ereção, ela entrelaçou os dedos por entre seus cabelos e beijou, provocadora, o pescoço e a orelha dele. — Senti tanto a sua falta — ela sussurrou. — Também senti a sua falta, principalmente dos seus seios — ele disse com um sorriso, acariciando-os suavemente, lambendo os mamilos e a macia pele branca ao redor deles.

Acariciaram-se, beijaram-se e lamberam-se até que ela rolou na cama e o puxou para cima. Olhando para o rosto dela, ele a penetrou e moveu vagorosamente todo o seu pênis para dentro e para fora.

— Seu malandro — ela murmurou, segurando os quadris dele com as mãos e movendo-o com mais velocidade até que os dois perderam o fôlego em uma trepada rápida e frenética.

Quando se separaram, estavam levemente suados e ofegantes.

— Puxa, você é bom — ela disse, sorrindo. — Não posso acreditar que você é meu marido. Afinal de contas, maridos devem usar chinelos e lavar o carro, não provocar orgasmos múltiplos em uma garota.

— Tudo parte de um dia de trabalho! — ele respondeu. — Ei! — Ela sentou-se, adorando o fato de que ele não conseguia parar de olhar para os seus seios. — Acho bom que não tenha esquecido que hoje é o meu aniversário.

— Telefonei logo cedo, lembra? — Sim, telefonou, mas onde está o meu presente caro? — Bella, acabei de voltar de uma zona de guerra, não havia muito o que comprar... Me dê uma chance.

Ela não sabia o que dizer. Talvez estivesse sendo injusta. O que o free shop do aeroporto da Chechênia poderia vender? — Mas... — ele inclinou-se para pegar algo debaixo da cama — consegui comprar isto. E lhe deu um grande chapéu de pele verde com protetores de ouvido. — Um verdadeiro artigo do exército russo — disse com um sorriso maroto.

— Oh! Obrigada. Ela tentou fingir ter gostado e depois acrescentou: — O primeiro presente de aniversário que você me dá. Lembre-me de arrumar um novo marido no ano que vem.

— E — ele voltou a pegar algo debaixo da cama — nem sei como dizer o quanto foi difícil encontrar isto no mercado negro. — Ele virou-se e entregou uma brilhante caixa cor-de-rosa amarrada com uma fita. — Feliz aniversário.

Ela desamarrou a fita e levantou a tampa. Dentro estava um extravagante conjunto de lingerie de seda lilás e preta. Um sutiã e fio-dental de renda, uma camiseta de alcinhas e uma calcinha. Ela pegou o sutiã e olhou a etiqueta — o tamanho certo. Estava impressionada.

Mercado negro, ra, rá.

— Isto é um presente para mim ou para você? — perguntou, mas, antes que ele pudesse responder, disse: — Muito obrigada. Você é um doce — e o beijou na boca.

— Ainda bem. Fico feliz que você tenha gostado dele, porque eu gosto muito mesmo, Agora fique aqui — ele disse, saindo da cama e vestindo o roupão. — Vou abrir um vinho, pedir comida chinesa e, na volta, tentar convencer você a passar a noite inteira na cama comigo.

— Bom, tudo bem, já que tenho a roupa certa para isto — ela disse, tirando a lingerie da caixa.

Comeram na cama e gargalharam juntos. Bella falou sobre o trabalho e Don contou histórias da guerra.

— Puxa, começo a pensar se não estou ficando um pouco velho para este trabalho — ele disse, ficando sério por um momento.

— Você gostaria de parar? — ela perguntou. — Você não é velho, tem 41 anos e está em boa forma. — Ela inclinou-se, deixando o roupão abrir e beijando-o na testa. — Em muitos aspectos você parece ter metade da idade que tem — ela provocou.

Ele a puxou e a fez sentar no seu colo.

— Obrigado pelo voto de confiança, querida — e a beijou na boca.

— Argh, que gosto de feijão preto. — Ela fez uma careta, fingindo estar horrorizada.

— Vou ter que beijar você em outro lugar, então. — Ele a deitou e começou a beijar seus seios e barriga. Depois passou para os seus pêlos púbicos e soprou suavemente. Ela levantou um pé, dobrando o joelho.

Ele pressionou a língua no pequeno botãozinho do clitóris, ouvindo o arfar rápido da sua respiração, depois rolou os seus mamilos entre os dedos.

Bella sussurrou em voz macia: — Hummm. É disto que uma garota precisa no aniversário. É muito melhor que bolo e não engorda.

Ele se pôs em cima dela e ela abriu as pernas para que ele pudesse entrar.

Bella retesou todos os músculos do seu corpo contra as investidas de Don e ele a sentiu gozando debaixo do seu corpo, agarrando-o firmemente para receber o prazer de cada movimento.

Ele demorou muito mais e finalmente gozou quando ela estava cerrando os olhos e murmurando: — Não consigo agüentar mais... Não consigo...

Ela o manteve em cima do seu corpo, sentindo o pênis sair lentamente de entre as suas pernas, molhadas de esperma, e uma enorme satisfação irrompeu no seu íntimo enquanto planejava esta noite não tomar a pílula, porque queria engravidar.

## Capítulo Dois

No escritório, enquanto lia os e-mails, tentava concentrar-se na proposta final que deveria apresentar na semana que vem para um novo contrato, mas sua mente divagava.

Não podia acreditar que três meses tinham passado e ainda não estava grávida. Cada menstruação tinha sido uma surpreendente e esmagadora decepção.

Bom, eles só precisavam fazer mais sexo. O que estava longe de ser uma idéia desagradável.

— Bella? Alô, Bella! — Kitty estava parada na porta, usando uma jardineira cor-de-rosa com um gatinho branco e fofo aplicado no bolso da frente.

— Sim? — Bella olhou para o gato.

— Susan está livre, você pode ir falar com ela agora. Chris vai se juntar a vocês em um minuto.

— Obrigada, meu bem... mas de onde saiu esse gato? — Bella perguntou enquanto juntava a papelada e saía em direção à sala de Susan.

— Pós-pós-moderno — Kitty respondeu.

Surpresa, surpresa, Susan estava ao telefone. Ela fez um gesto com a mão, mandando Bella entrar, e indicou uma cadeira.

A antes mentora de Bella, e agora sua chefe, era uma mulher na casa dos 40 anos, magra como um bambu e uma profissional viciada em trabalho, obcecada em controlar tudo e todos. Tinha o cabelo assustadoramente armado e só se vestia com roupas bege muito caras. E era casada com um homem igualmente bem-sucedido. Sem filhos.

Susan era uma das estrelas da Laurence and Co., uma das principais e poderosas empresas de consultoria onde Bella foi trabalhar depois de se formar. Mas Susan saiu de lá depois de uma briga com um dos diretores e fundou sua própria empresa. Foi uma confusão dos diabos, acabou sendo processada por quebra de contrato, a empresa tentou jogar seu nome na lama, mas tudo isto só fez aumentar a determinação da terrível Sue em ter sucesso. E por fim concordou um contratar Bella um ano depois.

Não importava o quão cedo Bella chegava no escritório, Susan já estava lá e sempre era a última a sair. Sua aparência era sempre 100% perfeita e, uma vez que vivia falando ao celular, este ficava preso em sua cintura com um elegante fone de ouvido ligando a orelha com o brinco de pérolas aos lábios recobertos com um batom em um suave tom bege-acastanhado. Isto permitia que ela digitasse em seu minúsculo e cintilante laptop de titânio sem interromper a conversa.

— Oi, Bella — disse quando finalmente acabou de conversar, sem remover o fone de ouvido. — Estava falando com Anne. Lembra-se dela, do trabalho do ano anterior? Ela acabou de ter um bebê e esperava que eu ficasse toda animada e emocionada por ela. Bom Deus, fico contente em saber que você não pretende ter filhos. Na verdade, foi por isso que eu a contratei. Precisava de outra mulher na empresa, uma boa profissional. Mas não queria alguém que fosse sair e jogar toda esta coisa de ter um bebê nas minhas mãos.

Sem parar para respirar, acrescentou: — Não importa o que as mães que trabalham dizem, nenhuma executiva é a mesma depois de ter um bebê.

Elas são simplesmente incapazes de se concentrar completamente no trabalho depois de terem filhos. Na verdade — ela fez uma pausa para dar um sorrisinho sarcástico — nunca voltam a ser mentalmente normais.

Bella fez um enorme esforço para retribuir o sorriso, mas desconfiava que ele tinha ficado completamente falso. Lembrava-se exatamente de quando tinha dito a Susan que não queria ter filhos. Foi quando pediu a ela — melhor ainda, a encheu até conseguir — uma vaga na empresa. Era óbvio que nunca passou pela cabeça de Susan que, agora que Bella estava casada, poderia ter mudado de idéia. Bella espantava-se com a frequência com que Susan proferia o mais terrível discurso sexista de merda, que nenhum chefe homem se atreveria a proferir, a não ser escondido dentro de uma nuvem de fumaça de charuto nos confins seguros de um clube de cavalheiros.

Felizmente foi salva da obrigação de responder pela chegada de Chris. A reunião começou. Acabaram pouco depois das 17 horas, mas como não havia mais nada a fazer, Susan mandou todos embora mais cedo.

Bella entrou no carro. O tráfego parecia complicado, mas o sol estava brilhando e ela iria dirigir com a capota abaixada, usando seus novos óculos de sol, e por causa disso a idéia não parecia ser tão ruim. Estava em uma longa fila para fazer o contorno na rotatória quando ligou para Don no celular, — Oi, querido, sou eu.

— Oi, Bella, estou ouvindo tráfego ao fundo? Meu Deus, não me diga que saiu do escritório, saiu? — Sim, fui liberada mais cedo por bom comportamento.

— Estou no centro — ele respondeu. — Quase acabei o trabalho, mas não preciso voltar para a redação. Que tal nos encontrarmos em algum lugar? Poderíamos ir jantar fora.

— Oh-oh, você esqueceu do coquetel! — Hããã...

— Bebidas, querido — ela gorjeou em uma vozinha pateta e acrescentou: — Lá pelas oito, com Mel, Jasper, Lucy e o cliente de alguém. Não me lembro quem é que paga desta vez.

— Ahh — Don respondeu, nada desapontado. Era sempre divertido ir brincar com os meninos e meninas mais importantes da City.

— Vou para casa trocar de roupa. Você também passa por lá? Ou quer me encontrar no bar? — Encontro você no bar — ele respondeu. Ela passou o endereço e disseram adeus.

Quando Bella e a turma trabalhavam juntos na Laurence and Co., formavam um grupo incredivelmente unido. Eram exatamente iguais: jovens, muito inteligentes para a idade, ambiciosos e impacientes para subir na vida. Trabalharam e jogaram duro em um grupo inseparável com piadas particulares, palavras-código, antipatias compartilhadas e brincadeiras.

Mesmo quando todos foram para empresas diferentes, a intimidade entre eles durou muito tempo.

Mas, nos últimos meses, Bella tinha notado que não se sentia mais parte do grupo — uma diferença que só conseguia justificar com o casamento. Não queria mais sair todas as noites para encontros sociais que poderiam avançar pela madrugada. Queria ir para casa ficar com Don.

Estava começando a achar as fofocas, todos os comentários "quem dorme com quem esta noite/na noite passada/amanhã" e os "quem foi contratado, quem foi demitido" e quanto receberam de bônus muito chatos.



Pior ainda, Bella sabia que sua turminha tinha percebido isto e agora a considerava uma espécie de membro honorário. Ela meio que queria se afastar deles, mas estava magoada com o fato de a terem colocado de lado e se unido sem a presença dela. Também ficava furiosa com o fato de nenhum deles entender Don, de não compreenderem o que ela estava fazendo ao lado de um homem que não se interessava por dinheiro.

Bella não precisava de muito tempo para se arrumar. Tomou outra ducha e vestiu um conjunto testado e aprovado. Sua filosofia ao vestir-se era simples — acentuar o que há de bom. Gostava do seu rosto, de seus seios, dos cabelos e das pernas dos joelhos para baixo. Sendo assim, só usava calças compridas nos finais de semana e sempre algum tipo de salto e decote. Seus cabelos longos e escuros estavam sempre enrolados em um coque elegante ou soltos em uma brilhante cabeleira.

Entrou no ambiente elegante e exclusivo pouco depois das 20 horas e viu que Don já estava empoleirado em um banquinho no bar, mas antes de conseguir ficar perto dele foi atacada por Mel: — Queriiiiida. — Beijinho, beijinho. — Como vai você? — Que visual sexy. Mel usava um vestido vinho bem justo que fazia as curvas do seu corpo sobressaírem.

— Agora venha cá, Lucy quer que você conheça o bando com quem ela está trabalhando no momento. Jaz está em algum lugar.

Bella conseguiu acenar para Don antes de ser bombardeada por uma confusão de apresentações. Armou seu sorriso interessado e preparou-se para apertar mãos. Contatos, contatos... isso é tudo o que importa.

Quase uma hora depois, conseguiu finalmente chegar até Don.

— Olá, — Colocou os braços ao redor da cintura dele e o beijou na boca, sentindo o gosto de uísque.

— Oi, Bella, você está linda — ele disse.

— Bom, sabe como é, esta é a minha versão "fale suavemente e carregue um grande cassetete".

— E qual seria ele? — ele gargalhou.

— Fale como uma maga financeira! mas use um vestido transparente — ela respondeu.

— Uma combinação fatal — ele concordou.

— Irresistível — ela disse e acendeu um cigarro.

— Você quer ficar muito tempo aqui? — ele perguntou.

— Um pouco mais. Vou falar com Jasper e seus novos amigos, e depois podemos ir. Você não está muito chateado, está? — Não — ele respondeu —, converso com todo mundo que passa por aqui.

— Você quer vir e conversar com Jasper? — OK, se você quiser.

Ele levantou-se e seguiu sua esposa na multidão, observando os olhares que atraía, vestida em uma saia de cetim preta justa com uma blusa de chiffon verde-escura que parecia recatada, mas que quando vista de perto era completamente transparente, permitindo um breve vislumbre do sutiã.

Ele ficou contente em pensar o quão surpresos os rostos enfiados em ternos completos ficariam quando ela saísse do bar com ele — o homem mais velho e mais desarrumado no local, usando um terno amassado e botas de camurça gastas.

Finalmente, saíram do bar e se enfiaram no minúsculo carrinho dela, para correrem para

casa. Don estava maravilhado ao ver que ela realmente conseguia dirigir usando aqueles saltos e que havia se limitado a beber duas taças de champanhe — ele esperava.

Assim que entraram no apartamento, Bella o empurrou, brincalhona, contra a porta de entrada para um longo e exploratório beijo de boas-vindas. Sentiu-o relaxar quando curvou o corpo na sua direção.

Lentamente, Don desceu as mãos dos seus ombros para os quadris, puxando-a para mais perto.

Enquanto se beijavam, ele procurou o zíper na parte de trás da saia dela e a puxou para baixo. O cetim deslizou e caiu aos seus pés. Don moveu as mãos para baixo e gostou de perceber que não havia nada acima da borda das meias 7/8.

— Meu Deus, quero foder você — ele sussurrou no ouvido dela.

— Bom... então, OK — ela disse, enfiando a mão nas calças dele.

Mais tarde, na cama, deitada junto dele, ela sentiu uma pontada de culpa. Será que ele a perdoaria se ficasse grávida? Ela podia fazer uma lista dos motivos pelos quais ele não seria exatamente um bom candidato a pai: era o principal jornalista de um tablóide e o cargo o fazia trabalhar muitas horas, viajar muito, e ele gostava de uma boa bebedeira com os rapazes.

Pior ainda, estava na casa dos 40, seu pai tinha abandonado a família quando ele ainda era pequeno e ele não queria ter filhos.

Jesus. Ela se inclinou e pegou um cigarro na bolsa.

Ele tinha dito antes de se casarem que não queria passar os seus 50 anos lidando com um adolescente e a aposentadoria pagando uma universidade. E mesmo assim... de algum modo ela estava convencida de que ele poderia mudar de opinião, porque sabia que ele era um bom homem e que a amava.

— Não fume na cama. — Don murmurou.

— Don, por favor... preciso de um cigarro. — Ela estava sentada agora, e ele podia ver seus seios balançarem suavemente ao pôr o cigarro entre os lábios. Ela usou o isqueiro e deu uma tragada funda, fazendo a extremidade do cigarro brilhar e crepitar.

— OK, vou tomar uma ducha — ele levantou-se e a deixou na cama em meio a uma nuvem pálida.

Bella não ligou. Uma pluma quente de fumaça estava tocando o fundo de sua garganta e a nicotina estava entrando em suas veias. Ela reclinou-se nos travesseiros e sonhou acordada sobre o lindo bebezinho que iriam ter.

## Capítulo Três

Bella soltou os cabelos e os escovou. Deu uma olhada no espelhinho compacto da bolsa e decidiu passar um batom vermelho vivo.

"Quantas vezes saímos para comemorar o fechamento de um contrato de meio milhão de libras?", pensou consigo mesma, sorrindo convencida. O projeto Danson estava finalmente em suas mãos, graças ao seu esforço. Tinha encontrado socialmente o diretor da empresa e o cativara.

Ela estava a mil por hora com a excitação, o excesso de nicotina e o pequeno balde de café consumido. O teste que tinha feito naquela manhã confirmava algo mais — escava prestes a ovular e, segundo as leis da selva, deveria sair atrás de um parceiro.

Isto fez com que se lembrasse dos documentários sobre a vida selvagem que passam na televisão... E aqui temos Bella. Tem 28 anos e precisa copular nesta temporada ou pode perder suas chances de procriar.

Será ignorada pelo rebanho e o touro irá reproduzir-se com fêmeas mais jovens e mais férteis.

Jesus, olhe para mim — parou para pensar. — Ainda estou a anos do meu auge. Não foi cientificamente provado que só se chega nele aos 36? Ela sabia que hoje estava com uma aparência excelente, vestida com um terninho de corte elegante, mas bastante sexy (que tinha custado três vezes mais o que ela pretendia gastar. Ooops). Sua blusa de seda vermelha estava casualmente desabotoada para mostrar um diamante pendurado em uma correntinha e, caso se inclinasse para a frente, insinuaria um pouco da renda da lingerie café-com-leite.

Ela checou a hora: 17h30, não seria irracional pedir para as pessoas pararem de trabalhar e começarem a comemorar, seria? Ela enviou um e-mail para Chris.

— Podemos ir agora, mocinho adorável? Não tenho mais nada para fazer e estou morrendo de vontade de tomar uma taça de vinho gelado.

— Oi, Bella. OK, vamos, mas só se você estiver usando aquela roupa sexy do começo do dia.

— É lógico que estou usando. Não costumo trotar nua pela minha sala, trocando de roupa.

— Que pena.

Quando o alarme do relógio disparou na manhã seguinte, ela acordou com a cabeça latejando e um gosto horrível no fundo da garganta e uma sensação estranha no nariz.

Ah, meu Deus — gemeu. O pior de tudo era que hoje era sexta-feira, ou seja, ainda teria que correr e trabalhar.

Como quatro profissionais conseguiram fazer tamanha bagunça em uma comemoração com a chefe? É claro que todos beberam bem mais do que deviam. Susan fez com que todos esperassem por ela no bar do restaurante durante três horas. E não foi só a bebida.

Ela não sabia se tinha sido Hector ou Chris quem levava a cocaína para apimentar as comemorações, mas Bella e Kitty receberam um papelote e foram cheirar uma carreira, escondidas no toalete feminino. Garrafas e garrafas de champanhe, e cocaína. Bella encolheu-se toda quando lembrou o que todos fazendo quando Susan finalmente apareceu — uma competição de sons de animais da fazenda.

Não se sabe como, com muita concentração, todos conseguiram sentar a uma mesa, pedir os pratos e comer. Mas Hector e Kit continuaram alternando suas viagens até o toalete, fungando ruidosamente na volta.

Depois foram juntos e não voltaram mais. Bella e Chris ficaram na mesa com Susan e ela se lembrava de ter tentado manter a conversa à tona, dolorosamente consciente de que mal conseguia controlar os lábios.

Finalmente, Susan jogou seu American Express platina na mesa, pagou a conta e saiu, visivelmente furiosa. E foi então que a encrenca a sério começou.

Havia uma garrafa de champanhe recém-aberta na mesa e Chris encheu as taças dos dois, insistindo que seria um crime desperdiçar aquilo.

Bella não conseguia lembrar muito da conversa, Chris estava despejando elogios embriagados e histórias tolas, e ela dava muitas risadinhas.

Quando a garrafa estava vazia e era hora de ir embora, ele, é claro, sugeriu dividirem um táxi, já que moravam na mesma parte da cidade. Ela despencou no assento traseiro do carro, sentiu os braços dele ao redor do seu corpo e, sem um minuto de hesitação, virou o rosto para cima e se amassaram durante todo o trajeto.

Ah, meu Deus. Ela fechou os olhos, mas não conseguia apagar a lembrança. Tinha sido tão divertido. Apesar da noite de bebedeira, ele cheirava bem e tinha um gosto bom. Eles passaram os 20 minutos da corrida do táxi enrascados, trocando beijos longos, profundos e excitantes.

Pior ainda, ela se lembrava de ter dito a ele: — Esta não sou eu de verdade, Chris. Meus hormônios estão a mil por hora e eu preciso acasalar.

Encolheu-se toda só de lembrar. Por que ela não podia nunca ter aqueles vazios na memória que todo mundo parece ter quando fica assim tão bêbado? Chegou em casa trocando as pernas, com cocaína até as orelhas, provavelmente com o batom borrado e a blusa desabotoada. Não é de surpreender que Don tenha ficado silenciosamente furioso. Obrigou-a a beber uns dez litros de água e a mandou dormir.

Ela não tinha a mínima intenção de dizer algo sobre os amassos, a menos que Don tivesse adivinhado algo e perguntasse. Uma onda de culpa se abateu sobre ela: havia agora uma mancha indelével no seu casamento e eles não estavam nem casados há um ano, pelo amor de Deus.

Uma coisa era sentir-se atraída por alguém do escritório, outra, bastante diferente, era enfiar a língua na garganta dele.

Chegou atrasada no trabalho, envergonhada e sentindo-se horrível.

Correu para a sua sala e ligou o computador. Entre os e-mails à sua espera estava este: Bella, estou fora em um cliente o dia todo, Mas queria avisar que encomendei esta manhã um gigantesco buquê de flores para Susan, para compensar pelo nosso mau comportamento de ontem, Foi uma boa idéia? Chris Ela sentou-se e enviou um e-mail de uma palavra.

Genial.

Ela tinha certeza de que ele não iria parar por aí, e estava certa.

Poucos minutos depois, sua caixa de entrada piscou.

Oh, olá, fico contente em saber que você finalmente apareceu. Eu não diria que a noite de ontem foi um completo desastre...

Chris, acho que todos bebemos demais. Estou tentando não pensar a respeito, não tenho certeza se lembro da noite inteira.

Bom, isto soa verdadeiramente patético, pensou enquanto apertava o botão para enviar a mensagem.

OK.

Ela ficou olhando para a palavra na tela e percebeu que seria melhor deixar a conversa morrer ali.

— Oi. — Kitty estava na porta, com o rosto pálido, inchada e com o cabelo escorrido, em uma roupa cinza, estranhamente sóbria, o que devia significar que ela não estava se sentindo bem.

— Oh, meu bem — Bella piscou. — Sente-se. Vou preparar um café na minha adorável cafeteira e você vai me contar tudo sobre sua noite de paixão com Hector, sua menina travessa.

— Ele é adorável, não é? — Kitty disse com ar sonhador, afundando na cadeira.

— Sim, lindo. — Bella esperava não ter soado muito falsa.

— Gosto dele há um tempão. — Kitty pegou a xícara com a mão trêmula. — cheiramos cocaína e demos uns amassos no toailete feminino, mas ele não foi pra casa comigo, o que acho que é muito mau sinal. Ele ainda não chegou e, portanto, não sei o que pensar.

— Humm — disse Bella.

— E você e Chris? — Kitty perguntou — Para uma mulher casada, você estava azarando um bocado — Não estava não! — Bella sentou-se reta na cadeira, na defensiva.

— Estávamos tentando distrair Susan do fato de que dois funcionários tinham desaparecido. Chris está mandando flores para ela esta manhã, para pedir desculpas.

— Está certo — disse Kitty.

Às quatro da tarde, Bella percebeu que todo o seu dia de trabalho fora pontilhado com pensamentos sobre Chris. Ele tinha lábios indecentemente carnudos. Ela só precisava pensar nos longos beijos que trocaram para sentir a adrenalina fazer seu sangue pulsar.

— Preciso me controlar — convencia-se. — Pare com isto. Quero ter um bebê com meu marido, não uma aventura extraconjugal.

Mas não conseguia calar a vozinha na sua cabeça que lembrava sua última chance. Chris era a última chance para o abandono selvagem de um caso tórrido antes de ela abraçar completamente a maternidade e a responsabilidade.

— Mas eu já abracei a responsabilidade. — O que diabo era isso?? Nervos? Ela estava casada, devia fidelidade a Don e não devia dormir com outro, nem mesmo uma única vez, nem mesmo se não houvesse chances de ele descobrir.

Durante o almoço, Kitty confessou, entre risadinhas, que tinha lambido cocaína no pênis de Hector no toailete, e Bella sentiu uma pontada de inveja.

Depois lembrou de Don e sentiu-se culpada. A vida de casada era fantástica, mas, de vez em quando, sentia falta das aventuras sexuais da vida de solteira. Era como comer no McDonald's: você quer muito, muito mesmo, gosta daquilo, mas depois se sente horrível. Mesmo assim, achava que o casamento seria perfeito para ela se pudesse cometer umas indiscrições de vez em quando. Ela seria extremamente discreta no tocante às suas indiscrições.

Mas o outro lado da moeda seria permitir que Don fizesse o mesmo, e ela sabia que nunca, jamais, permitiria isso. Ela já o tinha avisado que se ele desse uma escapadela, cortaria seus testículos com um alicate de cutículas.

Que diabos ela estava fazendo ao se envolver com Chris? Uma coisa bastava, ele era o sócio de Susan, a chefe de Bella, e ela tinha uma regra: não dormir com colegas de trabalho. Mesmo se fosse solteira. Eu não sou solteira, ela lembrou em tom severo.

## Capítulo Quatro

Durante todo o trajeto para casa ela pensou sobre os seus óvulos.

Teria de ser um longo fim de semana de paixão dos anos 60. John Lennon iria morrer de inveja. Era hora de pensar em Don, e somente em Don... estar apaixonada por ele e ter um filho com ele.

Chris era um bombom servido no carrinho de sobremesas de um restaurante e ela não iria comê-lo. Diria: "Não, obrigada, não quero sobremesa hoje... nem em nenhum outro dia." Agora ela queria um bebê. "Bebê, bebê, pense em bebês." Acabou-se o hedonismo sexual, a menos que seja com aquele homem adorável que usa aliança no dedo anular.

Naquela noite, andando no supermercado, quase perdeu o controle ao ver bebês e criancinhas nas cadeirinhas dos carrinhos. Foi completamente dominada pelo desejo de pegá-los, apertá-los e colocar uma banana macia e madura nas suas adoráveis mãozinhas gorduchas.

Isto estava ficando estranho. Aqui estava ela, vestindo um conjunto caro de um estilista, correndo no seu carro de executiva de sucesso, mas bem no fundo da muito macia e pavorosamente extravagante pasta de couro estava o estojo do teste de ovulação, e ela agora organizava sua vida com base nele.

O futuro sem uma criança parecia absolutamente insuportável.

Mas nada deu certo e, no domingo, ela estava furiosa. Andando para cima e para baixo no apartamento, sem saber o que fazer consigo mesma, viu o pacote de cigarros sobre o peitoril da janela da ampla sala de estar. Só havia três, droga.

Que porcaria de fim de semana de paixão. Tinha sido um completo desastre. Na noite de sexta, Don havia saído para mais uma de suas lendárias maratonas alcoólicas e nada que ela dissesse, gritasse ou mesmo urrasse no celular o faria voltar para casa.

Só na manhã de sábado é que voltou, cambaleando, e passou a maior parte do dia dormindo. Ela ficara extremamente zangada com ele e ele não conseguia entender o motivo.

Saíram para jantar no sábado à noite, mas Bella passou a maior parte da refeição brigando com ele por causa da noite anterior. Só fizeram sexo e as pazes no domingo de manhã.

Ainda estavam na cama quando o telefone tocou e, assim que Don pegou em uma caneta, ela soube que ele estava sendo enviado para um trabalho. Logo depois, ele disse que estava indo para o País de Gales e que ficaria lá até o fim da semana, Ela sentiu-se impotente, frustrada e furiosa.

Teria que esperar mais um mês inteiro antes de tentarem novamente ter um bebê.

Bella jogou-se no sofá e acendeu um cigarro. Depois de algumas tragadas, decidiu ligar para Tania.

O telefone tocou por alguns momentos antes que Tania atendesse, sem fôlego: — Alô? — Tani.

— Bella! — Está fazendo alguma coisa esta tarde da qual não possa se livrar? — Humm... sexo? — Você pode deixar isto de lado! — Depende. É muito urgente? — Muito urgente. Meu marido me abandonou pela semana toda e há séculos não vejo você enrolada em uma toalha.

— Academia, então.

— Quando consegue chegar lá? — Lá pelas três? — Eu amo você, Tan.

— Não enche, vejo você mais tarde.

— Tchaaaaau.

A rotina habitual de Tania e Bella era uma esgotante sessão de malhação na academia, seguida de natação e sauna. Depois vinha uma refeição longa, recheada de fofocas, com gim-tônica para começar e uma garrafa de vinho a seguir, o que basicamente desfazia todo o trabalho duro que tinham acabado de fazer, As duas eram amigas desde os tempos da universidade, quando Bella deu uma olhada em Tania, a única outra garota da turma de matemática, e se apaixonou por ela.

Tania era a garota de 18 anos mais glamourosa que Bella tinha visto.

Usava vestidos apertados e curtos, tinha uma montanha de cabelos com luzes, dois namorados, uma mãe francesa e usava lentes de contato.

Fumava Marlboro, dava umas risadinhas sonoras e sedutoras e ia para a faculdade dirigindo um fusca vermelho conversível.

Recém-saída de uma escola para meninas em Oxford, Bella não poderia ser mais diferente dela. Usava jeans, mocassins ortopédicos, suéteres escuros, aliados a um cabelo curto, óculos e cerca de cinco quilos a mais de gordurinha. Só andava de metrô e era virginalmente solteira.

Bella tinha assumido que não havia esperanças de que Tania algum dia iria falar com ela, muito menos virar sua amiga. Mas estava errada.

Tania estava, como o resto da classe, maravilhada com o assombroso gênio matemático de Bella; determinada a conhecê-la melhor. Por baixo do exterior CDF com óculos, Tania descobriu que Bella era uma garota surpreendentemente divertida, moderna e ambiciosa — pronta para uma transformação —, e ela a encarou como uma espécie de projeto.

Tania a levou para a academia, o cabeleireiro e até foi às compras acompanhada de Valerie, sua inacreditavelmente elegante mãe. Bella ainda seguia o conselho de Valerie no tocante a maquiagem: "Sempre usem Chanel, queridas, qualquer outra marca arruína a a pele — e limpem tudo com o removedor correto, não usem este sabonete horrível."

Quando Bella saiu da faculdade, era mais magra do que Tania, tinha cabelos mais longos, corrigira cirurgicamente a miopia e estava loucamente apaixonada por Daniel, com quem namorava há dois anos. Também sabia exatamente para onde iria a seguir — diretamente para um estágio na Laurence and Co.

Seus pais tinham ficado horrorizados com a transformação, principalmente sua mãe. Célia Browning, a esposa de um professor de Oxford, tinha deixado de lado suas ambições acadêmicas para ter filhos.

Ela se contentara com uma carreira como professora de matemática em uma escola excelente, mas sempre se sentiu desapontada com a escolha que tinha feito, principalmente porque só tinha tido uma filha e era obrigada a assistir a brilhante carreira acadêmica de seu marido nos bastidores.

O que ela sempre quisera para Bella, que era ainda mais talentosa do que ela, era a prestigiosa carreira acadêmica que recusara. Mas Bella desertara para aceitar um emprego na City! Na City! Onde nem sequer se precisa tirar 5 em matemática para arrumar um



emprego. A idéia ainda a deixava fisicamente doente. Não importava o quanto havia tentado analisar a situação, simplesmente não entendia Bella, não tinha idéia dos motivos que levaram sua talentosa filha a escolher este tipo de carreira. Achava profundamente perturbador que Bella fosse trabalhar lado a lado com os tubarões da City, espremendo empresas e demitindo pessoas, tudo em busca de um salário altamente inflacionado.

E entendia cada vez menos o fascínio de Bella por si própria, embora Célia nunca mencionasse isto. Os cabelos longos, as unhas pintadas, os saltos altos e as saias curtas de sua filha eram uma zombaria a todos os ideais que tinha tentado incutir na sua cabeça.

A única discussão que tiveram a respeito terminou muito mal, porque Bella ficara furiosa e suficiente para falar em fios-dentais. Uma tarde, quando tinha cerca de 13 anos, Bella estava revirando o guarda-roupa de seus pais, experimentando suéteres e paletós. Nunca havia nada cintilante ou divertido no lado das roupas de sua mãe, somente conjuntos e peças avulsas em tons de cinza, preto e bege. Sua mãe, no bom estilo de professora de escola de meninas, tinha o gosto mais simples e desleixado do mundo.

Bella vestiu um dos paletós de tweed de seu pai, revirou a gola, enfiou as mãos nos bolsos e puxou uma calcinha fio-dental rosa-claro de um deles. Olhando mais de perto, viu que era de algodão e que estava usada. Não era nada parecida com as respeitáveis calçolas de algodão brancas que sua mãe guardava na gaveta de lingerie.

Com uma inocência impressionante, ela mostrou a calcinha para a mãe, rindo e amolando-a sobre como elas deveriam ser incômodas.

Célia arrancou a peça das mãos dela e, com voz trêmula, exigiu saber onde Bella a tinha encontrado. Quando Bella disse que estava no bolso do paletó de seu pai, o rosto de sua mãe ficou pálido e, sem precisar ouvir mais uma palavra, Bella recebeu sua primeira e dolorosa revelação sobre as preferências do pai em transar com as alunas do curso de poesia.

Portanto, anos mais tarde, quando Bella e sua mãe discutiam furiosamente sobre o certo e o errado no modo de vestir-se para impressionar os rapazes é claro que Bella ficou errada o suficiente para trazer à tona o incidente do fio-dental, dizendo à sua mãe que se tivesse se esforçado um pouco mais, talvez seu pai não tivesse ido procurar outras mulheres.

Foi imperdoável e ela soube disso assim que as palavras saíram de sua boca. Sua mãe, em prantos, aceitou seu pedido de desculpas, mas Bella sabia que tinha dito algo inesquecível.

Nenhum dos pais de Bella aceitara seu repentino casamento com um jornalista de tablóide com quarenta e poucos anos. Discutiram inúmeras vezes o fato de serem contra o casamento, gerando contas monstruosas de telefone, que partiam da vila onde moravam na Itália desde que se aposentaram. Não tinham comparecido ao casamento, recusaram-se a conhecer Don, e Bella não os viu desde então, embora conversassem sem jeito ao telefone uma vez por mês e Bella enviasse alguns e-mails.

Não ajudou a aumentar a simpatia por Don o fato de o pai dela ter ido parar uma vez nos tablóides de domingo depois de uma ação disciplinar movida por causa de uma relação "imprópria" com uma estudante.

"Professor Pervertido" tinha sido o apelido, claro. Célia tinha cerrado fileiras pela causa,

apoiando seu marido e declarando ser tudo mentira.

Seu pai tinha sido transferido para um departamento equivalente por um ano letivo e, assim que a confusão terminou, Célia teve um colapso nervoso muito discreto e passou a fazer terapia, que durou anos. Seu pai era quem saía transando por aí, mas sua mãe é que foi considerada "o problema". A injustiça da situação ainda enraivecia Bella.

Portanto, quando se mudou para Londres e descobriu Tania e um modo de vida completamente novo, mandou alegremente a sua criação supostamente liberal-intelectual à merda e decidiu rebelar-se.

Depois da academia, Bella foi com Tania para o seu novo apartamento. Todas as suas amigas estavam às voltas com cores de tintas e tecidos para cortinas e isso fez Bella perceber o quanto queria ter uma casa própria. Como conseguira chegar esta idade sem ter comprado um imóvel?

Mas não invejava a vida amorosa de Tania. Bella cometeu o erro de elogiar um lindo par de brincos de ouro e diamantes que Tania estava usando e ela desmanchou-se em lágrimas.

— Qual é o problema? — Bella perguntou, colocando um braço ao redor dela.

— Oh, querida. É o maldito do Greg. Esta deve ser a quinta vez que ele aparece com uma caixinha azul-clara da Tiffanys, e eu pensei: "Graças a Deus, ele vai finalmente pedir"... e ao abrir encontro um bracelete, um broche, um colar... uma jóia qualquer, em vez de um anel de noivado.

— Ele sabe que você quer casar? — Bella sentiu a necessidade de perguntar o óbvio.

— Bom, este não é um assunto que você discute, é? Eu quero ouvir a maldita pergunta. Não quero pedi-lo em casamento. Deveria estar na cara que eu quero me casar com ele. Que outro motivo ainda teria para ainda estar com ele? — Talvez ele pense que você está feliz solteira. Afinal de contas, vocês nem estão morando juntos — Bella disse.

— É ele quem insiste em termos apartamentos separados. Diz que é um investimento melhor e ele mora pertinho daqui. Foi por isso que eu mudei para cá.

Houve uma pausa, e depois Tania enxugou rapidamente os olhos e se esforçou para conter a torrente de lágrimas.

— Deus, desculpe. Odeio parecer uma mulher tristemente obcecada em ter uma aliança no dedo, como você era — ela brincou.

— Não, eu não era assim — Bella respondeu. — Nunca quis me casar. Foi Don quem insistiu... — "Cale a boca, cale a boca, você não está ajudando", ela disse a si mesma.

Por uma incrível coincidência, Greg e Don tinham a mesma idade.

Ela sempre imaginou se Tania não estava procurando um Don para ela quando encontrou Greg. Mas, enquanto Don era um rebelde sem raízes de 41 anos e um livre-pensador, Greg era um homem da mesma idade, incredivelmente chato, que trabalhava em um banco, cuidando de planos financeiros. Talvez Tania ansiasse pela segurança, mas nem isto ele parecia proporcionar a ela, e era estranho o modo como ele nem mencionava casamento. Homens como ele geralmente estão desesperados para seguir o caminho tradicional e se acomodar.

— Vamos falar de trabalho — Tania rompeu o silêncio. — Sou brilhante no trabalho, você sabe disso. Na verdade, tenho um cliente que está procurando uma boa consultora, preciso

dar seu telefone para ele.

Bella teve uma boa idéia de quão bem estava indo a empresa de RP de Tania quando ela disse o nome do cliente. Tremendamente impressionada, Bella passou a informação para Chris quando ele voltou ao escritório na quarta feira.

Você sabe que hoje vamos trabalhar até tarde? — Chris disse enquanto se dirigia para sua sala. — Eles precisam destas propostas alinhavadas para amanhã de manhã.

Sim, tudo bem, não tenho nada programado — ela respondeu, pensando que seria a primeira vez que ficariam a sós desde aquela noite no táxi.

Por volta das 20 horas, todos tinham ido embora. Chris pediu que ela levasse a papelada e as planilhas para a grande mesa da sala de reuniões, enquanto terminava um outro projeto na sala dele. Ela estava inclinada sobre uma das tabelas quando ele entrou e ficou de pé bem ao seu lado.

Bella não olhou para ele, mas sentiu os cabelos da nuca se arrepiarem.

— Eu me lembro exatamente como acabou aquela noitada, sabe, e tenho a impressão de que você também se lembra — ele disse em voz baixa. — Preciso saber como você se sente a respeito, Bella.

Ela virou-se, olhou dentro dos olhos escuros fixos nos dela e, por algum motivo, as palavras "Chris, sou uma mulher casada" não saíram de sua garganta.

Ela entreabriu os lábios para dizer algo, mas Chris já tinha avançado e estavam se beijando, depois se mordendo, agarrando-se um ao outro, dentes batendo contra dentes.

Chris soltou-se de seus lábios para chupar seu pescoço e depois desceu, abrindo os botões da blusa. Ele pressionou o corpo contra o dela, prendendo-a, apertada, entre sua ereção e a borda da mesa.

Ele pressionava os quadris contra os dela e ela estava em chamas. O sangue pulsando em seus ouvidos impedia qualquer objeção sensata. Ela fechou os olhos, procurou a fivela do cinto dele e só conseguia pensar na excitação de fazer sexo selvagem na mesa do escritório.

Um frêmito incrível começava a tomar conta do seu corpo. Agarrou a pele quente por baixo da camisa dele e moveu-se para a sua ereção.

— Oh, Deus — se ouviu murmurando. Não conseguia sentir nada, a não ser a adrenalina borbulhando pelas veias. Ela era como um viciado cedendo à tentação.

Abriu o zíper e enfiou a mão lá dentro, ouvindo-o gemer. As mãos de Chris estavam agora debaixo da sua saia, esfregando a pele bem no topo das coxas, enquanto passava a língua na sua boca.

Seus calcanhares levantaram do chão quando ele enfiou os dedos por baixo de sua calcinha e a acariciou, sentindo a sua umidade. Ela estava tão excitada que mal conseguiu respirar.

Enquanto o dedo dele massageava seu clitóris, ela o beijava e sentia o gosto de café. Tonta de prazer, ela deixou-o colocá-la em cima da mesa e puxar sua saia para cima.

— Você quer mesmo ir adiante com isto? — ele sussurrou, puxando a calcinha dela para um lado, enquanto seu pênis quente chegava mais perto.

— Oh, sim, sim — ela murmurou, e depois ouviu o inconfundível tinido das portas do elevador abrindo no hall. MERDA.

Eles se afastaram em um salto, caindo na realidade e lutando para arrumar suas roupas

enquanto Susan entrava na sala.

Merda, merda, supermerda. Susan deve ter adivinhado. Como é que ela não iria perceber? Os dois deveriam estar com cara de coelhos assustados. MERDA.

Todavia, Susan não demonstrou ter percebido nada e disse simplesmente: — Olá? Dando duro? — E foi para a sala dela, mas deixou a porta propositalmente aberta.

Não havia nada que Chris e Bella poderiam fazer além de começarem, trêmulos, a trabalhar novamente. Muitas horas depois, quando Chris estava ao telefone, Bella aproveitou e fugiu.

O ar frio da noite a atingiu como um tapa no rosto. "O que diabos estou fazendo??? Porra, porra, quase que me estrepei completamente", pensou. Abrindo a porta do seu carrinho elegante, jogou dentro as bolsas antes de entrar aos tropeções, fechando a porta com um estrondo e gritando para si mesma: — Bella, sua vagabunda. Sua vagabunda completamente idiota.

A realidade da situação começava a atingi-la. Ela acabara de trair Don. Por quê? Para quê? Alguns minutos de ação em cima da mesa com um dos seus chefes. Graças a Deus que Susan entrou na sala.

Ligou o carro, mas, por um instante, só conseguia ver uma nuvem na frente dos olhos, antes das lágrimas escorrerem pelo seu rosto. Ela era a pior pessoa do mundo.

— Que diabos está acontecendo comigo? Fiquei doida? O celular começou a tocar. Ela o pegou e viu que a chamada vinha do escritório. Desligou o aparelho e saiu correndo do estacionamento antes que Chris a alcançasse.

\*\*\*

Mas, de algum modo, quando vestiu o agasalho e começou a correr pelas ruas na manhã seguinte, a situação não parecia tão horrível. OK, escapara por um triz de cometer um erro enorme, gigantesco, monumental, mas na verdade não tinha feito sexo com Chris se agora sabia que não deveria fazer isto, de jeito algum. Pelo amor de Deus, estava casada, comprometida, tentando engravidar e, acima de tudo, Chris era seu chefe.

Isto contrariava totalmente as regras.

Quando foi para o escritório havia, é claro, um e-mail esperando por ela.

Bella, estou fora do escritório hoje e amanhã, o dia todo, mas podemos conversar? Há alguma chance de nos encontrarmos para um drinque rapidinho hoje à noite? Chris.

Ela ia ter que cortar isto bem pela raiz... mas muito gentilmente.

Abriu um novo arquivo e começou a digitar.

Chris, o que posso dizer? Foi muito divertido, totalmente inesperado.

Mas hoje eu me sinto muito mal. Muito mal. Sou casada. E lamento se fiz você pensar que, bem, que posso dizer? Adoro trabalhar com você e odiaria fazer alguma coisa que estragasse isso. Será que podemos esquecer a noite de ontem e ser novamente "apenas bons amigos"? Vou me encontrar com você hoje à noite se ajudar, mas não quero que fique com uma idéia errada. Bella.

Minutos depois de clicar no botão Enviar, o ícone da caixa de entrada piscou. Ela sentiu um arrepio de nervoso ao abrir a mensagem.

Afinal de contas, ele era seu chefe e ela estava lhe dando um lindo fora.

Amigos????? Oh. OK.

Estou um pouco magoado.

Mas você está sendo muito sensata, esqueça esta noite, vejo você em breve.

Ela respondeu com um simples "obrigada" e cruzou os dedos, na esperança de que as coisas ficassem bem entre eles. Depois se concentrou na única coisa que tiraria sua cabeça de toda esta loucura: trabalho.

Don voltou para casa na sexta-feira, por volta da meia-noite. A matéria estava finalmente pronta e seria publicada no jornal do dia seguinte, de modo que ele estava com um excelente humor. Ela o esperava na porta da entrada, de banho tomado, enrolada no roupão de seda e toda perfumada.

— Oi, esposa ideal — ele disse, tentando abraçá-la sem esmagar os pacotes que carregava.

— Oi, senti saudades imensas — ela respondeu, sentindo uma pontada de culpa bem no meio do peito.

— Isto é para nós. — Ele acenou com uma garrafa de champanhe. — Isto é para mim. — Ele chacoalhou a sacola de comida para viagem. — E estas são para você. — Ele mostrou um buquê meio murcho de rosas compradas no posto de gasolina.

— Obrigada. Estes são para você. — Ela riu e abriu o roupão para mostrar os seios para ele.

Ele jogou tudo no chão e ajeitou-se para lhe dar um beijo como devia ser. Depois de alguns momentos, ele se afastou dela, dizendo: — Não adianta, Bella, preciso comer primeiro, estou absolutamente faminto. Don comeu na cama, beberam champanhe juntos e ele contou as aventuras da semana. Quando acabou, inclinou-se, beijou-a na testa e pediu desculpas pelo fim de semana anterior, — Don, eu já me esqueci dele. — Ele não tinha nada para se desculpar quando comparado com ela. Mas ela sabia bem, confissões não solicitadas sempre eram um erro.

— Você é tão contida e auto-suficiente — ele disse. — Às vezes esqueço que você poderia me querer mais por perto. Não me atrevo a sugerir que você pode "precisar" de mim.

— É claro que preciso de você — ela disse, enrolando-se nele. — Todos precisamos ser amados, abraçados e levados a um incrível clímax sexual.

Ele deu um largo sorriso. Colocando as embalagens de alumínio no chio, disse: — OK, podemos começar agora a fazer as pazes? Sua camisola deslizou pelos ombros enquanto ele a beijava e acariciava lentamente.

Ela tirou as roupas dele até que se abraçaram nus, na cama, onde fizeram amor carinhosamente, olhando profundamente nos olhos um do outro, e Bella percebeu o quanto o amava. O que diabos ela andou fazendo? Este era o lugar dela. Pelo amor de Deus, Don era o seu herói na vida real, ia para zonas de guerra, já tinha até ressuscitado alguém que tivera um ataque cardíaco. Perto de Don, a maioria dos outros homens parecia bastante monótona. De repente, sua atração por Chris a fez querer rir.

Ela também percebeu que era loucura tentar ficar grávida sem informar a Don. Eles precisavam decidir isto juntos, comprar uma casa e, afinal de contas, as coisas estavam prestes a ficar agitadas no escritório. Dois novos grandes clientes chegaram e ela iria

cuidar sozinha de pelo menos uma das reestruturações pela primeira vez.  
No dia seguinte Bella foi ao centro e explodiu o limite do cartão de crédito comprando um conjunto tremendamente caro para o trabalho, só para reforçar sua nova resolução.

## Capítulo Cinco

Foi um choque quando ela verificou novamente as datas e não havia mais dúvidas a respeito: sua menstruação estava cinco dias atrasada.

Passou na farmácia na hora do almoço e comprou um teste de gravidez, sentindo o pânico aumentar quando pagou pelo produto no caixa e colocou o pacote na pasta.

Às 18 horas não agüentava mais de tensão, mandou um e-mail coletivo para os chefes, dizendo que iria se encontrar com um cliente em potencial, e foi embora.

Foi correndo para casa, doida para fazer o teste. Quando finalmente chegou e abriu a porta, estava tão desesperada para acabar com o suspense que foi direto para o banheiro.

Jogou a pasta e a mala do laptop no chão e pegou a sacola da farmácia.

OK, fazer xixi no tubinho, esperar um minuto para saber o resultado.

Nada de muito complicado.

Bom, e depois de fazer xixi no tubinho, deveria ficar sentada de olho nele por um minuto ou virá-lo ao contrário e esperar? Optou por virá-lo.

Olhou para o relógio de pulso: não havia um ponteiro de segundos, ia ter que contar.

Subitamente, sentiu-se incapaz de respirar, o que dirá contar.

Levantou-se, vestiu a calcinha, alisou a saia e a jaqueta e pendurou o casaco no gancho na porta do banheiro.

Merda, já deveria ter dado tempo.

Ao esticar os dedos para pegar o tubinho, percebeu que as mãos tremiam. Ela virou-o e lá estava ela, a segunda linha azul que significava positivo. Ficou absolutamente chocada.

Sentou-se novamente no vaso sanitário com o resultado nas mãos e ficou olhando fixamente para a linha. Sua cabeça ficou vazia.

Ela pensava que queria um bebê... mas será que queria mesmo? Agora? A partir de agora... chegando provavelmente em nove, não, meu Deus, oito meses? E assim? Sem que Don soubesse? Ah, meu Deus, isto não parecia correto.

Chocada demais para chorar, enfiou o tubo do teste na embalagem e foi para o quarto, onde o escondeu em uma gaveta. Ouviu o celular tocando e foi procurar a pasta.

— Olá — ela disse, tentando soar animada. — Oi, querida, sou eu — respondeu Don. — Olá, você está vindo para casa? — Sim. O que vamos jantar? — Não sei, não pensei nisso ainda. — Temos alguma coisa na geladeira? — Vou olhar. Como foi seu dia? — ela perguntou a caminho da cozinha. — Nada mau. E o seu? — Foi OK. Vamos ver... temos peito de galinha, alguns pimentões, cebolas. Acho que temos macarrão. Isto serve? — Está ótimo, vejo você daqui a pouco. — Tchau. — Tchau. Bella estava tão distraída naquela noite que Don ficou preocupado em saber se ela estava bem.

— Apenas cansada — era a resposta toda vez que ele perguntava.

Mas parecia incomodada e inquieta demais para uma pessoa cansada.

Finalmente, disse que ia tomar um banho de banheira e deitar cedo, mas ele percebeu que ela levava laptop para o banheiro. Cerca de uma hora depois, ele foi dar uma olhada nela e a encontrou na cama, olhando fixamente para a tela.

— O que há de errado? — ele perguntou gentilmente. — É o trabalho? — Não, não. — Ela o olhou com uma expressão surpreendentemente séria. — Estava mandando um e-mail para

Jenna...

— você sabe quem é, minha amiga em Nova York, mas não estou conseguindo escrever direito, não flui. — Ela deu um sorriso forçado.

— Como vai ela? — Don perguntou.

— Muito bem. Arrumou um emprego novo sensacional e vai mudar para a Califórnia. Parece que o namorado vai Junto, mas acho que ela está um pouco assustada. Mandou-me um e-mail outro dia, perguntando sobre você e o casamento, e como ela poderia saber, você sabe, se ele é o Rapaz Certo... — A voz de Bella sumiu.

— Sei, sei, e você está sentada aqui, sem saber o que dizer sobre nós dois? — Don sorriu para ela. — Vamos, chegue para lá, eu sou o mestre das palavras.

Ele sentou-se na cama, ao lado dela. A conversa entre eles havia durado tempo suficiente para que Bella apagasse discretamente todo o profundo questionamento sobre a gravidez que tinha escrito no e-mail para Jenna.

— OK. — Ele colocou o computador no colo e digitou rapidamente, como de costume, usando só dois dedos, "Como Você Sabe se É Amor" como título, e depois: "Você simplesmente sabe. Você sente isto em um ponto entre o osso esterno e o estômago. Nenhum detalhe individual importa: a aparência, o peso, a cor do cabelo, o emprego que possui — aquela pessoa faz você feliz, deixa você brilhando." Não. Ele apertou a tecla delete. Isto parece anúncio de lustra-móveis. "Oferece segurança, conforto", ele digitou, "faz você rir, faz amor como quem acha isso realmente importante. Você vai até o fim do mundo por essa pessoa e sabe que ela vai fazer isso por você".

— Isto é tão doce — disse Bella, lendo por sobre o ombro dele.

— Doce? — Ele estava sorrindo para ela. — Eu revelo a minha filosofia sobre o amor e tudo o que você consegue dizer a respeito é doce? — Hãã...

— Você está sem graça, não está? Você me ama pelo menos metade do que eu amo você? — Ele ainda sorria, mas ela percebeu um tom oculto por detrás da frase.

— Sim, claro que sim, Don, claro que sim.

— Está tudo bem, então.

Ela pôs os braços ao redor dele e o beijou na boca, mas não teve coragem de lhe contar. Uma semana mais tarde ela ainda não tinha contado que estava grávida. Estava assustada. Seria um acontecimento monumental para ele — sua vida estava prestes a mudar completamente no rumo que ele tinha traçado para a vida em comum. Deitada na cama, ao seu lado, ela imaginava se o conhecia suficientemente bem para adivinhar como reagiria.

\*\*\*

Há exatamente um ano eles haviam se casado repentinamente em um cartório em Chelsea. Foi um casamento moderno, sem nenhum vestígio de branco ou tradicionalismo. Bom, para começo de conversa, não tiveram tempo de arrumar os detalhes. Assim que Bella disse aceito, Don reservou a primeira data disponível no cartório com medo que ela mudasse de idéia.

Ela usara um vestido longo e colado ao corpo, de renda vinho, e os cabelos presos em um



coque alto. Don usava um terno de linho preto ligeiramente amassado e, por algum motivo, foi ele quem carregou o buquê.

No cartório estava um pequeno grupo — amigos íntimos e o menor número possível de parentes que eles puderam convidar, o que ficou fácil porque os pais dela não compareceram ao casamento. Todos foram para um almoço comemorativo monumental no Claridges, depois Don e Bella mandaram os convidados embora para que pudessem começar sua lua-de-mel.

No quarto maravilhoso, encheram a enorme banheira até a borda com água quente e espuma de banho, e passaram horas lá dentro, bebendo champanhe incrivelmente cara direto na garrafa, cantando canções românticas, fazendo sexo e.....dando risadas, tentando evitar empalar um ou o outro nas torneiras ou fazer uma onda desastrosa de água.

Tinha sido tão romântico. Agora, deitada no escuro, Bella não pôde deixar de sorrir ao se aconchegar a Don e ouvir a sua respiração, Tudo sobre a chegada dele sua vida tinha sido romântico, interessante e muito divertido.

Foi uma sorte tão grande terem se conhecido! Ela estava em um bar apinhado e barulhento com alguns colegas de trabalho. Um bar onde nunca tinha estado antes e para onde jamais voltaria. Ao tentar acender o zilionésimo cigarro da noite,.....o isqueiro pifou. Ela puxou a manga da pessoa mais próxima para pedir fogo. Foi a manga de Don, que se virou, deu uma olhada nela e manteve o olhar, com óbvio interesse.

Ela ergueu o cigarro e as sobrancelhas e disse: — Tem fogo? Sua resposta, com um leve sotaque de rrrs guturais escoceses, foi: — Sabia que um dia iria me arrepender por não fumar. Ela deu um largo sorriso e trocaram um olhar de aprovação.

— ...Sim, por favor — ela disse. Posso pagar uma bebida para você? — Sim, por favor — ele respondeu —, por que não pensei nisto antes? Ela não conseguiu evitar uma resposta prepotente: — Tudo bem. A maioria das garotas não gosta de um homem que sempre sai na frente.

Ficaram de pé ao lado do bar e conversaram enquanto a atração entre eles aumentava até ficarem em chamas.

Ele era lindo, inteligente, muito interessado nela e não usava aliança no dedo. A mão dele estava ao redor da sua cintura antes de terminarem o primeiro drinque juntos. Ela gostou imediatamente de tudo nele. Era alto, usava um terno elegante, mas com um visual casual, com uma camisa desabotoada no colarinho que revelava por baixo uma camiseta branca gasta. Notou suas botas pesadas com sola de borracha e o relógio de mergulho com pulseira de plástico preto.

Ele parecia tão descontraído e agradavelmente original — um jornalista e não outro clone do mundo financeiro. Ela conseguia ver que ele era bem mais velho, na casa dos 40, mas isso só o tornava mais interessante. Gostou do rosto dele, agradavelmente maduro e cheio de personalidade. O senso de humor dele era sombrio e cínico, mas parecia gostar do otimismo e da animação dela, que nunca tinha encontrado um homem que podia citar Maquiavel e Woody Allen como ela.

— Meu Deus, você não é muito jovem para ser fascista? — ele perguntou com um sorriso. — Mas eu sou atraída pelo estilo, você entende, botas de couro engraxadas, casas com mármore branco, cortes de cabelo geometricamente perfeitos — ela disparou de volta.

Eles olharam um para o outro, deram uma gargalhada e quase se beijaram neste momento, mas seus celulares tocaram ao mesmo tempo.

— Uau... sincronicidade — Don disse antes de atender.

— Então, o que você faz? — ela lembrou-se da pergunta e de como, quando respondeu "consultora empresarial" ele pareceu ficar visivelmente chocado.

— O Deus — ele disse. — Você é a típica garota do mundo financeiro, não é? Ou seja, você ganha rios de dinheiro dos chefões para analisar uma empresa e demitir pessoas? — Ei! — ela retrucou. — Espere um minutinho. Já causei reviravoltas em várias empresas que teriam falido fazendo todos lá dentro perder o emprego. E, além disso, somente trabalho para empresas financeiras do porte médio e tenho muitos princípios éticos, muito obrigada. E você? O Sr. Supostamente Rebelde e Livre Pensador? Você trabalha para a Completamente Malvada Mídia Global Ltda.! — ela provocou. — E aposto que você usa Levis e Nike. Olhe só, você está bebendo uma Budweiser e provavelmente vai ao Starbucks três vezes ao dia, portanto, veja só quem fala! Não me venha com o discurso de que vendi minha alma para as grandes corporações.

— OK. — Ele agora estava assustado e fez uma careta apavorada para fazê-la rir, mas não funcionou.

— Deus. — Ela continuou zangada. — Por que todos são tão preconceituosos sobre as grandes empresas? Elas são formadas por pessoas, pessoas com hipotecas, famílias e sentimentos. E se você não consegue fazer com que as grandes empresas mudem, tratem bem os seus funcionários e não prejudiquem o meio ambiente, por onde se pode começar?

— Desculpe... Estou surpreso em ver que você pensou tanto a respeito — ele disse, e depois desejou não ter dito nada quando ela respondeu: — Por quê? Porque sou uma garotinha com um salário muito bom? — Escute, eu estou impressionado... está bem. Puxa, você não vai ao Starbucks? — Ele tentou amenizara conversa. — Não. Eu faço o meu próprio café! — No escritório? — Sim.

— Estou muito impressionado. E você não usa agasalhos de ginástica? — Não, quer dizer, somente se forem fabricados na União Européia — não ria! As pessoas que fizeram este sapato — ela ergueu o pé, mostrando um sapatos de couro imitando pele de cobra com salto alto — têm direito a licenças médicas, associação a um sindicato, um ano de licença-maternidade...

— Ah, mas o que você me diz sobre os plantadores de tabaco? — ele cortou mostrando o cigarro na mão dela.

— Bom... OK, você achou o meu ponto fraco. Quer dizer, eu tentei fumar os cigarros éticos, sem nicotina, mas não é a mesma coisa. — Ela deu uma grande tragada e sorriu para ele. Ele era adorável.

Depois do último drinque, decidiu Jogar a cautela ao vento e os conselhos que deu a si mesma de se afastar dos homens, por um tempo e perguntou: — Então, frequentador do Starbucks, gostaria e experimentar o meu café? É um expresso muito forte, mantém você de pé a noite inteira.

— Sim, por favor — ele respondeu e a acompanhou para fora do bar.

Beijaram-se pela primeira vez na calçada do bar, e depois repetidas vezes no banco traseiro do táxi. Ela ficou tão excitada que teve dificuldade para abrir a porta do

apartamento. Quando finalmente conseguiu abri-la, entraram depressa e começaram a devorar um ao outro no hall, jogaram casacos, bolsas e paletós no chão.

Então, Don diminuiu o ritmo para beijá-la com uma ternura surpreendente. Desabotoou sua blusa com delicadeza e deslizou as alças do sutiã pelos seus ombros para poder beijar os mamilos. Fizeram amor pela primeira vez de pé, no hall. Foi incrivelmente ardente e, no entanto, tremendamente suave.

Ela usava uma saia folgada o suficiente para ser levantada, e Don, suspensórios, o que evitava que suas calças caíssem nos seus tornozelos.

Seu pulso ainda acelerava quando pensava como se sentira abandonada à paixão, como as pernas ficaram fracas com o desejo que sentiu quando ele pôs habilmente um dedo entre suas pernas para encontrar seu clitóris pela primeira vez.

Foi seu temperamento tranquilo, sua completa confiança em si mesmo que ela achou o mais incrível afrodisíaco. Ele até tinha um preservativo, que tirou da carteira, murmurando no ouvido dela: — Você deve pensar que eu sou muito fácil — e todos os seus cabelinhos do lóbulo da orelha às omoplatas se arrepiaram de prazer.

— Igualmente — ela sussurrou de volta, fechando os olhos, curvando o corpo para trás, impaciente por receber beijos ardentes, de ser penetrada, empurrada com força contra a parede por um homem tão bonito e viril.

Ele ergueu-a só um pouquinho na ponta dos pés para o receber. E enquanto ele a penetrava pela primeira vez, ela soltou um suspiro de prazer.

Por um momento ela não soube que sensação era aquela, e depois percebeu que eles tinham um encaixe espantosamente perfeito.

Ele murmurou: — Meu Deus, é tão bom. Você é incrível.

Durante aquela primeira trepada fantástica, em que gozaram quase juntos, ela permitiu-se pensar o proibido — que finalmente encontrara sua cara metade Don passou o resto do fim de semana com ela e a amolou sem cessar por causa do apartamento pouco mobiliado.

— Não há nada neste apartamento; você mudou faz pouco tempo? — ele perguntou, olhando em volta na manhã de sábado e vendo a sala de estar com um sofá, uma TV, uma mesinha lateral, uma pilha de Financial Times cor-de-rosa e livros empresariais.

Mas era um apartamento adorável, tinha dois quartos espaçosos, grandes janelas do chão ao teto, uma cozinha americana, banheiro e uma pequena varanda.

Bom, mudei há cinco meses, Não passo muito tempo em casa — ela disse na defensiva, sabendo que ele estava calculando sobre o aluguel astronômico que ela pagava.

— Está na cara, — Ele abriu a geladeira. — Só isto? — perguntou, vendo somente iogurtes e laranjas.

— Como fora muitas vezes, ou peço para entregarem em casa. — Sou completamente obcecada pelo trabalho, você deve ficar sabendo disto a meu respeito — ela respondeu.

— Devo? — ele disse, envolvendo-a e enfiando-a nos seus braços de um modo sexy e protetor. — Você quer dizer, se formos levar isto mais para a frente. — Sorriu para ela.

— Quão mais para a frente podemos ir? — ela brincou. E ele respondeu: — Oh, muito. Muito mais adiante. Eu gosto mesmo de você. — E ela sentiu-se delirantemente feliz.

Passaram o resto do fim de semana conversando em cafés, bares, no parque, na cama —

entre as maratonas de sexo —, e os dois sentiam uma ligação impressionante. Não era aquela coisa clichê do gostarem das mesmas coisas, mas um fascínio por como eram diferentes. Rebelde crescido e cínico contra a garota impulsiva e empresarial. Ele absolutamente não se interessava por dinheiro, o que a deixou intrigada, pois aspirava tornar-se tremendamente rica, o que, por sua vez, o intrigava. Ele adorava a mãe dele, ela... bom, era complicado. Ele abandonou a escola aos 16 anos, ela vivia mergulhada em cursos desde que nasceu.

Estavam tão interessados um no outro que parecia que nunca iriam saber o suficiente. Uma vida inteira de conversas não seria suficiente. Mas quando finalmente chegou a noite de domingo e Don disse que tinha que voltar para o apartamento e se preparar para a semana, ela sentiu uma pontada de dúvida. Isto estava mesmo acontecendo? Ele iria telefonar? iriam se ver novamente? Enquanto ela se preparava para enfrentar a melancolia de uma noite de domingo sozinha, depois de dois dias inacreditáveis, ele disse: — Por que você não vem comigo? Faça uma malinha e me leve de carro para casa.

Ela jogou suas roupas de trabalho em uma mala antes que ele tivesse tempo de mudar de idéia.

É claro que ele tinha ficado tremendamente impressionado com o carro dela.

— Não é assim tão caro — ela confessou logo de cara, — E eu ainda tinha uma boa parte do dinheiro que ganhei quando fiz 21 anos. — Aaargh.

Tarde demais.

— Você ainda tem sobras do seu presente de 21 anos? — Ele parecia chocado. — O meu Deus, estou namorando uma criança.

É isso mesmo, cara leitora, era seu segundo dia juntos e ele disse claramente "namorando". Agora era ela quem estava chocada.

— Carros são muito importantes — ela disse quando começou a dirigir e recuperou a voz.

— Por quê? — São como roupas; a expressão visível de nossos desejos e aspirações ocultas.

— E eu que pensava que eles só eram uma boa maneira de a gente andar por aí.

— Sim, claro. Deixe-me adivinhar exatamente que tipo de 4X4 grande e pesado você conduz, meu amigo.

Ele estava mesmo surpreso.

— Viu? Acerto sempre. Algumas pessoas conseguem adivinhar o signo das outras. Eu adivinho que carro dirigem. Vejo um grande carro, estilo jipe, cor escura, com o máximo de potência de motor, grande bebedor de combustível. Eu diria um jipe Cherokee clássico.

— Eu devo ter contado isso para você! — Você não contou nada! — Ela se fazia de indignada agora.

É claro que o apartamento dele era o oposto do dela: térreo, com pé direita baixo, entupido de coisas. Todas as paredes estavam cobertas por estantes, repletas não só de livros, mas com câmeras fotográficas antigas, minigravadores, disquetes, velas usadas, enfeites, lâmpadas, canecas com canetas, fotos emolduradas e sem molduras, meias! Jesus, nem mesmo a faxineira dela poderia ajudá-lo. Ele precisava de um perito em feng shui, ou, quem sabe, de um caminhão de lixo.

Mas, felizmente, era limpo. Fazendo uma visita guiada ele mostrou o quarto e ela viu

lençóis brancos limpos. No banheiro, por contraste muito espartano, havia indícios de que alguém tinha feito uma limpeza básica recentemente.

Ela admirou o equipamento — um aparelho de som de última geração, TV 20 polegadas e dois computadores muito elegantes.

— Um pertence ao escritório — ele explicou.

Ele preparou chá sem ser de saquinho, servido em um bule de porcelana, e estava muito bom, apesar dela só beber café. Depois, ele pegou uma garrafa de uísque com ar antigo e se enroscaram no sofá com tecido gasto, recoberto com uma manta xadrez gasta e ficaram razoavelmente bêbados juntos.

Ela sentou-se para acender um cigarro e virou-se para olhá-lo, enquanto fumava com as pernas cruzadas.

— Então, me conte sobre você. O que gosta de fazer? — ele perguntou. — Ei, senhor jornalista grande e feroz — ela brincou. — Esta é a sua entrevista padrão de namoradas em potencial? — Talvez... — Ele sorriu. — Ok, deixe-me pensar... Trabalho, principalmente. Amo o que faço. Se não estou trabalhando, estou comendo, bebendo ou fumando. Vou à academia ou faço compras para relaxar. Costumava passar uma boa parte de meu tempo livre fazendo sexo com pessoas desconhecidas em lugares estranhos. Mas estou tentando curar este hábito, apesar de cair às vezes em tentação... — os dois caíram na risada. — Atualmente passo um bom tempo lendo. Jornais, mas não o seu, livros empresariais, livros de auto-ajuda.

Porque estou contando isto? — Eles riram novamente. — Não vou fingir que vou ao teatro ou a exposições de arte, acrescentou. — Quem tem tempo para estas coisas em Londres? Só os turistas e os desempregados.

— Herege! — ele disse.

— Deus... sempre fico tão desapontada com o teatro e a arte pós-moderna, ou pós-pós-moderna, ou seja lá o raio do nome que dão hoje em dia, nem quero pensar! — Por que as pessoas da sua idade sempre fazem com que eu me sinta tão jovem? — Don perguntou. — Você é tão adulta e sensata. Aposto que tem uma carteira de investimentos.

— Sabe, as pessoas da minha geração não tiveram a vantagem de nascer no meio do crescimento econômico como você que simplesmente não teve preocupações e viveu em um mar de tranquilidade — ela disse.

Quando ele gargalhou ao ouvir isto, ela perguntou: — Alguém que você conheceu na escola foi despejado de sua casa? Achei que não.

Houve uma pausa e Bella mudou de assunto porque não queria destacar o quão mais velho ele era.

— Há quanto tempo você mora aqui? — Dois anos. Na verdade eu o alugo, de um amigo.

— Isto a surpreendeu, — É um pouco feioso — ele acrescentou. — Úmido, tem um rato ou outro, não é muito quente no inverno. Acho que vou me mudar para sua casa — isto foi dito como uma piada, mas eles olharam um para o outro e simplesmente sabiam que isso iria acontecer.

Quando ela se inclinou para o beijo, ele correspondeu tão apaixonadamente que em instantes estavam lutando contra as roupas um do outro, desesperados para fazer amor novamente. E o sexo foi tão bom que foi quase uma decepção quando tudo acabou e eles

estavam muito esgotados para recomeçar novamente. Mais tarde, ela disse que deveriam deixar passar duas semanas para pensar sobre tudo. Ele disse que ela estava sendo maravilhosamente sensata e que era isso que amava nela. A palavra Amor em 48 horas! Duas semanas depois, ele mudou-se para a casa dela — sem quase nada do que possuía. Esta tinha sido a condição dela.

Enquanto Bella recordava, deitada na cama, o primeiro fim de semana que passaram juntos e o casamento, soube que Don a amava e que a amaria, independentemente do que acontecesse. Ela questionou por que ficara tão nervosa com a idéia de contar a ele sobre o bebê. Já era hora de ele saber. Ela contaria amanhã, no aniversário de casamento.

Na noite seguinte, 10 de outubro, foram jantar no restaurante onde estiveram em sua primeira saída noturna.

Bella decidiu esperar até ter tomado algumas taças de vinho antes de contar a novidade. Mas então chegaram os aperitivos e ela resolveu esperar um pouco mais. Depois que o garçom tirou os pratos, deu mais umas boas goladas na taça e tirou o maço de cigarros da bolsa para acalmar os nervos.

— Você não vai fumar agora, vai? — Don perguntou com a testa franzida, — Estamos no meio da refeição. — Don, estamos aguardando o próximo prato. Por favor, não me amole. Tive um dia muito cansativo e estou tentando relaxar. — É simplesmente anti-social.

— Oh, cale a boca, sim? Nunca fiz um voto de abandonar o cigarro quando me casei com você, portanto pare de me amolar.

Silêncio. "Isso, maravilhoso", pensou Bella, "por que não começar uma briga? Isso vai mesmo criar a atmosfera certa para contar sobre a gravidez." — Sinto muito, Don. Vamos falar de outra coisa. — Ela deu mais uma tragada profunda e apagou o cigarro no cinzeiro, — O que você acha de comprarmos uma casa juntos? — ela perguntou.

— Acho que é uma grande idéia — ele disse, esticando o braço e pegando a mão dela. — Sei que sempre disse que estava feliz como inquilino e que não queria todos aqueles encargos de ser o proprietário, mas agora acho que seria muito bom. Gostaria que tivéssemos uma casa. — Ah, isso é tão lindo — ela disse, — Eu sei. Dá nojo. — Ele sorriu. Ela podia sentir as lágrimas chegando. Respirou fundo e estava prestes a... mas o garçom interrompeu-a com a chegada da comida.

Houve um silêncio entre eles enquanto davam as primeiras garfadas.

— Delicioso — disse Bella. — Genial — Don concordou com a boca cheia. Depois de outra longa pausa, Don olhou para ela e perguntou: — Algum problema no escritório? Você parece muito tensa esta noite. — Hummm... não — ela respondeu. — É outra coisa. Ela olhou para ele e tentou parecer calma..

— Eu tenho algo para contar, Sinto muito não ter dito nada antes, mas estava mesmo preocupada com a sua reação.

— Ok... — Ele estava sorrindo para ela, tentando imaginar por que ela parecia terrivelmente séria. — Você estourou ..... o limite do cartão de crédito — ele disse ainda sorrindo, mas, quando ela não riu, ele acrescentou: — Não pode ser assim tão ruim. É comigo que você está falando, tenho certeza de que podemos dar um jeito.

— Bom... — Era agora. Ela respirou bem fundo e disparou: — Estou quase certa de que estou grávida, Não, refazendo a frase, estou grávida.

Nada veio de Don, além de um silêncio absoluto e nenhuma expressão facial. Minutos inteiros pareciam ter passado quando ele disse em voz baixa: — Deus Todo-Poderoso. Você quer ficar com o bebê? Entre todas as respostas que ela tinha antecipado, esta não era uma delas. Eles ficaram sentados, sem se mexer, olhando um para o outro, e Bella percebeu que estava prestes a chorar. Ela perguntou com um tom de voz elevado: — Como pode me perguntar isto? Claro que quero.

Confusa, ela ficou de pé para sair, mas Don a agarrou pelo pulso e a fez sentar-se novamente. Ele também estava gritando com ela, mas em uma forma contida: — Jesus, que reação você esperava de mim? Não posso acreditar.

Como isto aconteceu? Achei que você estava tomando a pílula.

Ela não respondeu nada, e ele continuou: — Eu fiz a pergunta porque você parecia tão infeliz. Achei que estava querendo me dizer que queria... interromper a gravidez. Você sempre disse que não queria filhos. Você é apaixonada pelo seu trabalho e tudo que o envolve. Afinal de contas, você pensou mesmo sobre o que um bebê significa? Ela não podia suportar ouvir mais aquilo. Libertou seu pulso, levantou-se e sibilou para ele: — Sim, Don, pensei. Sim, é uma surpresa, mas começava a pensar que era uma surpresa boa. Lamento se você não se sente do mesmo modo.

Merda...

Ela pegou a bolsa e saiu em direção à chapelaria, tentando não tropeçar por causa das lágrimas.

Um pouco mais tarde, o garçom aproximou-se da mesa. Pegou o prato vazio de Don e o quase intocado e frio de Bella.

— Ela não gostou da comida? — ele perguntou com um sorriso compreensivo.

— Não, ela não gostou nadinha — Don respondeu. — Acho que vou tomar um uísque, duplo, por favor.

— Sim, senhor.

Enquanto ele bebia no restaurante, ainda era considerável estado de choque, Bella estava no banco traseiro de um táxi. Não queria voltar para casa, mas também não sabia para que outro lugar ir.

Assim que o táxi se aproximou do apartamento, ela pediu ao motorista que estacionasse na frente da loja de vinhos na esquina do seu quarteirão. Saiu do carro e comprou uma garrafa de vinho branco muito cara e 20 Marlboro Lights.

Pagou com o único cartão de crédito em sua carteira que nunca usara antes — o cartão adicional da conta bancária de Don que ele a obrigou a carregar consigo caso precisasse de dinheiro quando os cartões de crédito dela estivessem bloqueados — e isto a fez sentir-se um pouco melhor.

Ela pretendia beber alguns drinques, fumar alguns cigarros, chorar mais um pouco e dormir. Tinha certeza de que Don não iria se atrever a chegar perto dela até amanhã.

Quando finalmente adormeceu, dormiu por muito tempo e acordou tarde. O quanto estava exatamente como ela o tinha deixado. Don não estivera nele.

Mas ouvia o chuveiro; portanto, ele estava em casa.

Ficou deitada, imaginando o que iriam dizer um ao outro. Não estava mais zangada, na verdade estava calma. Iriam resolver isto: precisavam.

Vestiu o roupão e abriu a porta do quarto. O hall estava repleto de rosas, cerca de seis enormes buquês de rosas — vermelhas, brancas, amarelas, cor-de-rosa. A porta da sala de estar estava aberta e ela conseguia ver mais flores lá dentro. Rosas colocadas em vasos, xícaras, canecas, bules e até na chaleira. Cravos cor-de-rosa e vermelhos tinham sido amarrados com uma corda e pregados na parede, o que parecia ridículo, mas ela entendeu a intenção.

Bom, mais ou menos. Era um pouco piegas e passou pela sua cabeça pegar uma tesoura e cortar todas, para mostrar a Don que não iria ficar comovida com um punhado de flores, não importava a quantidade. Ela ouviu o chuveiro ser desligado e decidiu que deveria primeiro ouvir o que ele tinha a dizer, antes de jogar fora as flores. Don estava no banheiro, pingando água, com uma toalha ao redor da cintura. Assim que a viu, disse: — Desculpe, Bella. Sinto muito mesmo. Não sei o que dizer além disso, — Obrigada pelas flores — ela disse.

— Ah, sim. Tive que comprá-las para conseguir uma carona para casa.

— O que você quer dizer com isso? — Passei horas andando pela cidade e fiquei completamente perdido.

Finalmente encontrei um cara montando sua barraquinha de flores e disse que compraria todas se ele me levasse para casa. Sabe, precisamos de mais vasos.

Ela deu uma risadinha ao ouvir isto. E ele acrescentou: — Andei a noite toda pensando sobre você, nós e... um bebê. — Ele se aproximou e abraçou-a todo molhado. — E ainda não consigo compreender tudo.

Isto não parecia ser boa coisa. Ela esperou, imaginando se ele iria dizer mais alguma coisa.

— Ainda penso em mim como jovem, com um mundo pela frente antes de me acomodar. A realidade é que vou ter 42 anos no ano que vem, estou casado e vou ser pai. É um choque e tanto.

— Você não detém o monopólio da preocupação, sabe? — Bella disse.

— Preciso pensar a respeito. — Ele passou a mão nos cabelos dela.

— Quer dizer, acho que vai estar tudo OK. Acho que vai ser bom... se você tem certeza de que é isto o que quer.

— Sim — ela sussurrou —, acho que sim.

— Bom, está certo, vamos tentar nos acostumar com a idéia.

— OK, está bem, Don... está bem. — E ela o abraçou apertado.



## Capítulo Seis

Bella afastou os joelhos e fitou a rachadura no teto, tentando relaxar enquanto sentia o aço frio entrar. "Como será que toda esta coisa do exame Papanicolau começou?", pensava. "Será que mulheres lutaram para ter isto? Ou foram os médicos que inventaram?" Bom Deus, até mesmo um tratamento de canal é melhor do que estar deitada em uma mesa de exames, sendo terrivelmente educada e civilizada enquanto uma enfermeira que ela nunca viu antes escancarava sua vagina com um espéculo e a raspava com uma espátula de madeira.

Tinha finalmente ido ao médico e, sentando-se na poltroninha na frente da mesa do dr. Wilson, disse que estava atrasada 26 dias em sua menstruação e que, bem, parecia que ela estava grávida.

Ele a olhou lentamente por cima das lentes dos óculos, tentando obviamente decidir se ela estava sendo engraçada ou simplesmente estúpida, e respondeu em seu habitual tom de voz monocórdio: — Hummm, aqui está um frasco. Vamos colher uma amostra? E, surpresa, surpresa, ela ainda estava definitivamente grávida. Cerca de sete semanas, ele disse.

Depois ele a pesou, mediu sua altura e pressão arterial, e sentou-se para bater um papinho sobre "estilo de vida".

Ela não ouviu nada que não tivesse ouvido antes — frutas frescas e vegetais, exercício moderado, muita água, comprimidos de ácido fólico — bom. Álcool, cigarros, muito estresse — mau.

— Quantos cigarros tem fumado por dia? — ele perguntou.

— Uns dez — ela mentiu.

Bom, você vai ter que parar. E se não conseguir parar de modo algum, vai ter que reduzir, até cinco no máximo por dia. É muito perigoso para o bebê, sem falar no mal que faz a você.

— E, então, o que me diz sobre a cocaína? — Ela achou que precisava dar uma amenizada no ambiente.

Ele nem piscou, só respondeu: — Não recomendamos.

Depois perguntou para que hospital ela gostaria de ir.

— Hospital? — Ela estava confusa.

— Para o parto.

— Ah, meu Deus. Mas o parto é só em junho. Tenho que decidir isto agora? A resposta dele foi um longo "hummmmm". Seguido por: — Não. Mas isto facilita muito a minha vida.

— Bom, não é você quem vai ter o bebê; portanto, vai ter que esperar a minha decisão a respeito — ela disse, feliz da vida por conseguir, ao menos uma vez, sair vitoriosa do consultório do médico.

Mas foi então que ele revirou a ficha dela e disse: — Ah, estou vendo que estamos atrasados na realização de um exame Papanicolau. Avise na recepção e a enfermeira irá atender você em alguns minutos.

Na manhã seguinte ela se levantou muito cedo para dar sua corrida matinal antes de ir até Hammersmith para seu primeiro dia no Grupo Merris.

Merris era seu primeiro projeto sozinha. Ela tinha conseguido o contrato e Susan garantira que estava pronta para assumir o projeto sozinha.

É claro que estava nervosa, melhor ainda, muito nervosa, enquanto trotava pela calçada, tentando eliminar a ansiedade. Era uma empresa financeira que lidava com contas pessoais, ela dizia para si mesma, sua especialidade... sim, mas "tão antiquada... tão tradicional", disse a vozinha ansiosa. Ela correu mais depressa para tentar calar a voz.

Era seu trabalho não se assustar, ser confiante e absolutamente segura de si mesma, caso contrário toda a atividade relacionada a aconselhar empresas sobre como fazer grandes alterações não funcionaria.

Seus clientes eram como uma matilha de lobos, podiam sentir o cheiro do medo a quilômetros de distância e atacar sem dó.

Depois do banho, vestiu sua armadura para a batalha — maquiagem discreta, cabelos presos em um coque na nuca e seu conjunto de trabalho mais elegante, camisa branca, seu mais caro terninho preto, meias pretas e sapatos pretos de salto alto.

Tinha sido aconselhada a deixar o carro em casa porque não havia muitas vagas para estacionamento. Sendo assim, pegou os jornais na pilha perto da porta e partiu para unir-se à multidão dos usuários do metrô.

Deus, tinha esquecido como os vagões eram cheios e quentes, mesmo tão cedo. Tirou o casaco e conseguiu espremer-se em um dos últimos lugares vagos. Dez minutos depois, ela estava suando e enjoada.

Abaixou o jornal e fechou os olhos, desejando que a viagem terminasse rapidamente.

Por volta das oito da manhã estava em Hammersmith, sentindo-se ainda terrivelmente tonta e esgotada. Não tinha forças para enfrentar a caminhada de dez minutos até a empresa e chamou um táxi. Chegou ao prédio de aparência imponente e preparou-se para o dia que viria pela frente.

Vamos lá, Bella, disse para si mesma. Controle-se.

Com o laptop, a pasta, a bolsa e o casaco nos braços, conseguiu pagar o motorista, subiu os degraus de mármore fazendo barulho com os saltos e passou pela porta giratória. Apresentou-se na recepção e foi informada de que deveria encontrar os executivos para a reunião com café da manhã.

Checou sua aparência na parede espelhada do elevador. Sentia-se enjoada e extremamente nervosa, mas, graças à generosa aplicação de maquiagem, parecia arrumada, profissional e suavemente bela. Respirou fundo e soltou o ar lentamente. Logo depois o elevador parou, abriu as portas e Bella foi em direção à sala de conferências.

Abrindo a pesada porta, entrou em uma sala com paredes forradas de mogno e uma mesa enorme onde mais ou menos 20 cabeças giraram em sua direção. Ao lado, uma mesa de bufê com travessas de bacon, ovos mexidos com presunto, torradas, croissants e bules de café.

A náusea subiu pela sua garganta como uma bolota e ela começou a suar frio. Sentiu as gotas de suor formando-se em seu lábio superior e, de repente, descobriu do que se tratava. Enjôo matinal. Todos os olhos estavam fixos nela e ela estava presa ao chão,

incapaz de abrir a boca, absolutamente certa de que iria vomitar no piso de madeira muito bem encerado. Finalmente conseguiu engolir a bolota e disse: — Alô a todos. Sou Bella Browning. Onde gostariam que eu me sentasse? Ela andou cambaleando até sua cadeira enquanto o sr. Merris fazia as apresentações. Aceitou uma xícara de chá e, enquanto dava pequenos golinhos, começou a sentir-se um pouquinho melhor. Bella olhou para as pessoas ao redor da mesa — todos homens, todos mais velhos do que ela, todos decididamente imaginando: o que esta menina vai ser capaz de fazer por nós? — Vamos primeiro discutir nossos negócios como de costume, OK? — disse Merris. — Vamos dar uma chance para a sra. Browning se situar.

Bella ouviu tudo com atenção, pois sabia que se podia aprender mais sobre uma empresa em uma reunião do que em semanas de análise financeira. Identificou facilmente as pessoas que eram boas no seu trabalho e as que estavam enrolando. Descobriu imediatamente que esta era uma empresa dominada pela formalidade e atenção aos procedimentos, o que a fez deduzir que novas idéias, novos objetivos e metas eram necessários, mas que não seriam exatamente recebidos de braços abertos. Meu Deus, ela ainda sentia-se péssima.

Quando a reunião finalmente terminou, foi acompanhada até sua pequena sala, onde instalou seu computador, arrumou arquivos e fez algumas ligações.

Mais tarde, conseguiu falar com seu médico ao telefone e, como suspeitava, ele disse que isto era normal, não havia nada que pudesse tomar para controlar a situação, e que estes sintomas desapareceriam em mais ou menos seis semanas.

Seis semanas!! Seis semanas sentindo-se deste modo era assustador.

E por que diabos tinha o nome de enjôo matinal quando parecia durar o dia todo? Ela não conseguiu sair do escritório antes das 20 horas e o segundo dia na Merris começou ainda pior. Entrou na sala de reuniões para o café da manhã e, quando seus olhos bateram no prato de ovos fritos, mal conseguiu segurar uma ânsia de vômito. Não havia nada que pudesse fazer além de sentar-se em sua cadeira sentindo-se absolutamente enjoada e fraca.

Quando pegou a xícara de chá, notou que sua mão tremia. Pior ainda, ela sabia que outras pessoas também tinham notado.

Depois da reunião, houve uma outra, mais longa, antes que pudesse se esconder em sua sala. Mal tinha se sentado e acendido um cigarro, na esperança de conseguir um rápido pique de energia, quando alguém bateu na porta e o rosto de Mitch, um americano, diretor de recursos humanos, surgiu perguntando se podia entrar.

— Sim, claro — ela respondeu, fazendo um gesto com a mão, espalhando fumaça pela sala. Apertaram as mãos e se apresentaram formalmente. depois ele fechou a porta atrás de si, mas não aceitou o convite para sentar-se.

— Para dizer a verdade — ele disse com ar sério —, estou aqui porque estamos todos um pouco preocupados com você. Desculpe-me por dizer isto, mas você não parece muito bem.

Ela desconfiava que não tinha conseguido disfarçar muito bem. Ele continuou: — Precisamos de um consultor, mas também de alguém que esteja aqui conosco 110%.

Bella sentiu uma pontada de irritação, mas continuou ouvindo.

— Começo a pensar se você é mesmo a pessoa certa para nós. — Mitch continuou: — Bom, o que quero dizer é, hã... Você parece ter um problema.

— Mitch — ela respondeu, grudando seus olhos nos dele. — Sobre o que você está falando?

— Bom, você aparece todas as manhãs pálida, fraca, as mãos trêmulas. Só parece se recuperar depois de ficar sozinha na sua sala. O caso é que alguns dos rapazes estão suspirando que você tem um problema com a bebida. — Ele deu uma risada curta para se distanciar da sugestão, embora não parecesse uma idéia muito estranha.

Bella estava paralisada. Era o que podia fazer para evitar que seu queixo caísse. Os executivos da Merris achavam que sua consultora topo de linha, custando milhares de libras por dia, chegava ao escritório com ressaca e que bebia escondido.

Só havia uma resposta. Ela deu uma gargalhada na direção de Mitch e acrescentou: — Nunca ouvi algo tão ridículo em toda a minha vida. Bella apagou o cigarro com um só golpe e disse: — Tenho um problema médico absolutamente simples, que não pretendo discutir, que torna difícil enfrentar longas viagens de metrô e cafés da manhã engordurados nas próximas semanas. Ninguém jamais me acusou de ter um problema com a bebida antes, e não vai ser agora que vão começar. Eu sou a pessoa mais trabalhadora, 110% que você vai conhecer na vida. Na verdade, se você ou seus colegas simplesmente sussurrarem novamente entre si "problema com bebida", vou processá-los por difamação. Era vez de Mitch ficar paralisado. Percebeu que teria que consertar a situação rapidinho: — Veja, hã... — ele brincou com o nó da gravata — espero que aceite minhas desculpas. É claro que foi um tremendo mal-entendido.

Tenho certeza que não haverá problemas se você chegar um pouco mais tarde na reunião da manhã. — Ele sorriu. — Mas você deveria comer algo, sabe, cafés da manhã com proteínas ajudam a aumentar a produtividade.

— Não diga! — ela respondeu, mas ele não entendeu o sarcasmo.

— Sim, simplesmente achei que você sabia disso — ele disse. — Você vive falando sobre melhorar o desempenho; portanto, deveria analisar todos os fatores.

Isto já era demais.

— E que tal o fato de que pessoas que trabalham 12 horas por dia, cinco dias por semana, tendem a ter um desempenho fraco, abandonar mais cedo o trabalho, tirar mais dias de licença por doença e ter níveis de depressão mais altos? — ela disparou como resposta.

— Então você acha que começamos a trabalhar cedo demais — ele respondeu. Puxa, as coisas estavam ficando feias.

— Não — ela disse em um tom conciliador. — Acho que vocês ficam até muito tarde no escritório. Depois das 17 horas quase ninguém faz algo construtivo nesta empresa. Seria muito melhor se fossem para suas casas, para junto de suas famílias.

— Bom, sim... isto seria bom — ele disse com um sorriso.

— Você tem filhos? — ela perguntou, pois tinha notado recentemente que não conhecia alguém da sua idade com filhos.

— Sim... dois meninos, Mickey, com cinco anos, e Joel, com três.

— Lindos nomes — ela disse.

— Obrigado.

— Agradeço a oferta de poder chegar depois do café da manhã. Isto seria muito melhor

para mim, obrigada. — Bella sorria agora.

— Bella — Mitch sorriu de volta e passou a mão pelos cabelos loiros —, não quero começar as coisas como pé esquerdo. Analisei os recentes trabalhos da Prentice and Partners e vocês parecem ser capazes de arrumar rapidamente as empresas com que trabalham. Deus sabe que precisamos de uma boa sacudida, mas não tenho a mínima idéia de como você vai fazer esta empresa aceitar coisas novas.

— Bom, você simplesmente vai ter que observar e aprender — ela arqueou as sobrancelhas.

— Mal posso esperar. A propósito, onde você mora? — Belsize Park, Zona Norte de Londres — ela respondeu. — É que Geoff tem um motorista que vai buscá-lo todas as manhãs, talvez ele possa apanhá-la no caminho. Adeus, metrô. Obrigada, Deus.

Na manhã seguinte, uma elegante limusine preta estacionou em sua porta às sete horas. Uma limusine!, ela pensou enquanto entrava, vai ter que ir embora quando o novo plano administrativo entrar em ação.

Geoff, o diretor financeiro, já estava no banco traseiro e, felizmente, não estava doído para conversar. Sentaram-se amigavelmente lado a lado, lendo o Financial Times e fazendo comentários esparsos.

Quando chegaram na sede do Grupo Merris, Geoff foi tomar café da manhã enquanto Bella ficou 20 minutos escondida em seu escritório comendo iogurte e bebendo água. Ainda se sentia enjoada, mas era suportável e, pela primeira vez naquela semana, começava a sentir-me mais otimista sobre o trabalho pela frente: dar um jeito nessa empresa jurássica antes que ela desapareça.

Mais tarde encontrou uma mensagem de Chris no meio de um lote de e-mails novos: — Querida, como vão as coisas aí na rural Hammersmith? A Merris vai ter que passar uns dias sem o seu talento porque temos que ir juntos até Birmingham para uma apresentação para um cliente em potencial.

— Olá, Chris. Birmingham?? Jura?? Não sabia de nada a respeito.

Quando? Onde? Quem? — Ah! Aí está você. Ordens expressas da chefe. Três dias de reuniões na semana que vem, ou na próxima, no maravilhoso Salwood House Hotel, no campo. Você, eu, trabalho duro, vinhos excelentes. Vai ser adorável. O Cliente é a Bensons. Uma pequena empresa financeira aqui com um sócio grandão nos EUA.

Ok. Bom, me telefone na semana que vem com os detalhes e eu ajeto as coisas. Espero que seja um trabalho bom.

Vamos dizer simplesmente que, se pegarmos este cliente, vamos todos trocar de carro, meu bem.

— Eu amo o meu carro.

— É tão velho!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! — É um clássico. Agora desapareça, um de nós tem que trabalhar.

— Tchuuuuu. Estou ansioso pela viagem para Birmingham, O Deus, não era exatamente trabalho duro o que ele tinha em mente... e agora ela também estava pensando naquilo.

Ela clicou novamente no arquivo no qual trabalhava e tentou se concentrar.

## Capítulo Sete

Bella se jogou na cama e sentiu o coração aos pulos. O que diabo ela estava fazendo? Pusera uma cadeira prendendo a maçaneta da porta, não porque estivesse com medo de que Chris tentasse entrar à força, mas para impedi-la de sair novamente — bom, pelo menos obrigá-la, a pensar duas ou três, e talvez até mais uma vez, antes disso, Aqui estava ela, aprisionada em luxo e esplendor no hotel de campo com um colega lindo e moreno que estava usando todo o seu charme. Era somente quarta feira e eles ficariam até sexta. Ela não confiava mais em si própria. Como poderia, depois do que acontecera? Encontrara Chris nas escadas no começo da noite, quando desciam para jantar. Ele estava particularmente gostoso em um terno escuro, de corte ajustado, com uma gravata em tecido brilhante e tinha se inclinado para beijá-la no rosto, dizendo: — Eu juro, eu seria tãããã discreto. Ela respondera com uma gargalhada cheia de flerte e usou o truque da sobrançelha arqueada porque não queria dizer "sim", mas ainda não tinha descoberto como dizer "não".

Encontraram-se com os clientes no bar e foram jantar. Chris conseguiu sentar ao lado dela e, durante toda a excelente refeição, tinha colocado a mão bem, bem de levinho na perna dela, correndo o dedo para cima e para baixo pela parte de dentro da coxa, atrevendo se a chegar ao topo da meia e tatear a pele descoberta.

Em cima da mesa, ela mantinha um animado debate financeiro, e debaixo dela analisava um convite descaradamente atrevido. A combinação era inebriante, a conversa estava ficando mais veloz e mais apaixonada, e ela estava emborcando um copo de vinho atrás do outro.

Depois do jantar, todos foram beber um conhaque na biblioteca. E depois disso, os clientes precisavam participar de uma teleconferência com o escritório nos EUA.

Chris e Bella foram deixados a sós na sala tranqüila, em meio a outra rodada de drinques, onde Bella afundara em sua poltrona de couro e olhava fixamente a lareira.

— Eu não ligo para quanto tempo vai levar, Bella, sei que vou vencer você pelo cansaço — Chris disse baixinho. — Mais tarde podíamos escapulir de volta para cá, junto à lareira. Imagine só que excitante.

Alguém entra e pega dois supercérebros financeiros nus no tapete, enrolados em uma paixão desvairada.

Ela riu, tomou um golinho do conhaque e disse: — Seria contra o Código de Conduta, Chris. Mas aumentaria as minhas chances de promoção? Ele olhou para ela, sorrindo com aquela boca macia e expressiva.

— Bom, eu seria um tremendo filho-da-puta se dissesse que sim.

Mas a verdade é que provavelmente você vai se tornar sócia da empresa mais cedo do que imagina. Você é uma garota muito esperta.

— Eu já sei disso — ela respondeu.

— E é incrivelmente sexy também.

— Ahá, eu também sei disso. — Ela secou o copo. — E uso em meu proveito.

— Posso acompanhar você até o seu quarto? — ele perguntou, e não era preciso adivinhar

quais eram as intenções dele.

— Por que não? — ela respondeu, saindo da poltrona e atravessando a sala. Andou rapidamente pelo hall e, de repente, parecia uma perseguição, de modo que começou a subir as escadas dois degraus de cada vez, ouvindo Chris começar a correr atrás dela.

Ela girou no longo corredor e disparou em direção à sua porta, dando risadinhas, com Chris já bem perto dela. Na porta ela voltou-se para o encarar, Os dois resfolegavam com o esforço e a excitação.

Ele se aproximou dela e começaram a se beijar, a princípio suavemente nos lábios, por um momento. Depois, enquanto ela o apertava contra o seu corpo suas bocas se abriram esfomeadamente.

Bella enfiou a língua bem fundo, provando a quente umidade e o conhaque, e começou a tremer de prazer. Seus braços estavam à volta da cintura dele, puxando a camisa para poder sentir a pele quente e suave do seu torso, enquanto ele cutucava sua ereção contra ela e começava a desabotoar sua blusa.

Com os olhos fechados, ela inclinou a cabeça para trás e o sentiu beijar seus seios, com o coração batendo quase dolorosamente no seu peito, e ela sabia que estava perto, muito perto do ponto em que seria impossível... — Chris, eu simplesmente não posso — ela se obrigou a dizer. — Ssh! — ele sussurrou. — Ssh! Não, não, não, não... você sabe que não quer dizer isso.

E ele estava absolutamente certo, ela não queria dizer aquilo. Ela podia, ela podia mesmo. Mas simplesmente não devia.

— Sinto muito... sinto muito, muito mesmo — disse gentilmente, afastando-se dele.

Ele abriu os olhos, encarou-a por um longo momento e depois disparou: — Qual é o seu problema? Você vai me deixar completamente maluco. Segurando-a apertado pela cintura, ele era gostoso demais para ser recusado, mas precisava se controlar.

— Sinto muito, Chris, sinto muito. Tenho que parar de fazer isto.

Deus, eu sou casada... você é meu chefe. Isto é ridículo.

Ele não tinha dito nada, de modo que ela acrescentou: — Olhe, vou dizer boa noite agora, não quero deixar as coisas piores do que estão.

**Os** braços dele soltaram sua cintura.

— OK, tudo bem — ele disse finalmente. — Boa-noite, então. — Ele girou sobre os calcanhares e ela o observou distanciar-se no corredor.

Ela entrou no quarto e deitou na cama, cheia de remorso. "Que diabos está acontecendo comigo? Já não estraguei demais as coisas?", pensou. Estava grávido, pelo amor de Deus. Grávida! Alôôô!! Estava completamente maluca? Ela imaginava-se, usando as palavras de Mitch, precisava de ajuda.

Se conseguisse ser fiel, ficaria com Don para sempre — o que não era mau negócio, era? Mas a idéia da fidelidade eterna a assustava. Era como um alcoólatra recuperado que precisava enfrentar um dia por vez.

Tinha sido completamente fiel a Daniel, o primeiro amor de sua vida.

Mas ele despedaçara seu coração e desde então cada homem que pensasse em se apaixonar por ela tinha sido descartado e traído. Até Don.

Don a convencera a baixar a guarda e confiar nele.

Mas, às vezes, ela imaginava que Daniel tinha levado alguma peça insubstituível de seu coração com ele. A marca cicatrizara lindamente, mas às vezes doía. Doeu por um tempo, quando achava que o amor era perfeito e inquebrável, não esta máquina incrivelmente intrincada e complicada que precisava de ajuste e manutenção diárias, senão todo o tipo de porcarias entraria nela e complicaria tudo.

Jesus, ela estava tão cansada em ter sempre pelo menos três homens em sua cabeça — o que estava com ela, o que ela tinha abandonado e o que ela queria ter. Era hora de colocar um pouco de fé no homem adorável com quem havia se casado. Ela confiara nele, precisava continuar confiando e parar de tentar estragar tudo.

Eram 1h15 da madrugada, mas ela ligou para casa.

— Alô? — Don atendeu com a voz bêbada de sono.

— Olá, querido — ela disse suavemente. — Desculpe acordar você, Lamento não ter podido ligar antes.

— Tudo bem — ele respondeu. — Teve uma noite cheia? — Sim... eu amo você, Don.

— Eu amo você também. Você está bem? — Sim, estou bem. Só queria ouvir a sua voz. Volte a dormir.

Disseram adeus e desligaram. Ela sentiu-se um pouco melhor.

Na manhã seguinte acordou cedo e saiu para correr, nervosa com a idéia de encontrar Chris novamente.

Tirou da mala uma saia cinza, uma malha da mesma cor, mas num tom mais claro, e o par de sapatos mais austero que possuía. Este seria decididamente um dia sem sinais verdes. Sentiu-se enjoada ao descer para tomar o café da manhã — uma mistura de um leve enjoo matinal e nervosismo.

No restaurante, Chris já estava sentado a uma mesa. Sendo assim, ela foi em sua direção e disse cautelosamente: — Olá, você.

Ele sorriu de volta.

— Olá, querida. Os ovos mexidos estão deliciosos. Pegue um pouco, sente-se aqui e me diga o que vamos fazer para deslumbrar nossos rapazes esta manhã.

— Obrigada, Chris — ela disse. Ela não podia deixar de estar grata pelo fato de que ele se contentava em esquecer a noite passada na gaveta dos erros estúpidos e tentar voltar ao relacionamento camarada e cheio de flerte que tinham antes de todo este desejo aflorar e causar tamanha confusão.

O dia correu bem e terminou com os dois juntos novamente na biblioteca, mas o clima estava muito diferente. Cercada pelos livros com capas de couro e os painéis de madeira, Bella sentiu-se à vontade. Além de um flerte residual, a tensão sexual entre eles desaparecera. Estavam até sentados lado a lado no mesmo sofá e não parecia perigoso. Estavam falando sobre o trabalho e focando sobre os clientes.

— Eles podem ser brilhantes, mas são tão chatos — Bella disse. — A idéia de diversão deles é admirar um novo saco de tacos de golf.

Chris riu com isto, mas depois se virou para ela com o rosto sério e disse: — Bella, por que não consigo me livrar da sensação de que você pode ser a única pessoa no mundo que é perfeita para mim, mas que eu cheguei tarde demais.

Por um instante ela permaneceu muito surpresa para responder, mas percebeu que ele



esperava por uma resposta.

— Hã... obrigada, isto é muito gentil... — disse — mas eu não posso ser a sua pessoa perfeita porque ela deveria sentir-se do mesmo modo e acertar as coisas para ficar disponível para você, não importa a situação.

Bella girou o conhaque na taça em sua mão e acrescentou: — Sou casada. Gostar de mim é só outro sintoma do seu medo de compromissos. Sei disto porque sou um pouco como você. — Jura? — Ele agora estava mesmo surpreso. Ela deu uma tragada funda no cigarro e disse: — Realmente amo meu marido. Ele é, sem dúvida alguma, a melhor coisa que já aconteceu em minha vida. Quero ter filhos com ele, envelhecer ao lado dele, viver o processo todo. Mas ainda não me livrei do hábito de apertar o botão de autodestruição sempre que as coisas vão bem.

Ela apagou o cigarro no cinzeiro para esconder os olhos cheios de lágrimas, e acendeu outro imediatamente.

— Está tudo bem — Chris respondeu. — Nunca aconteceu, OK? Vamos apertar a tecla delete. Você está casada e feliz com a consciência tranquila e... nenhuma consequência.

Bella sorriu, era um pensamento gentil, mas a culpa não iria embora assim facilmente.

Depois de uma longa pausa, Chris finalmente disse: — OK, talvez você esteja certa, Bella. Estou com 34 anos, tenho que resolver minha vida e encontrar uma boa mulher. E não quero ir ao casamento dela três semanas depois de tê-la encontrado.

— Ah! Sinto muito... não sei o que dizer. Isto tudo é ridiculamente lisonjeiro — ela disse. Com um suspiro, ele se recostou no sofá.

— OK, é isso aí. Vou desistir de você, então... pelo menos por enquanto.

## Capítulo Oito

Bella estava na sauna com Tania. Uma tinha conseguido arrastar a outra para fora de casa, neste domingo gelado e cinzento de dezembro, para irem à academia, e agora estavam relaxando.

— Caramba, você está ficando cheinha, Bella — Tania disse, naquele modo direto e sem rodeios que só os melhores amigos podem usar.

— será a musculação? — Não, sua vaca imbecil, é porque estou grávida de quase quatro meses. Bella estava apreciando o olhar chocado no rosto de sua amiga. — O QUÊ!!!!!!!

— É isso. Estava morrendo de vontade para contar à você. Don e eu, cruze os dedos, vamos ter um bebê. E é bom você ficar feliz com a novidade, porque quero que seja a madrinha.

— Oh, meu Deus. Não posso acreditar. Você e Don... pais!!! Ela um gritinho, depois se inclinou para dar um enorme abraço suado em Bella, acompanhado de um beijo.

— Isto é absolutamente fantástico. Não posso acreditar. Você?? Bella, gênio da matemática, garota-maravilha do mundo financeiro e profissional em ascensão. Você vai ser mamãe. Meu Deus! Você é ainda tão jovem! Puta merda! Quais são seus planos? — Tirar a licença-maternidade e depois voltar ao trabalho. — Claro.

É muita coragem sua assumir toda esta responsabilidade extra. ando tão ocupada no momento que mal me lembro de alimentar o gato. — Você não está me ajudando, Tania.

— Deus, ainda estou em estado de choque. Você e Don... só consigo imaginar..... vocês dois juntos em um bar e bêbados. Vocês estão obviamente realizando um fantástico trabalho de domesticação mútua. Meu Deus, ele vai empurrar um carrinho de bebê. O que ele acha disto tudo? — Ele está bem — Bella respondeu. — Ele está sendo muito maduro. Acho que finalmente percebeu que ele é um adulto.

— Isto é tão fantástico — Tania disse. — Onde você vai ter o bebê? — Ainda não sei.

— Sabe se é uma menina ou um menino? — Tania mal conseguia conter sua excitação.

— Não, ainda não.

— Temos que ir fazer compras, comprar fantásticas roupas de gestante para você e lindas coisinhas de bebê. Ó meu Deus, você sabe o que isto significa. Vou ser mais magra que você! Sim! Sim! Sim! — Tania a abraçou novamente. — Isto vai ser tão divertido.

Bella deu um sorriso deliciado para ela. Tania estava aceitando a idéia melhor do que ela esperava. Bella temia que Tania desaprovasse, ficasse com ciúme ou que a fizesse sentir que iriam se afastar.

— Você já contou aos seus pais? — Tania perguntou.

— Bom, não. Você é a única pessoa que sabe além de Don, e o médico, claro. — Merda, ela ainda não tinha remarcado o último cancelamento da consulta — Você deveria contar aos seus pais — Tania disse. Bella deu um suspiro pesado.

— Eu sei, eu sei. Estou apavorada com a idéia. Você sabe como mamãe é esquisita sobre gravidez, e eles ainda nem conheceram Don. Não quero tornar as coisas piores do que já estão.

— Bom, tente não se preocupar com isso — disse a amiga. — As coisas vão dar certo,

prometo. Netos parecem ter um jeito próprio de resolver todos os tipos de problemas.

— Rá, bem... vamos ver — Bella respondeu.

— Nossa, você está ótima. Está na cara que estão cuidando bem de você no Grupo Merris. Esta foi a maneira de Susan dizer "oi" quando Bella a encontrou para almoçar algum dia depois.

Sua chefe estava claramente desesperada para dizer: "Olhe o monte de quilos você acumulou. Está almoçando muito fora?", e para deixar clara a sua opinião, Susan pediu uma salada. Mas não havia como Bella controlar seu apetite, andava permanentemente faminta. Pediu a sopa de cenoura com pão preto crocante, filé de salmão com batatas douradas e uma salada.

Ela teria adorado comer a sobremesa também, mas Susan ficou tão horrorizada com a sugestão que Bella decidiu esquecer.

Ela pensou que um almoço informal com a chefe lhe daria a oportunidade de contar as novidades sobre o bebê, mas Susan estava com um tremendo mau humor e só queria falar de trabalho. Queria um relatório detalhado dos progressos no Grupo Merris e depois perguntou sobre a possibilidade de Bella assumir o projeto Danson, muito mais cedo do que tinham planejado.

Bella não podia acreditar no que ouvia. Como é que conseguiria encaixar a licença maternidade neste cronograma? — Achei que o pessoal da Danson não queria nossa presença na empresa antes de agosto — ela respondeu.

— Bom, eles andaram repensando isso — Susan disse. — Agora acham que têm a verba para liberar o projeto em maio ou junho. Você acha que o trabalho na Merris vai demorar mais? É este o problema? Bella tentou disfarçar as coisas: — Bom, é claro que estarei disponível se a Merris não ultrapassar o prazo.

Mas seria melhor dizer ao pessoal da Danson que, se realmente querem que eu cuide do projeto, que esperem até agosto. Acho que posso fazer alguns relatórios preliminares, mas só pegar o projeto no fim de julho, ou em agosto. Realmente quero este projeto, Susan, dei duro para conseguir este contrato.

— O trabalho na Merris não vai passar de abril. Você tem alguma coisa marcada para o segundo trimestre? — Susan perguntou rispidamente.

— Bom... há... tem uma coisa que não comentei antes porque está no estágio inicial — ela começou, mas depois perdeu a coragem. — É... há...

alguém que estou cortejando para a empresa e eles já têm consultores para maio/junho, e estou tentando pegar esta brecha. — Ela pensou que deveria calar a boca pois só estava piorando as coisas. — E quem são eles? — Susan parecia interessada.

— Preferia não dizer. — Por um momento.....perigoso, Bella pensou que Susan iria insistir no assunto, mas ela deixou a conversa morrer, dizendo: — Bom, OK, tenho certeza que você vai me dizer quando achar necessário. E ela estava certíssima.

Susan fechou bruscamente seu laptop e colocou um cartão American Express na mesa para pagar a conta.

— Você é uma consultora muito capaz, Bella. Vai ser uma das melhores. Não quero perder você. Se alguém fizer uma oferta, por favor, venha conversar comigo primeiro. Enquanto isto, você vai receber um polpudo aumento a partir de janeiro e prometo que não ficará

desapontada com seu bônus de Natal.

"Que merda", Bella pensou.

— Obrigada, Susan, isto representa muito para mim — ela disse.

OK, ela não tinha contado sobre o bebê, mas no geral o almoço não fora tão ruim assim.

Quando voltou para casa naquela noite, Bella tirou a roupa e ficou só de calcinha e sutiã na frente do espelho. Seus seios estavam enormes: explodindo por cima e pelos lados do sutiã tamanho M. Seu estômago estava protuberante formando uma barriguinha assustadora, e sua cintura tinha desaparecido por completo.

Não parecia grávida, mas gorda e descuidada, e não estava nada contente com isto.

Ela ouviu a porta da frente bater. Don estava em casa.

— Bella? — ele chamou.

— Estou no quarto, — Sorte minha. — Ele ficou de pé na porta, olhando para ela.

— Estou deprimida. — Ela se jogou na cama. — Olhe para mim, estou imensa de gorda. Minhas roupas estão rasgando nas costuras.

Ele jogou-se na cama, ao lado dela.

— Ei, maravilhosa — ele disse, beijando-a carinhosamente na boca Mas olhe só para os seus seios. Estão fantásticos.

Ele fez as alças do sutiã deslizarem pelos ombros e beijou o topo dos seios — Estou gorda — ela gemeu.

— Você está com o visual perfeito para mim, e fazendo um grande trabalho, gerando uma nova vida aí dentro.

Era engraçado como ela nem tinha começado a pensar neste termos.

Ela não estava simplesmente "grávida", na verdade ela estava gerando um bebê. Era muito estranho. Ela o puxou para perto e aspirou o cheiro dele, levemente suado e empoeirado de um dia de trabalho. Era muito sexy ficar enroscada com ele estando nua e ele ainda vestido com seu terno.

— Como vai você? — ela perguntou.

— Oh, estou bem, comprei algumas coisas legais para cozinhar para você esta noite.

— Ah, sim. Acho que suas habilidades culinárias são o seu detalhe mais sexy — ela provocou.

— Não diga... bom, neste caso eu vou picar, ralar e fritar.

— Ah, sim. — Ela fingiu ofegar.

— E o que me diz sobre uma marinada ou um cozido? — Estou ficando toda arrepiada! O seu corpo nu estava apertado contra o de Don, e enquanto ele a provava, com a língua dentro da sua boca, as mãos de Bella desapertavam o cinto dele.

— E o que posso fazer para você sentir-se melhor sobre este seu corpo adorável? — ele perguntou.

— Hummm, eu consigo pensar em algumas coisas — ela respondeu.

No sábado, foram fazer compras juntos, porque ela precisava de sutiãs novos que acomodassem os seios cada vez mais pesados.

Don ficou empoeirado na banquetta dentro da cabine com a instrução de ficar calado. Mas a visão de sua esposa vestindo e tirando lingerie em uma cabine provou ser algo difícil de suportar. Ele a puxava constantemente para sussurrar: — Bella, você não faz a mínima

idéia. Estou vivendo uma das minhas fantasias favorita aqui. Ao ver o volume em suas calças, o pensamento que passou pela cabeça dela foi que , para alguém que iria completar 42 anos no ano seguinte, ele possuía um impressionante vigor sexual. Lá estava ela, usando o sutiã mais branco e sem graça que jamais vestira na vida — bem vinda à seção "para gestantes" —, e subitamente sentiu vontade de provocar Don, de fazê-lo saber que ela ainda era a garota arrebatadoramente sexy com quem ele tinha casado. Então, ajoelhou-se na frente dele e abriu o zíper de suas calças, libertando a ereção enorme aprisionada lá dentro. Momentos depois, ele gozou rapidamente, com um soluço impressionantemente silencioso.

Bella pensou: "Tudo pelo bem da pátria", e engoliu. Antes que um dos dois pudesse dizer algo, a vendedora apareceu na cabine, querendo saber se ela precisava de algo.

Enquanto Don brigava com o zíper, Bella ficou de pé e colocou a cabeça para fora da cortina.

— Você não tem nada menos, bom, menos maternal? Estes sutiãs são simplesmente horríveis — ela disse.

A vendedora entrou na cabine e viu Don sentado desconfortavelmente no canto, depois olhou para Bella, usando um sutiã branco que parecia cobrir tudo, de bem abaixo dos seios até o pescoço.

— Você vai precisar de suporte nos próximos meses — a vendedora disse ajustando os bojos gigantesco do sutiã. — Os seios ficam muito pesados e, se não receberem suporte, despencarão. Não recomendamos sutiãs aramados, de modo que você vai ter que usar um sutiã com suporte macio no bojo.

— Certo — Bella disse, um pouco abalada com a idéia de ficar com os seios caídos. — Então vou levar duas destas monstruosidades para usar durante o dia, mas também quero os mais lindos e macios sutiãs tamanho GG que você conseguir encontrar para usar em ocasiões especiais.

A vendedora voltou com os braços cheios de peças de cetim e renda.

Agora sim.

Bella escolheu conjuntos verde-limão, pêssego e café-com-leite, com fios dentais combinando para compensar o horror da lingerie para grávidas.

Don levou todos para o caixa e pagou a conta.

— Meu presente, Bella — ele disse, ainda completamente desnorreado.

## Capítulo Nove

Bella estava na sala de espera do médico, revirava ansiosamente as páginas de números antigos da revista Tatler. Para quê? Afinal de contas, tinha pilhas de arquivos na pasta estufada à espera de sua atenção urgente. Mas estava meio nervosa agora, e sabia que não seria capaz de concentrar-se nas sutilezas das contas do retorno dos investimentos do Grupo Merris.

Estava no quarto mês de gravidez e vinha cancelando semanalmente as consultas com o médico porque vivia extremamente ocupada com o trabalho.

Finalmente, vencida pela culpa, tirara um dia de folga para fazer um exame de rotina na clínica do dr. Wilson.

Mas ela estava inquieta com a quantidade de tempo desperdiçado.

— Srta. Browning — a recepcionista chamou. — O dr. Wilson está pronto para vê-la agora. Ela pegou a bolsa e a pasta e seguiu em direção ao consultório, dizendo "É Sra." para recepcionista ao passar por ela. — Olá, Bella, como vai você? — O dr. Wilson não olhou imediatamente para ela.

— Estou bem, obrigada.

— Então...quatro meses de gravidez. Você não está mostrando nada — ele disse quando a olhou.

— Acredite em mim, meu sutiã é cinco números maior agora e minha cintura está aumentando — ela respondeu, — Como você está se sentindo? — Estou bem. Já superei os enjôos matinais e voltei ao meu modo normal e cheio de energia.

— Hummmm — foi a resposta dele — Ok, deite-se na mesa. Vou fazer um exame rápido e encaminhar você para Declan.

— Quem é ele? — ela perguntou, deitando-se na mesa e erguendo a blusa para que ele pudesse apalpar sua barriga.

— Nosso parceiro — o médico respondeu, apertando e empurrando suavemente seu abdome, que estava surpreendentemente sensível.

— Certo — ela disse, pensando nos motivos que a fizeram sentir-se esquisita com a perspectiva de ter um parceiro em vez de uma parceira.

— O parceiro vai atendê-la agora, senhooooora Browning — disse a recepcionista, depois de Bella ter passado outros dez longos minutos folheando revistas na sala de espera e lido todos os avisos animadores pendurados nas paredes. "Como identificar sintomas da meningite", "Como tratar um ataque cardíaco", "Consultas nos sábados somente para emergências", "Um resfriado não é uma emergência."

Abriu a porta no final do corredor e bateu os olhos em Declan, que não era nada do que ela esperava. Era um homem pequenino como um elfo, rígido, com cabelo curto e encaracolado e olhos cintilantes.

— Bella Browning. Lindo nome — ele respondeu, revelando imediatamente de que lado do Mar da Irlanda tinha nascido.

— Olá. — Ela apertou a mão estendida. — Você não parece velho o suficiente para este trabalho.

— Não se preocupe, tenho 31 anos e estou nesta profissão há dez — ele respondeu. — Mas, na verdade, fiz meu primeiro parto aos 12 anos de idade, Sente-se e relaxe. Você só vai dar à luz daqui a meses, portanto temos muito tempo para nos conhecer e avaliar suas opções. Bom, antes de mais nada, você se importa de me explicar direitinho por que só apareceu aqui com 16 semanas, quando deveria ter tido uma consulta comigo há um mês? — Bom, sou uma garota muito ocupada.

— Sim, você e todas as outras mulheres que entram neste consultoria usando sapatinhos italianos.

Isto a surpreendeu. Ele continuou: — Cuidados pré-natais são uma coisa séria e você tem o direito de usar o horário do expediente para isto. Sim, se você tiver contado no trabalho que está grávida e se eles não a despedirem na hora por mostrar "falta de dedicação" Ela se perguntava por que estava tão irritada com isto.

— Estou certo que você sabe que existem leis contra este tipo de comportamento.

— Estou certa que você sabe que existem maneiras para contornar estas leis — ele disparou de volta.

— OK, vamos colocar um "E" bem grande de estressada no seu caderninho, está bem? — Ele abriu um caderninho de capa azul. — A gravidez foi planejada? — ele perguntou. — Isto é da sua conta? — Escute, estou tentando preencher seu registro pré-natal, e esta é uma pergunta oficial. Não precisa responder se não quiser.

— Sim, foi planejada — retrucou, ainda sem saber por que estava tão zangada. Ela o observou enquanto ele marcava a opção "sim".

Depois eles percorreram a lista de perguntas — idade, alergias, doenças — e, por fim, ele perguntou se ela fumava. Para sua surpresa, Bella explodiu em lágrimas.

Quando Declan passou instintivamente um braço ao redor dela e perguntou se estava bem, a represa estourou — a culpa por ter dito a Don que tinha sido um acidente, a imensa preocupação de que ela teria um aborto espontâneo atrás do outro como a mãe, não querer contar sobre a gravidez para a mãe porque isso a chatearia. Todos os medos que Bella não tinha sequer admitido para si mesma estavam sendo despejados nos ouvidos de um completo estranho.

— Você tem mesmo fingido que não está grávida? — Declan perguntou com a mesma voz gentil que a fez desabar no começo.

— Sim, acho que sim. — Ela estava enxugando os olhos freneticamente, tentando interromper as lágrimas.

— Fumando demais porque está muito estressada com a gravidez? — ele perguntou.

Ela fez que sim com a cabeça e começou a chorar novamente.

— Bebendo demais? Ela escondeu o rosto com as mãos.

— Escute, está tudo bem. — Ele deu uma palmadinha nas costas dela. — Você chegou a completar 16 semanas, o que é um excelente sinal, não adianta se preocupar com o que fez. Mas, agora, é hora de cuidar um pouco melhor de você. Se não consegue parar, diminua, e tente não se preocupar tanto sobre isso.

Quando ela se acalmou, conversaram sobre hospitais, diagnósticos e testes, e ele enrolou a manga dela para tirar sangue.....

Quando Bella chegou em casa naquela noite, estava determinada a não ceder ao desejo de

beber e fumar dez cigarros. Na cozinha, pôs um dedo de vinho branco em uma taça alta. Rodou o vinho no copo para cobrir todos os lados e depois jogou-o na pia. Encheu o copo com gelo e água com gás e deu um golinho. Aargh, era o fantasma de um spritzer de vinho branco, era como se o drinque tivesse morrido e ela estivesse presente ao seu funeral, tentando lembrar dos bons tempos.

Mas não havia como enrolar. Ela iria fumar menos e beber menos ainda, mesmo se morresse por causa disso.

Vários dias depois, estava enfiada em sua salinha na Merris, perdida em pensamentos, olhando os vários gráficos no seu monitor, quando o celular tocou, Ficou irritada com a interrupção e xingou a si própria por não ter ligado o serviço de voz.

— Alô.

— Alô, Bella Browning? — Ela mesma.

— Oi, é Declan. Sua mente ficou vazia. Declan? — O parteiro.

— Ah, sim. Olá, desculpe pela cena do outro dia. Estou mesmo bem, não sei o que... — Ela sentiu-se envergonhada, — Bella, relaxe, sim? Precisamos conversar. Podemos fazer isto agora ou quer que eu ligue mais tarde? — Agora está bom. O que foi? — Recebemos os resultados de seu exame de sangue e quero que você venha conversar comigo sobre eles.

Ela sentiu os pêlos da nuca arrepiarem-se.

— Jesus Cristo — ela sussurrou. — Sou HIV positivo.

— Hum, não, acho que não. — Ela podia ouvi-lo virando folhas. — Não na verdade não é.

— Oh, graças a Deus. — Ela voltou a encostar-se à cadeira, aliviada.

— E a triagem pré-natal. Escute, você precisa mesmo vir aqui conversar comigo — ele disse.

— Por favor, Declan, me diga agora.

Bom, o resultado indica uma grande possibilidade... — a voz falhou e ele acrescentou: — Eu prefiro mesmo conversar pessoalmente.

— Grande possibilidade de? — ela perguntou imediatamente.

— Uma probabilidade de um em 50 de síndrome de Down.

— Dois por cento? Isto é muito pouco, estatisticamente insignificante, na verdade — ela respondeu, tentando convencer a si mesma.

— Bom, nós achamos que é uma porcentagem maior do que deveria ser na sua idade. Há algumas medidas a serem tomadas para verificar isto.

— Você pode fazer uma amniocentese ou um TAC, Seria melhor se você viesse aqui e discutisse o assunto comigo.

— Não posso, Declan, vamos ter que tratar disto ao telefone. — Ele estava tão sério que ela começou a ficar assustada.

— Bom, OK, vou lhe dar o número do meu celular. Estou mesmo trabalhando esta noite; portanto, quando você chegar em casa, coloque os pés para cima relaxe um pouco. Me ligue e conversaremos sobre isto.

— Obrigada.

— Ok, tenho que desligar agora — ele disse. — Falo com você mais tarde. — Tchau. — Bella desligou o telefone e olhou novamente para o monitor.

Os números estavam desfocados e por um momento ela não entendeu o porque. Estava



quase chorando. Virou rapidamente a cabeça para trás, de modo que as lágrimas não fizessem o rímel borrar seu rosto. Uma probabilidade de 2% de síndrome de Down. O que isso significava? Deram uma batidinha na porta e ela apertou os dedos sobre os olhos para enxugar as lágrimas.

— Entre — ela disse, esperando parecer normal.

— Oi — Era Mitch. Ela indicou a poltrona vazia. Ele sentou-se e, depois de olhar bem para ela, disse: — Você está bem? — Sim, estou bem. Meus olhos estão cansados de tanto olhar para o monitor, — Não surpreende. Você sabia que pode sair da sala, almoçar, fumar no pátio onde irá encontrar outros seres vivos? — Eu sei, Mas tenho um trabalho imenso pela frente. Começo a entrar em pânico com a idéia de que não terminarei no prazo. Não quero prorrogar o contrato — As coisas aqui estão piores do que você imaginava? — Não sei se seria profissional da minha parte comentar a respeito — ela disse.

— Posso ser sincero com você? — ele perguntou. — Minha esposa vai dar à luz nosso terceiro filho no segundo trimestre do ano e não sou britânico. Se vou precisar de um novo emprego, gostaria de saber agora, para poder começar a procurar.

Por que ele estava perguntando isto? Não era justo. Passou pela cabeça dela que ele estava fingindo e a testando em nome dos chefes.

— Realmente não vou conhecer a situação completa antes de ter feito uma total avaliação, e quando isto acontecer, irei fazer um relatório detalhado para a diretoria.

— Puxa vida, você fala como um robô corporativo. Estou pedindo a sua opinião. — Ele parecia cansado e estressado. Era um rapaz gentil, não o tipo que se envolvia em espionagem industrial. Deus, ela estava ficando paranóica.

— Bom... — ela fez uma pausa. — Vamos dizer que se o Grupo Merris fosse um cavalo de corrida eu não o estaria levando até o estábulo para levar um tiro na cabeça. E é só isso o que eu vou dizer.

Mitch explodiu em uma gargalhada de alívio. Um pouco aliviado demais, ela pensou. Se o Grupo Merris fosse um cavalo de corrida, ela não estaria apostando nele e ligaria para o veterinário para saber se havia esperanças de recuperação da saúde dele. Mas ela era o veterinário. Ela seria a responsável pela recomendação de um tratamento muito caro ou a bala fatal. A responsabilidade de trabalho pesava nos seus ombros.

Quando Mitch saiu da sala, o celular tocou novamente. Era Don.

— Olá — ela disse. — Hoje não consigo fazer nada que preste.

— Quer que eu vá aí? — Não, não, quero falar com você. É o bebê, recebi os resultados dos exames e há uma chance de que ele tenha síndrome de Down. — As palavras despencaram dos lábios.

— O quê? Que exame? — Um maldito exame que fazem. Há uma probabilidade de 2% de síndrome de Down. Eles recomendam que façamos mais exames.

— OK... — ele respondeu devagar. — Tudo bem. Tenho certeza que vai estar tudo OK... Precisamos de mais informações sobre isto, não? — Vou conversar com o parceiro hoje à noite. — Ela percebeu que seu coração batia disparado e que estava mesmo em pânico. — Você pode tentar chegar mais cedo em casa esta noite? Vou sair daqui logo. — Sim, tudo bem. Chego em casa logo depois das sete, a menos que surja algum problema de última hora. Quer que eu leve comida? — Sim, por favor. — O que você quer? — Qualquer coisa,

Don.

— OK, vejo você mais tarde, querida. Não se preocupe, tudo vai ficar bem. Por que os homens sempre dizem isto? Ele não sabia se tudo ia ficar bem, não mais do que ela.

— Obrigada, Don — ela conseguiu responder. — Tchau. Ela lutou por mais uma hora tentando trabalhar, mas finalmente desligou o computador. Já tivera o suficiente por um dia, não conseguia concentrar-se, a mão apoiada na pequena barriga saliente. Sentia-se assustada, protetora e confusa.

No fim da noite, Don e ela tinham chegado a uma decisão. Ela não ia fazer a amntocentese. Declan disse que seria a única maneira de ter certeza que o bebê estava bem, mas ela argumentou que era loucura avaliar um risco de 2% com um procedimento que possuía 1 a 4% de riscos de aborto.

Eles iriam ao hospital no dia seguinte para fazer um ultra-som detalhado, com 80% de chances de um resultado preciso.

Na manhã seguinte, Bella entrou na limusine. disse bom dia a Geoff e depois afundou no assento, demasiado cansada e preocupada para se importar com o jornal. O horror da decisão que poderiam ter de enfrentar no fim do dia era demasiado terrível para se pensar, mas ela não conseguia evitar.

Sentia seu estômago revirar de uma maneira estranha... estava nervosa. Ele se mexeu novamente e ela percebeu que era o bebê se mexendo. Foi uma daquelas sensações mágicas, como o primeiro beijo, o primeiro vôo, o primeiro namorado.

Olhou través da janela do carro para ter certeza que Geoff não iria ver as lágrimas em seus olhos. Ela estava esperando um bebê. Um ser vivo, Foi como se descobrisse o fato pela primeira vez.

E se o bebê tivesse síndrome de Down? Seria tão ruim assim? Deveria interromper a gravidez? Ela sabia o que isso significava. Um parto induzido, para dar a luz um bebê minúsculo, natimorto, um horror inimaginável.

— O que você acha destas ações das empresas de tecnologia asiáticas? — Humm? — Geoff perguntou, olhando por sobre o jornal, assustando-a e tirando-a de seus pensamentos.

— Bom, se você tem algum dinheiro sobrando, invista nelas — ela respondeu. — Deixe lá e veja o que acontece. Seu dinheiro pode multiplicar-se como cogumelos ou desaparecer. Ainda é um investimento de alto risco.

Ele não disse mais nada. Simplesmente voltou a ler o caderno financeiro.

"Jesus", Bella pensou, "se ele se preocupasse e gastasse o mesmo tempo que dedica à sua conta bancária, às finanças da empresa, o Grupo Merris não estaria em um estado tão lastimável." E estava mesmo. A cada dia ela checava mais números no computador e descobria novas áreas de declínio. A empresa estava sendo administrada linda, suave e eficientemente, mas não estava indo para lugar algum.

Porque oferecia aposentadorias, seguro de vida, cobertura para doenças e muito mais. Os cofres estavam cheios de fundos gigantescos, mas não pareciam ter registrado o fato de que, nos últimos dois anos, o número de clientes novos caíra dramaticamente. Não havia planos para uma nova campanha no mercado, para recriar os produtos financeiros oferecidos pelo Grupo Merris, para atuar on-line, e o crescimento do fundo era minimamente aceitável. Com todo aquele dinheiro no banco, o Grupo Merris deveria estar

no topo.

Também preocupava muito a ação sendo movida por um grupo de pensionistas que levaria o Grupo Merris ao tribunal no ano que vem. Se eles ganhar sem a ação, a empresa estaria completamente fodida.

Este não era somente seu primeiro projeto solo, era a primeira vez que trabalhava com uma empresa em tão mau estado. Isto a estava deixando muito nervosa. A empresa inteira era administrada sob uma cultura que evitava mudanças; então, como é que poderia convencê-los do contrário? Olhou para uma unha quebrada que precisava de cuidados.

Iria encontrar-se com Don na entrada principal do hospital às duas da tarde. Quando saiu do táxi, faltavam dez para as duas, mas, graças a Deus, ele já estava lá. Tinha o casaco abotoado até o alto, com o colarinho levantado, para proteger-se do vento. Tentava ler uma folha de papel, mas o vento atrapalhava e ele lutava para dobrá-la. Ela o observou por um momento, enquanto ele a dobrou ao meio e continuou a leitura. Depois um olhar carrancudo e pegou o celular no bolso do casaco.

Naquele momento ela adorou aquele homem alto, independente e inteligente.

Ele a viu e correu em sua direção, com o celular grudado em sua cabeça. Passando um braço ao redor dela, ele disse ao telefone: — Sinto muito, isto é importante. Você vai ter que esperar algumas horas. Sim, volto lá pelas cinco e resolvemos tudo. OK, tchau. O celular voltou para o seu bolso e ele sorriu para ela.

— Olá, Bella — e a beijou na boca. — Não é nada, não se preocupe, é só alguém tendo um ataque de pânico na redação. Vamos nos concentrar neste problema aqui, certo? Ela estava tão feliz com a presença dele ali. Pensara em passar por isso sozinha, mas ele insistiu em acompanhá-la. Passando seu braço no dele, entraram e percorreram os feios corredores com lâmpadas fluorescentes até chegar à sala de ultra som.

Na grande sala de espera bege, cheia de gente, um velho estava deitado em uma maca todas as cadeiras estavam ocupadas por mulheres tanto em recente como em estágio avançado de gravidez. Em um canto, uma garota de uns 18 anos soluçava. Três mulheres com uniformes verdes e longos jalecos brancos andavam agitadas atrás do balcão da recepção.

"Bem vinda ao inferno na Terra, mais conhecido como serviço de saúde pública", Bella pensou, sombria.

Entregou a guia, que foi pega sem uma palavra e colocada em uma caixinha de entrada no alto de uma montanha de guias.

— Sente-se e beba muita água, por favor. A bexiga precisa estar cheia para o exame. — A mulher sequer a olhou, simplesmente continuou a escrever.

Bella sabia disso e já tinha bebido uma garrafa de água mineral a caminho do hospital. Sua bexiga estava cheia. Olhou para a sala de espera repleta de mulheres, e percebeu que tinha cometido um erro. Deveria ir fazer xixi e começar a beber água novamente? Ou esperar sentada, com as pernas cruzadas, e torcer para que não demorasse muito? Sentou-se com Don. Não havia nada que pudessem dizer sem que não fossem ser escutados atentamente por todas as outras pessoas, sentadas silenciosamente na sala.

— Estou com todos os jornais na minha pasta. Quer um? — Ele segurou sua mão e deu uma palmadinha de leve. — Vai dar tudo certo — ele sussurrou.

Ela inclinou-se e pegou o Daily Mail. Estava lendo com pouca atenção metade da matéria "Os motivos que me levaram a abandonar a vida em um palácio por amar um encanador" quando chamaram seu nome.

Seu coração disparou e ela sentiu suores frios. Estava acontecendo, iriam saber em alguns minutos. Levantou-se com Don e agarrou a mão dele.

Sua mente disparou. Don e ela estavam em um hospital — pela primeira vez —, prestes a ver seu bebê em um monitor e, provavelmente, ouvir que ele é deficiente mental, ou que precisa de cuidados especiais, ou qualquer outro termo que se use hoje em dia, antes mesmo dele ter nascido.

Parecia irreal. Ela caminhou pelo corredor apertando a mão de Don e com o coração disparado no alto da garganta seca.

Entrou em um cubículo cortinado e com uma pequena maca. Uma enfermeira filipina baixinha disse olá e apontou para a cama. Bella deitou e desabotoou a blusa e a saia.

Don parecia preencher desajeitadamente todo o espaço restante. A cortina estava abaixo do seu ombro e ele batia no trilho sempre que se mexia.

Bella abaixou a saia e ficou preocupada com a possibilidade de Don virar de repente e derrubar toda a delicada estrutura.

— OK, vamos passar um pouco de gel. — A enfermeira sorriu e espirrou uma enorme quantidade de meleca azul gelada na barriga de Bella.

— Agora vamos dar uma olhada no bebê, — Ela posicionou o transdutor cinza e começou a deslizá-lo sobre o umbigo lubrificado de Bella, olhando fixamente para o monitor ao lado da cama.

Bella mal conseguia respirar. Don tinha os olhos fixos na tela, que estava fora do ângulo de visão de Bella. Por vários e longos minutos a enfermeira olhava o monitor, deslizando o transdutor, sem dizer uma palavra. Apertou um botão e o monitor fez barulho.

— Estou fazendo uma visualização por área para ver melhor. — A informação não a acalmou.

Outros insuportavelmente longos minutos seguiram-se. Bella grudou os olhos no rosto de Don, que desviou o olhar do monitor e lhe deu um sorriso fraco. Finalmente, a enfermeira olhou para ela.

— Sinto muito. — A frase ficou parada no ar e tudo pareceu estar em câmera lenta. Bella observou os lábios dela formando as palavras seguintes: Desculpe ter demorado tanto. Queria ter certeza.

Bella podia sentir o sangue fugindo de seu cérebro e as gotas de suor frio formando-se nas axilas.

O bebê parece absolutamente normal — a enfermeira disse. — Não posso garantir só com o ultra-som, mas não vejo motivos para preocupação.

Deixe-me mostrar para você.

Girou o monitor para Bella e Don foi para o seu lado. Ela procurou pela mão dele e a apertou. Ele apertou de volta, Ainda sentia um pouco de pânico, apesar de começar a sentir-se aliviada, repassando as palavras "absolutamente normal" em sua mente.

A enfermeira deslizou o transdutor mais uma vez sobre sua barriga e uma imagem cinzenta granulada apareceu na tela. Parecia a superfície lunar e Bella podia ver um pequeno astronauta flutuando.

Este é o bebê, pulando para cima e para baixo. Aqui estão as pernas e os braços. — Ela apertou um botão. — Este é um ângulo para ver o coração. As quatro câmaras estão todas normais.

"Surpreendentemente, na tela estava um minúsculo coração pulsante, contraindo e se abrindo ritmadamente. — Este é um ângulo do cérebro, também normal. Uma área cinza preencheu a tela, Bella estava olhando dentro da cabeça de seu bebê antes dele nascer. Estava maravilhada.

A enfermeira clicou novamente e voltou à superfície lunar. O pequeno astronauta estava girando, livre e feliz.

— OK, é isso. — Ela desligou o monitor e deu um punhado de lenços de papel para Bella limpar a barriga.

— Vou inserir o relatório em sua caderneta de gestante. Leve-o para a parteira, que vai examinar tudo novamente com você, mas não existem motivos visíveis para preocupação. O banheiro feminino é a segunda porta à esquerda — ela acrescentou.

Como Bella poderia ter esquecido? A dor no baixo ventre era um sinal de que sua bexiga estava estourando.

Quando saiu do banheiro, depois de um xixi gigantesco, ela e Don abraçaram-se forte.

Depois, ele pegou no braço dela e a acompanhou pelo corredor.

— Foi uma das coisas mais maravilhosas que eu já vivi — ele disse.

— Eu sei — Bella respondeu. — Graças a Deus, tudo está bem..

— O que você teria feito se não estivesse? — Don perguntou, vendo como ainda estava pálida e abalada.

— Não sei. Gostaria de pensar que teríamos sido fortes o suficiente para dizer "era assim que estava definido, vamos ter o bebê", mas não sei.

— Está tudo bem — ele disse, apertando o ombro dela. — Eu também não sei. Acho que devemos ir tomar um drinque.

— Preciso voltar ao trabalho. — Bella parecia triste.

— Eu também, mas acho que precisamos de um.

— OK.

Na rua do hospital, viram a placa de um pub alguns metros à frente.

— Vamos ali mesmo. — Don a encaminhou apressadamente para lá, abriu do a porta de um pub aconchegante, tranquilo depois da invasão dos clientes. na hora do almoço e antes da multidão do fim do dia.

Don foi até o balcão enquanto Bella sentou-se no sofá. Revirou a bolsa em busca do maço de cigarros, mas só ficou segurando-o entre as mãos por sentir-se culpada.

Don voltou com um copo de vinho branco e o que parecia ser um uísque duplo com gelo.

— Lá vamos nós. — Ele sentou-se perto dela e ela pôde sentir no seu hálito que ele já tinha emborcado uma dose no balcão.

— Você pode fumar? — ele perguntou.

— Não estou fumando. Você deveria tomar duas doses duplas de uísque? — Ahá, apanhado

novamente. Droga. — Ele deu um golinho no copo. Estava muito preocupado, sabe, Até hoje tudo era muito abstrato.

Você nem tem barriga.

Depois de uma pausa,, ele acrescentou: — Caramba, não consigo nos ver com um bebê, Bella. — E deu um longo suspiro.

Ela não disse nada, de modo que ele tomou outro gole do uísque e continuou: — Não estou nada preparado para isto. Acho que nunca empurrei um carrinho, troquei uma fralda, dei uma mamadeira ou mesmo segurei um bebê. De repente temos toda esta preocupação em saber se ele será saudável.

— Não perguntamos — disse Bella de repente, — Não sabemos se é menino ou menina.

Não. Bom, tanto faz. Toda esta tensão e descobri que estou preocupado. Tenho medo por um bebê que nem nasceu ainda, mas que existe. Ela colocou o maço de cigarros na bolsa.

— Também me sinto assim — ela disse. — Mas não vamos entrar em pânico. O bebê está bem. Nós também ficaremos bem.

Ela pegou a taça de vinho e permitiu-se um grande gole. Bateu direto no estômago a relaxou. Ela fechou os olhos, bebeu mais um gole e viu, horrorizada que a taça estava vazia.

— Melhor beber outra — Don disse. — Não. Soda-limonada, querido, eu não posso mesmo. Ele voltou com uma bandeja com outro uísque duplo, o refrigerante e uma outra taça de vinho, só para garantir.

— Não podemos ficar sentados aqui e encher a cara — Bella disse.

— Isso já resolveu vários problemas meus no passado. — Don estava agora sorridente e relaxado, encostado no sofá na frente dela. Desabotoou o casaco, passou os dedos pelo cabelo e olhou para ela com uma sobranalha erguida.

— Ah, não me olhe deste jeito — ela disse. — Que jeito? — ele perguntou com a sobranalha ainda erguida. — Este olhar "eu sou muuuito mau e você sabe que quer ser uma menina levada". Eu disse que voltaria ao escritório.

— OK, vá até lá fora, ligue para eles, diga que está presa no trânsito e que vai chegar bem cedo amanhã.

— Não. Não. Não. Não. — Agora estava sorrindo para ele.

— OK. já sei, vamos passar uma hora agradável e tranqüila aqui, depois entrar nos nossos táxis, voltar para a porcaria dos escritórios e dizer que fomos raptados por alienígenas que nos obrigaram a beber em uma réplica fiel de um pub no espaço.

— Chame um táxi para mim agora — ela disse com firmeza, mas não estava brava com ele.

— Você não é nada divertida, Bella. Mas é por isso que eu me casei com você, para que impedisse que eu me transformasse em um vagabundo bêbado.

— Eu sou divertida, Mas somente na hora certa e no lugar certo.

— Viu? — ele disse. Ela foi ao balcão e ela o ouviu dizendo: — Pode chamar dois táxis para daqui a 20 minutos, por favor? Um vai para a Zona Leste e o outro para Hammersmith. Saúde, cara! — Vinte minutos?! — ela disse quando ele voltou.

— É uma vergonha desperdiçar esta bebida. Saúde. — Ele secou o copo enquanto ela bebia o refrigerante.

— Vamos lutar para ver quem bebe esta? — Ele apontou para a taça de vinho.

— Sua esponja. — Ela riu. Droga! Como é que eles puderam esquecer de pedir uma cópia do ultra-som? — Já é hora de contarmos aos nossos pais sobre o bebê — ele disse quando estava na metade da taça de vinho.

— Sim, eu sei — ela respondeu.



## Capítulo Dez

Alô? — Tania, sou eu. — Bella! Como vai você? — Ótima. E você, querida? — Oh, sobrevivendo. Vamos nos encontrar este fim de semana? Por favor, diga sim.

— Sim, é por isso que estou telefonando — Bella disse, — Posso ir até aí? Tenho uma situação de emergência no guarda-roupa. — Jura? Tenho duas festas de Natal para ir nesta semana e não posso usar nada do que tenho sem mostrar uma barriga suspeita. — Não me diga que ninguém sabe ainda! — Bom, só estou com quatro meses e pouco.

— Você é uma covarde. Então está fingindo ser boazinha, mas na verdade quer pegar emprestado algo no guarda-roupa da amiga gorda.

— Não diga isso. Você não é gorda, você tem roupas melhores que as minhas.

— Sim, e em um tamanho maior. Bella, isto quer dizer que você ainda não contou aos seus pais sobre o bebê? — Não, eu contei. Correu tudo bem, surpreendentemente bem. — Eu disse — Tania não pôde evitar.

Os telefonemas aos pais foram feitos algumas noites atrás. Maddie, a mãe de Don, ficou como se esperava, animadíssima, e falou horas com Bella sobre enjôos matinais, dores nas costas e a avisou para pegar leve. Ficou tremendamente animada e mal podia esperar para ver os dois no Natal.

Depois Bella desligou e ficou enrolando a discagem para o telefone de seus pais por tanto tempo que Don finalmente pegou o fone e discou ele mesmo.

— Passo a maior parte do meu dia fazendo telefonemas incômodos e tentando convencer as pessoas a conversar comigo — ele disse enquanto o som de chamada internacional soava em seu ouvido.

Ela fugira para o outro lado da sala e ouviu a conversa de Don, entre horrorizada e aliviada.

— Alô, professor Browning — ele começou —, quem fala é Don McCartney, o marido de Bella. Como vai? E continuou: — Não, não, ela está bem. Ela está realmente bem. Na verdade, está esperando um bebê e muito nervosa para contar a vocês! Neste momento, Bella enterrou o rosto nas mãos. Foi horrível.

— Bom, o senhor sabe. — Don deu uma risadinha. — Com a recusa de vocês, em me conhecer e todo o resto... eu acho que ela sente-se mal com tudo isto.

Houve uma longa pausa enquanto Don ouvia e Bella imaginava que cargas d'água seu pai estaria dizendo. Depois Don disse:

— Espero que sim... acho que seria bom nos encontrarmos. Quando pretendem vir para cá? Bella ergueu os olhos, viu Don fazendo sinal de positivo e ouviu: — Ótimo, OK, combinado, vou passar o telefone para Bella — antes de jogar o telefone em cima dela.

— Papai, oi — ela conseguiu dizer.

— Olá, querida, parabéns — disse seu pai, parecendo verdadeiramente contente, — Está correndo tudo bem? — ele perguntou.

— Em que estágio da gravidez você está? — Quatro meses e meio.

— Parabéns, Bella — ele disse. Houve uma pequena pausa e ela ficou feliz por ele não ter perguntado por que não tinha contado antes.

— Sua mãe vai ficar entusiasmadíssima — ele disse.

— Você tem certeza? — Sim, querida... ela liga para você assim que voltar para casa. E depois de uma pequena pausa, acrescentou: — Sabe, talvez tenhamos julgado errado... o seu marido. Don.

— Isso... ele parece ser um bom rapaz.

— Ele é, papai — ela disse e, por um momento, imaginou seu pai, sua mãe e Don juntos, sentados à mesa, conversando, comendo, passando tempo juntos, como em uma família normal. Talvez isso fosse acontecer.

Mas o telefonema da mãe, mais tarde, acabou com as expectativas.

Célia, claro, disse que estava feliz, mas imediatamente depois disse todos os motivos pelos quais não poderiam ir vê-la antes do bebê nascer: muito ocupados, uma série de palestras, obras na casa, tomar conta da casa do vizinho enquanto ele estava de férias etc.

— Você e Don não poderiam vir nos visitar? — ela perguntou de modo suspeito, depois do pai de Bella falar algo ao fundo. — Que tal no Natal? — ela perguntou.

**A** mãe de Don está vindo para cá. — Bella estava contente por ter esta desculpa — Vamos ver mamãe. Não temos muito tempo livre antes do bebê nascer — Mas vocês vão vir depois dele nascer, não vão? — ela perguntou, imaginando como a visita seria.

— Claro — sua mãe respondeu depressa. — Um neto, que excitante! Mas para Bella até esta frase soou um pouco falsa.

No dia da festa de Natal da Merris, o expediente encerrou às 16 horas, a fim de que todos pudessem ir para casa se arrumar. A festa anual sempre foi um baile no hotel Dorchester para funcionários, clientes e convidados. Bella ficou um pouco abalada ao saber que pretendiam fazer a festa este ano, mas imaginou que a diretoria estava fazendo o que podia para abafar os rumores de que o grupo atravessava "dificuldades".

Pouco antes de sair do escritório, telefonou para Don, que garantiu que iria sair da redação na hora. Ainda estava na banheira quando ele chegou em casa, entrou no banheiro e sentou-se no vaso sanitário.

— Oi, querida. — Ele tirou os óculos por causa do vapor e ela viu as olheiras dele. Mas ainda era lindo e sorriu para ele. — Você é linda — ele disse. Seu cabelo estava no alto da cabeça, os ombros aparecendo por cima da espuma e ela colocou o dedão para fora, com a unha perfeitamente pintada de rosa, na direção dele. Ele pegou o pé dela e começou a massageá-lo.

Bella afundou na água e fechou os olhos. Don massageou o pé, depois se inclinou para pegar a perna. Ele ajoelhou-se ao lado da banheira e deixou sua mão subir suavemente pela coxa dela, debaixo da água.

— Don. — Ela abriu os olhos, as pernas fechadas. — Não temos tempo para isso.

— Sempre temos tempo para nos divertir. — Ele sorriu.

— Bom, não estou com vontade. — Ela levantou-se e pegou a toalha.

— Não, não está mesmo. Não fazemos sexo há séculos — ele resmungou.

— Sim, fazemos. Fizemos sexo no último fim de semana — ela respondeu, enrolando-se na toalha e saindo da banheira.

— Não, não fizemos.

— OK, então foi no fim de semana anterior. — Ela também estava um pouco surpresa.

— Ah, claro, então está tudo bem — ele respondeu irritado.

— Sinto muito, ando muito cansada, muito trabalho, estou grávida, o susto com o bebê. Imediatamente ele se arrependeu.

— Sinto muito, querida, venha cá. — Ele esticou os braços e ela se aninhou neles.

— Tudo bem. — Ela lhe deu um beijinho nos lábios. — Vamos, vamos nos arrumar para a festa.

— Vou tomar uma ducha.

— OK. Tania lhe emprestara um vestido longo dourado, que grudava em todas suas curvas e saliências, mas que vinha acompanhado por um casaco de tafetá igualmente longo e dourado, que escondia tudo e que ela não pretendia tirar.

Colocou um sutiã meia-taça cor-de-rosa, calcinhas minúsculas e meias pretas, prendeu o cabelo no alto e aplicou uma maquiagem glamourosa.

Quando Don saiu do banheiro, ela já estava vestida com o casaco e colocando os sapatos.

— Uau! — Ele chegou mais perto.

— Não toque, não beije e não amasse. — Ela o empurrou, brincando.

O táxi chega em 15 minutos, você vai estar pronto?

— Sim, madame.

Ela deu uma olhada nele assim que chegaram ao elevador. O smoking era de segunda mão e um pouco gasto, sua camisa não estava imaculadamente passada e o laço da gravata estava longe de ser perfeito.

Mas era por causa disso que ele parecia extremamente sexy, com aquele ar que ela nunca vira em outro homem, de quem acabara de sair da cama, doido para seduzir você novamente.

— Eu amo você completamente, Don — ela disse.

— Eu também amo você completamente — foi a resposta. — Você está fantástica — nem um pouco grávida.

O elevador abriu e ela caminhou até o táxi, totalmente obcecada em descobrir se a frase significava que ele não iria achá-la fantástica quando parecesse estar grávida.

Chegaram ao Dorchester pouco depois das 21 horas e encontraram uma festa elegante em andamento. Taças de champanhe foram colocadas em suas mãos e um dos principais executivos veio recepcioná-los.

Depois dos "Olá, como vão? Que bom que vieram", ficaram novamente sozinhos.

— Acho que vou sentar no bar, que é onde os meus companheiros ficam Don disse.

— Os alcoólatras velhos e tristes — ela provocou.

— Rá-rá. Agora vá trabalhar, fazer seus contatos como uma boa menina. Acho que aquele grupo de velhotes chatos ali no canto está rezando para que você vá até lá e descreva fatos e números picantes para eles. — Bella. — Um dos homens no grupo mencionado por Don levantou-se e acenou para ela. Era o próprio sr. Merris.

— Vejo você mais tarde, querida — Don disse quando se separaram.

— Bella, quero apresentar você a alguns de meus velhos companheiros — disse Merris. Ele apresentou Bella ao grupo enquanto ela apertava a mão de todos.

— Esta é Bella Browning, nossa caçadora de problemas. Ela não é só simplesmente linda, mas também incredivelmente inteligente, e isto é um elogio, pois vem de um homem

que nunca colocou uma mulher em um cargo elevado antes.

O grupo gargalhou alto. "Ó merda". Bella pensou, "bem-vinda ao parque dos dinossauros."

— Bom, somos todos iguais, Tony. — Ela deu um sorriso cintilante e usou o primeiro nome de Merris propositalmente — algo que nunca ouviu alguém fazer antes, na verdade o nome dele era Anthony, talvez ninguém jamais o tivesse chamado pelo diminutivo, Tony. Isto iria calar a boca de todos.

— Sim, sim, é claro. — Ele estava ainda mais impressionado com ela agora: que tremenda cara-de-pau!

— Então você é uma daquelas pessoas que entram em uma empresa, despede todos os que têm mais de 40 anos e chama isso de impulsionar a empresa em termos de custo-benefício? — perguntou um dos dinossauros.

OK, estava na cara que não iriam ficar contentes com uma conversinha amigável sobre investimentos seguros ou o preço de imóveis.

— Algo parecido, mas, na verdade, preferimos despedir todo mundo com mais de 20 anos porque adolescentes custam menos nos dias de hoje, são excelentes com computadores e podem fazer tudo o que você precisa.

Houve um silêncio espantado e depois, finalmente, gargalhadas. Ufa.

Agora ela podia promover seu trabalho, entregou alguns cartões de visita das dando um tapinha suave no braço de Merris, puxou-o discretamente para um canto.

— Eu gostaria muito de ter uma chance de conversar com você antes das férias de Natal. É muito importante — ela disse.

— Sem problemas. Agora vá se divertir.

E foi o que ela fez. Circulou pela sala, conversando com pessoas que conheceu na empresa e com seus acompanhantes. Olhou para o bar, de onde saía um estrondosa gargalhada do grupinho ao redor de Don, e estava prestes a juntar-se a ele quando Mitch apareceu e apresentando sua esposa em avançado estágio de gravidez. Os seios enormes estavam batendo quase no queixo e a grande barriga redonda, empinada por baixo do vestido de festa, fazia com que ela parecesse um grande ovo de Páscoa de veludo verde.

— Para quando é o bebê? — Bella perguntou.

— Fevereiro — disse a sra. Mitch.

— Nossa. — Bella pensou, aterrorizada, que estaria assim, enorme, em três meses.

— É o bebê número três, e eu pareço ficar maior a cada gravidez.

Estou com os músculos abdominais esticados até o limite, a pélvis toda despencada.

Epa, isto já era informação demais.

Quando saiu em busca de um banheiro, Bella seguiu por um corredor amarelo brilhante com pequenas vitrines de vidro com bibelôs caros penduradas nas paredes. Os saltos faziam barulho no piso de mármore. Era um hotel elegante demais.

Ela virou o corredor e encontrou Don. — Olá — disseram ao mesmo tempo.

— Como vai o meu dínamo empresarial? — Ele parecia estar encantadoramente bêbado.

— Acho que consegui mais dois trabalhos. — Ela parecia corada com o seu próprio sucesso.

— Que sexy. Bom, eu tenho cerca de dez matérias. Cinco usáveis, duas difamatórias e três completamente impublicáveis.

— Você andou dizendo obscenidades para as senhoras novamente?

— Ela se inclinou para beijá-lo.

— Não, mas posso, se você quiser. Ele se inclinou e colocou seus lábios sobre os dela. Depois de um beijo longo e exploratório, murmurou no ouvido dela: — Não há serventes lá dentro, sabia? — Você está falando sério? — Ah, sim. — Ele beijou-a de novo, apertando-a contra o seu corpo.

Ela sentia o gosto de champanhe na boca quente e familiar e, não podia negar, estava excitada. Mas talvez ainda mais importante, queria compensá-lo pela reclamação, antes de saírem de casa, de não fazerem sexo.

— Não no banheiro masculino, há muita gente que eu conheço que pode está lá — ela sussurrou.

— Vá ver se o banheiro feminino está ocupado — disse ele com urgência na voz. Ela abriu a porta de madeira clara e entrou em um mundo brilhante em tom creme. Estava vazio. Chamou-o e eles entraram correndo em um dos cubículos, batendo a porta de frente um para o outro e explodiram em uma gargalhada.

— Vou me vingar do que você fez comigo na loja de lingerie — ele disse, ajoelhando-se na frente dela..

— Socorro — ela respondeu.

Ele abriu o casaco, ergueu o fino vestido dourado e enfiou-se por baixo dele. Bella fechou os olhos e encostou-se contra a parede ao senti-lo colocar a calcinha de lado e pôr a boca no seu púbis.

Ela deu uma risadinha e ele começou a passar a língua.

— Quero você dentro de mim — ela disse depois de um tempo, em parte porque queria, e também porque não queria ficar muito tempo naquela cubículo.

Ele levantou-se e limpou a boca com as costas da mão antes de a beijar. Bella pôs um pé na borda do vaso sanitário para que ele pudesse entrar facilmente.

Foi muito gostoso. "Eu até poderia gozar", ela pensou.

— Champanhe demais — foi a explicação de Don para a esposa de um executivo, assustada e muito séria, com quem deu de cara quando saía do banheiro feminino. Deu seu charmoso sorriso extracintilante e ela sorriu de volta.

Na noite de sexta-feira, Bella estava se arrumando novamente. E não sabia por que estava tão ansiosa. Era a festa de Natal do escritório, com Susan, Kitty, Chris e Hector. Um jantar, champanhe, tudo como manda o figurino e todos iriam comportar, principalmente ela.

Estava usando novamente o casaco de tafetá dourado, mas desta vez com calças pretas e botas. O visual era surpreendentemente glamouroso e disfarçava muito bem a barriga. Don não estava lá para dar sua opinião, fora para a academia depois do trabalho.

De manhã, tinha se encontrado com Tony Merris para uma conversa particular e não sabia dizer como ele recebera as notícias. Apresentara uma lista com todas as suas preocupações, mas tinha sido difícil avaliar as reações dele. Ele a ouviu cuidadosamente, chegou a fazer algumas anotações, mas ela não podia dizer com honestidade se ele estava surpreso ou não com o que soube.

Quando ela sugeriu que os pensionistas poderiam ganhar a apelacão e por a empresa de

joelhos, ele lhe disse que "amigos nos locais certos" tinham garantido que isso não iria acontecer. Foi somente quando ela disse que iria recomendar a implementação de um plano de ação emergencial bem antes da entrega do relatório completo que ele demonstrou leves, sinais de preocupação — O que você esperava conseguir trazendo-me para cá? — ela perguntou. — Bem, estou muito feliz com a maneira como a empresa está sendo dirigida, mas estou consciente de que não há crescimento.

— Então você ficaria surpreso se eu disser que ela está na verdade em declínio, e em declínio rápido? — Hum. — Ele ergueu as sobrancelhas. — Preciso ver os números.

— Sem problemas. — Ela pegou seus arquivos e jogou uma pasta na mesa dele.

Ele não a pegou. Ela olhou ao redor da sala e notou os grandes retratos a óleo nas paredes.

— Seu pai? — perguntou, apontando para o quadro atrás dele. — Sim, e ao lado está o pai dele. Sou a terceira geração no comando aqui ele disse com gravidade.

— Eles parecem muito ferozes — ela respondeu. Para seu alívio, ele sorriu e disse: — Sim, eram mesmo. Ambos homens da marinha, gostavam de estar no comando de um navio bem azeitado.

— Você tem um navio muito bem azeitado aqui. Muito preso, muito formal, muito antiquado.

— Isso é um problema? — Ele ergueu suas assustadoras e espessas sobrancelhas grisalhas.

— Pode ser difícil mudar as coisas. — Hummm — foi a resposta dele.

— Posso perguntar quando você pretende se aposentar? — Ela prendeu a respiração e quase cruzou os dedos enquanto esperava a reação dele. — Bom, minha jovem, isto já é um pouco pretensioso de sua parte. — Você não pensou nisso nunca? — Pensei, mas não me decidi. — É que...

por favor, me interrompa se eu estiver ultrapassando os limites, mas são necessárias mudanças reais na organização e pensei se você vai estar aqui...

quer dizer, se você vai ser... — Bom Deus, será que ela deveria dizer ao Diretor presidente, ao neto do fundador, que ele deveria considerar abandonar seu cargo? — Se sou o homem certo para o cargo? É isto que você está me perguntando? — deu uma risadinha

— Bom você realmente não perde tempo com diplomacia, não é, srta Browning? Ela deu um sorrisinho e sentiu que tinha dito o suficiente. Não precisava arriscar o pescoço dizendo com todas as letras a Anthony Merris que já em hora de indicar um novo diretor-presidente e se acomodar em um cargo do conselho.

— Eu sei aonde você quer chegar — ele finalmente disse. — Vou pensar cuidadosamente a respeito.

Ele encerrou a reunião sugerindo que ela redigisse um memorando confidencial sobre todos os assuntos discutidos, para que ele analisasse durante as férias de fim de ano. Ela passou o resto do dia redigindo o memorando e descrevendo a situação do modo mais sombrio possível, para fazer com que ele tomasse uma atitude.

Olhando para o relógio de pulso, viu que ainda tinha algum tempo livre e, alisando o casaco de tafetá, acendeu um cigarro, cheia de culpa, e sentou-se no sofá.

Semanas se passaram sem ver alguém do escritório e ela estava animada com a festa, mas a gravidez secreta era uma carga que ainda não estava pronta a compartilhar.

Ela viu o táxi chegar, jogou o maço de cigarros na bolsa e saiu.

Todos iriam se reunir para jantar em um grande e elegante restaurante no West End. Ela foi a última a chegar e foi saudada por um coro de alô dos quatro já sentados à mesa.

Todos estavam arrumados: até mesmo Hector usava um terno preto surpreendentemente impecável. Ela sentou-se, sentindo-se imediatamente relaxada e percebendo o quão maravilhoso era ver todos novamente, a sua pequena família postiça.

— Bella! Linda como sempre — disse Chris.

Ia ser divertido flertar novamente, mas só isso, nada além disso, ela prometeu a si mesma.

Susan estava à sua direita, Hector e Kitty à esquerda e Chris à sua frente. Era uma mesa redonda, um pouco grande demais para uma conversa em grupo, mas isto era bom. Hector e Kitty conversavam — Kitty tentava não babar mil cima dele —, e ela, Chris e Susan iriam, sem dúvida, falar de negócios por um tempo.

Susan queria saber como andavam as coisas na Merris e Bella fez um resumo do pior.

Não podemos dizer simplesmente que estão em declínio — Susan disse.

— Você vai ter que pensar em uma maneira de tornar as coisas mais positivas.

Um recomeço, toda uma nova direção para a empresa, começando em pequena escala, talvez até uma aquisição ou fusão. Se você disser que eles estão em um navio afundando, na frase seguinte terá que lhes dar um bote salva-vidas — ela acrescentou.

— Eu sei — disse Bella — e gostaria muito de sua ajuda nisto.

Pensei que poderíamos nos encontrar durante as férias de fim de ano para lhe contar tudo e eu ver quais são suas idéias.

— Sim, está bem — Susan respondeu. — Mas tem que ser amanhã, embarco em um cruzeiro de Natal depois de amanhã.

— Que legal — Bella disse, pensando: "Que horror, ela vai voltar marrom e com a pele parecendo couro." Por que não nos encontramos no escritório por volta das dez, analisamos tudo e almoçamos juntas? — Isso será ótimo — Bella respondeu.

— Talvez Hector deva participar. Ele pode aparecer com alguma idéia de gênio — Chris acrescentou. Bella e Susan não responderam. Chris acrescentou: — Ele é brilhante. Ainda um pouco desorganizado... — E não tem nenhum talento básico em matemática — Bella disse baixinho para que Hector não a ouvisse.

— Mas é brilhante — Chris retrucou. — Ele vai direto ao topo. Bella ficou um pouco irritada com isto. Ela deveria ser a estrela em ascensão do escritório, não o recém-formado, insuportável e pretensioso Hector. Não estamos sendo nem um pouco infantis, estamos? Ela se mancou e emborcou o resto da taça. Oh, não, agora o que iria beber? Água mineral levantaria suspeitas. Aceitou uma nova taça de vinho.

— Como vai você, querida? — Ela virou-se para Kitty. Kitty, espremida dentro de um minúsculo vestido de lantejoulas prateado, cabelo espetado cortado curtinho, parecia sexy, atrevida e nem um pouco esquisita. O ambiente estava suave. Pratos com uma comida maravilhosa chegaram enquanto Hector e Chris entretinham a todos, disputando para ver quem tinha a melhor piada sobre clientes. Até Susan parecia bastante relaxada. Havia uma vibração agradável, Bella pensou. Kitty ainda tinha tesão por Hector e Chris ainda estava interessado nela. Que bom. Já em sua terceira taça de vinho, ela começava a sentir-se um

pouco tonta.

Hector inclinou-se em sua direção e sussurrou em seu ouvido: — Trouxe um pouco de material comigo caso você queira uma dose.

Lembra-se de como foi divertido da última vez? Ela deu uma risadinha e virou-se para ele, inclinando-se na direção de sua orelha e pensando em como ele cheirava bem. Um pouco de fumaça Junto com o cheiro de uma cara loção de barbear e roupa limpa.

— Obrigada, mas não devo Já que estou grávida — ela sussurrou e os dois se entreolharam, surpresos: Hector com o que ela disse e Bella por ter dito.

— O quê?!! — Hector disse, e depois: — Vocês sabiam disto? — antes que ela pudesse impedi-lo.

Todos olharam para ela.

— Bella tem um bolo no forno — ele anunciou.

Será que três pessoas poderiam ter um ar mais chocado? Ela analisou a expressão de cada um deles: Kitty chocada e encantada, Chris chocado e aturdido e Susan chocada e completamente furiosa.

— Isto é fantástico! — Kitty foi a primeira a dizer algo.

— Há quanto tempo você sabe? — Chris perguntou. — Não surpreende.

— Quando nasce? — Susan perguntou.

— Humm, sinto muito mesmo. Não pretendia dizer nada antes do Natal, Escapou. — Ela estava seriamente zangada e fuzilou Hector com os olhos, mas ele nem percebeu.

— Estou a meio caminho. O bebê nasce no começo de junho...

hummmm — Estava completamente ansiosa, olhando para todos, que olhavam para ela de boca aberta. — Don está muito feliz — acrescentou, e depois disse: — E eu também. Fizemos um ultra-som na semana passada e tudo vai bem.

— Menino ou menina? — Kitty perguntou animada.

— Ainda não sei.

— Não consigo imaginar você com um bebê, Bella. É inacreditável — kitty falou novamente. Estava na cara que ninguém mais sabia o que dizer.

— Parabéns — finalmente Chris falou. Bom, como ela poderia ficar surpresa com o fato de ele estar chocado? Nesta altura ele já fizera as contas e descoberto que ela estava grávida quando estavam em Birmingham.

— Bom, teremos muito que conversar no almoço de amanhã — Susan disse e a frase soou ameaçadora.

De algum modo a refeição prosseguiu sem girar ao redor de Bella e da novidade. Ela deixou bem claro que não queria falar muito a respeito, ignorando delicadamente as desajeitadas perguntas de Kitty sobre licença- maternidade e os planos após o nascimento do bebê.

Por volta da meia-noite ela estava levemente bêbada, muito ansiosa e exausta. Agradecida por poder ir embora, entrou em um táxi e foi para casa, pensando em como iria lidar com Susan no dia seguinte.



## Capítulo Onze

A área que forma a City de Londres, uma das mais ricas do mundo fica fantasmagoricamente deserta aos sábados. As lojas, cafés e bares fecham, as calçadas lotadas de executivos usando ternos de segunda a sexta ficam vazias e os prédios comerciais, abandonados, exceto pelos responsáveis pela segurança e um ou outro visitante de fim de semana como ela mesma.

Bella estava preparada — um pouquinho — para o encontro com Susan e enquanto digitava o código de segurança na porta do escritório, imaginava nervosa, como as coisas iriam correr.

Ela estava 15 minutos adiantada, mas Susan já estava lá, em seu escritório, com a cadeira virada para a janela. Para variar, Susan não estava ao telefone. Bella disse um olá cauteloso. A cadeira girou e Susan ficou de frente para ela.

— Oi, Bella. entre — a voz de Susan estava neutra, mas Bella ponderou se não tinha cometido um erro com as roupas que estava usando quando viu sua chefe vestida profissionalmente, com um suéter de gola olímpica bege sendo a única concessão à informalidade.

— Oi — Bella respondeu desnecessariamente.

— Sente-se. — Com um sorriso fraco, Susan indicou a cadeira. — Bom, há uma bomba e tanto que você despejou em cima de nós ontem à noite. Mas pelo menos você não tem um problema de peso.

O que era aquilo? A tentativa de uma piada? Bella não sorriu, simplesmente disparou seu discurso planejado: — Susan, eu amo o que faço. Adoro trabalhar com você. Pretendo usar alguns meses de licença maternidade e voltar direto para cá. Isto é o que eu sempre quis fazer.

— O quê? Ter um bebê? — Susan perguntou.

— Não, ser consultora da melhor equipe do país. — Bella fez uma pausa e acrescentou: — Você sabe que eu não queria filhos quando entrei na empresa. Mas encontrei Don, casamos e meus sentimentos a respeito mudaram. Espero que você consiga entender isto.

— Bom, eu não quero ser enrolada, Bella. Você está aqui, prometendo que vai voltar direto para o trabalho, trabalhando tão duro como agora, mas isto é uma declaração realista? — Susan perguntou rispidamente. — Vou fazer com que seja realista — Bella respondeu. — Vamos ter que tirar você do projeto da Danson.

"Não vai não, não sem uma boa briga." Bella sentiu sua crista levantar. — Fui eu quem conquistou este cliente, Susan. Eles querem a mim no projeto. Diga a eles que estarei aqui em 1º de agosto. Você me deve isto, não? Susan tamborilou as longas unhas com esmalte bege na mesa e finalmente — Muito bem, 1º de agosto, mas Hector vai com você como número dois.

— Está bem. — Não estava nada bem, mas agosto estava muito longe no calendário. Ela iria se preocupar com isso quando chegasse lá.

— OK, bom, estou impressionada com a sua garra — Susan disse. — Vamos ver como as coisas caminham.

O assunto parecia encerrado, de modo que Bella abriu seus arquivos e começaram a

conversar sobre o Grupo Merris. Ela ouvia Susan dizia e aprendia. Sua chefe foi brilhante, como sempre.

Bella tinha duas semanas de férias de fim de ano. Não iria voltar a trabalhar na Merris antes de 3 de janeiro, enquanto Don só tinha folga no dia de Natal e em 1º de janeiro, mas ela iria estar muito ocupada para notar, foi o que disse para si própria.

Tinha feito uma lista de "coisas a fazer" para as férias, tipicamente ambiciosas: comprar presentes de Natal, roupas de gestante e uma casa (bom, pelo menos começar a procurar uma). Também queria mudar de hospital, o setor de ultra-som a influenciara na decisão com sua sala de espera de Terceiro mundo e sua equipe completamente estressada. Fodam-se todos, ela iria para um hospital particular.

Mas, antes de tudo, precisava relaxar, de modo que terça-feira ia ser o dia de compras. Tania iria tirar o dia de folga para irem fazer compras juntas.

— Há uma loja de roupas para gestantes fabulosa perto daqui — Tania garantiu quando se encontraram para tomar o café da manhã. — Já andei dando uma olhada para você.

Bella observou que a amiga havia feito luzes caramelo nos cabelos e as unhas. Ela era a melhor pessoa possível para ir às compras.

— Sou meio francesa — Tania dizia. — Não sei o significado da culpa pós compras. Nós precisamos destas coisas! Nós precisamos parecer adoráveis! — Vamos fazer as outras compras primeiro, não consigo achar que comprar roupas para gestante seja algo divertido — Bella disse, entristecida com a idéia de ficar ainda maior.

Então foram para a Selfridge's e começaram as compras de Natal escolhendo porta-retratos, velas, tapetes, roupas de cama e livros.

Bella finalmente se animou quando começou a comprar coisas para Don. Planejava comprar apenas um suéter, mas se entusiasmou e comprou mais uma camisa e um casaco de cashmere preto.

— Ele só usa aquele de gabardine todo gasto — ela disse para Tania  
Que diabos, também vou comprar uma nova pasta executiva. É Natal.

— Como vamos carregar tudo isto? — Tania perguntou.

— Em um táxi — disse Bella.

— Você é tão rica quanto está fingindo ser? — Bônus de Natal. — Bella sorriu.

— Ahá, sua vagabunda da City — Tania provocou. Elas foram para a loja para gestantes e reviraram as araras, dispensando as vendedoras.

— Só quero dar uma olhada — Bella disse emburrada. — Meu Deus, é tudo tão para meninhas — ela reclamou com Tania. — Só cardigãs cor-de-rosa e batas lilás. Não posso aparecer em uma reunião de diretoria vestida com um cardigã.

Bella foi para o trocador e a vendedora levou várias roupas. Ela se recusou terminantemente a provar batas ou jardineiras.

— Faça-me o favor! Jardineiras?? ela disse severamente. — Elas são bonitinhas em crianças com menos de dois anos de idade. E não, não posso ir trabalhar usando uma bata.

— A vendedora trouxe um conjunto de saia e paletó de jérsei cinza. O material esticava, não tinha forro, não apresentava bom caimento, não possuía ombreiras. Parecia um agasalho de ginástica disfarçado de terninho e o mau humor de Bella aumentou.

— Bom a única coisa mais parecida com um conjunto que eles têm — Tania disse —

experimente com esta túnica branca. Pode não ficar muito ruim.

E não ficou muito ruim, ela teve que admitir, apesar da saia ser uma coisinha, triste, com elástico na cintura e que parecia uma sacola vazia.

— OK, um conjunto de poliéster cinza e um preto. Duas túnicas — uma branca, e uma cor-de-rosa. O que mais posso usar para ir trabalhar? — Bella perguntou.

— Que tal isto? — Uma das vendedoras trouxe uma túnica em lycra longa, preta, com profundo decote em V. Uma saia na altura dos joelhos fazia conjunto com ela.

— Agora sim. — Bella experimentou. Não ficou muito feia dentro da roupa, meio grávida sexy. Que é o que ela procurava.

— OK, quais são as outras cores para este conjunto? — Cinza— Tania disse, com suas habilidades de consultoria de imagem no limite — Preto e Cinza? É uma gravidez, não uma fase de luto. Está bem, levo os dois. E então, existem calças para gestantes em couro? — Era uma piada.

— Sim, na verdade existem — a vendedora a surpreendeu.

— Viva! Quero um par, por favor. Além de algumas roupas mais coladas e, que diabos, talvez até um cardigã cor-de-rosa. Ela vestiu tudo para Don ver quando ele chegou em casa.

— Não é tão ruim, é?

— Não tenho certeza sobre os conjuntos.

— Você tem razão.

— Você andou detonando os cartões de crédito? — ele perguntou, mas sem desaprovar. Era o dinheiro dela, afinal de contas. Bom, na verdade era o dinheiro do sr. Visa, mas... — Só um pouco, mas eu recebi o meu bônus de Natal. Um bônus muito bom e muito merecido.

— Bom, não exagere com o meu presente porque eu não ganho bônus, — Ele agora parecia emburrado.

— Tudo bem — ela respondeu. Mas é tarde demais, pensou.

— Onde vamos fazer o nosso almoço de Natal? Que tal me levar com a Maddie para comer fora em um restaurante chique? — ela perguntou, bebendo do um golinho do spritzer de vinho branco e fazendo de conta que tinha um gosto bom, mesmo com apenas um milímetro de vinho no copo.

— Que tal comermos em casa? — Não, não, não vamos entrar numa de três pessoas enfiadas dentro de casa comendo pudim de ameixa e peru. O que vamos fazer o dia todo?

— Vamos nos divertir. Eu sempre me divirto quando estou com você e minha mãe. — Ele sorriu para ela.

— Eu quero sair. Vamos comemorar o Natal em um restaurante realmente bom.

— OK, se você quer assim — ele respondeu.

— Isso quer dizer que você não quer? — Eu não ligo, Bella, você decide. — Ele estava deitado no sofá e parecia prestes a pegar o controle remoto da TV.

— Temos que conversar sobre a casa, Don. Ainda vamos comprar uma casa, não vamos?

— Sim, o plano é esse. — Ele não parecia muito entusiasmado.

— É um bom investimento. Acho que devemos gastar o máximo que pudermos. Podemos usar a poupança para a entrada, os móveis, a decoração extras. Bom, acho que vamos ter

que fazer um empréstimo para tudo isso.

Ela estava lidando com o assunto o mais cautelosamente possível — usando do "a" poupança, em vez de "minha". Era um assunto delicado, porque ele ganhava menos do que ela e não gostava de ser lembrado disso.

Ela não sabia exatamente o quanto ele ganhava — tinham contas bancárias separadas —, mas estava a par da declaração do imposto de renda dele. E sabia que ele não tinha nenhuma poupança — parte da filosofia dele de "a vida é muito curta, eu inda sou jovem e todo mundo é demasiado materialista".

— Qual o tamanho do financiamento que você tem em mente? — Ele olhou para ela.

— Bom, podemos fazer algo com base em quatro vezes o meu salário, mas encontrei um banco que pode nos emprestar três vezes o valor de nossos salários juntos.

— E quanto isto representa? — Don perguntou.

— Bom, estou fazendo uma estimativa hipotética porque sei como você é reservado, mas acho que seria algo em torno de... — e ela sentiu-se repentinamente envergonhada em falar em voz alta, resolvendo rabiscar a quantia em um bloquinho de papel ao lado dela e entregando para ele. — Tchan-tchan — ela tentou fazer piada com o assunto.

— Puta que pariu — ele disse, sentando-se. — É quase meio milhão de libras. Qual o valor das prestações mensais? — Uma vez e meia o valor do aluguel. Encontrei um financiamento muito bom — Bella, não quero que você abrace o mundo e dê um passo maior que as pernas. Principalmente com um bebê a caminho.

Meu Deus, isso parecia condescendente demais.

— Sim eu sei, Don. Mas pretendo voltar direto para o trabalho.

Espero que eles me promovam a sócia no ano que vem, e realmente queria uma casa minha... nossa — ai, ela corrigiu-se imediatamente. — Por favor, anime-se. — Ela sentou-se no sofá, ao lado dele. — É uma época tão excitante, casa nova, um bebê, — você não está animado com tudo isto? Ela se enroscou nele e virou o rosto para beijá-lo. Ele a beijou de leve nos lábios e, para surpresa dela, afastou-se.

— Bella, eu tive dias realmente estressantes no trabalho, estou muito cansado e vou deitar — ele disse.

— Oh, OK. — Ela suspirou. — Boa-noite, então. Vou ficar mais um pouco aqui, se não se importa.

— Sim, está bem. — Ele acenou vagamente e levantou-se. Ela suspeitava que estava sofrendo de um clássico caso de impotência salarial.

Não faz mal, ele vai se recuperar. OK, ela ganhava um pouco mais do que ele; bem, muito mais com os bônus. E daí? Ela se esticou no sofá e pegou o maço de cigarros. Tirou o último de dentro e o acendeu. Deitada quietinha, ela colocou a mão na barriga e pensou no bebê. Sabia que havia algo perverso no fato de que somente tinha paz e tranquilidade para concentrar-se no crescimento e na existência do bebê dentro dela quando fazia uma pausa para fumar um cigarro.

— Estou fazendo o melhor que posso — sussurrou para a pessoinha lá dentro. — Estou fumando só cinco por dia, extra-suave, às vezes somente dois. Eu espero mesmo, mesmo, que você não se importe com isso. Lamento não ter conseguido abandonar o cigarro por sua causa.

Ela tragou e soltou a fumaça várias vezes, e acrescentou: — Você vai ser muito mais esperto que eu e não vai fumar. Mas veja lá, espero que você não seja muito mais esperto do que eu, porque sou bastante inteligente e não quero que você seja um daqueles tipos de gênio maluco.

Ai, meu Deus, ela riu sozinha, tudo indica que vou ser uma mãe daquelas.

## Capítulo Doze

No dia 3 de janeiro Bella estava de volta a sua mesa no Grupo Merris. Foi uma época de festas tranqüila, tirando um pequeno ataque de nervos de Don com os presentes de Natal. Ele lhe deu um par de pequenos brincos de diamantes e ficou pouco agradecido com os vários presentes dela.

— Bella, você não devia ter feito isso — ele falou a sério. Ela acabou gritando com ele quando Maddie não estava na sala, disse que era o dinheiro dela e que se queria gastar dinheiro com ele tinha todo o direito de fazer isso. Fizeram as pazes depois, mas ela ainda estava chateada por ele ter ficado zangado com a generosidade dela. Não estava tentando provar que ganhava um salário polpudo ou coisa parecida. Queria mimá-lo, lembrá-lo de o quanto o amava.

Durante as férias, a barriga aumentou subitamente e passou a ser indisfarçável. Ela não ia mais com saias presas atrás com alfinetes de segurança e paletós aberto. Quando ficou de pé na frente do guarda-roupa naquela manhã, teve que enfrentar o fato de que teria que usar um daqueles horríveis conjuntos de jérsei e contar sobre a gravidez na Merris.

Não que isso fosse causar problemas, seu contrato acabava bem antes da licença maternidade começar. Mas ela estava envergonhada em levar sua vida pessoal tão abertamente para o escritório, parecia pouco profissional. Mas o que mais poderia fazer? Deixar o bebê em uma incubadora em casa? Estranhamente, a reunião foi adiada para a tarde, de modo que a primeira pessoa a entrar em sua sala foi Mitch, para desejar um Feliz Ano-novo.

— Oi, Bella, como foram as férias? — ele perguntou enfiando a cabeça pela porta. Ela girou na cadeira.

— Alô.

— Você está diferente — ele disse. — O que mudou em você? — Comi muito pudim no Natal — ela respondeu, colocando as mãos sobre a barriga.

— Oh, meu Deus, você está grávida! — Bom, você deve saber melhor do que eu, porque já viu isto tudo antes.

— Meus parabéns. Posso perguntar quem é o felizardo? — Mitch! Você pergunta isso em noivados, não para uma mulher grávida. Sou uma mulher muito bem casada.

— Você tem segredos que eu nunca imaginei — ele respondeu sorrindo.

— Eu estava com Don na festa de Natal.

— Você fez sexo com seu marido no banheiro feminino? Você é inacreditável.

— Sobre o que você está falando? — Ela fez a cara mais perplexa e magoada possível, mas estava horrorizada por ter sido descoberta.

— O boato que corre no escritório é que você atraiu um misterioso desconhecido de cabelos escuros para o banheiro feminino.

Ela fez a sua melhor imitação de uma gargalhada ofendida.

— Sinto muito — Mitch disse. — Ninguém realmente acredita nisso.

Não faz mal, as novidades da gravidez vão acabar com a boataria. Ninguém vai aditar que uma mulher grávida faria sexo com o marido no banheiro feminino mesmo se a vida dela dependesse disso.

- Verdade.
- Bom, vejo você mais tarde.
- Tchau.

Ele saiu voando da sala. Ela praticamente podia ouvi-lo apressado pelo corredor e gritando:  
— Últimas notícias: depois da transa escaldante no banheiro, Bella choca o mundo com notícia de gravidez.

Ela voltou a olhar o monitor. O conselho de Susan foi o de dar o máximo de más notícias à diretoria o mais cedo possível, juntamente com várias soluções práticas. Deste modo, as coisas já deveriam estar melhorando um pouco quando ela entregasse seu relatório final em abril.

Bella percorreu seus e-mails e viu um de Chris.

Alô, Bella. Não tivemos uma chance para conversar desde a festa de Natal. Eu queria dar os parabéns e dizer que acho maravilhoso (OK, estou um pouco surpreso, devo admitir. Especialmente depois de nosso... bem, sei que não devo falar a respeito). Seja como for, adoraria tomar um drinque uma hora dessas, para conversarmos sobre como as coisas vão ficar enquanto você estiver afastada do escritório/quando voltar etc. Espero que você esteja bem e não deixe que nada a perturbe. Chris.

Chris. Ela não tinha pensado nele em semanas. Uma coisa boa. Mas era bom ter notícias dele e saber que estava do lado dela. Ela respondeu: Adoraria ter notícias suas. Que tal na noite de quarta ou quinta? Bella.

Ah, sim! Havia outra coisa que ela precisava fazer hoje. Revirou a bolsa à procura do cartão que tinha guardado e logo depois estava conversando com um corretor de imóveis.

— E estou com muita pressa em mudar — ela acrescentou. — Bebê a caminho, uma programação de trabalho insana, o de costume.

OK, reunião com a diretoria, reunião com a diretoria... hora de concentrar-se, disse para si mesma quando desligou o telefone.

Chegou um e-mail do departamento financeiro. Os últimos relatórios solicitados estavam "indisponíveis — arquivos fora da empresa", Isto era ridículo, ela teria que descobrir como próprio diretor financeiro que diabos andava acontecendo. Os preparativos para a reunião que ela iria ter com a diretoria a mantiveram por cerca de dez horas no escritório, e Don chegou antes que ela em casa.

Ela mandou um torpedo para ele quando entrou na estação do metrô, de modo que o jantar estaria pronto quando chegasse em casa. Quando finalmente entrou no apartamento, ele estava na cozinha fazendo frango com pimentão, molho de soja e arroz.

— Hummmm... meu homem moderno muito macho — disse, dando um beijinho de olá.

— Estou cortejando você esta noite — ele avisou, sorrindo e revirando freneticamente a panela.

— Que bom — ela disse, pensando "por favor, não, eu tenho que dormir".

Jantaram e depois ele insistiu para que ela deitasse no sofá enquanto ele tirava suas meias e massageava seus pés com óleo.

— Isto é perfeito — ela disse, fechando os olhos e sentindo-se preste a cair imediatamente no sono.

— Como anda o trabalho? — ele perguntou.

— Está uma dureza. — Não queria dar mais detalhes.

— Você está indo muito bem, sabe — ele disse, acariciando sua barriga de modo protetor.

— Obrigada — ela disse, lutando contra um bocejo. — Lamento estar tão cansada o tempo todo.

— Tudo bem. — Depois de uma pausa, ele acrescentou: — Vamos comprar uma casa com jardim? — Espero que sim — ela disse.

— Gosto da idéia de ler os jornais em um jardim, com nosso bebê brincando em uma manta no chão.

— Você vai ter que cortar a grama — ela avisou com um sorriso.

— Está tudo bem, eu corto a grama. Estou ficando completamente domesticado na velhice.

— Você é realmente adorável, sabia? — Ela colocou a mão no rosto dele e olhou dentro dos seus olhos. — Por favor, não saia por aí transando com outras pessoa, sim? — Ela queria que isto soasse como uma piada, mas acabou sendo uma súplica.

— Não seja boba, Bella, você é a mulher da minha vida. — E, quando ele dizia coisas assim, super-sério e sustentando o olhar dela, ela ainda sentia um calafrio na barriga e podia renovar a sua fé de que este caso de amor poderia durar muito tempo.



## Capítulo Treze

Várias semanas mais tarde, sentada em sua sala minúscula na Merris, Bella sentia ondas de suor escorrerem debaixo de seus braços. Suas mãos tremiam levemente. Chegara o dia do relatório interno, a primeira reunião com a diretoria para informar sobre suas descobertas. Ela era portadora de más notícias, provavelmente muito piores do que eles imaginavam, mas Bella esperava que confiassem nela. Precisavam ter certeza de que ela estava certa e que poderia impedi-los de continuar em declínio acelerado.

A roupa que usava tinha sido escolhida cuidadosamente esta manhã para projetar o máximo de autoridade e seriedade: o que era difícil com uma barriga engraçada, saliente no meio do corpo. Escolheu o conjunto de saia justa preta e blusa larga, junto com brincos de brilhantes e gargantilha de ouro. A mais acrescentou uma maquiagem severa, prendeu os cabelos no alto, esperando que o visual a envelhecesse para bem além dos seus 28 anos.

Os números, os relatórios e o discurso que iria fazer tinham sido verificados inúmeras vezes em sua cabeça, mas ela repassou tudo mais uma vez.

— Você só está nervosa — disse para si mesma, acendendo o segundo cigarro desde sua chegada no escritório.

Uma olhadela no relógio de pulso informou que faltavam oito minutos para as nove. Era hora de ir para a sala de reuniões. Juntou a papelada e saiu da sala.

Assim que todos se acomodaram ao redor da mesa de reuniões, Merris fez as apresentações formais e depois Bella levantou-se e observou os olhos atentos virados em sua direção: — Senhores — ela começou e foi direto ao ponto.

Começou demonstrando que os fundos mostravam um crescimento ínfimo e passos para a comprovação de como novos empreendimentos tinham, virtualmente, secado.

Braços cruzaram-se defensivamente, bocas contraídas em linhas finas, e ela até conseguia ouvir suspiros irritados. Continuou sem se abalar, com baixa e firme.

— Por que não havia planos para desenvolver algo para a internet? Para atender novas leis imediatamente ou para se preparar para quando os pensionistas voltassem ao tribunal? — ela perguntou.

Agora todos, exceto Merris, que já tinha ouvido isto antes dela mesma pareciam furiosos e, até certo ponto, chocados.

OK, hora de reduzir a velocidade e animá-los. Começou a delinear soluções: novos produtos financeiros, novas iniciativas de marketing, um serviço de atendimento on-line e um melhor planejamento estratégico para lidar com os outros problemas.

— Falei com cada um de vocês separadamente e ouvi várias idéias excelentes. Não vai levar muito tempo para o Grupo Merris voltar ao rumo — disse encorajadoramente. Isto era basicamente uma mentira, mas ela podia tentar e ser um pouco gentil.

— Mas tenho certeza que vocês estão se perguntando: como financiar isto! — Várias cabeças acenaram vigorosamente em sua direção.

— Bom... — Ela sabia que a sugestão número um não seria popular — Acho que o Grupo Merris precisa de um sócio ou uma empresa que o assuma. Em outras palavras, uma

fusão ou uma venda.

Houve uma onda coletiva de exclamações.

Ela listou as outras opções, sem olhar muito para eles, pois sabia que os rostos estavam horrorizados. Sim — ela olhou para baixo novamente —, como pacientes obrigados a fazer um exame retal.

Quando terminou, sentou-se e olhou direto para Merris.

— Muito obrigado, srta. Browning — ele disse em um tom completamente neutro. — Alguém tem alguma pergunta? — ele acrescentou. Surpresa, surpresa, ninguém se mexeu. Se este grupo possuía alguma coragem em suas convicções, não iria mostrar isto agora.

— Bom, talvez seja melhor discutirmos em particular e a chamarmos, srta. Browning, se precisarmos de mais esclarecimentos — Merris disse.

— OK. — Ela levantou-se, juntou os papéis e tentou não ficar magoada. O que queria? Aplausos de pé? Saiu rapidamente da sala silenciosa e voltou para seu escritório. Isto era horrível. Ou iria ouvir um "muito obrigado, mas não precisamos mais de seus serviços" ou os executivos do Grupo Merris iriam ter que engolir um tremendo de um sapo. Fumou furiosamente outro cigarro, odiando a si mesma por isto, bebeu uma xícara de café e esperou.

Finalmente, o telefone tocou.

— Alô, srta. Browning? — era a secretária de Merris. — Sim — ela respondeu, sentindo o coração subir para a garganta. — Eles a querem de volta na sala de reuniões para discutir o relatório. — Obrigada, já estou indo. — Ela caminhou devagar e calmamente, sem querer fazer conclusões precipitadas. Ó Deus, isto pode ser um bom sinal! Afinal de contas, não iriam chamá-la de volta para despedi-la, certo? Mas estava tudo bem. Os executivos ainda estavam em estado de choque e Bella não tinha certeza se a ficha realmente tinha caído e se acreditavam nela, mas pelo menos estavam preparados para ouvir mais.

Uma das poucas coisas animadoras na muito longa semana seguinte foi um telefonema animado do corretor de imóveis, que garantiu a Bella que tinha encontrado uma nova casa. Também havia uma mensagem de Declan em seu celular, dizendo: — Bella, sua m\*\*\* de vagabunda imprestável, faz um mês que você não aparece para um exame. Arraste esta bunda até aqui na semana que vem ou vai se meter em encrenca.

Na manhã de sábado, ela e Don entraram no jipe e foram ver a casa.

Ela abriu a porta do carro, subiu e inspecionou o interior. Era revoltante. O assento traseiro estava forrado com jornais, copos descartáveis de café e embalagens de sanduíches. Na frente estava um emaranhado de fios — cabos de computador, recarregadores de celular —, o cinzeiro estava lotado e cinzas estavam espalhadas pelo piso e assentos.

— Que porcaria — Bella disse. — Você andou dando uma festa novamente? — Vamos fazer o seguinte: passamos pelo posto e dou uma arrumada nele — Don disse.

— Passe antes pelo lixão.

— Vamos lá, mulher, entre e pare de reclamar, pelo menos você pode esticar as pernas e apreciar a paisagem.

— Fico perfeitamente confortável no meu carro — ela respondeu, entrando no jipe, agradecida por estar usando as calças de couro, fáceis de limpar. Correram o caminho todo, até o primeiro sinal vermelho, Don adorava dirigir depressa, um desejo um pouco

frustrado era Londres. Ele aproveitava máximo nas rodovias e, mesmo com o carro trambolhudo que tinha, acumulara pontos suficientes na carteira de motorista para estar a um fio de ficar sem ela.

Estavam um pouco atrasados depois de terem dado uma boa lavada e aspirada no posto, e dispararam pela Zona Norte de Londres na direção do km não muito glamouroso que iria brevemente ser seu lar. Olhando pela janela Bella observou o ambiente. As avenidas comerciais cheias de botecos e lavanderias, os sombrios edifícios de escritórios e os conjuntos habitacionais que apareciam sinistramente quase em cada esquina, complementados pelos pequenos grupos de adolescentes emburrados.

Fileiras de casas vitorianas, com ar tristonho e abandonado.

— Não pode ser este o lugar, certo? — Ela olhou para Don.

— Lamento, mas acho que é a segunda rua à esquerda.

Ele virou o carro e passou por uma comprida rua de casas vitorianas altas, cinzentas e sujas. Depois viraram à esquerda e, de repente, estavam em uma pequena e adorável ruazinha escondida.

As casas tinham as janelas pintadas, elegantes venezianas de madeira e portas em cores brilhantes. A fachada de tijolos aparentes fora recuperada, as cercas consertadas e até havia algumas alegres jardineiras nas janelas.

Bella checou os carros: vários Scenics, Focus e Fox novos. Ora, as coisas estavam mais animadoras.

No fim da rua havia uma grande placa de VENDE-SE.

— Deve ser esta — disse Don, estacionando.

Quando saíram do jipe, a porta do motorista de um carro estacionado bem na frente da casa abriu-se.

— Olá, vocês devem ser os Browning. — Um homem jovem e elegantemente vestido veio em sua direção com a mão estendida.

— Bella Browning — disse Bella, apertando sua mão —, e este é Don McCartney, meu marido.

— Olá, sou Stephen Rennie. Então... vamos dar uma olhada? Subiram os degraus e Bella notou as grandes janelas no térreo e a brilhante porta vinho.

— Os proprietários foram viajar no fim de semana, caso estejam preocupados — Stephen disse enquanto entravam em um hall pintado em laranja. A esquerda ficava a grande sala de estar, pintada de azul-marinho, que criava um ambiente estranhamente escuro e antiquado, apesar da enorme bay window e das mantas multicoloridas nos sofás.

A seu favor estava um lindo piso de madeira antiga. Tudo estava arrumadinho, empilhadinho, mas havia demonstrações óbvias de crianças em cada canto: grandes caixas repletas de brinquedos em um canto, uma pilha de livros infantis gastos na mesinha de centro, vários vídeos de filmes da Disney em uma prateleira ao lado da TV. As janelas do fundo da sala estavam voltadas para um jardim pequeno, com muros cobertos por hera, e para um balanço brilhante movendo-se com o vento.

Havia estantes no fundo da sala e, com uma olhadela, Bella viu livros de culinária, manuais de jardinagem e mais livros infantis. Havia uma poltrona confortável ao lado da lareira.

A lareira funciona — Stephen disse, acompanhando o olhar dela, — Na verdade, parece ter

sido usada recentemente.

Bella ouviu a si mesma fazendo todos os tipos de perguntas eficientes. Quantos anos possuía o sistema de aquecimento central? As janelas precisavam de reparos? Este tipo de coisa. Mas sentia uma estranha combinação de excitação e tristeza.

Tinha adorado não só a casa, mas todo o estilo de vida que ela indicava. Era a casa de uma família, acolhedora, confortável, mas com estilo. Tinha a ver com crianças, cães e paredes laranja e azul-marinho. Era uma casa do tipo mãe-em-casa-assando-bolos-e-crianças-fazendo-bolinhos-de-lama-lá-fora, e, embora soubesse que jamais seria este tipo de pessoa, em parte ela ansiava por isso. Vamos lá, controle-se, disse para si mesma.

Devem ser os hormônios da construção de um ninho na corrente sanguínea.

Subiram as escadas, cujos degraus eram gastos e salientes por baixo da passadeira em carpete azul. O quarto principal era Cor-de-rosa forte, tinha uma cama de madeira trabalhada e uma linda cômoda. Havia um armário branco embutido repleto de roupas. Fotos soltas e porta-retratos de dois lindos meninos loiros e seus pais sorridentes estavam espalhadas pelo quarto.

— Esses são os proprietários, caso interesse saber — disse Stephen que aparentemente sentia a necessidade de preencher os longos silêncios enquanto Bella e Don olhavam ao redor. — Eles estão mudando para o interior, Cumbris, eu acho.

— Humm — disse Bella. — Claro que sim, para poderem criar cães e usar galochas. Eu acho que vou chorar.

— É um quarto de bom tamanho — disse Don, sem querer arriscar um comentário muito arriscado.

Bella foi para o quarto ao lado. Era menor, tinha um beliche, onde obviamente ficavam os meninos. Tudo estava pintado em cores brilhantes.

Dois paredes eram azul-claro, as outras duas, amarelas. A cômoda e o armário tinham faixas azuis e amarelas. As prateleiras estavam entupidas com animais de pelúcia, caminhões, Legos, livros e jogos.

Sentia-se muito esquisita agora. Estava olhando para a vida de outras pessoas e sentia uma estranha combinação de tristeza e desejo. Queria ter crescido em uma casa acolhedora e colorida como esta, e imaginava se ela e Don poderiam algum dia ter uma vida em família assim, feliz e confortável.

O banheiro, no mesmo piso, era pequeno e apertado, com pia, vaso sanitário, banheira com chuveiro. O carpete azul estava gasto e o mesmo acontecia com os azulejos brancos e pretos nas paredes, mas o banheiro principal sofrera um lindo trabalho de restauração.

Depois de olhar o terceiro quarto, mais simples, subiram por uma escada estreita e barulhenta para o sótão convertido.

— Ahá, o escritório — disse Don, que entrou primeiro. Ele esforçava-se para não emitir uma opinião.

O ambiente amarelo, com teto inclinado, estava lotado de livros, pinturas desenhos, fotos, arquivos, papéis, todos os tipos de estranhas bugigangas incluindo um velho salmão empalhado — muito estranho —, um carrinho de criança desmantelado e muitas caixas grandes de papelão marrom. Havia uma mesa comprida com dois computadores ultramodernos.

Embora caótico, o ambiente era completamente charmoso.

— O que os proprietários fazem? — Bella perguntou.

— Não tenho certeza — Stephen respondeu. Algo criativo... design gráfico, propaganda, algo assim. Então... vamos descer para ver a cozinha e o jardim. Vamos? — Ele perguntou.

A cozinha era simplesmente como Bella imaginava que seria — uma grande mesa e armários de pinho antigos, paredes pintadas de laranja, um fogão de ferro e plantas nas janelas. Uma cozinha de estilo campestre na cidade. Portas-balcão davam para o jardim e quatro pares de galochas estavam alinhadas junto à parede ao lado da porta.

— E aqui temos o jardim... — Stephen destravou as portas e entraram em um gramado nada excepcional cercado por arbustos e plantas dispostos sem critério. O balanço movia-se com a brisa gelada. Bella olhou para os brinquedos perto da parede da casa: a caixa de areia no formato de um sapo, o triciclo de cores desbotadas e um baldinho e uma pazinha meio sujos. Todos se entreolharam. — Há algo que desejam ver novamente? — Stephen perguntou.

— Vamos até a sala — Bella disse.

Todos limpavam cuidadosamente os sapatos sujos de terra no capacho na porta da cozinha e subiram as escadas vacilantes. Bella e Don passearam pela sala de estar, olhando através das janelas. A entrada do parque ficava a quatro ruas de distancia no fim da rua.

Bella sentou-se em um dos sofás, esperando que um outro ângulo revelasse algo mais.

— Vamos conversar a respeito e depois eu telefono — ela disse a Stephen Enquanto os degraus na frente da casa. Despediram-se e Bella e Don caminharam para o jipe. Esperaram Stephen manobrar o carro e sair da rua antes de dizerem algo.

— E então? — Bella virou-se para Don. — O que você acha? — Você quer que eu fale primeiro? — ele perguntou.

— Sim, com certeza.

— OK, bom, vou correr o risco e dizer que gostei mesmo dela.

— Don! O reboco da casa precisa ser refeito, o papel de parede trocado, as paredes receberem.....nova pintura, a fiação parece ruim, o banheiro tem que ser modernizado, há provavelmente centenas de outras coisas erradas... — ela fez uma pausa para olhar para ele — mas eu adorei.

Vamos comprá-la! Ele abriu um sorriso.

— A menos que você ache que estamos nos precipitando e que deveríamos ver outras casas antes — ela acrescentou.

— Bom, esta não é a primeira vez que nos precipitamos juntos, é? E até agora estamos indo bem.

Eles sorriram um para o outro.

— Quanto é? — ele perguntou. Ela disse, e ele respondeu: — Puta que pariu — mas suavemente. — Tem certeza que não quer comprar um castelo na França? — acrescentou.

— Acho que seria complicado ir para o escritório.

— Você tem toda a razão. — Vamos ficar com uma casa vitoriana caindo aos pedaços no fim da Zona Norte de Londres, então.

— Há uma estação de metrô só a duas ruas de distância, sabe.

— Bom, está tudo acertado então. Ligue para o Stephen. — E foi o que ela fez. No fim da tarde a oferta deles fora aceita, advogados e tabeliões foram contactados e falou-se em decoradores e mudança no fim do mês seguinte.

Bella esperava que as contas bancárias agüentassem o golpe.

## Capítulo Quatorze

O texto do torpedo no celular dizia "Vou denunciar o seu bebê para o serviço social antes dele ter nascido se você não vier me ver AGORA!" e deixou-a um pouco abalada. Pegou o telefone, marcou uma consulta com Declan e mandou um torpedo de volta dizendo simplesmente: "Sinto muito. Beijos, Bella." Dois dias depois, entrou no pequeno consultório dele. — Olá, desaparecida — ele disse com um sorriso amigável. — Olá, alguém aqui está perdendo centenas de libras em valiosas horas de consultoria enquanto senta para que você verifique a pressão dela — foi a estressada resposta.

— Quer fazer o favor de se acalmar? Vamos bater um papinho antes.

Ela lhe disse que estava sentindo-se muito melhor do que da última vez que se encontraram e um pouco mais consciente de estar grávida. A bebida e o cigarro estavam sob controle. Ele empurrou uma pequena pilha de livros e folhetos na direção dela.

Quando ela gemeu de desgosto, ele perguntou: — Quantos centímetros de dilatação você precisa ter antes de dar à luz? Ela não fazia a mínima idéia sobre o que ele estava falando.

— Escute — ele disse. — Alguém tão esperta quanto você precisa estar informada para saber o que está acontecendo a cada etapa, para que você não comece a xingar e berrar com todo mundo na sala de parto e queira falar com seu advogado.

Ela deu uma gargalhada e ele fez os exames. Pressão arterial boa, urina boa. Ela deixou que ele escutasse o trovejante coração do bebê com o estetoscópio.

— Já surgiram hemorróidas? — ele perguntou.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Você sabe, na bunda, causando dor, coceira, por causa da prisão de ventre.

— Está bem, está bem, estou com prisão de ventre e tenho hemorróidas. Pronto, nunca contei isso para ninguém antes.

— Hemorróidas são o terror da gravidez sobre o qual ninguém diz nada. Todo mundo tem, mas ninguém fala a respeito. Espere até ter dado à luz. Você ter um cacho de uvas pendurado no seu cu — ele contou comum certo prazer.

— Maravilhoso. Ele aconselhou o consumo de fibras, muita água e que fizesse exercícios regularmente.

— Bom Deus, não há simplesmente uma pomada que eu possa passar?

— Porque você é um pé no saco tão grande? — ele quase gritou, mas com um sorriso. — Sim, há, mas você também tem que fazer as outras coisas. Bom ainda não conversamos sobre o parto ou hospitais.

— Bom, eu queria mesmo falar a respeito disso.

— Ahá...

— Vou para uma maternidade particular. Tenho uma consulta marcada naquele hospital chique nesta rua na semana que vem.

— Oh — ele parecia verdadeiramente desapontado.

— Sinto muito — ela disse. — Eu realmente gosto de você, Declan.

Mas não pude acreditar no estado do hospital quando estive lá para fazer o ultra-som. É

sujo, caindo aos pedaços e caótico.

— A ala da maternidade é um pouco melhor — ele disse.

— Ah, deixa disso — ela respondeu. — Se sua irmã fosse ter um bebê e o dinheiro não fosse um problema, você a mandaria para o hospital chique.

— Não, isso iria contra os meus profundos princípios socialistas.

Mas bom... — Ele suspirou. — Você está me perguntando se todos os hospitais no país deveriam ter instalações como o hospital chique? Eu diria que sim.

— Obrigada.

— Bom, está tudo acertado entre nós, então. Espero que as coisas corram bem e que tenha um lindo bebê. Você tem todos os meus telefones.

Se precisar de ajuda ou mudar de idéia, basta telefonar ou marcar uma consulta.

— Obrigada, é muita gentileza sua.

Eles se despediram e ela saiu, aliviada com o fato de ele não ter tentado fazê-la mudar de idéia, mas um pouco triste por Declan não estar mais cuidando dela. Ele foi fantástico e, provavelmente, era o homem certo para estar ao seu lado durante o parto.

Na segunda-feira seguinte ela tirou meio dia de folga para a consulta no hospital particular. Uma vantagem de todos saberem que estava grávida era não ter que inventar desculpas para o monte de folgas que estar grávida parecia exigir.

Ela entrou no carro — foda-se a falta de vagas de estacionamento na Merris, ela estava dirigindo — e olhou-se no espelho. Sua pele estava rosada, o "brilho" do sexto mês, mas o cabelo estava estranho, seco e espetado.

Ela passou cuidadosamente um batom vermelho.

O hospital era lindo, a recepção cintilante, com um piso de mármore, detalhes dourados e uma equipe de funcionários sussurrantes, igual a um hotel elegante. Mas o serviço também tinha sido estranhamente parecido com o de um hotel. Uma parteira loira e ríspida leu rapidamente o seu histórico médico e de gravidez. Foi muito eficiente, mas Bella não conseguia imaginá-la dizendo "um cachos de uvas pendurado no seu cu".

Na verdade, esta parteira não falou em hemorróidas nem uma vez.

Fez outro ultra-som e, embora tenha sido delicioso ver o bebê novamente, estava levemente chateada com o fato de o exame ter sido empurrado às pressas para cima dela, sem dar a chance de Don estar lá.

— Costumamos de ter o nosso próprio relatório, em vez de usar dados de outro hospital — disse a parteira. Mas Bella desconfiava que isso era uma maneira de adicionar algumas despesas à conta total, que já era astronômica.

Também conversou rapidamente com o cirurgião que faria o parto.

Depois de alguns preâmbulos, ele recomendou uma epidural, dizendo: — Para a maioria das mulheres, o primeiro parto traz mais dor do que jamais experimentaram em suas vidas, e pode ser um grande choque.

Nada muito reconfortante.

De volta ao carro e pronta para voltar ao escritório, ela revirou a bolsa em busca de comida, um pacote de castanhas-de-caju, um de ameixas, duas barras de cereais e uma garrafa grande de água. Isto era o almoço. As ameixas, que ela agora tentava comer diariamente, eram mesmo muito boas, mas não ajudaram com as hemorróidas.



Fios-dentais estavam completamente fora de questão agora, os malditos raspavam sua carne viva e, aliados à coceira, eram como um tormento dos infernos. Ela começava a aprender que por volta dos seis meses deve abandonar todos os esforços para se permanecer sexy e começar a usar sutiãs e calcinhas brancas para gestantes, ambos tamanho grande. Ela pensou no fio-dental rosa-claro no bolso do paletó do pai e sentiu um arrepio.

## Capítulo Quinze

Finalmente, ela e Chris iriam jantar juntos. Ele cancelara duas vezes, e ela uma, mas estava tudo confirmado para hoje, às dezoito horas, e ela foi de táxi para o centro da cidade, ao restaurante elegante que ele escolhera.

O maître acompanhou até a mesa onde Chris já estava sentado, analisando uma pilha de documentos.

— Bella! — Ele ergueu-se em um pulo quando a viu e a beijou no rosto. — Você bebe algo?

— perguntou enquanto o garçom esperava o pedido. — Uma taça de Chablis e é só — Bella respondeu, revirando a bolsa à procura de um cigarro. Ela o acendeu, deu uma longa tragada e encostou, relaxando na cadeira, exalando a fumaça.

— Ainda fumando, é? — disse Chris.

— Ah meu Deus, por favor, não comece — ela respondeu, — É o único do dia. Daqui para a frente só vou fumar escondida no banheiro. — Desculpe. Ainda estou surpreso por você estar mesmo grávida. Quer dizer, você já devia estar grávida quando estivemos em Birmingham. — Ele ergueu as sobrancelhas e deu um sorriso intrigado. — Oh, claro, esqueci que mulheres grávidas não devem ter nenhum interesse em sexo — ela disparou, irritada. — Malditos homens, vocês se acham tão liberados, mas, no fim das contas, tudo se limita a virgens, mães e putas, e qualquer coisa no meio do caminho confunde vocês.

— Há... sinto muito — ele disse novamente. — Você deve ter razão.

— Você é um reprimido, Chris. — Agora estava sorrindo para ele.

— Você só transa com solteiras atraentes que não conhece bem. — Você precisa de variedade.

— O que você sugere? — ele perguntou e, Jesus, ele era tão lindo, era perigoso — Bom, talvez uma mulher casada, em adiantado estágio de gravidez, você conheça bem, fosse um começo, mas... veja, não estou me oferecendo, já praticamente desisti de beber e fumar, não é hora de enveredar pela infidelidade — Ela olhou nos olhos dele por um momento e depois para o cardápio, — Como anda o trabalho? — ele perguntou.

— As coisas melhoraram muito recentemente — ela respondeu. — Merris me disse confidencialmente que vai fazer uma aliança empresarial em breve, de modo que terão dinheiro para fazer todas as coisas que precisam ser feitas, e ele vai passar a direção para um novo presidente e ficar nos bastidores. Já não era sem tempo.

— Parece que tudo vai bem.

— Sim. — Ela soprou uma nuvenzinha de fumaça. — E divertido este trabalho, não é? — O melhor de todos — ele respondeu.

— Você sabe que não vou deixar de fazer isto por causa do bebê.

— Acho que você já deixou isso bem claro. Mas pode descobrir que não vai poder dedicar mais tanto tempo a ele.

— Já pensei nisso. Tenho que ser simplesmente melhor nas horas em que estiver trabalhando. Acho que você deve aumentar meu custo por hora, para que as pessoas não possam pagar mais que dez horas por dia. — Não havia maneira de Bella aceitar uma redução no salário ou trabalhar meio período depois do parto: ela queria deixar isto bem

claro.

— Humm, é uma idéia interessante. Ela ficou irritada com a resposta.

— Ora, bolas, Chris, não me diga que você não acha que eu mereço ser sócia da empresa quando o trabalho da Merris terminar? — Acho que sim. Você está sendo brilhante com eles, mas — ele desconversou.

— Mas? Susan não concorda? Houve uma longa pausa. Bella pensou que tinha ultrapassado o limite. Afinal de contas, Chris e Susan eram sócios.

— Ela está muito zangada com você — Chris respondeu. — A zanga dele é injustificada. Mas Susan é a chefe, você vai ler que esperar e dar uma chance para ela se acalmar. Você pode até ter que esperar até terminar sua licença-maternidade e poder provar que o tão boa quanto sempre foi.

Bella estava quase começando uma reclamação, zangada, mas repensou e viu que seria uma boa política.

— Vamos comer. Estou faminta. — Ela pegou o cardápio e decidiu que a conversa de negócios da noite tinha terminado.

Bella estava estressada e com um tremendo mau humor quando, duas semanas depois, dirigiu até o hospital para outro check-up. Faltavam três meses para o bebê nascer e tudo parecia uma pressão, não um prazer. A venda da casa ainda não estava finalizada. Ela não tinha certeza de que conseguiria finalizar o projeto da Merris em tempo, não havia lido nenhum dos livros sobre gravidez, o guia sobre o parto, ou comprado coisas para o bebê, ou NOMBES, eles não tinham sequer conversado sobre nomes.

Estava tão ocupada minimizando as coisas, dizendo a todos que voltaria correndo para o trabalho, que não mudaria em nada... blá-blá-blá, vivia empurrando todo o assunto lá para o fundo da mente. Em estado de negação, como se diz por aí.

Colocou a mão sobre a barriga enquanto dirigia no estacionamento do hospital. Havia uma tremenda movimentação lá dentro, ela sentia chutes e espetadas, e um estranho movimento em espiral quando o bebê girava.

Atravessando as portas automáticas do hospital, marchou até a recepção e mandaram-na entrar direto. Ao virar de costas para o balcão, viu outra mulher se aproximando. Uma mulher com longos cabelos loiros e um caro conjunto de calça e paletó creme. Parecia vagamente familiar, mas Bella não conseguiu identificá-la e andou pelo corredor na direção da sala de exames indicada.

Quando chegou lá, tirou alguns relatórios da pasta e começou a ler.

Depois de 35 minutos, estava extremamente irritada por ainda estar esperando para ser atendida. Ouviu alguém no corredor, mas os passos pararam perto da porta da sala onde ela estava e a portada sala ao lado se abriu.

— Era mesmo ela? Da novela das oito? — disse uma voz. — Sim, ela é muito legal, nada metida — foi a resposta. — Ela chegou antes da hora marcada, não chegou? — Sim, mas nós a atendemos imediatamente — A voz baixou, mas Bella ainda podia ouvir — A outra mulher só teve que esperar um pouco mais...

Bella levou um minuto para entender que as parteiras estavam falando sobre ela e o sangue subiu às suas faces. Enfiou os papéis na pasta e foi até a porta.

A enfermeira de pé na outra porta girou e olhou para ela, consternada.

— Bom, já esperei o suficiente por hoje, muito obrigada — Bella disse rispidamente. — Lamento que o meu parto não vai aparecer nas revistas de fofocas. Achei que vocês eram profissionais o suficiente para não se importarem com isso. Mas é óbvio que não são. Bella poderia ter mudado de idéia sobre sair dali para sempre se a enfermeira tivesse ao menos pedido desculpas, ou dito algo, mas ela ficou ali parada, absolutamente quieta. Assim, Bella girou sobre os calcanhares e marchou pelo longo corredor, cada passo soando em seus ouvidos.

Na recepção, disse simplesmente: — Devido ao exame que não foi feito hoje, estou cancelando minha estada neste hospital. Por favor, mande qualquer conta pendente para o meu endereço residencial. Obrigada.

Já dentro do carro, ela se surpreendeu ao explodir em lágrimas.

O que ia fazer agora? Cancelara o parto pelo sistema de saúde público e agora sua estada no hospital particular. O que estava fazendo? Estava grávida de seis meses e nem sequer tinha feito o check-up.

Virou rapidamente a cabeça para trás, para que as lágrimas não estragassem a maquiagem, mas não adiantou. Escondeu o rosto com as mãos e soluçou. Sabia que havia alguns guardanapos de papel em algum lugar no carro e teria que limpar o rosto depois. Depois de soluçar muito por vários minutos, resolveu ligar para Don, que claro, estava fora da cidade.

Ligou para ele e depois de um bom tempo ouviu um "Alô?" muito fraco e cheio de estalidos do outro lado da linha.

— Don, Don? Alô. Sou eu.

— Oi, Bella. — A voz dele soava adorável e isto a fez chorar novamente.

— Acabei de cancelar tudo no hospital, não vou voltar lá e não sei o que fazer.

— O quê? Depois que ela explicou tudo, ele disse que ligaria de volta em algumas horas, quando chegassem ao hotel, e ele poderia conversar direito com ela. Ela sabia que esta era a melhor opção, mas sentiu se desanimada.

Meu Deus, que estava sendo tão patética? Deviam ser os hormônios.

Ligou para Tania. — Tania, é Bella.

— Olá, querida, como vai você? No meio de uma crise. Você pode fugir para almoçar? Ninguém vai sentir a minha falta no escritório, todos estão muito ocupados tentando descobrir como não entrar em falência — ela fungou forte.

— No Antônio's? Às 13 horas? — Tania respondeu, percebendo a urgência da situação.

— Eu amo você — Bella respondeu. — Eu também. Bella desligou o telefone e olhou para o seu rosto no espelho retrovisor. Muito pior do que ela esperava. Nariz vermelho e inchado, olheiras, riscos de rímel e base escorrendo pelas faces. Pegou os guardanapos e a bolsinha de maquiagem começou a consertar as coisas.

O almoço com Tania foi inspirado. No confortável restaurante italiano, Tania despejou vinho tinto em uma taça para "fortificá-la" e deixou que ela fumasse dois cigarros, dizendo suavemente: — Vá em frente, querida, você teve uma manhã muito difícil. E ao contrário, a manhã de Tania tinha sido muito boa. Conseguira finalmente uma grande conta que perseguia há semanas e Greg programara uma viagem a Veneza para comemorar.

— Talvez agora ele faça o pedido! — ela disse entre risadinhas para Bella. — Ó Deus, não

se atreva a voltar toda deprimida se isso não acontecer. Por que você não o pede em casamento? — Bella disse. — Não posso. — Tania tragou o cigarro e soprou a fumaça, dizendo: — É simplesmente o último bastião que eu, uma mulher independente, no comando do próprio destino, não consigo superar, derrubar... seja lá que diabos a gente faz com bastiões. — As duas explodiram em uma gargalhada.

— Então, como é que se sente com esta barrigona, esta enorme casa de bebê a sua frente deste jeito? — Tania perguntou. — E, a propósito, você ainda parece incredivelmente magra, sua vaca. Você está com seios enormes e lindos, uma barriga fantástica e o resto está praticamente igual.

Sua bunda ainda está empinada, pelo amor de Deus. É revoltante, não deveria ser permitido. É melhor você comer uma sobremesa ou não vou pagar a conta.

Bella caiu novamente na gargalhada.

— Eu me sinto cansada, pesada, gorda e chorona — confessou. — Meu cabelo está esquisito, espetado e vou ter que começar a usar sapatos sem salto porque sinto minha espinha começando a entortar por causa do peso da barriga — ela colocou as mãos ao redor da barriga.

— Você está ficando animada com o bebê? — Tania perguntou.

— Não sinto que ainda tive a oportunidade para isso. No momento, tudo parece um transtorno. Trabalho, licença-maternidade, o maldito hospital. É um problema atrás do outro e eu não tenho motivos para comemorar — foi a resposta sincera de Bella.

— Por que não deixa outras pessoas lidarem com os problemas para variar um pouco, Bella? Como vai Don? — Tania perguntou, com o óbvio significado "por que ele não está ajudando você?".

— Ele tem viajado muito. Acho que quer fazer todas as matérias possíveis no estrangeiro enquanto ainda tem uma chance para isso. Não sei, estamos um pouco fora de sintonia no momento.

— E que tal o sexo com uma barriga dessas? — Tania perguntou, enrolando macarrão no garfo.

— Vamos simplesmente dizer que há menos sexo.

— Ah. — Tania olhou para Bella, mas o assunto parecia ter sido encerrado. — Tive uma idéia excelente — Tania disse de repente. — Por que não vem comigo para a casa de meus pais no fim de semana? — Mesmo? — Sim. Vamos de carro na sexta depois do trabalho e teremos ar puro e paparação. Mamãe está louca para ver você desde que soube da gravidez. Ela espera que você me dê vontade de ter um também. E ela sabe tudo a respeito de hospitais, parteiras etc. Vai saber o que você deve fazer.

Bella concordou, decidindo que seria bom ter alguém cuidando dela por uns dias.

Até as 21 horas daquela noite, Don não tinha telefonado. Tentou ligar para o celular várias vezes, mas só ouvia a secretária eletrônica. Não sabia se devia ficar preocupada com ele, mas não conseguiu, não depois de apenas uma noite.

Foi deitar logo depois, mas, meia hora mais tarde, foi acordada por ele ligando de um bar barulhento.

— Estou dormindo — atendeu emburrada.

— Desculpe — ele disse. — São só 22 horas.

— Ah, tá bom...

— Desculpe, Bella. Não se preocupe, tudo vai dar certo.

— É fácil para você dizer isso... não é você quem está carregando uma barriga de seis meses e imaginando como diabos as coisas vão funcionar. — Ela estava zangada.

— Olhe, vá dormir, as coisas vão parecer melhores amanhã de manhã, Boa-noite, querida.

— Tchau — ela disse e bateu o fone no gancho.

## Capítulo Dezesseis

Bella tinha esquecido o quão fantásticamente opulenta era a casa dos pais de Tania. Bem na zona do cinturão financeiro de Kent, uma grande casa de campo com um pequeno bosque particular, chegaram à noite e, enquanto dirigiam até a casa, o cascalho fazia barulho sob as rodas e enormes janelas mostravam as luzes acesas, dando as boas-vindas.

Valerie, a mãe de Tania, estava na porta para recebê-las, abraçando-as e beijando-as afetuosamente. Ronald estava na enorme sala de estar, bebendo um gim-tônica. Beijou Bella e insistiu para que ela sentasse ao seu lado, pois queria saber das fofocas da City. Fora ele quem a motivara e estimulou seu entusiasmo pela consultoria.

— Você não tem permissão para falar com Bella a noite toda, Chérie. Quero saber tudo sobre a sua gravidez, querida — Valerie avisou assim que entraram na casa.

— E então, o que vão beber, meninas? Temos água mineral, suco de mirtilo, de maçã, todo o tipo de refrigerantes para você, Bella.

Os olhos de Bella e Tania se encontraram. Valerie era uma respeitada escritora de livros sobre saúde e não iria ser possível beber e fumar no terceiro trimestre da gravidez na casa dela.

— De mirtilo, por favor — disse Bella.

— Um drinque de gim e vermute — pediu Tania.

— Rá, rá — respondeu Valerie. — Você vai tomar vinho branco e se contentar com isso. Na verdade você deveria tomar suco de mirtilo e um punhado de cápsulas de cardomariano para cuidar de todo o abuso que seu fígado sofre na cidade.

Era uma delícia estar lá. Valerie paparicou Bella a noite toda, ouvindo com grande empatia a história sobre os hospitais.

— Bom, tenho uma solução alternativa para você — ela disse quando Bella comentou que ainda não tinha feito novos arranjos. — Um parto em casa, acabei de entrevistar uma mulher que dirige um grupo de parteiras independentes em Londres. Você contrata a parteira para acompanhar toda a sua gravidez e, na hora do parto, ela vai até sua casa.

Bella estava um pouco abalada, — Deus, isso é seguro? Não é ilegal? — Oh, querida, leia as estatísticas. Deixe-me pegar um livro para você.

Ela voltou com um livro, seu artigo sobre as parteiras e um número de telefones.

— Pense nisso. Agora me conte tudo sobre sua casa nova.

Foi o que Bella fez, e desta vez Valerie é quem teve que se recuperar do susto — As casa em Holloway custam tudo isso, querida?? — elas começaram mais uma conversa sobre decoração com Tania, que adorava decorar.

— Eu adoro esta sala — Bella disse, olhando os tapetes, antiguidades, plantas exuberantes, quadros e todas as coisas polidas e brilhantes que cintilavam à luz da lareira.

— Ora, é muito cansativa — Valerie afirmou. — O piso é lindo, as cortinas são muito caras, mas todo o resto é branco — paredes brancas, sofás brancos e depois todas as plantas, quadros e coisas que a gente vai acumulando.

— Mas não é um estilo muito minimalista, é? — Tania disse. Cada cantinho estava sobrecarregado de coisas e as paredes tinham tantos quadros pendurados que Bella sequer

havia percebido de que cor eram.

— Tania, nós estamos nesta casa há 30 anos — disse Valerie.

— O que faz você pensar que vou fazer uma decoração minimalista? — Bella perguntou a Tania.

— Para começar, você é matemática, e todos os matemáticos são obcecados por ordem. E em segundo lugar, você não possui coisas. Sua casa vai ser um templo zen, a menos que você saia fazendo compras.

— Don tem muitas coisas. Eu fiz com que ele jogasse fora caixas e mais caixas de coisas antes de ter permissão para entrar no meu apartamento.

— Sim, e ele só pôde levar um sofá e uma estante. Estive no seu apartamento — Tania provocou.

— Bom, eu pretendia comprar algumas coisas — Bella disse.

— Você vai ter que me levar junto. Mais um mês e não vai estar em condições de ir sozinha. No oitavo mês vai estar completamente ensandecida.

— Não vou não! — Conte para ela, mãe. — Tania parecia uma adolescente falando.

— Bom, há várias coisas a serem levadas em consideração — Valerie amenizou. — Com tanto estrogênio e oxitocina correndo pelo sistema nervoso, cálculos mentais saem da lista de prioridades antes e depois do parto.

— Que genial — disse Bella. — Como se eu já não tivesse o suficiente com que me preocupar.

— Quando você pára de trabalhar? — Valerie perguntou.

— Trabalho até o dia do parto, espero, depois tiro cerca de dois meses de folga.

— Não é o suficiente para o primeiro bebê — Valerie disse um tanto rispidamente.

— Bom, tenho um cliente esperando por meu trabalho em agosto e minha chefe não é exatamente um poço de compreensão — Bella acrescentou.

— Você está exigindo demais de si mesma — Valerie acrescentou.

— Igual a Tania. Talvez deva dar um passo atrás e pensar sobre toda esta situação a longo prazo. Será que alguns meses de folga a mais agora irão fazer uma grande diferença em sua carreira daqui a dez anos? Acho que não.

Valerie podia ver pela cara emburrada de Bella que tinha dito mais do que deveria.

— Pense a respeito, Bella, por favor. — Ela deu uma palmadinha no braço de Bella, levantou-se e anunciou: — O jantar está pronto, vamos comer.

— Meu Deus, Don, não passou pela sua cabeça que você poderia ter levado um tiro? — ela perguntou depois de ouvir as últimas aventuras de Don quanto se encontraram na noite de domingo. — E em Bradford, nem era em Beirute.

Ridiculamente baixo.

— Mesmo? Acho que deveria ter sido informada disso — ela disse, brincando.

— Meu Deus, é verdade, Bella. Porque, no meu testamento atual, tudo vai para minha mãe.

— Ele limpou o resto do molho no prato com um pedaço de pão.

— É melhor modificar seu testamento — ela disse. — Não pretendo ver Maddie mudando-se para as Bermudas para curtir sua aposentadoria enquanto fico sem um tostão para cuidar do seu filho.

— Você sem um tostão... eu gostaria de ver isso. Sem um tostão para você, deve querer



dizer ficar só com urna única poupança. — Rá. rá — ela respondeu, desejando que fosse verdade. Em breve teriam hipotecado até a alma e o último tostão de sua poupança iria para as mãos de decoradores.

— vamos nos enroscar no sofá — ele disse quando acabou de comer.

— Bom, Ok, mas eu fico por cima.

— Eu disse enroscar. Não assuma que eu quero ir até o fim — ele a estava provocando agora.

— Um minuto da minha aprimorada técnica lingual e você vai ficar desesperado. — levantou-se da cadeira e beijou-o até o sofá, onde ele se deixou cair.

— Não ainda não está funcionando, você vai ter que tentar de novo — e puxou-a.

Era desconfortável para ela tentar deitar-se em cima dele e beijá-lo com aquela barriga pesada e incômoda.

— Vamos para a cama — disse. — Não consigo me mexer aqui.

Andaram até o quarto, onde Don se sentou na beira da cama e a puxou para si. Beijaram-se muito tempo, e depois começaram a despir-se. Nenhum dos dois estava loucamente excitado, mas havia ternura nos seus movimentos.

Don tateou o vestido dela para descobrir como desabotoá-lo e percebeu que teria de despi-la pela cabeça. Tirou desajeitadamente a blusa e a deixou de pé, com o cabelo desarrumado e desgrenhado, usando um dos mais horríveis conjuntos de sutiã branco e calçola que jamais vira. — Eu sei — ela disse, reparando no seu olhar desconcertado. — Que tal eu vestir alguma coisa menos confortável? — Não, tire tudo, eu quero ver você.

Ela soltou o sutiã e seus seios pesados caíram desamparados. Os mamilos tinham ficado grandes e com uma cor amarronzada.

Sua barriga estava inchada na frente do nariz dele, tinha o umbigo estranhamente protuberante. As veias muito azuis dos seus seios e da barriga estavam bem à vista. Ela tirou as calçolas e seu pêlo púbico estava aconchegado por baixo do volume da barriga, que de repente tremeu.

— Meu Deus, sua barriga se mexeu — ele disse, nervoso.

— Claro que sim. — Ela não podia acreditar que ainda não tinha mostrado isso para ele. — Me dê sua mão — ela disse. Colocou a mão dele achatada contra um lado da barriga. Esperaram em silêncio por alguns instantes, e depois ele sentiu um golpe surpreendentemente forte por baixo da palma.

— Meu Deus, é tão forte, e está bem aí, bem debaixo de sua pele.

— Isso mesmo. — Ela sorriu.

— É fantástico — ele disse, — Não dói? — Ela balançou a cabeça.

— Está tudo bem, não está? Podemos fazer sexo? — perguntou.

— Bom, vamos tentar. — Ela sorriu para ele, sentado ali de cueca, meias, camisa e gravata. Bella se ajoelhou e tirou a cueca dele e as meias, e depois se inclinou sobre o colo e pôs a boca naquela ereção.

Quando subiu para beijá-lo, tentou sentar-se no colo dele, mas a barriga a atrapalhava.

— Deite-se — ele sussurrou. Ela se deitou de lado e ele se aconchegou bem apertadinho atrás dela, pondo uma mão entre as suas pernas, Bella agarrou o pênis e colocou-o lentamente dentro do seu corpo.

Ele agarrou suas ancas e enfiou-se mais fundo.

— Oh, Deus. — Ela soluçou, não totalmente de prazer. — Não sei se vai haver lugar para ele. Isto é esquisito.

Ela se sentiu completamente cheia com ele lá dentro, e o pior, os braços e as pernas do bebê estavam sendo empurrados de um lado para outro, arranjando nova posição. Sentia-se como uma pia cheia com louça enquanto alguém tentava enfiar mais pratos dentro — não era exatamente de enlouquecer de desejo.

— Quer que eu tire? — perguntou Don.

— Não, mas vá bem devagar, não faça movimentos bruscos.

Ele foi muito cuidadoso e não desagradável, mas não era sexo como deve ser.

## Capítulo Dezessete

A papelada da casa ficou pronta uma semana antes do previsto — um pequeno milagre em se tratando de Londres, era o pensamento na mente de Bella enquanto ela e Don iam buscar as chaves e ir para a casa nova. Ela estava nervosa. Meu Deus, eles tinham acabado de gastar uma verdadeira fortuna comprando um imóvel em uma área que viram de passagem.

Don parecia relaxado, quase jovial. Bella usava roupas para gestantes mais glamourosas que pôde juntar, calças de couro preto, uma túnica branca e um casaco novo com gola de pele cinza. Mas a barriga de sete meses e meio não era nada elegante. Começava a sentir-se muito pesada ao andar, e foi com certa dificuldade que entrou no jipe.

Iam ver a casa de manhã e depois ela iria se encontrar pela primeira vez com a parteira autônoma nesta tarde, para discutir a opção do parto em casa. Ela ruminou a possibilidade de ter Don junto com ela na reunião e decidiu que não, que tudo iria deixá-lo mais horrorizado do que deveria neste estágio.

Ele agora parecia tão incomodado sempre que ela falava em dar à luz que Bella começava a preocupar-se, pensando que ele iria querer fugir de estar presente no parto.

— Don! Você fez reportagens em campos de batalha — ela disse em uma discussão acalorada.

— Sim, e também vi mulheres darem à luz neles — ele retrucou. — E não é nada bonito de se ver. Não sei se quero estar por perto e ver você sofrendo assim.

Este ainda era um ponto para debate.

Eles atravessaram a cidade. Era uma manhã nublada de março, fazia frio e chovia levemente. O tipo de clima que ela mais odiava no mundo inteiro.

Quando chegaram na rua, ela parecia mais cinzenta e tristonha do que no dia em que a viram pela primeira vez.

Don estacionou e saiu primeiro do carro. Bella levou alguns momentos para descer e andar na rua atrás dele.

Eles destrancaram a porta da frente e entraram. Don acendeu a luz do hall e as paredes pareciam inexoravelmente laranja agora que a casa estava completamente vazia. No escuro, na sombria sala de estar em azul-marinho, havia manchas nas paredes e no piso, onde tinham estado quadros e mobílias.

Bella olhou pelas janelas traseiras para o jardim ensopado de chuva, onde a grama amarela e pisada marcava o lugar onde o balanço tinha estado.

— Meu Deus — disse ela para Don. — É preciso alegrar isto um pouco não é? — Ela estava tentando parecer animada enquanto pensava silenciosamente: "Mas o que fizemos?" O piso de cima não parecia ser melhor, especialmente o quarto cor de rosa, agora violentamente cor-de-rosa depois de vazio, e o quarto das crianças, com suas paredes de cores mal combinadas.

— Dá uma sensação de vazio e solidão — ela disse para Don, com a voz um pouco trêmula.

— Tudo vai ficar bem — ele a reconfortou. — Só precisamos decorar e pôr nossas coisas aqui.

— Você ainda acha que fizemos bem? — Ela precisava que ele dissesse que sim.

— Sim. Foi uma boa escolha. É uma casa encantadora e grande. Vai ser fantástico. — Ele pôs os braços à volta dela. — Você vai se sentir muito melhor assim que tivermos estreado o lugar — ele sorriu e a beijou no nariz.

— Agora sei que você está brincando — ela riu e o empurrou. — A única coisa que vou estrear agora mesmo é o banheiro.

O banheiro estava em estado muito pior do que ela se lembrava, e também muito mais frio. A família devia ter se mudado há já vários dias, porque a casa estava terrivelmente gelada.

De volta à cozinha, Don encostava-se no fogão de ferro, enquanto ela delineava seus planos de decoração.

— Quero manter as coisas simples porque já não temos muito tempo acariciou a barriga.

— Estou pensando em refazer o reboco, pintar tudo de branco raspar e voltar a envernizar todo o piso, montar um novo banheiro e uma nova cozinha. Ele olhou para ela, sem querer acreditar.

— E isso é simples? Bella! Isso são cerca de oito meses de trabalho!! — Não! Stephen me deu o telefone de uma equipe que diz que pode fazer tudo em um mês — ela retrucou. — Temos dinheiro para isto, apesar da hipoteca e um ou dois meses extra de renda? — ele perguntou.

Para não falar da caução, do pagamento do advogado, imposto de selo... ela não podia deixar de adicionar tudo mentalmente, e a resposta foi: — Não, nem por isso — mas não conseguia suportar a idéia de trazer o bebê para uma casa desarrumada e inacabada. Queria ter tudo resolvido. Iria ser promovida a sócia quando voltasse ao trabalho, depois ficaria tudo bem. Simplesmente ia ter que se esforçar muito por alguns meses. — Tudo vai ficar bem. — ela respondeu. — Vou ser sócia da empresa até o fim do ano — ela garantiu.

— Isto está fazendo eu me sentir meio deslocado — ele disse, cruzando os braços na frente do peito.

— Don — agora ela estava começando a se sentir exasperada —, você está pagando metade e agora nós somos um casal. O que é meu é seu.

Não diga que não posso gastar dinheiro na nossa casa, por favor.

— Bom, se você tem certeza que é isso que quer fazer... — Ele a olhou nos olhos. — Só não gaste tudo até o último tostão, Bella, ou vai acabar sendo uma triste idiota, como eu, que tenho de contar com uma esposa endinheirada. — Don! — Ela sorriu. — Vamos, temos que ir embora. As parteiras hippies tem que me ver em uma hora. — As o que?! — Desculpe, este é o nome que eu dei a elas. As parteiras autônomas, que vão cuidar de mim daqui em diante. — Ela ainda não tinha discutido o parto em casa com Don. Como ainda não tinha se decidido, não havia motivos para preocupá-lo — Ah... — Uma longa pausa. "Por favor, não pergunte, por favor, não pergunte"... mas ele perguntou: — Então, onde é que você vai ter o bebê agora, Bella? — Me deixe conversar com elas e nós dois discutiremos as opções esta noite, OK? — e fez a sua cara mais relaxada e sorridente de está tudo bem.

— Então vamos. — Ele deu uma olhada pela cozinha, que parecia suja e para lá de

salvação sob aquela luz acinzentada. — Esta é uma ótima casa, mal posso esperar para me mudar. — Só estava mentindo um pouco.

Ficaria muito boa depois de pintada.

Ela o beijou no rosto.

— Eu amo você.

— Eu também. — E foram para casa. Vinte minutos depois da hora combinada, a campainha tocou, Bella foi até o interfone e pediu a Annie Mellor para subir até o terceiro andar. Abriu a porta para uma mulher com ar agradável, de trinta e poucos anos, com cabelo castanho-acinzentado preso em um longo rabo-de-cavalo até a cintura. Usava umas estranhas calças largas de patchwork, botas de caminhada em camurça um casaco na altura dos joelhos e uma bolsa de palha pendurada no ombro. Bella desanimou: não era nada disto o que esperava.

— Olá, sou Annie. — Annie estendeu a mão branca e macia, e Bella a apertou com firmeza.

— Entre — ela disse, tentando não soar tão desinteressada como se sentia. Levou Annie para a espaçosa sala de estar, onde se sentou em um dos dois sofás de couro preto.

— Nossa — Annie disse, — Sala grande, não? — Posso oferecer um chá ou um café? — Bella perguntou.

— Você tem algo com ervas? — Annie perguntou.

— Não.

— Só água então, por favor. Bella voltou com um copo alto com água gelada e uma cafeteira francesa com café extraforte, supercafeinado, para si mesma. Estava tentada a acender um cigarro, mas decidiu que isto iria assustar demais a Annie.

— OK — Bella disse, colocando a bandeja na mesinha de centro. — Estou pensando em usar os seus serviços e gostaria que você me contasse tudo a respeito.

— Bom, basicamente eu farei todo o atendimento pré-natal...

— Você pode ir ao meu escritório? — Bella perguntou.

— Não vejo problemas — Annie respondeu calmamente.

— OK. — Este era um grande ponto a favor.

— E quando você entrar em trabalho de parto irei até sua casa e farei o parto. — Isto parecia fácil demais, muito parecido com "eu irei até sua casa e entregarei a encomenda".

— Bom... qual a sua experiência? — Bella perguntou.

— Sou uma parceira sênior qualificada, faço partos há 15 anos. — Annie olhou para ela comum olhar levemente severo, Bella viu a rede de pés-de-galinha nos cantos de seus olhos e as rugas ao redor da boca e percebeu que ela era muito mais velha do que parecia, provavelmente com uns 45 anos.

— OK. E o que acontece se algo der errado? — Bella perguntou. — Sim, todo mundo pergunta isso — Annie disse. — É claro que se for algo grave a levaremos para o hospital em uma ambulância. Mas nossa taxa de transferência é de cerca de 10%, principalmente causados por um pedido da mãe. De nossos bebês, 90% nascem naturalmente, sem nenhuma intervenção cirúrgica ou até mesmo anestesia. Você deveria comparar estes dados com os do hospital ali na esquina.

Ahá, números. Bella começou a relaxar.

— Descobrimos que as mulheres que dão à luz em casa, com uma parteira que conhecem e em quem confiam, têm um parto muito mais seguro do que se tivesse sido levadas a um hospital, com vários estranhos espetando e cutucando nelas, amarrando-as a máquinas — Annie disse.

— Então vocês não usam nenhum tipo de anestésico? — Bella perguntou. — Preferimos evitar. Temos um aparelho TENS, mas preferimos massagens hematerápicas, banhos de imersão quentes ou uma piscina de parto, e usamos remédios naturais.

— Bom, li um livro sobre partos em casa — Bella disse. — Uma amiga me deu, mas tive a impressão de que tudo era um pouco idealista. Só aparecem pessoas felizes, sendo massageadas nas costas enquanto os bebês pulam para fora. Onde estão os gritos, o sangue e a agonia? — Bom, temos um pouco disso também, mas um parto não é nem metade do horror que aparece na série *Plantão Médico*. — Annie sorriu. — Faz toda a diferença do mundo estar em um ambiente agradável, com pessoas conhecidas apoiando você.

Bella notou como Annie era magrinha. Sun perninhas estavam cruzadas e as botas de deserto faziam dois canos abertos ao redor dos tornozelos ossudos. Não parecia suficiente forte para ser uma parteira.

— E o que é necessário para um parto em casa? — Bella perguntou.

— A propósito, mudamos daqui no mês que vem.

— Todas as grávidas estão mudando de casa, ou redecorando. É uma regra. Annie sorriu novamente e Bella retribuiu. Estava começando a gostar dela um pouquinho.

— Antes de qualquer coisa, precisamos conversar sobre sua saúde — disse Annie. — Sem mentiras! — Certo. Annie leu atentamente as anotações da gravidez de Bella.

— Você ainda bebe e fuma? — ela perguntou.

— Cortei ao máximo. — Não precisava de outro discurso.

— Bom, você vai ter que parar, Bella, Não sei como enfatizar o suficiente como isso é ruim para o bebê. Está fazendo algum exercício? — Corri todas as manhãs até fazer seis meses de gravidez, agora faço caminhadas puxadas e vou uma ou duas vezes por semana à academia.

Annie parecia um pouco horrorizada e recomendou aulas de ioga pré-natal.

Depois perguntou: — Quando você para de trabalhar? — Ia trabalhar até a hora do parto, mas o projeto em que estou envolvida vai terminar uma ou duas semanas antes do prazo, de modo que vou ter um pouco de tempo livre.

— Bom — Annie disse. — Acho que você vai precisar disso, porque não teve muito tempo para pensar de verdade neste bebê, teve? A frase foi dita gentilmente, mas Bella sentiu-se ferida. Sabia que era verdade e sentia-se pronta para diminuir um pouco o ritmo, ler livros, xeretar lojas infantis e pensar em nomes. Foi neste exato momento que decidiu que iria usar os serviços de Annie. Receberia as visitas pré-natais no escritório, entraria para as aulas de ioga e ficaria pensando no parto em casa.

Assim que Annie saiu, Bella ligou para Tania pedindo uma segunda opinião.

— Você não acha que é muito alternativo e hippie? — Bella perguntou — Um parto em casa? — Tania perguntou. — Não, é super moderno e chique. De rigueur em Notting Hill. O serviço público é muito politicamente correto, o particular é "muito chique para fazer

força", e todo mundo está tendo bebê em casa.

— Ah, bom, claro, então está tudo bem — Bella respondeu, carregando na ironia — Meu Deus, Tani, isto é um parto, não um desfile de moda! — Bella, você vive no centro de Londres, eles podem levar você a um hospital em minutos cravados. Tenho certeza que estará tudo bem.

Como vai a casa nova.

— Tivemos lá esta manhã. Parece vazia, triste e deprimente. — Você precisa decorá-la. Quando posso ir dar uma olhada? Elas marcaram uma hora no fim de semana.

Bella e Don iam jantar fora com Mel e Jasper naquela noite e foram dirigindo enfiados confortavelmente no carro de Bella.

— Não acredito que você ainda consegue se enfiar nesta coisa — Don provocou enquanto sentavam praticamente de rostos colados nos assentos baixos.

— Não é pouco difícil dirigir a esta altura da gravidez? — Não. é uma delícia... Posso dirigir correndo, ziguezaguear, fazer vôos rasantes e esqueço que sou uma grande e imensa baleia grávida quando estou em terra firme. — Alguma outra metáfora a acrescentar a esta frase? — ele provocou. — Oh, cale a boca. — Ela ligou o carro e saiu de ré da vaga.

— Eu sou a matemática e você é o mago das palavras. Podemos parar por aqui? — Então quem é que vamos homenagear ao batizarmos o nosso filho? — ele perguntou quando começaram a percorrer as ruas, — Escritores ou matemáticos? — Não quero dar o nome de ninguém para ele — ela disse. — Quero algo completamente único.

— Oh, não... Bellabel Ginseng Álgebra Browning! Ela caiu na gargalhada...

— Que tal algum de seus heróis? — ele perguntou. — Talvez Benito? — Quem? — Mussoline, claro... — e ele continuou enquanto ela reclamava: — Woody? Por causa do Woody Allen? E qual é mesmo o nome do Einstein? — Frank — respondeu. — Frank Einstein — e enquanto ele gargalhava. ela perguntou: — Você quer Dylan, não quer? Por causa do grande Bob? — Sim! — ele respondeu. — Por favor, podemos? — NÃO! De jeito nenhum! — Bom, já que estamos falando de gênios musicais, acho que você quer Robbie, ou talvez Ronan... ou Posh — ele disse, e ela deu um tapa no braço dele.

— Que tal Karl... por causa de Marx? — foi a sugestão seguinte dele.

— Mark... — ela disse. — Markie McCartney. Ei! Gostei disso.

— Hummm — ele respondeu. — E se for menina? — Não vai ser uma menina — ela disse com um sorriso.

— Não? — Não, eu simplesmente sei disso.

— Você espiou o último ultra-som, não foi?

— Não vou dizer!! Eu simplesmente sei.

— Você é uma mulher absolutamente desonesta e traidora, Bella — Don estava brincando, mas parou quando viu a expressão dela mudar repentinamente. — O que há de errado? — ele perguntou preocupado.

— Nada, nada... desculpe. Pensamentos ansiosos sobre o bebê, só isso Desculpe — ela disse, grudando os olhos no semáforo à sua frente e esperando que a grande onda de culpa sobre o assunto Chris desaparecesse.

— Vai dar tudo certo — ele disse para acalmá-la.

— Espero que sim — ela respondeu.





## Capítulo Dezoito

Bella, Bella, acorde, O despertador está tocando há horas. Ela abriu os olhos e olhou para Don, exausta.

— Ah, meu Deus. — Ela rolou para o seu lado da cama e empurrou-se para fora dela. Sentia-se pesada e extremamente cansada. Era impossível conseguir dormir uma noite inteira. Precisava esvaziar a bexiga pelo menos duas vezes durante a noite e, de ter travesseiros entre os joelhos e debaixo da barriga, era difícil encontrar uma posição confortável.

Mesmo assim, precisava continuar. Já era abril, estava no oitavo mês de gravidez e precisava cumprir o prazo da Merris antes de pensar em livrar-se desta pequena carga. Tentou entrar no ritmo e vestiu o roupão, amarrando o cinto por cima da barriga, o que a fazia parecer um ovo de Páscoa com pernas.

Cambaleou até o banheiro, prendeu os cabelos, lavou o rosto e passou um pouco de maquiagem.

Voltando ao quarto, vestiu o grande sutiã branco, a cinta para gestante, que praticam chegava às suas axilas, uma camisa branca solta, a saia de poliéster cinza e sapatos sem salto. Don estava olhando para ela, deitado na cama.

— Não diga nada — ela avisou —, eu pareço um monte de merda e me sinto um monte de merda. A mulher elegante e sexy com quem você se casou virou um monstro. Ele caiu na risada, mas ela não. — Eu odeio isto, Don, eu me sinto como uma baleia. Sei que você vai fazer um monte de barulhinhos reconfortantes, mas eu pareço uma baleia. Don respondeu: — Então eu sou seu marido-baleia.

A campanha tocou. Era o táxi. Ela e Geoff agora dividiam um táxi para irem ao escritório. Era um táxi chique — um Land Rover elegante com um motorista que falava inglês —, mas não uma limusine.

Geoff não falava mais com ela agora, somente "Humm" como bom-dia e se escondia atrás do jornal.

As coisas sempre ficavam assim no final de um projeto. Todo mundo odeia você por causa das críticas ao trabalho deles terem sido feitas publicamente e providências a respeito serem tomadas. Esta era a parte mais dura. Era a reação humana natural, a atitude "mate o mensageiro", e ela tentava não levar as coisas para o lado pessoal, mas sempre se sentia um pouco magoada quando acontecia.

O bebê se mexeu na sua barriga. Bella não tinha tomado café da manhã e não conseguia se livrar de um pouco de azia.

— Geoff, espero que você não se incomode — ela disse —, mas vamos passar por uma lanchonete daqui a pouco e vou pedir para o motorista parar porque quero comprar algo.

— Humm.

— Você quer alguma coisa? — Hummpf.

Deus Todo-Poderoso, ela não lidava com este tipo de comportamento desde o ensino fundamental.

Ficou contente quando entrou finalmente em sua salinha, afastada do pânico crescente

desenvolvendo-se na empresa. A fusão tinha sido anunciada recentemente, junto com a renúncia de Merris ao cargo de presidente. Agora todos sabiam que mudanças estavam acontecendo e a ansiedade no ar era quase palpável.

Bella Browning, 28, sozinha em seu primeiro projeto, tinha sido a responsável por tudo isto. Precisava muito ser confortada e decidiu ligar para o escritório.

— Bom-dia, Prentice and Partners. — Sentiu-se melhor só em ouvir a frase do outro lado da linha.

— Kitty, oi, é Bella.

— Bella! Como vai você? Não a vejo há séculos. Você deve estar enorme. Prometa que vai aparecer para o happy hour de sexta-feira.

— Vou ver. Ainda não sei o que vai acontecer na sexta-feira, mas vou tentar. Sinto saudades de todos.

— Tudo anda tão quieto por aqui, ninguém no escritório, exceto Susan. — Ela está aí agora? — Sim, vou passar a ligação, mas venha nos ver na sexta. — Irei se puder. Ela esperou vários e longos minutos. Desde o Natal que mal falava com Susan e agora se sentia um pouco nervosa.

— Olá Bella, como vai você? — A voz de Susan era fria e profissional. — Estou bem. Na verdade estou tendo uma pequena crise de confiança quanto à Merris. E realmente gostaria de conversar com você sobre o meu relatório final, só para ter certeza de que está tudo certo. — É claro que está. Tenho total confiança em você, Bella — Susan respondeu.

— Qual a melhor hora para telefonar para você hoje? Eu realmente gostaria de apresentar um esboço — Bella insistiu.

— Não há problema. Que tal 15h30? Mas, Bella, não se preocupe, estou certa de que é um trabalho muito bom. — Obrigada, Susan, precisava ouvir isto. — Falo com você mais tarde. — Tchau.

Ela fizera a ligação de seu celular — era hora de ser muito cuidadosa. Agora era seu telefone lixo que tocava. Janice, a secretária de Merris, queria saber se srta. poderia vê-lo agora.

— Estarei aí em dez minutos — Bella respondeu, pensando "AAAAArgh" e reunindo alguns papéis na mesa. Podia ouvir o coração disparado no peito e o bebê girando em sua barriga. Não sabia sobre o que se tratava esta reunião e entrou em pânico.

Pegou o maço de cigarros da pasta e acendeu um com as mãos trêmulas. Na quinta tragada começou a se sentir mais calma, na sétima estava novamente sob controle. Sua análise tinha sido correta, suas sugestões, boas — não havia nada para se preocupar-se o presidente queria ouvir as notícias diretamente dela antes da diretoria, ele iria.

Janice a fez entrar no escritório de Merris. Ela se esquecera de como a decoração era tradicional — revestimento de madeira nas paredes, quadros cavalos e antepassados nas paredes e ele sentado em uma grande cadeira estofada atrás de uma mesa enorme.

Merris, como sempre, parecia um político convencido, vestindo um terno escuro completo, com colete, relógio de bolso e um pequeno cravo amarelo na lapela. Seu cabelo grisalho estava cuidadosamente penteado para trás e ele fixou seus olhos azul-claros nela.

— Juro por Deus, Bella, que você passou por esta empresa como um furacão, não foi? — foi a sua primeira frase.

— Na verdade, não — ela respondeu, sentando-se na cadeira que ele indicou com a mão. — Furacões são destrutivos, eu quero ajudar você a construir algo sólido para o futuro.

— Sim, eu sou grato por isso — ele disse, e acrescentou: — Estou muito feliz com a fusão.

Ele disse o elevado valor obtido. Ela assobiou e ele deu uma gargalha.

— Eles sabem da apelação? — ela perguntou.

— Sabem que é uma possibilidade remota. Você está muito preocupada com isso, não está? — Se você perder, vai ser um desastre. Bom, um desastre menor, agora que você tem novos sócios.

— Não vamos perder — ele respondeu, e pelo tom ficou claro que esta seria a última palavra no assunto. — Bom — ele continuou —, estou me afastando da presidência, o que me deixa um pouco triste, mas agradeço a você por me lembrar que presidentes não podem ficar no cargo para sempre. Não sei quem vai me substituir, nossos novos sócios vão querer dar seus palpites, mas eu a chamei aqui, sra. Browning, porque gostaria de indicá-la para o cargo de diretora financeira.

Ele fez uma pausa para ver a reação dela, mas ela não se mexeu.

Estava pensando em Geoff, o atual diretor financeiro, com seus sons de irritação no taxi e imaginando para onde ele iria. Enquanto isso, Merris mencionou o salário.

Ela assobiou novamente.

Ficaram olhando um para o outro até que ela finalmente disse: — Esta é uma oferta muito generosa, sr. Merris. Mas tenho muitas coisas a serem analisadas no momento. Em cinco semanas darei à luz meu primeiro filho e, falando honestamente, não sei se tenho experiência suficiente para este cargo.

Esse era o ponto a vencer. O cargo de diretora financeira seria muito bom e iria com certeza pagar a hipoteca da casa, mas era algo que ainda não estava em seus planos profissionais no momento. Ainda precisava ter muito mais experiência em consultoria. Mas Merris disse: — Eu não ofereceria o cargo se não pensasse que você tem capacidade para isto — E acrescentou: — Mas não esperava obter uma resposta logo de cara. Você pode me dar um retorno quando bem entender.

— Ela sorriu para ele.

— Agora — ele disse — estou esperando ansiosamente pelo seu relatório porque quero que nos diga que a fusão e as estratégias que implementamos, graças a você, vão ter um efeito muito positivo.

— Sim — ela disse —, espero que isto anime a todos. — Talvez não tenhamos a oportunidade de termos outra conversa pessoal antes que você vá embora; portanto, quero dizer que estou muito grato pelo trabalho que fez. Vou dizer o mesmo para sua chefe. Mas gostaria que você viesse trabalhar comigo.

— Bom, vou pensar seriamente a respeito, — Ela sorriu para ele. E levantou-se, sentindo que a reunião estava acabando.

— Agora... — Ele abriu uma gaveta e tirou uma caixa lindamente embrulhada. Levantou-se e deu a volta à mesa para entregá-la. — Um pequeno gesto para demonstrar minha gratidão. Ela pegou a caixa pensando: jóias de um cliente, opa. Isto parecia inadequado. — Por favor, abra — ele disse.

— Esta bem. — Bella pensava em como lidar com a situação. Ela puxou a fita e levantou a tampa. Era um mordedor para bebê com um ursinho de prata sólida na ponta. Era também um dos presentes mais ridículos que poderia dar a um bebê, mas ela ficou comovida com o gesto.

— Obrigada, sr. Merris — disse, estendendo a mão para um cumprimento profissional.

— Você pode me chamar de Tony — de disse, apertando a mão dela com firmeza e dando uma palmadinha no braço dela. — Na verdade, você já me chamou assim uma vez. Ela ficou levemente corada.

— Sim, é verdade, desculpe... às vezes sou um pouco...

— Não se desculpe — ele cortou a frase —, é disso que gosto em você Bella. Você tem coragem. Estava cercado por homens que só diziam sim e veja onde fui parar. Acho que seria muito bom ler umas "mulheres que dizem não por perto.

— Uma "mulher que diz não", gosto disto. — Ela sorriu. — Muito obrigada por todo o seu apoio. Agora acho melhor ir preparar aquele relatório.

— Sim — ele respondeu. — Estou ansioso em recebê-lo.

Saiu toda derretida da sala dele e voltou para a sua, sorrindo o tempo todo. Às 15h30, Bella ligou para Susan, a fim de contar sobre os mais recentes acontecimentos.

— Está tudo indo tão bem, Susan, que ele até me ofereceu um cargo na empresa — disse isto descontraidamente, para mostrar que não iria aceitar.

— E o que você disse? — Susan perguntou.

— Disse que tinha muitas coisas na cabeça no momento e que daria um retorno mais tarde. Mas eu sou parte da sua equipe, Susan. Quero que você saiba que levo nosso compromisso profissional a sério, apesar do bebê.

"Apesar do bebê." Não gostou nada de ter dito isto. Ter um bebê não era algo sobre o qual ela deveria se desculpar. Afinal de contas, este é o século XXI.

— Sim, fico grata por isto — Susan respondeu. — Você vai entregar o relatório e encerrar o projeto na semana que vem? — Sim, provavelmente na quarta ou quinta.

— Então, sexta-feira que vem vamos fazer uma festa de licença- maternidade para você e depois está dispensada. Não considere este tempo como parte da licença oficial. As três semanas extras são por nossa conta.

Você merece.

Bella ficou comovida.

— Obrigada — ela disse. — Isto significa muito para mim.

O relatório foi entregue ao sr. Merris às oito horas da manhã da quarta-feira seguinte. Os oito dias necessários para terminá-lo passaram velozmente e ela trabalhou como uma louca.

Tinha passado a maior parte do fim de semana de roupão, ao computador organizando a enorme quantidade de dados necessários para provar que suas estratégias de recuperação já estavam funcionando, mas que ainda se podia fazer melhorias. Mal viu Don, que também teve que trabalhar a até tarde.

Foi um trabalho pesado, com momentos flamejantes de inspiração, Ela pensou sobre o futuro da Merris. Eles estavam recebendo uma injeção de dinheiro novo e novos talentos, mas não sabia se isso seria suficiente para mudar a mentalidade da empresa. E ainda não

conseguia deixar de se preocupar com a ação judicial como todos os demais pareciam fazer. E se os pensionista ganhasse? A Merris seria obrigada a desembolsar uma enorme quantia e sua reputação cairia por terra de um momento para outro.

Mitch passou por sua cabeça. Ela meio que tinha dito a ele que era seguro ficar na empresa, mas agora não sabia mais.

Na tarde de quarta-feira, fez sua apresentação para uma platéia surpreendentemente grande. Não só os executivos da Merris, mas também os executivos da empresa-sócia. Seu discurso foi encorajador, mas cauteloso, porque o grupo Merris não estava nem um pouco livre de problemas.

Ela sentia-a horrivelmente constrangida ao estar na frente desta gente toda, ridiculamente grávida, com as costuras do horrendo vestido de jérsei arrebentando, não contendo a barriga. Ela não poderia ser mais diferente deles.

Será que a levariam a sério? No fim do dia, tudo agora era problema deles. Ela lembrou si mesma várias vezes que tinha feito o trabalho para o qual fora paga.

Depois da apresentação houve um pequeno coquetel para que todos pudessem apertar a mão dela, fazer mais perguntas e agradecer por seu trabalho. Mais tarde, voltou para a sua salinha, esvaziou as gavetas e estava guardando tudo quando bateram na porta.

Janice entrou, escondida atrás de um enorme buquê de flores.

— São do sr. Merris, com os melhores cumprimentos — ela disse, entregando o enorme buquê. O cartão dizia: "Parabéns, ainda gostaríamos de ter você conosco, Tony," Ela estava na sala, sem saber onde colocar as flores, quando bateram novamente na porta..

Mitch apareceu.

— Uau, quem é o admirador secreto? — Tony.

Mitch ficou com a expressão vazia.

— Tony Merris.

— Oh. Jura? Estou impressionado. — Depois acrescentou: — Lamento que você esteja indo embora, principalmente porque isto aqui vai virar um inferno agora. Eu espero.

— Sim, espero que sim. Isto precisa de uma boa sacudidelá, mas vai haver muito mais lugar para pessoas boas como você.

— Espero que sim. — Depois Mitch falou da preocupação que ela esperava: — Você acha que devo ficar aqui? — Não posso responder a isso. Depende de quem está fazendo a reorganização, pedi-lhes para trazerem muito mais sangue novo com talento. E ainda estou preocupada com o processo no tribunal... se perderem, vai ser muito dinheiro.

— Hum. — Ele não deixava transparecer nada dos seus pensamentos. Bom, de qualquer maneira, tenho um presente para você. — Deu-lhe um pacote fofo.

— Oh, você não deveria ter feito isso. Agora estou mesmo envergonhada porque não comprei nada para você.

— É para o bebê — ele acrescentou, — Abra.

Ela desembrolhou um pequeno e absolutamente adorável sapo azul de veludo.

— Faz barulho e dá para lavar na máquina; os papais conhecem esse tipo de coisa.

— Muito obrigada. — Ela ficou surpresa de sentir lágrimas surgirem nos olhos. — Como está sua esposa? — perguntou.

— Está bem, mas muito cansada, porque tem de passar o dia correndo atrás de duas

outras crianças, e ainda tem o bebê. Mas está bem e estamos mesmo felizes de ter uma menina.

Houve um breve silêncio. Sorriam um para o outro, confortáveis com a pausa em silêncio.

— Me dê seu cartão, Bella. Eu a manterei informada do que está acontecendo aqui.

— Claro. — Ela enfiou a mão na bolsa e lhe deu um.

— Bem, tudo de bom para você — ele disse e apertaram as mãos afetuosamente.

— Cuide-se — ela disse enquanto ele saía da sala.

E pronto, era tudo. Tinha arrumado as coisas e se despedido de todos. Falou com a recepção para lhe chamarem um taxi e depois saiu da Merris carregando as bolsas, o laptop, a pasta e as flores, apesar da enorme barriga. Enquanto despencava no assento do táxi, Bella deu uma última olhada para as portas giratórias e a impressionante fachada de mármore.

Engoliu a vontade de chorar quando o táxi partia.

A noite de sexta-feira foi muito mais emotiva. Foi jantar com Susan, Chris, Kitty e Hector e eles fizeram piadas de bebês e adoráveis exclamações de apreciação sobre ela durante toda a noite. Finalmente, enquanto a sobremesa e os cafés chegavam ao turbilhão de garrafas de vinho vazias e cinzeiros a transbordar na mesa, Chris fez um discurso brincalhão sobre ela, que acabou num poema tonto. Todos caíram em um riso embriagado. Felizmente, Kitty tirou um grande embrulho de baixo da mesa. — Abra — ela insistiu. Bella abriu um espaço e desfez o embrulho.

Dentro ela viu um monte de roupas de bebê: macacões de malha laranja e azul, lindos casacos com barras e bordados, sapatinhos minúsculos de camurça, uma touca multicolorida com protetores de orelha e um pompom e um móbile com pequenos palhaços pendurados em fitas.

— Ah, meu Deus — ela disse, completamente emocionada. — Quem comprou todas estas coisas adoráveis? — Eu e Susan — disse Kitty. — Levou toda uma tarde. — Isto surpreendeu Bella. Imaginar Susan em uma loja de artigos para bebês.

— Ah, obrigada, muito obrigada. — Bella olhou para cada um dos quatro rostos. — Isto é absolutamente maravilhoso. Agora vou chorar. E foi o que ela fez. Primeiro conseguindo deter a torrente com o guardanapo, mas depois precisando enterrar o rosto no ombro de Kitty para dar uma boa chorada.

— Meu Deus, isto é mesmo embaraçoso — disse quando voltou a si.

— São os hormônios, estou ficando completamente doida.

Já passava da meia-noite quando finalmente se despediu deles e tomou um taxi, a fim de ir para casa.

As luzes do apartamento estavam acesas e ela esperava que Don tivesse ficado acordado à sua espera. Na manhã seguinte, bem cedo, ele ia partir para outra reportagem no estrangeiro, prometera que não ia demorar, uma vez que já não faltava muito para a data prevista do parto.

— Olá — ela gritou, abrindo a porta de entrada.

— Estou aqui — ele respondeu e sua voz parecia incrivelmente séria.

Bella entrou na escura sala de estar, reparando em duas grandes malas junto à porta de entrada que estava ao passar por elas.

Don estava silenciosamente sentado no sofá, sem que a TV e som estivessem ligados. Não olhou para Bella quando ela entrou.

— Acabei de descobrir sobre o bebê — ele disse.

— Ora, faça-me o favor — ela respondeu, sem perceber de que diabos ele estava falando.

— Pensei que já havia falado disso com você há meses. O que raios você acha que é esta barriga? — Estou muito zangado com você. Como pôde fazer isto comigo? Agora ele olhou para ela, e Bella viu que ele estava furioso.

— Sobre o que você está falando? — ela perguntou, completamente confusa.

— Bom, deixe-me explicar — ele disse. — Eu estava calmamente passando do à noite aqui em casa, sem nada para fazer, e por acaso vi a caderneta do seu pré-natal na estante. Estava só curioso, não achei que fazia mal lê-las... não imaginei que ia descobrir seu grande segredo.

— O que você quer dizer com isso? — ela perguntou, agora ficando muito nervosa.

— Bom, ou alguém calculou ou você pretendia engravidar desde o princípio, sem se preocupar em falar disso comigo.

Ele atirou a caderneta para ela, e Bella pôde ver claramente a marca no item "gravidez planejada". Também viu a nota manuscrita ao lado, "Tomou ácido fólico por quatro meses antes da concepção".

— Quatro meses antes da concepção — Don leu em voz alta. — E nunca passou por sua cabeça, nem por um momento, falar sobre isto comido? — Cristo — ela sussurrou. Agora tudo isso parecia ter sido há tanto tempo, tinha esquecido completamente. — Posso explicar? — Não. Não agora. Estou furioso. Sempre pensei que havia alguma coisa estranha com você ter um acidente. — Ele se levantou e a encarou. — Como você pôde mentir para mim sobre isto? Por que não confiou simplesmente em mim como eu sempre, sempre confiei em você? E acrescentou furiosamente:

— É uma atitude tão manipulativa. Você tinha tudo planejado, não foi? E supôs eu simplesmente me adaptasse ao seu grande plano. — Não, Don, desculpe, só não achei que você queria... — Não, você sabe que mais? Tenho que sair daqui. Agora não consigo ouvir isto — ele a interrompeu.

— Vou pegar um táxi para casa do Rod e vamos juntos para o aeroporto de manhã. Ele se levantou, passou por ela e saiu na direção da porta.

— Don! — ela implorou, ergueu a mão para tentar pará-lo. — Don, por favor... — mas ele a afastou e continuou pelo hall. Pegou suas malas e depois saiu sem dizer mais uma palavra, batendo a porta. Ela se deixou cair no chão, enterrando o rosto no embrulho de roupas de bebê que estava segurando, e chorou.

## Capítulo Dezenove

Na manhã seguinte, Bella acordou tarde e sentiu-se aliviada em lembrar que tinha ao menos uma coisa planejada para o dia — sua primeira aula de ioga pré-natal.

Sentia um frio na barriga sempre que pensava em Don e precisava distrair-se. Quando estava se preparando para sair, colocou o celular na bolsa, caso ele telefonasse, e foi para o endereço que tinha recebido.

Era o salão paroquial de uma igreja. No vestíbulo viu uma fileira de meias e sapatos, que indicavam uma porta aberta onde um grupo de mulheres várias em estágio avançado de gravidez como ela, conversavam.

Tirou os tênis e as meias e juntou-se ao grupo.

— Olá, sou Bella — ela disse quando todas olharam para ela. — Definitivamente, não coloco meus pés atrás das orelhas.

Uma piada sem graça, mas recebeu sorrisos e cumprimentos de volta.

Isto era muito estranho. Ela percebeu que não tinha convivido com outras grávidas antes.

A professora, uma mulher magra com cabelos espetados, anotou seus dados e a aula começou. Elas "respiiiiiiiiiiiiiiram" muito, alongaram-se, praticaram técnicas de relaxamento, e Bella achou que finalmente tinha encontrado uma maneira de diminuir o ritmo e ficar parada.

Duas horas depois ela sentia-se calma, feliz e rejuvenescida. A professora serviu bebidas e biscoitos, e todas conversaram sobre bebês, tipos de partos e amamentação. Ela sentiu-se subitamente fascinada com tudo aquilo, com a realidade completa do estar grávida.

— A propósito, meu nome é Red — disse a mulher de aparência extraordinária sentada ao lado dela, e Bella disse oi, sentido-se incapaz de tirar os olhos dela, Red tinha a pele cor de caramelo, olhos de um marrom líquido com uma auréola dourada ao redor da pupila e trancinhas rastafari que eram, inesperadamente, ruivas. — Para quando é o seu bebê? — Red perguntou. — Três semanas — Bella respondeu.

— O meu também... — Red colocou as mãos ao redor da barriga enorme que Bella ainda não tinha notado. — Não falta muito, graças a Deus. — Red acrescentou. — Meus pés estão quase completamente chatos! — As duas sorriram. De volta ao carro, Bella sentia-se serena e cheia de pensamentos felizes. tentou ligar ara o celular de Don.

Ele tocou por um tempão e depois o serviço de correio de voz atendeu.

— Olá, Don — ela disse. — Sou eu, quero muito falar com você.

Lamento tudo o que aconteceu. Me liga... tchau. — Desligou, desapontada.

À noite indo dormir, estava mesmo desapontada. Deixou outra mensagem e ele não telefonou. Na manhã de domingo, estava completamente deprimida. Don continuava a não atender o celular. Ficou deitada na cama e não conseguia fazer nada, nem mesmo café da manhã.

Ficou ali, olhando para o teto, desejando dormir novamente.

Quando finalmente adormeceu, teve sonhos com Don segurando bebês. Um som insistente de batidas e gritos invadiu o sonho gostoso.

Tentou ignorá-los e a imagem de Don com seu bebê. Mas a imagem desapareceu e ela acordou lentamente, até perceber que alguém estava mesmo batendo violentamente na



porta e chamando por ela. — Bella! — Bella você está aí? — Você está bem? Pelo amor de Deus, Bella! Ela ergueu-se lentamente e foi cambaleando até a porta. Abriu-a e viu Tania de pé, parecendo zangada, mas tremendamente aliviada. — Puta que pariu, ainda bem — disse Tania —, pensei que você tinha morrido, entrado em trabalho de parto ou coisa parecida...

Bella olhou para ela.

— Você não foi até a casa nova. Nem atendeu nenhum dos seus malditos telefones. E eu sabia que você estaria sozinha nesse fim de semana... quando vi as cortinas fechadas, entrei em pânico. — Tania começou a sentir-se embaraçada.

Bella ainda olhava para ela.

— Tínhamos combinado de nos encontrar lá na sua casa, ao meio-dia. Tania ergueu as mãos, completamente exasperada.

— Tínhamos? Oh, Deus, eu me esqueci completamente — Bella disse meio apática.

— Gravidez, o que você fez com ela? — Tania estava brincando agora. São 13 horas e você ainda está na cama! Você está na cama às 13 horas, está com uma aparência horrível e perdeu o juízo.

— Isso, e talvez tenha perdido também o marido — Bella acrescentou.

— O quê! — Tania foi atrás dela e fechou a porta. — Que diabos aconteceu? — ela perguntou, acompanhando Bella para a sala de estar.

— Tivemos uma briga tremenda. Bom, na verdade... não brigamos.

Ele saiu porta afora para uma viagem de trabalho e não telefonou mais. Não sei o que está acontecendo — Bella disse, tentando descobrir por que se sentia tão anestesiada.

— Você parece muito esquisita, Bella. Você está bem? Bella sentiu uma onda de alfinetadas no rosto. Abriu os lábios e sussurrou — Acho que vou... — antes de vacilar perigosamente. Bella conseguiu sem saber como, empurrar Bella para trás, no sofá, antes que uma mulher grávida de oito meses despencasse em cima dela.

Tentando desesperadamente não entrar em pânico, Tania olhou para a amiga, deitada inconsciente, branca como a neve e com a barriga enorme movendo-se ameaçadoramente. Virou Bella para o lado e desabotoou a sua roupa. Lembrando-se vagamente sobre algo a respeito de elevar os pés, ela enfiou várias almofadas debaixo dos pés de Bella. Depois, completamente perdida, Tania acariciou a testa molhada de suor de Bella, dizendo que tudo iria ficar bem.

As pálpebras de Bella começaram a mover-se.

— Bella? Você está me ouvindo? — Tania perguntou.

— Sim — a resposta saiu em um sussurro.

— Você está bem? Sente alguma dor? — Não, estou bem. Acho que preciso beber algo. — Bella ainda estava com os olhos fechados.

— Deus, você está me assustando — Tania disse. — Quer que eu chame uma ambulância?

— Me dê um minuto e depois ligaremos para a parteira. Isto acalmou Tania um pouco, e ela trouxe um copo d'água e segurou a cabeça de Bella enquanto ela bebia. Assim que Bella pôde sentar-se, Tania fez com que ela bebesse chá com açúcar e leite. Quando estava na metade da xícara, Bella percebeu que se sentia completamente faminta, e Tania fez torradas com manteiga. À medida que Bella comia e bebia, começou a sentir-se

melhor.

Ligou para Annie, que prometeu ir vê-la mais no fim da tarde.

Quando Tania começou a perguntar o que houve com Don, Bella, meio envergonhada, confessou toda a história da "gravidez acidental". — E isso é um grande problema? — a amiga perguntou. — Bom, é sim. Está na cara que é — disse Bella. — O que você vai fazer agora? — Tania perguntou. — Quero resolver tudo, preciso que as coisas estejam novamente correndo bem entre nós.

— Há mais alguma coisa acontecendo? — Tania perguntou. Bella suspirou fundo e tentou explicar a vaga inquietação que sentia ultimamente.

— Acho que ele está um pouco aterrorizado com tudo isto.

Casamento é uma coisa, mas uma hipoteca e a paternidade estão deixando-o apavorado. E eu andei muito preocupada com o trabalho, o bebê... com toda esta mudança para a casa. Realmente não dei atenção ao que estava acontecendo com ele ou conosco. — Depois de outro suspiro, ela acrescentou: — Você sabe que o pai de Don o abandonou quando ele era bebê. Estou aterrorizada só de pensar que esta é, em algum nível, a programação emocional dele. — Que merda — Tania disse. — Como você vai lidar com tudo isto? — Não tenho certeza — Bella respondeu. — Mas vou tentar. Tania sorriu encorajadoramente para ela.

— Um cigarro estaria completamente fora de questão? — Bella perguntou, ainda horrivelmente pálida.

— Sim, lamento, mas está fora de questão. — Tania respondeu.

— Você fumaria um por mim, então?

— OK, mas vou abrir a janela e você não vai sentar do meu lado.

— Desmancha-prazer.

Na manhã de quarta-feira, Bella levantou bem cedo, colocou a mais linda roupa de gestante que encontrou e dirigiu até o aeroporto para encontrar Don, que voltava no vôo das sete horas, que, claro, atrasou. Ela andou pelo Terminal 3 desorientada de cansaço. Por causa da atual conjuntura de sua bexiga, beber vários cafés com leite não era uma opção. Olhando para seu reflexo no espelho do banheiro, ela ficou instantaneamente deprimida com o quão enorme estava e nem mesmo as roupas modernas que usava disfarçavam isto. Na verdade, as roupas pareciam ridículas. Uma saia sarongue colorida, botinhas de salto alto, ai, e um top colante com decote. O que é que ela estava pensando? Sobre tudo isto jogou uma peça fantástica, um casaco novinho de couro marrom, imitando pele de jacaré.

Na véspera ela tinha ido até a cidade com a intenção de comprar coisas para o bebê, mas estava muito deprimida. Isto só a fazia querer mais a companhia de Don. Eles iriam escolher juntos os cobertores para o berço e o carrinho do bebê. E, por isso, decidiu animar-se comprando o casaco.

Quando o avião finalmente aterrissou, ficou parada na frente do portão de chegada, com os nervos à flor da pele e olhando cada rosto de passava.

Finalmente ela o viu passar, com a sacola de viagem e o casaco pendurados no ombro. Ele estava falando com alguém. Droga! Tinha esquecido que ele não estaria só. Não sabia se acenava ou se esperava ele chegar mais perto. Foi então que ele a viu e um olhar de

surpresa cruzou seu rosto.

— Olá, Bella! O que diabos você está fazendo aqui? — Ele parei amigável, quase brincalhão. Inclinou-se e beijou seu rosto, e ela não podia dizer nada do que tinha planejado porque ele estava apresentando seu colega.

— Rod, esta é minha esposa, Bella.

— Como vai? — Rod disse, apertando a mão dela.

— Oi — ela respondeu. — Fizeram boa viagem? — Sim — ambos responderam. Houve uma pausa incômoda e, felizmente, Red disse: — Vou embora, então. Foi um prazer conhecê-la, Bella, vejo você amanhã Don — e foi embora.

Eles ficaram olhando um para o outro.

— O que está fazendo aqui? — Don perguntou novamente. — Eu sou a porra da sua esposa, que merda esperava que eu estivesse fazendo aqui? Eu não estava simplesmente passando pela vizinhança. — Bom, o discurso que ela tinha em mente estava sofrendo rápidas alterações enquanto ela se transformava na Esposa Infernal. — Tudo bem — ele respondeu.

— Quanto tempo você pretendia ficar emburrado? — ela perguntou.

— Você ia voltar para casa hoje? Ou ia continuar fazendo de conta que eu não existo? — Na verdade, não tinha nenhum plano — ele disse, ainda muito calmo.

Nem todo mundo planeja cada detalhe até a enésima potência.

Ela olhou para ele direto nos olhos e sentiu a raiva sumir. Ela o amava e só queria que as coisas acabassem bem, ela o queria de volta.

— Sinto muito, Don. Eu deveria ter dito. Foi uma tremenda safadeza da minha parte. — E acrescentou baixinho: — Sinto muito... eu realmente queria ter um bebê e linha certeza que você diria não se eu perguntasse.

— Talvez eu tivesse mudado de idéia, Bella — ele respondeu. — Eu deveria pelo menos ter tido a chance de analisar a idéia. Você não acha que teria sido diferente se eu soubesse o quanto você queria um filho? — Sinto muito.

— Acho que você não confia em mim.

— Eu sinto muito — ela disse novamente e lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto. Ele colocou o braço nos ombros dela. — O que você quer fazer agora, Bella? — ele perguntou.

— Quero que você vá para casa comigo. — Ela parecia cansada e triste. — quero que tudo fique bem.

Ele olhou para o chão.

—Desculpe se magoei você. — Don, sou uma grávida de oito meses e meio, o tema da novela das seis me magoa. — Ela conseguiu sorrir. Ele sorriu de volta e os dois relaxaram um pouco.

— Por favor, venha cá — ele disse e se abraçaram da melhor maneira possível, por cima do barrigão.

— Vamos tomar um café? — ele perguntou com o rosto enfiado nos cabelos dela.

— Sim, claro. Dane-se a bexiga. Quando estavam sentados, ele confessou todas as ansiedades sobre a quais Bella suspeitava.

— Sinto muito. — Era a vez dele pedir desculpas. Tomou um gole do café e ela viu como

ele parecia cansado. — Ainda parece cedo demais — ele disse — Nos conhecemos há apenas um ano e meio e agora estamos comprando uma casa e tendo um filho. Você saiu correndo atrás de tudo isto e estou pensando se consigo lidar com a coisa toda.

— Eu não esperava ficar grávida tão depressa — ela disse. — Pensei em fazer umas tentativas. Você sabe o que minha mãe passou.

Ele acenou com a cabeça.

— Não vou ser capaz de fazer tudo isto sem você, Don. — Ela não conseguia olhar nos olhos dele e ficou encarando a camada de espuma na xícara intocada.

— Eu sei. E prometo que vou estar do seu lado. Não parei de pensar em você. Senti tanto a sua falta. — Apertou a mão dela.

— Mas você nem sequer telefonou! — Eu sei, eu sei. Sinto muito mesmo. Quando subo no meu cavalo não consigo achar um meio de descer dele.

— Don! Quanto tempo as coisas iriam ficar assim? — Ela olhou para ele e tentou sorrir.

— Não sei, Bella. É horrível. Há algumas mulheres por aí que ainda estão esperando ter notícias minhas — ele deu um meio-sorriso, mas ela estava séria.

— Estamos prestes a ser pais, Don, precisamos lidar com os assuntos difíceis de frente. Mesmo se forem muito difíceis.

— OK, faremos isso. Prometo. — Ele puxou a cadeira para poder passar o braço ao redor dela. — Venha cá — pressionou sua boca na dela, saboreando a como não fazia há meses. Ela sentiu uma onda de alívio.

— Adoro seu casaco — ele disse quando finalmente se separaram.

— Obrigada. Agora podemos ir para casa? — Acha que todas as minhas coisas cabem no seu carro? — ele perguntou enquanto seguiam as placas que indicavam o estacionamento.

— Ah, eu vim com o jipe — ela tentou dizer isto de modo casual. — Você veio com o Jipe! Você deve mesmo me amar.

— Sim, eu te amo — ela respondeu. Quando chegaram em casa, fecharam as cortinas e foram para a cama dar uma trepada muito carinhosa, deitados lado a lado.

Ele se moveu cuidadosamente dentro dela, passando as mãos sobre os seios fartos, a enorme e esticada barriga e embaixo, entre as pernas dela.

Ela estava retesada e tremendo contra o seu corpo, e assim que ele gozou ela gritou "Oh, meu Deus!" e colocou a mão dele sobre a sua barriga, para que ele sentisse o pulsar das ondas por toda a sua extensão.

— Puta merda! Você entrou em trabalho de parto? — Não, acabei de ter o orgasmo mais incrível de todos os tempos.

Ainda o estou tendo. Uau... — agora as ondas estavam diminuindo. Don manteve a mão na barriga dela por muito tempo, até que finalmente acabou.

— Eu amo você — ele disse, encostando a cabeça no travesseiro, mas ainda bem apertado atrás dela, com o braço apoiado no seu flanco. — Também amo você! — ela respondeu. — Vou amar o bebê — ele acrescentou.

— Eu também. — Ela sentiu lágrimas surgindo nos olhos. — Oh, não, de novo! Piscou os olhos para evitar e acabou por fechá-los.

Momentos mais tarde, adormeceram e, pela primeira vez em dias, ambos dormiram profundamente sem quaisquer sonhos perturbadores.



## Capítulo Vinte

Assim que bateram os olhos no carrinho Land Rover, com pneus de verdade, forro de pele de carneiro e freio de mão, os dois souberam que aquele era o carrinho de bebê para eles. — Não acredito quanto dinheiro gastamos com um bebê pequeno e que ainda não nasceu, — Don estava com um ar desconcertado no elevador. Tinha tirado alguns dias de férias para que pudessem passar o fim de semana finalmente fazendo a mudança para a casa nova e comprando móveis e coisas para o bebê.

Um bebê minúsculo parecia necessitar de uma montanha de coisas — berço com todos os seus enfeites, uma banheira, um trocador, toalhas, culotes, macacões, casaquinhos, entre outras roupas às quais Bella não podia resistir, uma cadeirinha para o carro e, finalmente — a única coisa que deixou Don animado —, o carrinho.

— OK, agora agüente firme, vamos para a cozinha — Bella disse.

Pobre Don, ele não fazia a mínima idéia do que estava na lista de compras dela. Há anos que viviam em apartamentos alugados e agora precisavam mobiliar uma casa inteira.

A cozinha precisava de uma enorme geladeira, uma lava-louças, uma máquina de lavar roupas, louças, caçarolas, panelas, talheres, copos, taças de vinho, tudo debitado no cartão de crédito de Bella, enquanto Don empalidecia ao ver o total.

Uma outra corrida de táxi e eles estavam comprando um guarda-roupas de madeira clara para o quarto, uma bergère de couro incrivelmente elegante e uma mesa de cozinha em bétula envelhecida com seis cadeiras.

— Vou estar mais velha do que ela quando receber a fatura do cartão de crédito — Bella brincou com Don enquanto assinava o comprovante de compra e lamentou imediatamente ter dito isso quando viu que ele não sorriu de volta.

— Certo — ele disse quando saíram da loja. — Chega, você não vai gastar mais dinheiro. O que mais precisamos? — Bom, algumas luminárias, alguns tapetes, um mancebo para casacos. Um sofá novo? — Ela sabia que estava se arriscando.

— OK. — Ele parecia razoável. — Bom, eu vou comprar isso. — Antes que ela pudesse recusar, ele acrescentou: — Não, não, não... não quero nem ouvir o que você vai dizer. Bella, a casa também é minha. Não sou o seu teúdo e manteúdo.

— Posso ir com você? — ela perguntou. Se ele ia detonar o cartão de crédito, gostaria de, pelo menos, orientar as escolhas dele.

— Não, você precisa entrar em um táxi e ir para casa para o check-up com Annie.

— Ok, OK, Don. Mas você não precisa comprar tudo hoje — ela disse, dando um beijinho de despedida. — Você sabe que se não encontrar algo de que goste...

— Você quer dizer, se eu encontrar algo de que você não goste — ele sorriu para ela.

— Não, não, a casa também é sua. — Ela tentou parecer que estava sendo sincera.

Era uma tarde ensolarada de maio e ela estava voltando para a casa nova.

Estava feliz no assento traseiro do taxi, mas muito cansada. Comprar as roupas do bebê a fez sentir-se estranha. Como é que as coisas seriam? Ela tinha esticado uma das roupinhas minúsculas sobre a barriga e não parecia que um bebê de verdade e deste tamanho iria sair dela em algumas semanas... semanas!!! A maior parte do tempo sentia-se estranhamente tranqüila ao pensar no parto, mas às vezes, acordava no meio da noite

depois de um pesadelo pavoroso sobre sangue e agonia.

Repensou várias vezes a idéia do parto em casa, até que não havia mais tempo para mudar e teve que aceitar o fato. Repetia as estatísticas para si mesma como um mantra, e sentiu-se reconfortada ao ver que quase todas as mulheres inteligentes e sensatas em sua turma de ioga iriam fazer a mesma coisa. A aula de ioga era divertida. Era bom estar cercada por outras grávidas e reclamar de varizes, estrias e, a maldição da sua vida, hemorróidas.

A porta da frente estava aberta, como sempre, porque sempre havia um decorador dentro da casa. Quase todos os ambientes tinham sido amassados e pintados de branco brilhante. O piso havia sido raspado e envernizado, e a casa parecia enorme, vazia e nova.

Ela entrou no hall e subiu as escadas para deixar as sacolas no quarto. A roupa de cama no colchão em que dormiam estava desarrumada e caixas repletas de roupas estavam encostadas nas paredes. Uma lâmpada descia do teto pendurada em um fio, e um lençol estava preso com tachinhas na janela, o que fazia com que acordassem cedo todas as manhãs.

Um chuveiro, vaso sanitário e pia novos foram instalados no banheiro, mas as paredes estavam descascadas e o piso tinha sido arrancado, mostrando as manchas do contra-piso.

Dois decoradores estavam arrumando as paredes do quarto do bebê.

Ela espiou pela porta para dizer olá.

— Oi, Bella — disse o mais jovem. — Bill está na cozinha, se você quiser falar com ele.

Queria mesmo é deitar na cama, mas achou que seria melhor ir bater um papinho com ele. Preparou-se para enfrentar os três lances de escadas até a cozinha e saiu cambaleando.

Bill e outros dois homens bebiam chá quando ela entrou.

— Oi, Bella — Bill disse. — Não vá ter o bebê antes do tempo, ainda vamos levar uma semana e pouco aqui. Felizmente vamos terminai o banheiro ao mesmo tempo.

— Bom, acho que você está com sorte — ela respondeu. — A cabeça do bebê ainda não desceu.

Todos tomaram um gole nas xícaras de chá. Estava na cara que tinha dado informações demais.

Ela esperava que o fogão de ferro ficasse bem na nova cozinha de aço inoxidável. Não tinha tido coragem de removê-lo e substituí-lo por um fogão de aço. Este é o problema com os fogões de ferro: eles representam uma nostalgia pelas cozinhas nas quais você não passou a sua infância, mas gostaria que isso tivesse acontecido.

Finalmente, deitada na cama, Bella ligou para Don.

— Oi, como vai indo? — ela perguntou, — Bem — ele respondeu.

— Me deixe em paz. Eu posso fazer isso". Tá bom! Estava só checando! Você traz algo para jantarmos? Todos os nossos utensílios de cozinha só serão entregues amanhã e eu estou muito cansada.

— OK, Annie já chegou? — Não, mas ela não deve demorar. — Cuide-se. — Tchou. Quando Annie chegou e começou os exames de rotina, ficou preocupada com a pressão sanguínea de Bella.

— Está um pouco alta — ela disse olhando Bella, que estava deitada, exausta na cama. — A elevação estava sendo suave, mas agora temos um salto. Você tem que diminuir o ritmo.

Não é de surpreender que minha pressão subiu, Bella pensou, já que tinha feito o tremendo de um rombo no seu saldo bancário hoje... rá, rá.

Sentia leves palpitações só de pensar nisso.

— Você está bem? — Annie perguntou.

— Sim, estou bem. Eu exagerei mesmo hoje. — Acho que não vou mais sair de casa.

— Bom, não há problemas em uma pequena caminhada e as posturas de ioga, mas realmente você não deve fazer mais nada. O parto está muito perto.

— Mas não vai ser nas próximas duas semanas, certo? — Bella perguntou, curiosa. — A cozinha ainda não está terminada.

— Espero que não. Mas tem água quente e fria no banheiro se o parto for antecipado, certo? — Sim — disse Bella, parecendo levemente em pânico. — Bom Deus, Annie, vai mesmo acontecer? Não estou pronta.

Annie sorriu para ela.

— Ninguém nunca está pronto, Bella. Você só pode estar preparada.

Preparada para ficar atordoada, surpresa e repleta de assombro. Isto vai revirar o seu mundo como nada antes.

— Ah, não, você não vai começar com esta conversa hippie de novo, vai? — Bella sorriu. Esta era a piada recorrente entre as duas. Sempre que Annie começava a falar sobre as suas filosofias sobre o parto natural, Bella lidava com o assunto tirando sarro dela.

Annie não sabia o que fazer com a atitude de Bella. Ela iria ter o bebê em casa, portanto deveria acreditar nisso em algum nível mental, mas não tinha absorvido nada da idéia do parto ativo. Não ia haver uma piscina de parto, chá de folhas de framboesa, óleo aromaterápico perfumando a casa, nenhum parceiro aprendendo técnicas de respiração ou massagem.

Annie nem mesmo conhecera Don.

— Por que você escolheu ter o bebê em casa, Bella?— ela perguntou, deixando a curiosidade assumir o controle.

— Porque as estatísticas mostram que é seguro e eu queria uma parteira conhecida, que viesse me ver no escritório e em casa. E... — breve pausa — eu me zanguei com o hospital particular.

— Ah. — Isso explicava um pouco. Quando Annie saiu, Bella pegou seu maço com apenas dez cigarros ultra-super-mega-suaves na bolsa.

Encostou-se nos travesseiros e preparou se para três minutos do que costumava ser felicidade, mas que agora era uma indulgência necessária que a culpa estragava completamente. Pegou o isqueiro e acendeu o cigarro, inalando. Pelo menos a técnica de respiração da ioga tinha sido útil nisso, agora conseguia preencher completamente os pulmões e obter o máximo de benefício da pouca quantidade de cigarros que se permitia fumar.

Apesar de todos os compulsivamente interessantes livros sobre bebês que tinha lido, dos agachamentos matinais na frente do fogão, o parto ainda era um mistério. Sentia-se



inacreditavelmente bem-informada, mas estranhamente desorientada.

Sabia exatamente o que era e quais os motivos para a realização de uma episiotomia — AI — , mas nenhum livro parecia dar uma descrição do que era na verdade o trabalho de parto. E ainda não sabia nada sobre bebês, além do "coloque-os no seio" sempre que chorassem.

Gostava da idéia de amamentar. Ela se imaginava deitada na cama, ao lado de Don, com seu pequeno bebê entre eles, enfiando o rosto em seus seios. E raios, como é que seria o sexo depois do parto? Também não havia informações úteis sobre este tema, somente advertências para exercitar o assoalho pélvico.

À noite, quando voltou para casa, Don não revelou detalhes sobre as compras que fez e somente disse que ela deveria ficar sentada e esperar pela entrega no dia seguinte.

A perua chegou logo depois das 11 da manhã e três homens tiveram que carregar o enorme sofá em L bege para a sala. Jesus! Deveria ter custado uma fortuna e ter sido feito com uma manada inteira das melhores vacas de designe italianos, meu Deus. Bella estava impressionada. Não sabia o que esperar de Don, mas certamente esperava algo mais barato.

Três luminárias muito chiques e um enorme tapete creme de pele de ovelhas também vieram junto. Agora ela estava realmente impressionada.

Ela ligou para Don no escritório. — Alô? — Oi, querido, adivinhe em cima do que estou deitada? — Bill, o decorador? — NÃO!!! Um sofá tremendamente caro e maravilhosamente luxuoso. — Ahá. Então chegou. O que você acha? — Surpreendente, fantástico... causador de falências! — ela disse. E não exatamente apropriado para bebês, mas ela não fez este comentário.

Não levou muito tempo para Bella mudar para o sofá. Faltando poucos dias para o parto, decidiu que era finalmente hora de parar de trabalhar, fazer exercícios, tentar se arrumar, até mesmo fazer compras e arrumar o ninho. Estava cansada demais, pesada demais, enorme demais.

Tinha engordado pelo menos 20 quilos em sete meses, e sua roupa de casa era uma disforme calça de gestante e uma das camisas xadrez velhas de Don. Seus pés só cabiam em um par de chinelos felpudos que encontrara atrás de um guarda-roupa quando se mudaram.

Don já sabia que, ao voltar para casa, iria encontrá-la reclinada no sofá, grudada na tela da TV ou lendo revistas de decoração, cercada por cachos de uva, embalagens de biscoitos água e sal e garrafas de água vazias.

E foi por isso que se surpreendeu ao encontrar a casa estranhamente escura uma noite. Em completo pânico, ele percebeu que ouvia sons no quarto. Subiu correndo a escada de dois em dois degraus, com o coração disparado, convencido de que iria encontrar sua esposa prestes a dar à luz em sua cama nova.

Abriu a porta e viu Bella deitada debaixo do edredom, soluçando no travesseiro.

— Qual é o problema? — Ele correu para o lado dela.

— Oh, Don. — Ela olhou para ele com olhos vermelhos e o nariz escorrendo.

— O que há de errado? — ele perguntou, aflito.

— Eu arruinei a casa. — Ela soluçou.

— O que quer dizer com isso?! — Era uma casa adorável. Cheia de personalidade, com dois meninos adoráveis, pais adoráveis, e eu a arruinei.

— Oh, querida, por que cargas d'água você acha isso? — Ele passou o braço ao redor dela. — Despojei e estripei tudo, e agora é branca e não tem alma. E o nosso bebê vai crescer neste lugar branco e sem alma, vai ter um colapso nervoso por que tudo é tão branco e vazio, e a culpa é toda minha.

— Soluçou quase histericamente, com a cabeça novamente no travesseiro.

— Bella... — ele deitou-se ao lado dela e acariciou seus cabelos. — Bella você ficou completamente maluca — ele disse isso da maneira mais suave e gentil que pôde. — A casa está linda. É arejada e bem iluminada, qualquer criança iria adorar viver aqui porque pode correr sem derrubar algo.

Ele esperava que ela risse um pouco, mas ela ainda chorava desesperadamente. Ele acrescentou: — Se você acha que está branco demais, podemos chamar os pintores para mudar paredes. Não é nenhum problema, querida, não é um problema.

Ela olhou para ele, e ele viu como os olhos dela estavam inchados de tanto chorar.

— Eu amo você — Don disse.

— Tem certeza? — ela balbuciou. — Vai mesmo ficar aqui comigo e o bebê? — Claro que sim. — Ele a abraçou. — Claro que sim, não se preocupe com isso. Lamento se deixei você preocupada com isso.

— Mas os nossos pais... — Ela tentou reter as lágrimas por tempo suficiente para as palavras saírem. — Seu pai o abandonou e o meu tinha casos. Não é exatamente promissor, é? Ele a abraçou mais forte e não disse nada por um momento, depois respondeu: — Ninguém é igual aos pais, Bella. Vamos nos dar um chance. Você pode prometer que as coisas vão dar certo, nem eu, mas nós dois queremos muito que isto aconteça e isso é o suficiente.

— Sinto me tão vulnerável e dependente — ela disse com voz assustada. — Odeio isso. Ele a abraçou por um longo tempo e depois beijou a testa dela. Por um momento ela ficou calma, depois colocou seu rosto contra o peito dele e explodiu novamente em lágrimas.

— Ó meu Deus, ainda temos a cozinha! — Ela soluçou.

— Bella, não pode ser tão ruim! — ele disse.

— É, é terrível. Venha ver. — Ela levantou e colocou os chinelos horríveis que parecia usar o tempo todo. Desceram vagarosamente as escadas, Don atrás de sua pesada esposa. No fim da escada estava a cozinha, terminada naquele dia, um tributo cintilante de aço escovado ao design moderno. Uma superfície de granito preto vitrificado brilhava sob as luminárias halógenas. As paredes eram de um branco imaculado, arrematadas com azulejos pretos igualmente cintilantes. O fogão de ferro parecia desconfortavelmente fora de lugar.

— Uau! — Don disse. — Estou impressionado. Bella explodiu novamente em lágrimas.

— Por que você não gosta dela? — Ele passou o braço ao redor dela.

— Quero a cozinha antiga de volta. Parecia o lugar onde mães fazem sopa e as crianças comem biscoitos e brincam com os brinquedos no chão... — a voz dela tremeu e voltou a soluçar.

— Bella — ele estava sorrindo quando a abraçou desajeitadamente por cima da barriga

volumosa —, você vai ser uma mãe excelente. Você não precisa fazer bolos... — Outro soluço, então ele acrescentou: — A menos que queira. O que ele deveria dizer depois disso? — Quer trocar as portas? — ele sugeriu. — Talvez possa colocar portas de madeira, como na cozinha antiga? — Essa é uma boa idéia. — Ela parecia um pouco mais animada. — Talvez você tenha razão. Portas de madeira. Ela limpou o nariz na manga da camisa.

— Oh Deus, Eu sinto muito — ela disse. — Preciso assoar o nariz e lavar o rosto. Tenho que me controlar.

## Capítulo Vinte e Um

Dois dias depois, todas as peruas de entrega tinham ido embora, a casa estava quase pronta e Bill viera mudar as portas dos armários da cozinha pessoalmente. Ele parecia estar um pouco surpreso mas não importava, Bella estava delirantemente feliz com os resultados.

— Está fantástico — ela disse. — Não sei no que estava pensando quando escolhi aço inoxidável, tão frio e impessoal.

— Complicado de limpar também — ele disse. — Logo você vai ter pequenas impressões digitais engorduradas em todo o lugar. — Ele apontou para a barriga dela, que agora parecia grande demais para alguém tão pequena carregar. — É para qualquer momento, não é? — ele perguntou.

— Na verdade está previsto para amanhã, mas o primeiro bebê sempre atrasa, não é? O que é bom, porque ainda tenho algumas coisas para fazer.

Ela citou sua lista mental: cortinas para todos os quartos, mais toalhas e lençóis. Don iria fazer compras com ela no fim de semana para as últimas coisas para o bebê: babadores, protetor de colchão, culotes.

Bella ficou triste ao ver Bill ir embora. Ele andava pela casa com sua equipe desde que ela se mudara. Quando partiu em sua perua azul, percebeu que era a primeira vez que ficava sozinha em casa durante o dia.

Depois do almoço, Bella dormiu no sofá e, quando acordou, por volta da quatro horas, ficou deitada, sentindo o bebê se mexer na sua barriga. De repente ele fez um grande movimento, quase uma cambalhota, acompanhada de um som alto de estalido, como um encontrão. Não podia acreditar que acabara de ouvir o bebê! O que diabo era isso? Uma junta sendo flexionada? Levantou-se do sofá e ficou de pé. Ela sentiu algo muito estranho no meio de suas pernas, como se uma bola estivesse sendo pressionada para baixo dentro dela. Deu vários passos, mas a sensação continuou e teve que andar com as pernas abertas. O peso era inacreditável, como um grande pêndulo. Estava claro que a cabeça do bebê tinha se encaixado, pronta para sair. Mas ela sabia que ainda poderiam se passar dias.

Quando Don chegou em casa naquela noite, ele a encontrou na posição habitual no sofá, com as calças pretas e a camisa xadrez.

— Oi, querido. — Ela esticou os braços na direção dele. — Temos que comemorar esta noite, os decoradores já concluíram seu serviço e, agora, a casa é finalmente nossa — disse.

— Bom, eu tenho vinho branco gelado, pato e espaguete de microondas, sorvete e um quilo de uvas — ele disse, erguendo a sacola de compras. — Eu posso me apaixonar por você, sr. McCartney — ela respondeu. Ela foi cedo para a cama, sentindo-se mais cansada e pesada do que nunca. Seu estômago latejando, pequenas ondas de contrações passeavam para cima e para baixo, e ela sentia que eram intensas e depois relaxavam. Por volta das quatro da manhã saiu cambaleante da cama para ir ao banheiro. Ao sentar-se no vaso, notou uma estranha sensação de corrimento. Investigando com papel higiênico, encontrou uma quantidade alarmante de muco descendo por suas coxas. Ela esperava que "o início"

fosse "um pouco" de muco, não baldes e baldes do material.

O parto seria amanhã, ou no dia seguinte. Sentiu a expectativa tomar conta dela, junto com pânico. Agora? Ainda não!! Ela não sentia nada — nenhuma contração, nada diferente — e voltou para a cama Pouco antes das seis da manhã, acordou com pequenas pontadas de dor atravessando seu estômago. Permaneceu deitada, olhando os números do despertador digital. As dores duravam somente alguns minutos.

Voltaram às 6h23... e novamente às 6h57. Pouco depois das sete horas, Bella acordou Don. — Você vai ter que tirar um dia de folga hoje — ela disse, surpresa com como se sentia calma e relaxada.

Ele abriu os olhos e sorriu.

— Mesmo? Depois se sentou rapidamente.

— Oh, meu Deus, você quer dizer... começou mesmo? — Acho que sim!

## Capítulo Vinte e Dois

Tenho milhões de coisas a fazer, Don, vamos, levante, — Bella afastou as cobertas e empurrou-se para fora da cama. — O que você quer dizer com isso? — ele perguntou nervoso. — Você está em trabalho de parto.

— Oh meu Deus, ainda leva horas para as coisas começarem. O banheiro precisa ser bem lavado. Todas as coisas do bebê precisam ser lavadas e secar ainda estão nas embalagens. Meu Deus, você precisa comprar fraldas! Don estava branco de terror.

— Pelo amor de Deus — ela disse, abaixando-se lentamente para o abraçar —, sou eu quem vai dar à luz, lembre-se.

— Você não está preocupada? — ele perguntou. Ela olhou para ele: cabelo despenteado e espetado, colocando os óculos. Por quê? Ajudaria? — Deus, não — ela estava incredivelmente calma —, estou tão pesada que os degraus da escada vergam embaixo de mim, meus dedos parecem salsichas, há meses esta bolota enorme está na minha frente. Mal posso esperar para que ele saia daqui... — ela apontou para a barriga.

— Mas ele vai sair através da...

— Don! Cale a boca! Ela vestiu a gigantesca lingerie de grávida.

— Outras duas coisas pelas quais não sentirei saudades da gravidez — ela disse, e enquanto vestia as calças pretas e a camisa xadrez ele acrescentou: — E estas são as duas das quais eu não sentirei falta.

E desceu a escada cambaleando para fazer o café da manhã na cozinha nova.

As contrações eram tão suaves que ela quase podia ignorá-las, e continuou espremendo laranjas, cortando pão para as torradas e fervendo água para o chá.

Ela ouvia Don no chuveiro. Quando ele desceu, descalço, com calças cáqui e uma camisa jeans, ligou rapidamente para o jornal para dizer que a licença-paternidade que iria começar agora.

Ela sabia, pelos sorrisos de Don, que o chefe estava debochando dele sem dó. — Já chega — Don disse. — Telefone mais tarde... sim, obrigado, amigão. E perguntou: — Você acha que ele chega hoje? Na data prevista? — Bom, está começando. Quem sabe quanto tempo vai levar? — Só você para dar à luz no dia marcado. Nem antes, nem depois, exatamente no prazo — ele disse e os dois riram. — Você ligou para a parreira? — Vamos tomar o café da manhã, depois eu ligo para ela. Mais tarde limparemos o banheiro. — Está limpo, Bella! — Quero que o banheiro e o quarto estejam superlimpos.

— Bom... deixa que eu faço.

— Não, eu quero ajudar. Caso contrário não terei nada para fazer, somente horas e horas de contrações suaves. E, de qualquer modo, sinto-me cheia de energia!, — Bom Deus... — e ele começou a imitar um âncora de telejornal: — Uma mulher deu à luz no chão do banheiro ontem, com uma escovinha agarrada à mão. "Eu queria deixar a casa cintilando", disse a consultora de empresas Bella Browning, que, no momento, está em contato com o departamento de marketing de uma grande empresa de produtos de limpeza.

— Rá, rá — ela disse e foi telefonar para Annie. Ela esperava que Annie ficasse tranqüila e dissesse que iria aparecer mais tarde. Mas na verdade, Annie disse que chegaria lá em uma hora. Bella sentiu-se um pouco irritada. O que os três iriam fazer o dia todo? — Por

favor, Annie, não venha antes do meio-dia. Eu telefono se a situação mudar — Bella disse. Limparam o banheiro, o quarto, a cozinha, e depois Bella obrigou Don a passar o aspirador na casa inteira.

As roupinhas do bebê foram lavadas e enfiadas na secadora.

— Não temos roupas suficientes — Bella disse para Don. — Você vai ter que sair para comprar mais quando o chegar.

— Como é que vou saber o que comprar? — ele disse, nervoso.

— Entre em uma loja de roupas infantis com ar perdido e diga: "Tenho um bebê recém-nascido, mais ou menos deste tamanho." As vendedoras devem estar acostumadas com isso. — Ela deu uma risadinha.

Ele a beijou na boca.

— É isto aí, Bella, nossas últimas horas como um casal. As coisas vão mudar para sempre.

— Bom, transar está fora de questão — ela disse.

— Eu sei, provavelmente durante meses. — Ele esperava que isso fosse uma piada.

— Na verdade, cerca de seis semanas — ela respondeu.

— Oh, meu Deus! — Você está triste? — ela perguntou. — Não estou falando do sexo porque você está visivelmente arrasado. Mas sobre as coisas mudarem para sempre. Ela perscrutou o rosto dele.

— Não. Bom, talvez um pouco. Adorei cada momento de nós dois.

Espero que com a vinda do bebê seja igualmente bom.

— Claro que vai ser. — Ela colocou os braços ao redor dele e encostou seu rosto no dele.

— Espero que seja. — Amo você, Don. — Depois de um minuto ela disse: — Você vai estar do meu lado durante o parto, não vai? — Claro que sim. — Ele acariciou seus cabelos. Pouco depois de Don ter voltado com fraldas e alimentos, Anule chegou carregada de malas, — Alô. Alô, Bella, e você deve ser o Don. — Sem fôlego, ela deixou cair uma enorme mala amarelo-forte na porta de entrada e removeu o saco de viagem do ombro.

— Meu Deus, o que é tudo isso? — Bella perguntou.

— Você vai ver — Annie disse. Don pegou a mala amarela.

— Se me ajudar a levar essa para cima, vou começando a preparar as coisas aqui. Bella, ponha a chaleira no fogo. — Ela viu a expressão no rosto de Bella e acrescentou: — Para fazer chá! Annie pediu que colocassem uma mesa no quarto e arrumou todos os equipamentos.

— OK — ela grilou escadaria abaixo. — Bella, suba e faremos um pequeno exame.

Pressão sanguínea, amostra de sangue, batimento cardíaco do bebê, depois exame de toque. Bella tirou as calças e a calcinha e sentiu-se desconfortavelmente exposta enquanto deitava-se seminua na cama.

Observou Annie colocando as luvas finas de látex e pegando um tubo com a etiqueta GEL PARA EXAME VAGINAL... arre! — Ninguém no mundo gosta disso, gosta? — Bella perguntou, tentando bater papo.

— Você ficaria surpresa — Annie disse. — Agora, simplesmente relaxe. — Claro. Por que eu estaria tensa com a idéia de você enfiar uma mãozona com uma luva de látex na minha xoxota? Bella achou que Annie olhou muito feio para ela.

Ai, o exame foi surpreendentemente doloroso. Não estava preparada para isso. Ou Annie fazia o exame de toque mais desajeitado do mundo ou tinha algo a ver com o trabalho de parto.

— OK — disse Annie. — Só dois ou três centímetros, temos um longo caminho pela frente. Por que você não desce e fazemos um almoço leve? Annie trouxe uma garrafa térmica com sopa de legumes caseira e sugeriu que comesse aquilo. Também encheu o bule com saquinhos de chá de camomila antes de despejar água quente.

Don ignorou esta dieta espartana e comeu várias torradas cobertas com queijo derretido e pickles, acompanhado de café preto forte.

— Virgem Santíssima. — Annie não conseguiu controlar-se. — Você não tem medo de ter uma úlcera no estômago? — Não — Don disse, sorrindo, O rosto de Bella contraiu-se levemente com a dor de outra contração. — Como vai indo? — Annie perguntou. — Vou bem, parece mais uma cólica menstrual forte, mas depois desaparece completamente.

— O que gostaria de fazer depois do almoço? — Annie perguntou.

— Talvez uma caminhada, ou alguns alongamentos de ioga. Ou talvez você queira assistir a um filme enquanto eu faço uma massagem nos seus ombros? — Esta é uma boa idéia — disse Bella.

— Trouxe um vídeo chamado linhas do nascimento.

— Bom Deus, não, que tal Woody Allen? — Claro — disse Annie e Don revirou os olhos.

Bella sentou-se com as pernas cruzadas na frente de Annie, que massageou seus ombros com um óleo com perfume maravilhoso enquanto os três assistiam Manhattan. Don ficou indo e vindo, fazendo uma coisa ou outra, e Bella, as vezes, colocava as mãos nas laterais do corpo, dizendo: — Ohhh, esta doeu.

No final do filme as contrações ocorriam a cada dez minutos e Bella estava achando-as dolorosas.

Annie subiu com ela para outro exame, que revelou uma dilatação de quatro centímetros, e mandou que ela tomasse um banho quente de banheira. Don colocou um banquinho ao lado da banheira para poder sentar perto de Bella e Annie ficou no quarto, por perto, mas sem invadir o espaço dos dois.

Depois de 20 minutos na banheira, Bella pediu ajuda a Don para poder levantar e sentar-se no vaso. Ela tinha uma diarreia dolorosa acompanhada de cólicas.

— Veja o lado positivo — ela disse com voz fraca, se aproximando da banheira e abrindo a torneira de água quente. — Pelo menos não preciso fazer um enema.

Don começou a ficar mais nervoso. Escava mesmo acontecendo.

Tinha visto mulheres dando à luz antes, mas em condições esquálidas, gritando palavras em um idioma que ele não entendia, e tudo parecia ter sido cena de um filme.

Mas aqui era Bella, no banheiro, dentro da banheira.

Annie entrou com uma bolinha de massa de modelar nas mãos.

Esvaziou um pouco a banheira e abriu novamente a torneira de água quente. Colocou um pouco de óleo na água e o ambiente ficou com o cheiro de férias de verão.

Os três respiraram profundamente e sentiram-se mais calmos.

Bella estava apertando a mão de Don. As dores trespassavam sua barriga. Ela apertou os olhos e engasgou com a intensidade das contrações.



Mas a água era quente e reconfortante, e ela tentou relaxar entre as contrações.

Já eram 17 horas e logo Annie a retirou da banheira para outro exame.

Bella ficou irritada com isso. Conseguiu sair e Don e Annie a enrolaram em uma toalha enorme e a levaram até a cama. Don desceu para a cozinha para preparar alguma comida enquanto Annie fazia outro exame doloroso.

— Ai — Bella gemeu alto. — Dá para ser mais gentil? — Sinto muito — Annie disse e continuou fazendo tudo igual. — Ok, está com cinco centímetros agora.

— Cinco centímetros? Tem certeza? — Bella disse enfezada. — Isto não vai acabar nunca. — Acalme-se, Bella, algumas mulheres são lentas no início do trabalho de parto e depois tudo acelera. Siga a corrente. O bebê está bem e você também.

— Mas está doendo agora — disse Bella.

— Vamos tentar a máquina de estímulo elétrico TENS, depois descemos para a cozinha e mudamos de cenário.

Annie a secou bem, colocou os eletrodos nas costas e deu o controle para ela.

— OK, basta apertar estes botões quando sentir uma contração vindo. Ele estimula a produção de endorfina — disse Annie. — Experimente. Se não gostar eu o removo.

Bella apertou o botão e sentiu um formigamento leve nas costas.

Apertou novamente e o formigamento aumentou, como se fossem agulhadas. Não percebia como isto iria ajudar, mas era algo com o que se preocupar. Toda esta espera a estava deixando louca. Ela estava somente esperando, esperando a contração seguinte, e a outra depois desta, e pela hora seguinte passar, e deixá-la mais perto do fim. Na cozinha, sentou-se em uma poltrona com o controle do aparelho na mão e observou Don fazer macarrão à bolonhesa.

— Vai comer conosco? — ele perguntou a Annie.

— Não como carne — ela disse.

— Então coma o macarrão com manteiga e parmesão ralado.

Também temos tomates fantásticos — ele disse. — Ok. Obrigada — disse Annie.

Tomate fantásticos? Bella pensou, mal-humorada. Como é que ele se atreve a pensar em tomates quando ela estava no meio de tanta dor? — Bella, o que você gostaria de comer?

— Don chegou perto dela e perguntou tão gentilmente que ela o perdoou de imediato.

— Só um pouco de suco de maçã, por favor. — Ela contorceu o rosto com outra contração e apertou o botão do aparelho. Ele parecia bloquear a intensidade da dor, enviando vários choques elétricos para as suas costas.

As dores agora estavam fortes percorrendo sua barriga e as costas.

Mas depois diminuía e tudo parecia bem novamente, até sentia-se se bem.

Começara a contar quando seus olhos apertavam-se de dor e sabia que as contrações estavam mais longas. Quanto tempo isto iria durar? Dez horas tinham se passado desde os primeiros sinais. A média de tempo em um primeiro parto era de 12 horas, portanto faltavam menos de duas horas para acabar Aleluia! Duas horas com Annie em volta dela enfiando os dedos enluvados era o máximo que ela conseguiria agüentar.

— AAAAAAi, lá vem outra. — Uma garra apertou seu estômago como se quisesse tirar-lhe a vida. Ela apertou o botão para os eletrodos nas costas e contou devagar: cinco, quatro, três, dois, um, zero, menos um, menos dois, menos três... finalmente a contração

acabara.

Don estava olhando para ela, com o garfo parado no meio do caminho Annie comia sem se preocupar.

— Quando acabarmos de jantar, você quer outra massagem? — ela perguntou, animada. — Caminhar um pouco pela sala pode ajudar.

"É fácil para você dizer isso, sua ratazana hippie", Bella pensou. Ela começara a sentir-se impotente e furiosa com a dor, a indignidade e, acima de tudo furiosa com Annie.

Outra contração violenta começou e Bella caiu de quatro no chão da cozinha.

— Aiiiiiiiiiii! — Sentia-se completamente estúpida, rastejando ali impotentemente.

Don correu para o lado dela.

— Querida, você está bem? — E claro que não estou bem merda nenhuma. Dói, dói muito.

— Vamos, Bella — Annie disse rapidamente. —Vamos subir e eu farei uma boa massagem relaxante.

— Não quero uma massagem — Bella ouviu-se dizendo de modo petulante. — Quero que isto acabe.

Parando para as contrações que vinham em intervalos de poucos minutos Don e Annie conseguiram levar Bella para o quarto.

— OK, vamos dar uma olhada rápida, por favor — Annie disse, deitando Bella na cama.

Bella gemeu.

— Ainda cerca de cinco centímetros — Annie disse, removendo a temida luva.

— Jesus — Bella exclamou frustrada. — Não estamos indo a lugar algum. — Temos que ajudar você a relaxar e a dilatar. O que ajudaria, Bella? — Menos dor — ela disparou. — Lá vem outra... — Havia um pouco de medo em sua voz. Ela agarrou o braço de Don e dependurou-se nele, gemendo.

— Vou colocar um pouco de musica — Annie disse, saindo do quarto.

Quando a contração passou, os olhos de Don e Bella se encontraram.

Ele parecia ansioso, e ela, assustada, o que deixou os dois ainda mais preocupados.

— Estou mesmo assustada, Don — Bella sussurrou. — A maioria das mulheres apresenta dilatações de um centímetro por hora. São outras cinco horas antes de estar pronta para empurrar. Não consigo fazer isso por mais cinco horas.

O rosto dela contraiu-se novamente. Outra contração estava a caminho. Atingiu-a violentamente e a prendeu no meio de uma dor mais intensa do que tudo o que poderia ter imaginado antes deste suplício começar. Estava ajoelhada no colchão, com os cotovelos apoiados na peseira da cama, segurando-se em Don, de pé na frente dela. O rosto dela estava enterrado no peito dele, olhos fechados. Quando a contração passou, ela respirou novamente. Annie apareceu com um toca-fitas em uma mão e uma xícara de chá fumegante na outra. Saiu novamente e voltou com velas, fósforos e um aromatizador. A nova contração começou e Bella enterrou novamente a cabeça no peito de Don. Quando fechou os olhos e sentiu a dor, soube que isto era o mesmo que ser torturada em um aparelho medieval. Sentia-se como que amarrada, manipulada e esticada, forçada a abrir-se, um bocadinho agonizante por vez.

Estava aguardando o momento em que ouviria os ligamentos estalarem, rompendo-se. Medieval era a palavra que permanecia rodando em sua mente. Estavam no século XXI,

mas ela tinha escolhido um modo medieval de dar à luz. Poderia estar em um hospital, com uma anestesia peridural correndo suavemente pelo seu sistema nervoso central, mas, em vez disso, quando abriu os olhos viu que Annie tinha desligado as luzes e acendido velas.

Havia um cheiro enjoativo de incenso no ar e uma horrível música New Age ao fundo, Bella começou a entrar em pânico.

Seu cabelo estava grudado em seu rosto e pescoço, gotas de suor escorriam por eles e caíam em seus olhos, sentia o suor escorrendo pelas axilas, por entre os seios.

A contração tinha acabado e Annie veio em sua direção com a xícara.

— Aqui, querida, beba um pouco de chá de camomila, vai ajudar você a se acalmar.

Aquilo foi a gota d'água para Bella.

— Uma merda de chá de camomila? — gritou. — Você acredita mesmo que isso vai fazer alguma diferença? Houve um silêncio no quarto. Depois Bella gemeu novamente, porque sentiu outra contração a caminho. Começou mais embaixo, como uma cólica estomacal violenta, e irradiou-se até a sobrepujar. Ela dependurou-se em Don e tentou manter-se lúcida.

De repente, houve uma aterrorizante sensação de explosão e Bella sentiu como se alguma coisa tivesse saído violentamente de dentro dela.

Suas pernas estavam encharcadas e, por um momento, pensou que o bebê tinha nascido.

— Bom sinal — Annie disse. — A bolsa estourou.

Bella saiu da escuridão da contração para ver Annie enxugando a poça na cama com um tapetinho bege horrível, plastificado de um lado.

Pôs outro tapetinho na parte traseira das pernas de Bella. O plástico colou nos músculos suados da barriga da perna, mas antes que ela tivesse tempo de se irritar com isso e movê-lo, outra contração tomou conta dela.

No meio de tudo aquilo, Bella ouviu um animalesco gemido baixo e pensou no que poderia ter sido aquilo, antes de perceber que era ela quem fazia o barulho. Cristo, foi horrível.

Annie saiu da sala e, quando Bella libertou-se da garra da agonia e respirou fundo, falou com Don em um tom de voz urgente: — Pegue minha bolsa, rápido. — Ela apontou para a bolsa no canto do quarto.

— Você não pode fumar agora, Bella — Don sibilou.

— Não, não — disse Bella com urgência. — Pegue a bolsa! Ele entregou a bolsa e Bella revirou-a em busca do caderninho de endereços. A contração seguinte já estava se formando e ela precisava ser rápida.

— Me dê o telefone — pediu urgentemente a Don, que lhe deu o aparelho sem acreditar no que ouvia.

— O que está fazendo? — perguntou.

Ela discou um número. "Responda, RESPONDA" a dor já se espalhava a partir da boca do estômago. O aparelho escorregava em sua mão molhada de suor "Olá, deixe seu recado após o sinal." Declan, Declan, é Bella, você precisa me ajudar. — Ela pôde ouvir o gemido de dor entrar em sua voz e tentou continuar como podia: — Por favor, venha aqui, traga anestesia, Park Crescent, 18. Pago o que você quiser.

Ela deixou cair o telefone e agarrou a camisa de Don. Ele passou os braços ao redor dela e

a abraçou. Ele não sabia como iriam fazer isto.

Estava começando a sentir muito medo.

Annie voltou com uma tigela e uma toalhinha de rosto.

Quando tempestade da contração passou, ofereceu-se para lavar Bella. Bella percebeu o quanto precisava disso. A camiseta larga que usava estava completamente encharcada de suor e colada a seu corpo. O cabelo completamente molhados e gotas salgadas corriam por seu rosto. As pernas estavam molhadas e o tapete de plástico colado claustrofobicamente no alto.

Suor escorria de cada poro do seu corpo.

Annie a ajudou a retirar a camiseta e lavou seu rosto cora água fria.

Limpou as costas e pernas de Bella. — Sinto muito, Annie. — Bella chorava agora. — Não confio em você para fazer o parto. Não quero mais nada desta merda de velas... — Seus olhos estavam cheios de lágrimas e sentia a dor recomeçando.

Sentiu náuseas e começou a ter ânsias de vômito. Cheia de medo, começou a pensar que poderia morrer. Voltou a enterrar a cabeça na camisa de Don e concentrou-se em atravessar a onda de dor.

Quando fechou os olhos, viu-se em um oceano escuro e sua cabeça flutuando no meio da imensa massa de água, tentando manter-se à tona.

Tentava manter a cabeça acima da água e sobreviver, mas não sabia quanto tempo aguentaria.

Não havia sinais de ajuda, estava exausta de tanto nadar e vagamente consciente que Don e Annie conversavam. Bem ao longe, achou ter ouvido o som de um telefone tocando, mas parecia um sonho enquanto debatia-se desesperadamente no oceano contra as enormes ondas escuras que tentavam afundá-la. Finalmente, conseguiu abrir os olhos e respirar novamente. A janela do quarto estava aberta e a cortina agitava-se, permitindo a entrada de uma brisa fria. O incenso e as velas tinham desaparecido, substituídos pela luz dos abajures laterais. Don acariciava seus cabelos, Annie cutucava no meio de suas pernas e ouvia o coração do bebê com o estetoscópio.

— Vocês vão bem — Annie disse com uma voz suave. — Olhe, Bella, não tem nenhum problema se você quiser outra pessoa. Faça o que precisar, o que quiser. Ainda há tempo de ir para o hospital, se quiser, mas será uma viagem muito desconfortável.

— Declan vem? — Bella olhou para Don.

— Sim.

— Quando? — Logo.

— Oh, obrigada, meu Deus. — Ela tinha uma vaga noção de que estava magoando Annie, mas também sabia que agora não podia se importar com isso.

Declan estava vindo. O ar fresco a atingiu e ela começou a sentir-se forte e com sede.

— Annie, posso beber alguma coisa? Tem suco de maçã na geladeira.

— Claro que sim.

Annie saiu rapidamente e Bella sentou-se sobre os calcanhares, tentando descansar e respirar, mas a dor voltou, atravessando-a.

— Oh, Don. — Ela gemeu e apoiou-se em seus braços para que ele a segurasse e a ajudasse de algum modo a atravessar a dor.

Estava impressionada ao ver o quanto de agonia seu corpo conseguia suportar. Horas atrás, achava que a dor era o máximo que poderia suportar, mas cada contração aumentava a intensidade da dor, exponencialmente e por mais tempo, tentando espremer a vida para fora dela, e ela tinha, de algum modo sobrevivido. Começava a ser uma tempestade implacável, sem inícios ou finais visíveis das contrações. Horas pareciam ter passado e, ao mesmo tempo, parecia que há 20 minutos ela estivera na banheira, pensando que o trabalho de parto não era tão ruim assim.

Já estava escuro lá fora e ela sentia a presença de mais pessoas no quarto. Em um determinado momento, abriu os olhos e viu Declan, ou estaria imaginando ainda. Conseguiu sorrir para ele, mas teve que fechar os olhos e gemeu novamente.

Mas era ele. Falando com ela em seu adorável sotaque irlandês: — Olá, Bella, como vai você? Vamos, querida, abra os olhos, e olhe para mim por um segundo.

Usando toda a sua concentração, ela ergueu as pálpebras.

Seus braços ainda estavam ao redor de Don, mas Declan estava segurando seu rosto entre as mãos e olhando dentro de seus olhos.

Bella, você está indo bem. Só está levando muito tempo para acontecer e isto com que você fique cansada e um pouco desencorajada.

Agora eu estou aqui, com minha boa amiga Zena. Annie também está aqui e, juntos, iremos ajudar. Você é uma garota forte e durona, Bella. Eu sei que pode fazer isso. Seu adorável marido está aqui, segurando você com toda a força. Todos estamos aqui para ajudar. Não vamos abandoná-la, OK? — OK — ela conseguiu sussurrar.

— Agora, gás anestésico e oxigênio. Prometo que isto vai ajudar mesmo. Ele lhe deu uma máscara de plástico branco.

— Coloque isto na sua boca e respire bem fundo — ele disse. Uma lufada de ar terrivelmente frio e seco bateu no fundo de sua garganta. Ela queria tossir, mas inalou repetidas vezes.

Afastou a máscara porque seu rosto estava estranhamente dormente e sentia náuseas na boca do estômago.

— Não, não, não, não... estou enjoada — ela choramingou. Ela conseguia ouvir Declan: — Continue, eu prometo que vai dar tudo certo. Pôs novamente a máscara na boca, tudo começava a desaparecer em uma onda de dor vermelho-escura. As palavras reconfortantes de Declan pareceram um mantra que se repetiu durante horas. Ela sabia que já era de madrugada, mas via flashes de luz brilhante quando abria os olhos. Quando os fechava, estava mergulhada em um mar vermelho de dor.

— Precisamos levá-la. — A voz de Declan estava perdida muito ao longe, e ela concentrava-se na cabecinha, flutuando entre as ondas, mergulhando no mar quente. Meu Deus, queria descansar, queria simplesmente que tudo acabasse.

Braços fortes por baixo de suas axilas puxando-a para fora do mar.

Eles estavam tentando colocá-la de pé em terra firme, mas suas pernas não funcionavam.

— Bella! Bella! — Era Don, com um quê de pânico na voz. Ela pensou que gostaria de ver Don, onde diabos ele estava? Sentiu água fria em seu rosto e escorrendo por suas costas. Abriu os olhos.

Don estava de pé na frente dela, segurando-a, e Declan estava a seu lado.

Ela arregalou os olhos e tomou consciência da dor límpida e terrível.

Eles a estavam segurando de pé, desafiando a força no meio de suas pernas que a puxava para baixo. Sentiu os joelhos dobrarem com o esforço, mas eles conseguiram segurá-la.

Ela deu um grito primitivo e gutural ao sentir um peso enorme bater violentamente contra todos os músculos, desde o umbigo até o ânus. Uma força irresistível a obrigava a empurrar, embora a idéia fosse contra todos os seus instintos de evitar a dor e a autopreservação. Suas articulações das ancas estavam gemendo, tentando se segurar por um fio.

E ela precisava empurrar, mesmo sabendo que isto a estava partindo ao meio. Seu ânus estava sendo empurrado para fora do corpo. Havia uma bola destruidora dentro de sua pélvis, esmagando e destruindo tudo em seu caminho.

Ele estava descendo, ele estava saindo.

Bella tentava se agachar, apesar de Don e Declan lutarem contra isso.

Podia ouvir rugidos e gritos de agonia, que sabia estar saindo dela, mas sua mente estava em um local pequeno e tranqüilo. Estava sozinha e quieta no centro da tempestade. Pequenos pensamentos formavam-se ali: É isso aí, o bebê está saindo. Está quase no fim. Estamos quase lá. Acabei de cagar no chão do quarto.

Espero que alguém tenha colocado um plástico debaixo de mim.

Bella sentiu braços a puxarem para cima, até que ela se viu ajoelhada na cama. Don estava à sua frente, então ela lançou automaticamente seus braços ao redor do peito dele. Todos se agitavam em volta dela. Houve uma imensa sensação de queimação, e outra, de estar sendo rasgada, tão violentamente que pensou que conseguia ouvir, e depois a dor atingiu o seu máximo — dor branca, quente e excruciante, e um grito silencioso. E tudo acabou.

Ela mergulhou dentro de Don. Oh, graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus. Estava acabado, ainda estava viva, tinha sobrevivido.

Don abraçava sua cabeça contra seu peito.

— Oh, Bella. — A voz dele estava rouca. — O bebê chegou.

Meu Deus, o bebê, ela tinha esquecido completamente o bebê.

Girando a cabeça, viu um enorme bebê roxo, com dois tubinhos em seu nariz, sendo manipulados com habilidade por Declan.

Bella tombou desajeitadamente na cama, com sangue escorrendo por entre as pernas, e lhe deram um bebê grande, escorregadio e pesado.

Ficou simplesmente olhando por um longo minuto e depois conseguiu sussurrar: — Olá. Os olhos abriram, Bella olhou dentro deles e, naquele mesmo momento, reparou que estava segurando um menino. Tinha um cheiro salgado, como se tivesse sido retirado do mar. — Olá, você — ela sussurrou. — Alô, Markie. O rosto de Don estava ao lado do dela e ambos admiravam esta extraordinária pessoa nova. Seus olhos escuros estavam grudados nos dela, em um olhar fixo, sem piscar. Eram lagos profundos e escuros, os mais maravilhosos que já havia visto.

Estava impressionada por terem conseguido fazer algo tão perfeito.

O bebê colocou a mão minúscula contra seu rosto e Bella pegou os dedinhos com minúsculas e perfeitas unhas arroxeadas, dobrinhas e covinhas na base dos dedos.

— Meu Deus, Bella, ele é simplesmente maravilhoso — Don sussurrou ao lado dela.

Bella olhou ao redor e viu outros três rostos observando-os silenciosamente. Todos sorriram. Voltou a olhar o bebê.

— Simplesmente perfeito, tão perfeito — ela disse, caindo exausta nos travesseiros que alguém colocara atrás dela.

## Capítulo Vinte e Três

OK, Bella, ainda temos algum trabalho pela frente. Declan parecia ríspido. O cordão umbilical foi cortado, depois Declan entregou Markie a Annie para ser lavado, enquanto se ocupava com a placenta.

Quando o enorme pedaço de fígado cru deslizou por entre as suas pernas, Bella viu que estava sentada sobre um plástico úmido e ensanguentado. Estava nua, as pernas manchadas com sangue seco e traços de fezes. Suas unhas estavam escuras por causa do sangue seco, o cabelo encharcado de suor, sangue escorria por entre suas pernas e ela começara a tremer. Don estava tirando fotos do bebê. — Lamento, Bella, mas agora temos que dar alguns pontos — Declan disse.

— Você está brincando — ela conseguiu responder.

— Zena cuidará de você agora, Bella. Ela faz maravilhas com uma agulha. Primeiro vamos dar anestesia, depois é melhor que você tenha o gás e o oxigênio por perto.

Bella respirou furiosamente o gás do cilindro enquanto Zena a limpava e depois começou a costurar o comprido rasgão em seu períneo.

O rosto de Bella contorcia-se de dor. Não conseguia acreditar no quanto teve que suportar em uma só noite. Uma profunda resignação estoíca começou a tomar conta dela. Se alguém entrasse no quarto agora e dissesse que teriam que arrancar seus molares, ela teria concordado.

— Agora você já sabe por que chamam isso de "trabalho de parto" — disse Zena, com um gentil sotaque caribenho enquanto trabalhava, dando uma série interminável de pontos, — É um trabalho para mulheres, nenhum homem aguentaria isso.

Bella esboçou um breve sorriso sob a máscara. Não tinha certeza se o gás ajudava, mas pelo menos impedia que ela gritasse.

Finalmente acabou. Markie estava seco e vestido, e Zena ajudou Bella a manquejar até o banheiro para um banho quente na banheira.

Bella afundou na água. Olhou para seu corpo. De alguma maneira, no limite da exaustão profunda, encontrou energias para ficar feliz em ver que sua barriga estava incrivelmente plana.

Ok, parecia um suflê murcho, cheio de dobras, mas estava plana.

Podia ver por cima dela, conseguia curvar-se. Seus seios estavam enormes, especialmente se comparados com o estômago achatado.

Entre as pernas tudo parecia estranhamente anestesiado e amarrado bem apertado. Como é que ela iria fazer xixi? Sem falar em... nem queria pensar nisso. Hemorróidas do tamanho de almôndegas esfregavam-se dolorosamente umas contra as outras entre suas nádegas.

Conseguia ouvir um choro vigoroso no quarto e, erguendo-se cuidadosamente na banheira, secou-se com uma toalha e vestiu a camisola limpa pendurada atrás da porta.

O quarto sofrerá uma transformação. Lençóis e fronhas limpos estavam na cama e trouxeram o bercinho de Markie. A iluminação era fraca, havia somente um abajur aceso e algumas velas. Zena estava fechando sacos de lixo e Declan fazia anotações na caderneta



pré-natal de Bella, enquanto Don estava sentado na cama, segurando o bebê que chorava. Bella foi até ele e pegou Markie desajeitadamente, deixando a cabeça cair para trás.

— Sh, sh, sh — ela tentou acalmá-lo.

— OK — disse Declan. — Vamos ajudar você a segurar o bichinho.

Ela sentou-se com as costas apoiadas em uma montanha de travesseiros e abriu a camisola. Markie virou imediatamente para o seio dela. Como se fosse a coisa mais natural do mundo, Declan apertou um de seus mamilos e o colocou na boquinha aberta do bebê. Ele o chupou vigorosamente. — OK, ele está pronto — disse Declan. — Nenhum problema. Seu único problema pode ser produzir leite suficiente para ele.

Sabe quanto ele pesa? quatro quilos e seiscentas gramas. Para uma mulher do seu tamanho ele é enorme. Não admira o trabalhão que deu para sair.

Bella observava a boquinha de seu filho sugar seu seio.

— Foi um inferno completo. Nunca, nunca mais passo por isso novamente — ela disse, sentindo-se finalmente pelo menos um pouco parecida com ela mesma.

Declan caiu na gargalhada.

— Já ouvi isso antes. O segundo é sempre mais fácil.

— Sim, está bem — ela disse. — Você fala isso para manter o emprego. Ela olhou para Don: ele estava exausto, com manchas enormes de suor as mangas da camisa.

— Lamento, querido, mas nunca mais faremos sexo novamente, nem mesmo daqui a seis meses, quando as feridas finalmente sararem — ela disse.

— Besteira — disse Declan. — Dê um mês de folga a ela, Don, e depois ligue o motor que ela estará babando por você. Mas use lubrificante — acrescentou.

— Chega! — disse Bella, horrorizada. — Nunca mais farei sexo novamente. Ponto final.

Ao inclinar-se para beijar Don, o bebê soltou-se e tentou freneticamente colocar os lábios no mamilo.

— Oh, não — Bella disse, interrompendo o beijo. Ela colocou Markie no outro seio e deixou que ele tentasse o outro lado.

Don manteve o braço ao redor dela. Ele nunca sentiu-se tão aliviado na vida. Bella e seu filho estavam vivos. Estavam seguros e protegidos na curva do seu braço e ele nunca pensou que iria sentir-se tão agradecido novamente na vida. Tinha sido assustador. Cerca de 20 minutos antes de Markie finalmente nascer, Don ouviu Declan ligar para saber se havia uma ambulância à disposição e avisar o hospital que poderiam ter de fazer uma cesárea de emergência. Annie apareceu com chá, mas Don disse: — Nada de chá, tenho champanhe lá embaixo — e saiu para ir buscá-la — Eu realmente gostaria de beber primeiro o chá — Bella disse para Annie.

— Tenho certeza que sim, querida. E aqui está uma grande jarra de suco de maçã diluído. Quer uma torrada ou outra coisa? Bella pensou nas horrendas hemorróidas e disse: — Não, obrigada. E, a propósito, queria agradecer, lamento ter sido tão bruta com você.

— Bella, está tudo bem. Também fiquei preocupada com o fato de nada estar acontecendo, e acho que você sentiu isso. Você fez a coisa certa e tudo acabou bem..

Annie olhou para baixo, para o rostinho enterrado nos seios de Bella.

— Olhe para isso — ela disse, sorrindo. — Com sorte ele vai dormir um bocado esta noite e deixar vocês dois descansarem. — Que horas são? — Bella perguntou.

— Três e meia da madrugada. Markie nasceu exatamente às 2h15.

Você 21 horas em trabalho de parto. É muito tempo.

— É mesmo muito tempo — disse Bella. Várias taças de champanhe depois, era hora de todos partirem e deixarem os três sozinhos. Nós três: Bella repassou as palavras em sua mente. Soavam estranho.

Declan deixara um frasco enorme de sedativos extrafortes depois de ter insistido para que ela tomasse dois comprimidos. Annie desaprovava e prometera voltar de manhã com uma alternativa mais saudável para a amamentação. Bella tomou os comprimidos. Toda a sua região genital começara a pulsar e contrações dolorosas ainda atravessavam sua barriga.

Ela desejava dormir.

Don voltou ao quarto depois de levar todos até a porta.

Olhou para o quadro em sua frente, Bella com o bebê, e sentiu o coração disparar de emoção. Bella era mãe e eles tinham um bebê para cuidar.

O bebê dormira nos braços dela. "O bebê" — ele ainda era muito novo para ter um nome.

Bella o colocou no berço, ao lado da cama.

Don despiu-se e vestiu uma camiseta e shorts. Deitou na cama ao lado de Bella e a apertou contra si.

— Estou tão orgulhoso de você — ele disse.

— Eu também — ela respondeu, sorrindo. — Foi um inferno. Achei que iria morrer.

Ele não disse nada, só a apertou mais forte em seus braços.

Finalmente, inclinou-se desligar a luz e percebeu como estava incrivelmente cansado. Bella deitou-se de lado para poder olhar seu minúsculo filho, deitado no bercinho ao seu lado. Seu filho: a palavra ressoava em mente.

Na penumbra, podia ver que ele não estava mais dormindo, seus olhos estavam abertos e fixos nos dela. Sentiu-se sobrepujada pelo amor.

Don estava de um lado e o bebê, do outro. Nada poderia ser tão perfeito.

Ela tentou dormir, mas sentia-se demasiado emocionada. Abria os olhos várias vezes, só para checar como estava o bebê deitado ao lado dela.

E Bella tinha a impressão de que, cada vez que abria os olhos, aqueles pequenos olhos escuros a estavam olhando, maravilhados com ela e com este novo mundo.

## Capítulo Vinte e Quatro

Don fez todos os telefonemas necessários e providenciou para que flores fossem entregues de hora em hora enquanto Bella permanecia deitada na cama, como uma princesa exausta, com Markie aninhado ao seu lado. — Tania vem mais tarde — Don disse, somente a cabeça aparecendo atrás da porta, surpreso em encontrar Bella finalmente acordada. — Ninguém consegue impedi-la.

— Tudo bem — Bella sussurrou. — Quando disse nenhuma visita hoje, não estava me referindo a ela. — Minha mãe e seus pais enviaram os mais lindos arranjos de flores. Está disposta a telefonar para eles? Todos estão plantados ao lado do telefone.

— Sim, claro — Bella respondeu, sentindo-se culpada em preferir falar com a mãe de Don, em vez de seus pais.

Don inclinou-se para olhar novamente o bebê. Ele estava deitado de costas, dormindo profundamente, com a cabeça virada para um lado, braços erguidos acima das orelhas como se estivesse paralisado em meio a um salto de alegria. Vestia uma touquinha de algodão branco com um pompom no alto, mas seu rosto parecia muito velho para uma coisinha tão pequena.

Ele parecia um buda antigo, não dormindo, mas simplesmente meditando com os olhos fechados.

— Ele acordou novamente? — Não — Bella respondeu.— Está dormindo desde as sete. Acho que é isso o que fazem por um ou dois.....dias. Dormem.

— Como vai você? — Ele olhou para o rosto pálido e as profundas olheiras sob seus olhos.

— Não vou tão mal. Estou exausta, não consigo andar, ainda tenho contrações e meus seios parecem balões de ar, mas estas coisinhas aqui estão me mantendo feliz. — Ela apontou para o vidro de analgésicos que Declan havia deixado.

— Não se esqueça de esconder o vidro quando Annie aparecer ou ela irá levá-lo embora.

— Só por cima do meu cadáver.

— Você trocou a fralda dele? — Meu Deus, não! — Bella estava horrorizada. — Ele está com a mesma há horas.

— OK... do que precisamos? Colocaram uma toalha na cama. Seguindo as instruções, Don trouxe uma bacia com água morna, bolas de algodão e uma fralda limpa.

Ele colocou Markie em cima da toalha e, junto com Bella, lutaram com as centenas de botões minúsculos do macacãozinho e o velcro da fralda. Markie estava furioso por ter sido acordado tão bruscamente. Agitou seus pequeninos punhos e começou a berrar tão violentamente que todo o seu corpo tremia e o rosto passou de rosado a roxo.

Bella abriu a fralda minúscula: estava seca. Inclinou-se para mais perto, fim de inspecionar melhor, e percebeu que sua bochecha estava molhada.

Recuou, surpresa, enquanto o minúsculo pênis de Markie espirrava urina em todas as direções. Com um arco, molhou o acolchoado, o macacão e seu próprio rosto. Isto o fez chorar de modo ainda mais intenso.

Bella e Don estavam em pânico, horrorizados. Ele limpou o rosto do bebê com a ponta da toalha e Bella o aninhou no colo para fazê-lo parar de chorar.

— OK. — Ela tentou parecer calma. — Precisamos de uma roupinha e macacão limpos.

Don levou as peças para Bella e os dois entreolharam-se apreensivos. Markie ainda estava roxo e chorando.

Dois adultos, um que havia participado da cobertura da guerra, a outra também havia participado de um bom número de lutas empresarial, estavam apenas começando a perceber o quão indefesos eram no campo de batalha de cuidar de um bebê.

Trocar Markie pela primeira vez foi um horror. Lutou com suas pernas e braços e rugia para os dois, aterrorizado. Seus pais, apavorado com a idéia de poder quebrá-lo, o tocando gentil e cuidadosamente, mas ele reagia como se estivesse sendo torturado. Finalmente, quando tudo acabou, Bella colocou-o entre os seios e o deixou mamar. Finalmente, fez-se silêncio.

— Oh, meu Deus — Don suspirou e olhou para Bella. Depois de um minuto de silêncio, aliviados, os dois começaram a rir.

— Ele mijou na sua cara... — Don exclamou entre gargalhadas gigantescas.

A expressão no seu rosto quando você trouxe as roupas... — Bella gargalhava tão forte que Markie perdeu o bico do seio e resmungou alto até que ela o recolocasse no lugar.

— Como é a sensação? — Don perguntou apontando para o filho grudado no seio da esposa quando os dois pararam de rir.

— Não sinto nada além dos maxilares dele fazendo nham, nham, nham.

— Como sabe se ele está mamando o suficiente? — Porque Annie me disse que ele não vai ficar dormindo quietinho e vai derrubar a casa aos berros quando tiver fome — regras básicas de sobrevivência.

— Fico feliz em ver que você está tão calma — ele disse. — Oh, Deus, não estou nada, Don. Estou apavorada! Mas acho que vamos ter que nos virar e aprender os truques no caminho. — Tem certeza que não quer comer nada? — Acredite em mim, se sua área de saída estivesse como a minha, também não comeria nada. Ele não precisava de mais informações.

— OK — ela disse quando Markie acabou de mamar. — Vamos ligar para os velhos. Don sentou-se na cama, ao lado dela, enquanto ela discava para os pais. — Olá, mamãe, sou eu — disse quando a mãe atendeu. — Bella! Como vai você? Estamos tão orgulhosos. — Ora, isto era uma novidade... Bella não conseguiu evitar o pensamento.

— Não me conte os detalhes — a mãe acrescentou. — Don disse que o parto durou horas. Não quero saber, não quero mesmo... mas foi você quem insistiu em ter o bebê em casa. Mas você está bem agora, não está? E o pequeno... Mark? — Disse o nome do bebê com um tom de voz que dizia: Por favor, me diga que estou enganada. — Markie — Bella respondeu.

— Sim claro, sei que ele é pequeno agora, mas mais tarde... bom, ele não é absolutamente lindo e perfeito? — Ele é lindo — Bella disse e segurou a mão de Don. — Você precisa vir vê-lo, mamãe — e prendeu a respiração, esperando pela resposta.

— Bom... vai ser difícil para mim, Bella. — E lá vamos nós... Bella pensou — Não tive mais contato com bebês desde que você era criança por causa do que passei — a mãe continuou. — Sei que isto vai desencadear vários sentimentos difíceis de lidar. Comprei um livro sobre como ser uma avó e estou tentando me preparar para a avalanche de emoções. Toda a dor e a tristeza de ter perdido cinco bebezinhos, tudo vai voltar à minha lembrança

novamente.

Enquanto ouvia, Bella pensava como era estranho que sua mãe parecesse ser tão emocionalmente aberta, e mesmo assim só conseguir afastá-la dela importava o que Bella fizesse, sua mãe só conseguia vivenciar as coisas em termos egoístas — até mesmo o nascimento do neto, puxa vida.

Quando terminaram de conversar, Bella bateu o telefone, aliviada com o fato de a mãe ter inventado uma desculpa para adiar a visita por meses, e ao mesmo tempo furiosa com isso.

Depois deste telefonema, foi um prazer falar com Maddie, a adorável mãe de Don, que estava do outro lado da linha dizendo todas as coisas certas.

— Parabéns, Bella, Don está tão orgulhoso de você, nunca ouvi nada parecido. E eu também estou... Markie, que nome adorável, e combina tão bem com McCartney... Irei aí assim que conseguir, e somente se você quiser a minha presença. Quem sabe vocês não preferem ficar a sós por algum tempo?... Agora volte para a cama, descanse o máximo que puder.

Logo depois, ela adormeceu novamente. A última coisa que viu foi uma montanha de flores roxas, amarelas, cor-de-rosa e brancas no quarto.

Já não havia mais vasos disponíveis e Don agora estava usando tudo o que podia, baldes, tigelas etc, Lembrou-se da noite em que havia contado que estava grávida.

Seu último pensamento antes de adormecer foi: 21 horas! Quatro quilos e seiscentos gramas! Com os diabos, era quase um milagre os dois estarem vivos.

Tania apareceu muito mais tarde, quando o sol começava a se pôr no primeiro dia de vida de Markie, Correu para o quarto e acordou Bella com um beijo.

— Meus parabéns, garota incrivelmente inteligente — disse toda derretida, inclinando se sobre o berço e tentando dar uma boa olhada no embrulhinho adormecido lá dentro.

— Olhe só para ele, é absolutamente maravilhoso.

— Não, não é — disse Bella, meio adormecida. — Parece com uma versão chinesa em miniatura de Winston Churchill.

— Bom, agora que você mencionou isso... cale a boca, Bella. Ele é adorável. Fico com ele se não o quiser.

— Se você acha que passei por tudo aquilo só para ser uma mãe postiça... — Bella estava sorrindo agora.

— Foi mesmo tão ruim? — Ruim?! Sinto muito, não vou fazer parte da conspiração pós-parto para manter mulheres sem filhos no escuro. Foi horrível, foi terrível, foi uma agonia, muito, muito mais excruciance do que imaginei. Durou muito mais do que o humanamente suportável e é um acontecimento selvagem em todos os sentidos. Da próxima vez farei uma cesariana ou, no mínimo, uma peridural completa. Tania olhou para ela horrorizada.

— Oh meu Deus, você não está grávida, está? — Bella perguntou.

— Não — Tania respondeu. — Mas acho que vou reconsiderar a idéia agora disse e disparou: — Mas ele é tão lindo, eu quero um!! Revirou nas sacolas de compras de papel brilhante que trouxera e puxou um enorme urso de pelúcia de dentro de uma delas. As duas caíram na gargalhada.

— Oh meu Deus — Bella disse —, é tão grande, vai assustá-lo.

— Ele vai se acostumar. É tão fofo. E olhe para isto. — Pegou um monte de roupinhas de bebê em cores fortes. — São da Baby Kenzo — disse. — Não são fantásticas? — Uau — Bella exclamou. — Você não devia. — Bobagem. Sou a fada madrinha dele. E para você, princesa das fadas... — abriu outra sacola e pegou um vidro enorme de espuma de banho aromaterápica tremendamente cara. — Muito obrigada — Bella disse. — Assim que os pontos caírem, irei usar. Tania fez uma careta.

— Quantos?

— Uma quantidade inenarrável. Disse a Don que nunca mais farei sexo novamente.

— Oh meu Deus. Isto significa que você não vai precisar do meu outro presente.

Bella gargalhou, curiosa.

Tania pegou uma caixa de sapatos. Dentro dela estavam sandálias de tirinhas de pele de cobra verde-clara com saltos vertiginosamente altos.

— Meu Deus — Bella disse, completamente chocada com a extravagância de Tania.

— Bom, fiquei pensando que você poderia não entrar nas suas roupas antigas tão depressa e achei que isto a faria sentir-se sexy novamente.

Tania ficou surpresa ao ver a amiga engasgar com as lágrimas.

Abraçaram-se e Bella soluçou.

— Desculpe — Bella disse quando conseguiu se recompor. — Devem ser os hormônios. — Muito obrigada.

— É um prazer, querida. — Tania sorriu e pegou lenços de papel na bolsa. — Trouxe o jantar também, comida japonesa... sushi, sopa, tudo o que você gosta. Vou descer e esquentar, e venho comer aqui do seu lado na cama.

Quando um prato fumegante de yakisoba apareceu na frente dela acompanhado por uma fatia grossa de pão com manteiga, Bella percebeu que estava faminta. Iria comer e se preocupar depois com as consequências quando elas chegasse o momento.

— Minha mãe disse que você precisa que alguém venha cuidar de você por alguns dias — Tania disse mordendo um sushi. — Ela disse que vem se você não tiver ninguém! Bella gargalhou.

— É muita gentileza dela. Acho que Maddie, a mãe de Don, vem nos visitar em breve, e isso vai ser bom. Mas Don está de licença por duas semanas e ficaremos bem. Estou certa de que estarei de volta ao normal até lá.

Ouviu-se dizer isso, mas não sabia se era verdade. Estava chocada com sua condição física e os danos causados pelo parto. Há dois dias podia limpar pisos andar pelo quarto, fazer amor; agora, mal conseguia ir ao banheiro. E sentia muitas dores. Os seios doíam, o útero ainda contraía-se espasmos dolorosos, principalmente quando o bebê mamava, os pontos e as hemorróidas bom, melhor tomar outro analgésico e tentar esquecer deles.

Era como se toda a região entre suas pernas tivesse sido fechada com um grampeador. Estava machucada, inchada e um toque manual exploratório foi reconfortante. No meio de um monte denso de pêlos pubianos com sangue seco estavam grandes pontos, que, graças a Deus, Iriam dissolver-se e não teriam que ser cortados quando as feridas secassem.

Estava rasgada quase até o ânus. Somente uma hemorróida enorme e inflamada impedira o rasgo de continuar. Também não havia sido avisada sobre o sangramento. Annie trouxera

absorventes de maternidade redondos, grossos, e aconselhou um banho em água com óleo de lavanda quando se sentisse desconfortável.

Jesus, Bella nunca pensara que viesse a vivenciar essa situação.

Sentia-se machucada, ferida em batalha e todo mundo sorria, mandava flores e a cumprimentava, como se ela houvesse ganho um prêmio. Cartões de melhoras e simpatia seriam mais adequados. Talvez devesse criar uma nova linha de cartões: — É um menino! Quinze pontos, nossa, você deve estar dolorida! Mas havia ganhado um prêmio, não havia? Markie dormia profundamente no berço, sem ligar para a conversa no quarto.

Tania acariciava sua cabeça e observava o peito subir e descer com a respiração. Don também o observava enquanto comia. O bebê era uma doce presença, não havia dúvidas a este respeito. Todos estavam hipnotizados por aquele ser minúsculo, cujas lindas pálpebras com veias azuis tremiam durante o sono como asas de borboletas.

## Capítulo Vinte e Cinco

Eram quase duas da manhã quando Bella foi arrancada do sono profundo pelo choro intenso de seu bebê. Acendeu o abajur. Don também acordou. Ela ergueu o filho, que berrava no berço, e o colocou contra o seio. Ele chupou com força e doeu muito, muito. Bella rangeu os dentes e observou o maxilar dele movendo-se para cima e para baixo.

— Oh, Deus. — Virou-se para Don. — Isto é tão doloroso. Acho que não consigo deixá-lo mamar muito mais.

Seu marido, de olhos semicerrados, resmungou algo reconfortador.

Bella colocou o dedo na boca de Markie para interromper a sucção e o tirou do seio. Ele reagiu novamente com gritos desesperados. Ela o colocou rapidamente de volta no outro seio. Observou o rostinho e tentou não pensar na dor horrível e lancinante que vinha de seus mamilos.

Depois de cerca de três minutos, trocou de lado, e depois, passado outro tempo, mudou novamente. Não aguentava mais. Com certeza ele tinha mamado o suficiente. Ela o tirou do peito e ficou horrorizada ao ouvir seus gritos angustiados.

Embalou-o por alguns momentos e, depois, colocou-o de volta no berço. Talvez estivesse apenas cansado e precisasse voltar a dormir agora.

Ele gritou, furioso com ela, e agitou seus pequenos punhos. Talvez precisasse trocar de fralda. Ela o pegou no colo e cambaleou até o banheiro, desabotoou o macacão e abriu a minúscula fralda enquanto as pernas rosadas a chutavam e Markie gritava tão alto que seu maxilar tremia.

Na fralda estava uma pequena massa sólida preta. Bella se sentiu aliviada. OK, assim que a fralda fosse trocada ele se acalmaria e se sentiria melhor.

Trocou a fralda desajeitadamente e voltou para o quarto. Don já estava meio adormecido. Bella colocou Markie no berço e ele gritou ainda mais alto. Ela deu umas palmadinhas suaves e falou gentilmente com Markie, mas ele estava inconsolável.

— Eu não sei o que é. — Bella virou-se para Don.

— Apague as luzes. Tenho certeza que ele vai se acalmar — Don resmungou.

Ficaram deitados no escuro, ouvindo o choro angustiado. Bella sentia-se tão cansada que mal podia mover-se e, mesmo assim, o choro perfurava até o seu âmago e era impossível ficar ali deitada e ouvi-lo.

Inclinou-se e tirou Markie do berço novamente. Embalou-o nos braços — não adiantou —, ergueu-se da cama e começou a caminhar suavemente, cambaleando, pelo quarto com Markie apoiado no seu ombro e batendo de leve nas suas costas.

Um século mais tarde ele finalmente parou de chorar no seu ombro.

Ela inclinou-se para deitá-lo no berço, mas o choro recomeçou.

— Ah, não! — gritou desesperada e afundou na cama. — Não posso alimentá-lo agora, meus mamilos estão feridos — chorou. — E eu preciso dormir um pouco! Don arrastou-se para fora da cama.

— Deixe-me tentar. Pegou o bebê, que berrava, e caminhou ao redor da cama com ele, depois começou a cantar algo indecifrável e extremamente desafinado. Bella olhou os minutos passarem no relógio na cabeceira da cama. Levou 16 minutos, até as 3h08 da



madrugada, antes que Markie dormisse novamente.

Don o colocou no berço e desabou na cama. Menos de três horas depois, foram despertados pelo choro de um bebê faminto.

Depois de outras quatro noites iguais à primeira, Bella começou a pensar como iria sobreviver. Sentia-se tonta e doente de cansaço. Sua cabeça doía e queria dormir mais do que tudo neste mundo, mas sentia que era necessitada desesperadamente por este bebê minúsculo e indefeso.

Quando Markie mamava seus mamilos doíam de forma excruciante e ela o equilibrava desajeitada contra o corpo porque nem sequer podia sentar-se direito, por causa das dores causadas pelos pontos e pelas hemorróidas.

Don voltara a dormir ao lado dela e era impossível não ser invadida pela raiva. Filho-da-puta, ela pensou, como se atreve a dormir e não me ajudar? Ele podia muito bem pô-lo para arrotar, trocar a fralda e depois a roupinha, que geralmente recebia o vômito assim que a fralda tinha sido trocada.

Bella olhou dentro dos olhinhos que estavam bem abertos e fixos nela, analisou as sobrancelhas franzidas e as unhas minúsculas e perfeitas.

Apesar de tudo, estava completa e desesperadamente apaixonada. Markie estava transformando a sua vida em um completo e verdadeiro inferno, mas ela o amava, o adorava e sentia-se completamente cativada por ele.

"Ah, genial", pensou. Bem o tipo de relacionamento dependem que tentei evitar nos últimos dez anos, e agora aqui estou eu, desesperada para agradecer um homenzinho carente, faminto e ingrato.

Ela acariciou seu rosto.

— Você é — disse suavemente — um homenzinho carente, faminto e ingrato. — O bebê mamou, feliz da vida.

Ela aceitou o conselho de Don e voltou para a cama no meio da manhã assim que Markie mamou novamente e voltou a dormir. Enquanto subia de escadas, pensou em enfrentar o fato de que precisava ir ao banheiro, e não era só para fazer xixi.

Jesus. E se os pontos abrissem? Ou se tudo abrisse? Ou se ela desmaiasse com a dor? Precisava ser corajosa.

Sentou-se no vaso sanitário e esperou. Uma dor absolutamente lascinante a envolveu, mas passou em segundos. Nem se comparava à dor do parto, ela pensou consigo mesma. Limpou-se e ficou surpresa ao ver que o papel higiênico estava coberto de sangue. Olhou para o vaso e as laterais de louça branca estavam manchadas com gotas de sangue. Oh, meu Deus.

Apalpou-se cuidadosamente. Os pontos pareciam estar no lugar. Seu ânus estava circundado por uma massa esponjosa sangrenta. Meu Deus, deveria haver algo que se pudesse fazer a respeito disso. As vantagens tecnológicas da vida no século XXI deveriam incluir não ter que lidar com as horríveis hemorróidas pós-parto.

Foi para o quarto e desmaiou na cama. Sentiu-se como se tivesse acabado de cair no sono quando Don estava ao lado dela, segurando Markie, vermelho e aos berros.

— Qual é o problema? — Bella perguntou, saindo da exaustão por causa da preocupação com o bebê.

— Ele só está com fome. Está acordado há cerca de 45 minutos, mas eu o estava carregando para lá e para cá, tentando distraí-lo para que você pudesse, dormir mais um pouco.

Obrigada, Don — Olhou para ele.. Seus olhos também tinham olheiras e sua barba estava por fazer. — Porque você não vai tomar um banho enquanto eu o alimento? — ela perguntou.

— OK. Depois vou preparar algo para o almoço, OK? — Sim, obrigada.

Ele notou que ela não olhou novamente para ele. Seus olhos estavam fixos em Markie enquanto erguia a camiseta e colocava o mamilo na boca faminta. Don sentiu-se envergonhado com a onda de ciúme que o invadiu.

Tinha ciúme da atenção irrestrita que Markie recebia de Bella, mas também porque ela era tudo que Markie precisava. Sentia-se fora do círculo íntimo dos dois. Era também estranhamente excitante ver os lábios minúsculos de seu filho sugarem os grandes mamilos rosados. Bella estava linda. Peituda, vibrante e simplesmente perfeita. Como ele iria aguentar mais... cinco semanas e meia sem sexo? — Oh, meu Deus — ele gemeu.

— Qual é o problema? — ela perguntou enquanto o bebê mamava, imperturbável.

— Acabei de lembrar quanto tempo ainda falta antes de podermos fazer sexo novamente.

Ela riu e parecia ser a primeira vez em muitos dias.

— Esqueça, Don! Nunca mais faremos sexo novamente! Eles me grampearam toda, e mesmo se não o tivessem feito eu nunca, nunca mais terei outro filho. Assim, vou precisar de atestados médicos comprovando que sua vasectomia foi um sucesso antes de deixar você chegar perto de mim.

Os dois caíram na risada e imaginaram o quanto havia de verdade naquilo.

Don fez o almoço e, depois, o jantar. Era um homem bastante habilidoso, mas a casa estava se deteriorando rapidamente ao redor deles. A cesta de roupa suja no quarto estava lotada com roupinhas de bebê manchadas de amarelo brilhante e cocô. Como alguém tão pequeno conseguia produzir tanto — ele pensava, tomando cuidado em pegar as roupas pelas pontas. A cozinha estava engordurada e cheia de pratos sujos, a casa toda precisava de uma boa aspirada no pó.

Don podia ouvir Markie no banheiro do andar de cima, chorando o tempo todo durante o banho noturno. Isso iria chatear Bella. Ele sentiu-se subitamente exausto e decidiu dar uma escapulida para comprar jornal. A caminhada iria clarear sua mente.

## Capítulo Vinte e Seis

Bella pegou o laptop e estava tentando fazer seu cérebro funcionar.....o suficiente para mandar um e-mail para Jenna, sua amiga em Nova York.

Minha superquerida Jen. Meu bebê de 17 dias finalmente dormiu e tenho energia suficiente para deitar no sofá e digitar esta mensagem.

Muitíssimo obrigada pela roupinha linda que chegou ontem. É simplesmente maravilhosa, perfeita... obrigada. Markie a usou durante 20 segundo, mas agora ela está na cesta de roupa suja, coberta de vômito. Ah, as alegrias, da maternidade! Estou meio que me segurando por aqui — exausta, machucada, um pouco chorona e completa e absolutamente além do limite da resistência humana. Nunca estive tão cansada.

A próxima pessoa que me disser "não se preocupe, as seis primeiras semanas são as piores" vai levar uma surra, porque eu penso: SEIS SEMANAS, não conseguirei sobreviver a mais seis DIAS neste ritmo!! Amamentação — uma idéia adorável — dói como o diabo e pareço uma versão morena, pesadona e desleixada da Dolly Parton. Somente analgésicos tamanho gigante fazem com que eu aguente a situação dos pontos e das hemorróidas pós-parto, mas, ei, não quero que você desanime ou desista da idéia... você ainda está ruminando a idéia de ter um bebê? Como vai Ritchie? Espero que você esteja pensando em nos visitar em breve, para que eu possa avaliar este homem e você fazer suas oferendas ao santuário de Markie.

Don vai bem, apesar de eu ter me transformado na megera dos infernos, com roupas largas e chinelos, que quase derrubou a casa aos berros quando ele disse que poderia passar uma semana "trabalhando na cobertura de um campeonato de futebol.

É claro que Markie é simplesmente adorável, um milhão de vezes mais do que eu poderia ter imaginado. Mas dá trabalho demais, muito pior do que eu imaginava... sou uma tremenda amadora, e isso me assusta — nem consigo empurrar o carrinho do bebê adequadamente. Sinto-me um pouco desorientada e fora de controle, e estou muito preocupada, tentando adivinhar como vou dar conta de tudo isto. Mas vivo dizendo a mim mesma que vou descobrir de algum modo... espero que em breve. Cuide-se querida, amo você, beijos, Bella. Clicou no botão enviar, desligou o computador e tentou dormir. À tarde, sentiu-se suficientemente forte para levar Markie para um passeio depois dele mamar e estar pronto para tirar uma soneca. Ela colocou uma fralda nova, macacãozinho e casaquinho, e o deitou no carrinho. A preparação levou cerca de 40 minutos — um novo recorde mundial.

Arrastou o carrinho enquanto descia os degraus da frente da casa, amaldiçoando cada um deles. Isto era mais fácil quando Don estava por perto. Mas ele já tinha voltado ao trabalho.

Era esquisito andar pela calçada empurrando aquele trambolhão. O sol saiu de trás das nuvens e Markie, ofuscado pela luz, começou a chorar.

Ela ergueu a capota e esta fez uma sombra parcial em seu rosto, de modo que ela o moveu gentilmente para cima no carrinho até que ele ficasse na sombra novamente, embora ainda chorasse. Falou baixinho com ele enquanto desciam a rua e, finalmente, ele

dormiu e ela sentiu que relaxava um pouco.

A rua comercial mais próxima tinha um ar tristonho e abandonado, com um shopping center pobrezinho de um lado e um punhado de lojas misturadas com restaurantes árabes e pontos de táxi do outro. Barraquinhas meio sujas vendiam bolsas e lingerie baratas na calçada.

Ela parou primeiro na farmácia, onde foi direto para a gôndola com fraldas e produtos pós-parto.

Nossa, faço parte de um grupo consumidor completamente distinto, ela pensou. Absorventes higiênicos extralargos, creme para rachadura nos mamilos, protetor de mamilos, creme para hemorróidas, tudo para dentro da cestinha. Mais uma caixa de analgésicos extrafortes, uma garrafa de vinho e talvez com eles ela conseguisse enfrentar a noite.

Enquanto estava no caixa pagando as compras, Markie começou a se mexer.

Quando saiu da farmácia, ele berrava incontrolavelmente ela sabia que precisava alimentá-lo... Onde?? Não havia um banco ou cadeira à vista, e, se houvesse teria coragem para a desabotoar a blusa ali? Além do que o vento estava bastante frio. Foi em direção à loja de produtos infantis na outra extremidade da rua Markie estava com o rosto vermelho e berrando quando chegaram lá.

Ela atravessou a loja correndo, direto para a "sala da mamãe", que tinha um banco vários trocadores, uma pia, um friso com um grotesco personagem de desenhos animado na parede e um fedor insuportável de fraldas sujas.

Não admira que as mães de primeira viagem fiquem deprimidas, este parecia ser local perfeito para um suicídio pós-parto.

Inclinou-se sobre o carrinho para erguer seu filho aos berros e, quando seus dedos tocaram suas costas, escorregaram em uma umidade morna. Ela o ergueu e viu que ele e o carrinho forrado com pele de ovelha estavam recobertos com cocô amarelo escorregadio.

— Oh, Deus — ela exclamou entre dentes.

Não tinha trazido nada com ela. Nada de lenços umedecidos, uma muda da roupa, paninhos, era mais um momento Mãe de Primeira Viagem.

Deitou Markie em um dos trocadores. Ele agitava os punhos cerrados berrava. Não admira, faminto e coberto de cocô, nada agradável.

Fique calma, disse a si mesma. Havia um rolo de toalha de papel na parede, então Bella puxou quase dois metros de toalhas e enrolou Markie nelas. Isto serviria enquanto ela o alimentava, depois cuidariam da contenção de danos. As vendedoras da loja estavam se divertindo um pouco ao verem uma óbvia mãe de primeira viagem sair envergonhada da sala, segurando um bebê enrolado em toalhas de papel com manchas amarelas.

Bella percorreu as prateleiras e comprou culotes, babygros e um pote grande de lenços umedecidos. Pegou uma malinha-trocador preta, pagou no caixa e voltou para a Sala da Mamãe, onde ficou por algum tempo. Quando saiu, bebê estava novamente vestido e deitado no carrinho sobre um tapete de toalhas de papel. Uma malinha-trocador lotada estava pendurada em seu ombro. A caminho de casa ela tentou achar graça na situação toda, mas sentia-se desamparada e fraca. Jesus, o quão inútil ela era? Nem conseguia

levar o bebê para dar uma volta no quarteirão sem que isso virasse uma crise. Sentia os olhos se enchendo de lágrimas. Isto não era nada parecido com o que tinha imaginado. Em todos os seus sonhos sobre ter um bebê ela se via em um jardim ensolarado, com um lindo bebê dormindo profundamente no carrinho. Em vez disso, o tempo estava frio, nublado, o bebê chorava o tempo todo e ela sentia-se abalada e uma pilha de nervos. O celular tocou no seu bolso.

Bella atendeu e ficou surpresa em ouvir a voz de Kitty: que perguntava se queria que ela enviasse a correspondência acumulada no escritório, ou se Bella passaria lá para pegar. A conversa parecia com saudações vindas de outro planeta e só serviu para aumentar a ansiedade dela com a contagem regressiva para o encerramento da licença- maternidade. Tinha mais seis semanas para passar 24 horas por dia com seu menininho lindo, e depois teria que deixá-lo com alguém e voltar ao trabalho. Caso contrário perderia o emprego, sem falar na enorme hipoteca que não poderia ser paga sem o salário dela.

## Capítulo Vinte e Sete

Alô? — Don parecia irritado. — Don? — Bella estava chorando novamente e ao fundo ouviam-se gritos desesperados. — Qual é o problema, querida? — ele tentou soar compreensivo.

— Ele não pára de chorar. — Ela soluçou. — Não sei o que fazer, dei de mamar, troquei sua fralda, talvez haja algo errado com ele.

— Você o pôs para arrotar? — Claro que sim. — Agora começava a ficar zangada.

— Talvez ele só esteja cansado, Bella. Tenho certeza de que está bem.

— Cansado? — ela gritou. — Claro que está tremendamente cansado, está acordado desde as seis da manhã, e agora são 11, mas ele só dorme com o bico do seio na boca. Não agüento mais isto. Preciso me arrumar, preciso tomar um banho, preciso dormir um pouco, vou enlouquecer. — Agora estava praticamente aos berros.

— Bella — a voz de Don também estava zangada —, estou na redação, não posso ajudar você agora, acalme-se. Vá dar uma volta ou fazer alguma coisa. Tenho coisas mais importantes a fazer do que ficar ouvindo suas reclamações. — Merda, ele lamentou ter dito isso assim que as palavras saíram de sua boca.

Tudo o que ouviu foi o choro desconsolado de seu filho e um venenoso "vá se foder" antes que Bella batesse o telefone na sua cara. "Vá dar uma volta" — Ela estava exausta até para atravessar a sala. Jogou-se no sofá e chorou, desesperada, junto com o bebê.

Don ficou sentado à sua mesa, pensando no que fazer. Será que neste momento sua esposa estaria batendo a cabeça do bebê contra a parede? Deveria ligar de volta? Deveria ligar para o serviço de Proteção ao Menor? Decidiu ligar para a mãe dele.

— Acho que é com certeza o momento para você vir até aqui dar uma mãozinha, se pude — disse assim que os olás afetuosos acabaram.

— Don eu adoraria, estou aqui morrendo de vontade de ser chamada.

Eu não queria me impor.

Ele já se sentia muito mais calmo só em ouvir a voz dela. — Como vão indo? Estou preocupada com vocês. — É um completo inferno — ficou surpreso em ouvir-se dizendo isso. — Puxa vida — Maddie disse, compreensiva. — Como Bella está lidando com tudo.

— Nada bem no momento — Don respondeu. E estava minimizando as coisas.

— Bom, ela foi uma garota independente por tanto tempo. Deve ser um choque ter que ficar de plantão e à mercê de um bebê.

— Quando você pode vir? — perguntou, pensando que ela já não conseguiria pegar o último vôo saindo de Inverness naquele dia. Mas talvez ele conseguisse colocá-la no primeiro vôo da manhã.

— Quando você quer que eu vá? — Amanhã? Posso comprar a passagem. — Ele sabia que soava desesperado e ficou envergonhado.

— Não seja ridículo, Don. Você precisa avisar Bella. Vou no fim de semana. Você está telefonando do trabalho? — perguntou, ríspida.

— Sim.

— O que você está fazendo aí? Seu filho ainda não tem nem três semanas.

— Precisei voltar ao trabalho.

— Que absurdo — respondeu. — Tire os três próximos dias de licença e eu chegarei aí no sábado. Na verdade, se você não fizer isso eu não irei, está claro? — Vou ver o que consigo fazer — ele murmurou.

— Don McCartney, você deveria se envergonhar.

Assim que ela desligou. Don conseguiu uns dias de folga, apesar da careta do editor e saiu o mais cedo possível da redação naquela noite.

Não tinha tido coragem de telefonar para Bella e não sabia bem o que iria encontrar quando abriu a porta da frente.

Pelo choro intenso que vinha do banheiro, era óbvio que Bella estava dando o banho da noite em Markie. Don foi para a sala de estar, ligou a TV e mudou de canal até encontrar o jogo do campeonato que esperava assistir.

Tirou os sapatos e olhou ao redor da sala. Era inacreditável. Paninhos e pedaços de toalha de papel em montinhos espalhados por todo o chão. Em uma pilha viu uma roupinha manchada de amarelo e várias fraldas com conteúdo amarelo enroladas. Pratos, um deles com um sanduíche de queijo pela metade e canecas meio cheias com chá frio amontoadas na área ao redor do sofá. O lindo sofá de couro estava com uma inconfundível mancha amarela. Jesus.

Era hora de subir. Tirou o casaco e o pendurou cuidadosamente no hall antes de subir as escadas.

Ao abrir a porta do banheiro, viu Bella colocando Markie enrolado em uma toalha no trocador. Ele gritava e ela tentava acalmá-lo, falando baixinho enquanto lutava para colocar uma fralda nele.

Ela estava horrível, o rosto pálido e inchado, olhos vermelhos, cabelo ensebado e preso sem muito cuidado. Estava usando as calças velhas de um conjunto de moletom dele e a horrenda camisa xadrez. Os ombros tinham manchas brancas de vômito e ele viu manchas úmidas nos seios quando ela se virou.

— Oi — ele disse suavemente. Ela não respondeu.

— Tirei o resto da semana de folga para poder ajudar você, e Maddie gostaria de vir no fim de semana.

— Está bem — ela respondeu simplesmente e virou-se para Markie.

— Ele precisa mamar agora? — Sim, claro — ela disparou.

— Bom, quando ele acabar deixe-o comigo e você pode tomar banho ou tirar uma soneca, Posso pedir comida indiana pelo telefone, se quiser.

— OK. — Ela não disse mais nada, nem olhou novamente para ele.

— OK, vou descer e arrumar a casa um pouco. Ela não respondeu e ele saiu do banheiro. Quarenta e cinco minutos depois, Bella desceu com Markie. Ele estava aconchegado contra o ombro dela, parecendo sonolento.

— OK, é a sua vez — ela disse, passando-o com suavidade para Don. Ela saiu da sala e Markie começou um choramingo. Don o colocou contra o ombro e começou a andar pela sala, tentando manter um olho no jogo de futebol — porra, um pênalti.

Ele ficou parado para ver a cobrança e ouviu o suave som engasgado que significava que o seu filho estava vomitando no seu ombro. Com um pouco de nojo ele olhou para o montinho de vômito branco na sua melhor camisa social.

— Onde estão as toalhinhas? Ele procurou pela sala e lembrou-se de que havia arrumado tudo e precisava ir até a cozinha. No hall, ele ouviu os sons de comemoração, merda, um gol. Merda, merda, merda, ele deveria estar lá. Deveria estar na Itália neste momento, não segurando um bebê e limpando seu vômito.

Bella estava de pé, nua, no banheiro, esperando a banheira encher.

Olhou para o seu reflexo no espelho de corpo inteiro e o que viu era francamente deprimente. Seus seios se pareciam com enormes sacos de batatas atravessados por estrias esbranquiçadas. Não havia marcas em sua barriga, mas ela parecia murcha, com pregas de pele cobrindo um monte horrivelmente grande de carne bamboleante. Virou-se e viu, horrorizada, que sua bunda despencara uns dez centímetros e que havia uma camada visível de celulite ao redor das coxas.

Suspirou e tentou pensar em coisas boas. Um longo, quente e relaxante banho de banheira e iria sentir-se melhor. Abriu o pote da espuma de banho absurdamente cara que Tania lhe dera e inclinou-se para despejar um pouco na água.

O líquido bateu na água que saía da torneira, espumou e respingou um pouco diretamente no seu olho direito. Ardeu como o diabo. Correu para a pia e tentou lavar o olho, AAARGH, o olho estava ardendo. Lavou-o várias vezes e, depois, olhou no espelho. Seu globo ocular ficara vermelho e lacrimejando.

Por um instante pensou que iria se derreter em lágrimas pela milionésima vez no dia, mas descobriu de repente o lado engraçado da situação e começou a rir histericamente. Sentia os pontos esticarem quando parava para respirar e gargalhar novamente.

Meu Deus, isto era um pesadelo. Não admira que ninguém avisava como era, ninguém teria filhos se soubesse.

Ela escorregou para dentro da banheira e deitou-se, tentando relaxar.

Mas agora, com a torneira fechada, podia ouvir Markie berrando no andar inferior. Ok, de hoje em diante nada de banhos de banheira, teria que relaxar no chuveiro, onde não poderia ouvi-lo.

Com o coração pesado, Don decidiu abandonar completamente o jogo de futebol e levar Markie para um passeio ao ar livre. Quando tinha finalmente conseguido enfiar a criaturinha uivante dentro do macacão com zíper e dentro do carrinho, Markie vomitou novamente, sujando tudo.

Oh, Deus, Don gemeu consigo mesmo, como as pessoas fazem? Como conseguem lidar com um bebê, uma criança pequena, duas crianças... três? Este bebê dependeria deles pelo menos por mais 16 anos.

Dezesseis anos!!! Imaginou Markie como um garotinho na escolinha. com 12 anos, como um adolescente emburrado, e foi invadido por um leve pânico, não sabia as conseguiria lidar com tudo isso. Era isto o que ele queria? Passar por tudo aquilo novamente: balanços, caixinhas de areia, brigas no parquinho, jogos de futebol na escola, lição de casa, namoradinhas, sonhos eróticos, ensinar a dirigir, mas desta vez no papel de pai.

Olhou para o bebê, que agora chorava com o vômito em uma poça na frente do seu rosto e casaquinho. Deus, isto vai ser mesmo muito, muito duro.

Por um instante Don pensou em seu próprio pai e imaginou qual parte nisto tudo teria feito com que saísse porta afora para sempre.





## Capítulo Vinte e Oito

A visita de Maddie foi a salvação da lavoura. Ela apareceu envolta por uma nuvem de perfume de gardênia e descobriu imediatamente o motivo das longas sessões de choro de Markie.

— Ele está absolutamente morto de fome, Bella. Ele é enorme. Você não terá como alimentá-lo só com leite materno, pelo menos enquanto não descansar direito.

Bella concordou alegremente, de modo que, mal Maddie colocou as malas no quarto de hóspedes, saiu correndo para comprar leite, um esterilizador e mamadeiras.

Assim que Markie secou os seios de Bella, chupou vorazmente o bico da mamadeira e caiu em um sono profundo que durou surpreendentes seis horas. Aí está. — Não havia nenhum tom de triunfo na voz de Maddie, só estava feliz em ajudar. Tinha sido um choque ver como Bella estava exausta e doente.

Com um bule enorme de chá, Maddie ditava as regras na sala: — Sei que os cuidados com os bebês de hoje em dia são muito diferentes dos da minha época, e isto é bom. Fiquei um mês na maternidade e só podia ver Don a cada quatro horas, e nunca à noite, mas, na minha opinião, as coisas foram demais para o outro extremo, só se fala em parto em casa, amamentar quando necessário e fazer as coisas naturalmente. Isto tudo está muito bom quando se é uma índia e há toda uma tribo para ajudar você — ela parou para respirar. — Mas, Bella, minha querida, você ainda nem pode andar direito. Você precisa de descanso e relaxamento totais.

Não se atreva a sentir culpa por dar uma mamadeira de leite em pó a Markie, Agora vou fazer mais chá e depois você vai para a cama. Maddie foi para a cozinha e Don e Bella ficaram no sofá, olhando um para o outro.

Markie estava no cestinho no canto da sala, ainda dormindo profundamente.

Bella sorriu.

— Ela é uma mulher e tanto — Don disse, sorrindo também. — É melhor você fazer o que ela manda.

— Eu me sinto horrível — Bella confessou.

— Você está com um ar horrível — Don acrescentou, mas gentilmente e com um sorriso.

— Muito obrigada. — Ela pensou em jogar uma almofada nele, mas não tinha forças. — Se eu pudesse ter um desejo atendido, pediria para que você tivesse seios, para amamentá-lo 24 horas por dia e ver o inferno que é.

— Você está fazendo um excelente trabalho, Bella.

— Mentiroso. Sou a pior mãe do planeta, estava matando meu bebê de fome e nem sabia disso porque ainda não tive forças para levá-lo ao pediatra. Provavelmente ele já está em alguma lista de bebês em risco de vida.

— Bella! Vá dormir, querida — Don mandou. — Vá imediatamente! — Obrigada — ela disse. Levantou-se e foi em direção à porta. Ele olhou para as calças de moletom cinza folgadas e franzidas ao redor da sua bunda. Meu Deus, ela precisava de roupas novas, isto era deprimente.

— Don, dê uma chance a ela! — Maddie disparou quando ele comentou sobre as roupas com ela. — Ela precisa descansar, e de seu amor, carinho e atenção, não que você diga

que o visual dela é feio. Pelo amor de Deus, deixe que ela se adapte a tudo isto. Você também não é exatamente o Kirk Douglas. Não faria mal fazer a barba, e talvez você devesse fazer amizade com a tábua de passar roupa. Há uma montanha de coisas a fazer aqui e você é quem vai cuidar de tudo quando eu voltar para casa.

— Quanto tempo você vai ficar, mamãe? — Uma semana. Acho que é o máximo de tempo que uma esposa aguenta ter a sogra por perto.

— OK. Isso será ótimo.

— OK. — Ela bebeu o resto do chá que estava na xícara. — A casa precisa de uma boa faxina; portanto, Don, você faz isso enquanto eu tiro o pó. Depois vamos limpar as janelas, Ele dormira seis horas fragmentadas na noite anterior e estava doido para juntar-se a Bella em seu quarto, um paraíso fresco e branco, mas sua mãe estava certa, a casa estava uma bagunça.

Markie só acordou por volta das seis. Don o distraiu um pouco e o levou para cima até Bella.

Ela estava enroscada na cama dormindo profundamente. Ele colocou Markie no acolchoado ao lado dela, de modo que o bebê fosse a primeira coisa que ela visse ao acordar. Markie ficou deitado de costas e fez um barulhinho. Os olhos de Bella se abriram e focalizaram o bebê. Ela deu um sorriso tão intenso, tão cheio de amor, que fez Don ficar com um nó na garganta.

Depois ela olhou para cima, viu-o de pé ao lado da cama e deu o mesmo sorriso para ele.

— Você dormiu por horas — ele sussurrou. — Está com muito melhor aspecto.

— Graças a Deus. Sinto-me melhor. Markie acabou de acordar? — Acordou há meia hora, mas acho que está com fome. — Quanto tempo ele dormiu? — Quase seis horas! — Surpreendente!! Eu dormi cinco, então? — Sim, Maddie e eu limpamos a casa toda e ela agora está ocupada preparando "um caldo nutritivo para o lanche" — ele imitou o melodioso sotaque escocês dela.

— Vocês são uns amores. — Bella ainda parecia sonolenta.

Sentou-se na cama e segurou Markie nos braços. Levantou a camiseta e Don vislumbrou os voluptuosos seios brancos com mamilos grandes e empinados, antes que Markie grudasse neles, faminto. Ficou sentado ali, sentindo o cheiro leitoso, suado e doce que vinha deles, e percebeu que estava completamente excitado. Conseguia ouvir o bebê chupando vigorosamente o seio e, Deus, ele a desejava. Sentou-se mais perto dela e a beijou no rosto enquanto observavam juntos o maxilar do bebê mover-se para cima e para baixo.

— Aonde você vai? — Bella perguntou quando ele levantou-se para sair do quarto.

— Tomar outra ducha fria — ele brincou.

Ela deu uma risadinha. Homens. Absolutamente obcecados por sexo.

Ela acariciou a cabecinha pequenina, recoberta por uma penugem macia de seu filho e tentou lembrar-se de como era essa coisa do sexo, mas simplesmente não conseguia.

\*\*\*

Maddie limpou, cozinhou e tomou conta de Markie o máximo que pôde, mas era difícil tirar

Bella de perto dele.

— Vá para o seu quarto! — Maddie comandava Bella. — Não me importa se você está sem sono, vá ler uma revista, lixar as unhas, tomar um banho de banheira... vá descansar. Você vai se arrepender quando eu for embora.

— Vou sentir muito a sua falta — Bella disse a ela uma manhã enquanto tomava o que parecia ser a sua décima sétima xícara de chá. — Tenho muita coisa para organizar, não fiz nada a respeito para encontrar uma babá ou uma faxineira. Vamos precisar mesmo de uma faxineira quando eu voltar ao trabalho.

Houve uma pausa, Maddie olhou para ela e ficou surpresa ao ver os olhos de Bella cheios de lágrimas.

— Qual é o problema, querida? — perguntou gentilmente.

— Estou mesmo confusa com tudo.? — Não é nada. — Bella deu um golinho na xícara, lutando contra a vontade de chorar. — São os hormônios, não é? São eles que fazem uma pessoa sentir-se assim.

— É normal que você fique preocupada com a volta ao trabalho. É claro que é normal. Você está entregando seu precioso filhinho nas mãos de outra pessoa — Maddie disse.

Ao ouvir isso, Bella não conseguiu se controlar mais. Explodiu em soluços violentos.

— Não quero fazer isso, Maddie. Quero ficar aqui com ele... — Maddie colocou seu braço ao redor dela.

Entre soluços, Bella disse: — Mas eu amo meu trabalho, não queria abandoná-lo. Eu quero o impossível... Quero que Markie deixe de existir enquanto estou trabalhando e que reapareça quando eu chegar em casa. Não suporto a idéia de que ele vai chorar e precisar de mim quando eu não estiver por perto. Como serei capaz de trabalhar pensando nele? Maddie a puxou para perto e perguntou: — Você não pode prolongar o seu período de licença? — Não, não posso mesmo — Bella respondeu, pensando no contrato Danson pela primeira vez em semanas.

— Pode trabalhar em casa? Ou meio período por algum tempo? — Maddie perguntou.

— Acho que não. E, de qualquer forma precisamos do dinheiro. A hipoteca desta casa é astronômica. Don nunca vai receber um aumento e fizemos um empréstimo monstruoso para reformar e mobiliar a casa. Oh, merda, merda, merda.

Maddie abraçou Bella com força e tentou reconfortá-la, mas ficou preocupada. Nunca tinha visto sua nora deste modo antes. Bella sempre tinha tudo planejado, este não era o seu normal.

— Você precisa encontrar uma boa babá, Bella, essa é a sua prioridade absoluta. — Maddie disse. — E conhecê-la e confiar nela antes de voltar ao trabalho. Depois, volte com a mente aberta e veja como ficarão as coisas. Se odiar, repense. Você pode mudar de emprego, mudar para uma casa menor, o que a deixe feliz.

Bella enxugou as lágrimas e Maddie acrescentou: — Você conversou com Don sobre isto? — Não, ele já está suficientemente aterrorizado. Se eu disser que estou assustada ele pode desaparecer. — Droga, droga, Bella queria dar um pontapé em si mesma.

— Não é porque o pai dele nos abandonou que Don irá fazer o mesmo, Bella — Maddie disse. — Eu o criei para ser um bom homem e ele não vai abandonar você, mas tome cuidado para não o deixar de fora.

Houve um silêncio incômodo na mesa da cozinha e Maddie decidiu mudar assunto.

— Bom, vocês dois vão sair no sábado à noite. Não quero ouvir negativas, você vai se arrumar e os dois vão a um lugar bonito.

Bom, era uma coisa razoável, embora a idéia de ter que se arrumar deixasse Bella levemente em pânico. Subiu e foi ver o guarda-roupa.

Ninguém a faria usar novamente as roupas de gestante, isto seria admitir a derrota, mas ela jamais conseguiria se enfiar com aquela barriga flácida e os seios enormes nas roupas antigas.

Mas havia as roupas que usara para ir ao aeroporto. Um sarongue não é propriamente uma saia de grávida, e ela poderia usar as sandálias verdes que Tania lhe dera.

Decidiu telefonar para a amiga.

— Bella, olá! Como vai o fofinho? — Tania perguntou.

Está bem. Chora muito, come sem parar e usa umas 200 fraldas e roupas limpa por dia.

— E como vai Markie? — Tania brincou. — Rá, rá. Como vai você? E Greg? — Estou bem, ele continua o mesmo... viajou para ver os pais novamente.

Ainda não os conheci... vivem no interior, em algum lugar. Não sei o endereço deles, nem o telefone.

— Como conversam quando ele está lá? — Pelo celular... quando ele se lembra de ligar o aparelho. Bella começava a imaginar quanto tempo ainda duraria a situação entre Tania, Greg e a ausência de um pedido de casamento.

— Você precisa dar o fora nele, encontrar um bom homem e ter filhos, Tania — brincou, percebendo que agora precisava muito de uma amiga com um bebê.

— Hmm. Deixa para lá, você ligou para bater papo ou quer combinar um encontro? — Quer vir abraçar e beijar meu bebê no próximo fim de semana? — Bella perguntou.

— Mas eu não acho Don atraente! — foi a resposta de Tania.

— Rá, rá. Na verdade é uma pena. porque ele anda babando para ter sexo, e se você pudesse atender às necessidades dele por alguns meses não consideraria isso infidelidade, porque você faz parte da família.

— Ah, isso é bonito. Prefere o incesto à infidelidade.

— Por favor, ponha um esparadrapo na minha boca, perdi a razão quando dei à luz.

— Quanto dá 84 vezes 169? — Tania perguntou.

— 14.196 — Bella respondeu de imediato.

— É? Bom, se você acertou, aquela parte esquisita do seu cérebro ainda funciona, é bom saber, você ainda tem chances quando voltar ao trabalho.

— Espero que sim — ela disse isso animada, mas ficou pensando se achava mesmo bom.

## Capítulo Vinte e Nove

Foram de táxi para o restaurante e Bella sentiu-se estranha e insegura em sair de casa sem Markie. Ela o havia amamentado por uma hora antes de saírem, mal tendo tempo de trocar de roupa e se arrumar.

Ele não adormecera, mas estava aninhado, feliz da vida, nos braços da avó.

— Vá embora — Maddie a enxotou. — Ele vai ficar bem, com certeza vai dormir e, se acordar antes de vocês voltarem, eu lhe darei uma mamadeira. A Agora saiam e divirtam-se.

Sentada no banco traseiro do táxi, Bella olhou para si mesma. Jesus, seus seios estavam enormes, mas não pareciam glamourosos, tinham um ar de matrona, presos em um sutiã para amamentar que parecia mais um andaime de obra.

Pelo menos seus pés, dentro das sandálias que ganhara de Tania, pareciam sexy, e seu marido também.

Ela sorriu para ele, cruzando os braços por baixo dos seios.

— Pareço a rainha da Inglaterra — disse, tristonha.

— Você está linda, acalme-se — Don disse, olhando para ela, — Gostei de como arrumou seu cabelo.

— O quê? Molhado e escorrido? — Está bonito.

Quando chegaram ao restaurante e foram levados até uma mesa, a inquietação de Bella tinha se transformado em um nervosismo total. Tirou o celular da bolsa e o colocou na mesa, checando para ver se havia sinal.

— O que vamos beber? — Don disse alegremente, pegando a carta de vinhos.

— Bom, eu não posso beber muito, vai para o leite, e também tenho que levantar no meio da noite.

Don não respondeu. Viu que ela remexia.....no celular e nos talheres e gostaria que ela relaxasse.

— Você acha que devo ligar para casa e ver como estão as coisas? — ela finalmente disse.

— Não — Don respondeu com firmeza. — Maddie vai telefonar se houver um problema. Nós provavelmente iríamos acordá-lo se telefonássemos.

— Humm. — Bella olhou ao redor do restaurante, distraída.

— Bella — Don pegou na mão dela e olhou seu rosto. — Bella, olhe para mim. Estou aqui com você esta noite, este é um tempo só para os dois.

Markie está bem, será que você poderia parar de se preocupar só por um segundinho?

— Sim — ela respondeu. — Sim, você está certo, o que vamos comer? — Pegou o menu e tentou concentrar-se, embora o estômago estivesse dando voltas e ela não sabia como conseguiria comer algo.

Quando a entrada chegou, perguntou a Don sobre o trabalho dele, porque sabia que ele iria falar e ela poderia fazer de conta que estava ouvindo.

Quando chegou o prato principal, conseguiu ouvir seu coração batendo, de tão ansiosa que estava.

— Eu tenho que telefonar, Don — disse de repente, interrompendo a história que ele

contava.

— OK, eu faço isso — ele respondeu. Foi um alívio ver que ele não tinha ficado zangado.

— Vou ligar na recepção, onde é mais silencioso. — Ele levantou-se e atravessou as portas duplas.

Minutos depois ele voltou sorrindo.

— Ele ainda está dormindo, caiu no sono dez minutos depois de termos saído e não se mexeu desde então. Pronto, você vai começar a se divertir agora.

Encheu generosamente sua taça de vinho até a borda, mas não ofereceu nada a ela, já que ela mal tinha tocado na sua taça.

No meio da refeição ela começou a pensar se Don tinha mesmo telefonado. Deus, ela era mesmo uma idiota, ele provavelmente passara uns minutos na recepção e nem se importou se Markie tinha chorado ou não, já que isso iria estragar a refeição, não é? — Bella, pelo amor de Deus. Pela sua cara, parece que nosso filho está em um hospital, e não aninhado em seu berço. — Don agora parecia exasperado — Por que não fuma um cigarro ou qualquer coisa assim? Jesus, eu achei que íamos nos divertir.

Ela não fumava um cigarro desde o nascimento de Markie.

Finalmente a sua consciência tinha ultrapassado o desejo de fumar.

— Não quero que a nicotina vá para o leite — ela disse.

— O assunto nunca a incomodou quando estava grávida — Don respondeu, ríspido.

— Mas ele está aqui agora, não é um bebê abstrato, é real. Não poderia fazer nada que o prejudicasse, — Seus olhos encheram-se de lágrimas e ela estava louca para segurar seu bebê nos braços. Seus seios estavam formigando de modo estranho, ela queria estar com ele, alimentá-lo e acariciá-lo. — Quero ir pra casa — disse, com uma lágrima escorrendo pelo rosto. — Sinto muito, não estou pronta para isto. Don emborcou a taça e encheu-a novamente, secando o conteúdo da garrafa.

— OK — ele disse —, vou pedir a conta. Voltaram para casa às 22 horas, uma hora e meia depois de terem saído. Bella subiu direto para o quarto, levando Markie junto com ela, ainda dormindo. Don ficou na sala com sua mãe e abriu uma garrafa de uísque. Quando Markie acordou, à uma da madrugada, Bella sentou-se, acendeu o abajur e deu de mamar.

Enquanto o bebê mamava, Bella observava Don dormindo profundamente ao lado dela. Ele nem sequer tinha se mexido, enquanto o menor gemido de Markie a acordava do sono mais profundo.

Às seis da manhã, Bella foi novamente acordada. Don ainda dormia profundamente. Markie não estava pronto para dormir novamente e Bella levantou.

Colocando o roupão, olhou para seu marido adormecido e sentiu uma nova onda de ressentimento invadi-la. Ela tinha pensado que eles seriam ultramodernos e que dividiriam igualmente os encargos de serem pais. Mas estava na cara que a amamentação estava deixando Don escapar sem fazer nada.

Don já voltara ao trabalho, dormia profundamente a noite toda, queria sair para jantar, fazer sexo e ter o mesmo relacionamento que tinham antes do bebê nascer. Era ela quem sentia que tudo tinha mudado para sempre, e se ressentia ao ver que ele não percebia isso.

Ela e Markie agora eram o casal, Don era o extra. A sintonia era com Markie, era Markie quem ela queria agradar e com quem queria ficar. Don era somente uma outra exigência de seu tempo e emoções, estava tão cansada fisicamente que mal conseguia atender às exigências do bebê.

No momento, Bella não sentia nada além de um suave afeto por Don.

Enquanto que pelo bebê aninhado contra seu ombro sentia violento e possessivo amor, paixão e necessidade.

Desceu com Markie. Maddie juntou-se aos dois logo depois das sete da manhã e colocou a chaleira no fogo.

— Tive uma semana adorável, Bella, mas aposto que estão ansiosos em ter a casa novamente só para vocês.

— Não mesmo — ela disse, sorrindo, — Você foi maravilhosa.

obrigada por ter vindo.

— Lamento ter mandado você sair de casa antes que estivesse pronta para isso — Maddie acrescentou.

— Não lamente — disse Bella. — Você não podia saber, nem eu.

Mas acho que Don está um pouco zangado comigo.

— Ora, ele vai superar. — Maddie despejou água fervente no bule de chá e o levou para a mesa, — Mas não deixe passar muito tempo antes de tentar sair novamente — ela acrescentou. — Você e Don também precisam um do outro.

— Hmm. Vamos dar uma volta no parque depois do café da manhã? — Bella tentou soar animada. — Não é muito bonito, mas pelo menos há um pouco de verde — ela disse. Esta era a coisa mais gentil que se podia dizer sobre o parque. Era um lamentável trecho de grama na área urbana, recortado por passeios alcatroados, com alguns bancos sujos, lixeiras de concreto e montes de cocô de cachorro.

Ela havia passeado com o carrinho de bebê várias vezes por ali e nunca conseguia se animar. Na verdade, ficava deprimida, A grama estava cheia de lixo, ela já tinha encontrado uma camisinha usada debaixo de um banco e nunca viu outras mães ou crianças brincando nele. As pessoas só apareciam para transar e deixar os cães cagarem.

Ela continuava surpresa com o fato de que tanto dinheiro só tinha permitido que ela comprasse uma casa nesta parte nada interessante da cidade. OK, as casas da rua dela eram adoráveis, mas a rua principal, horrível, o parque era uma droga e não havia opções, Nenhum café — rá, piada —, nenhuma livraria, nenhum cinema, nenhum lago, nada de balanços no parque, só uma filial da rede de lojas Mothercare. Era isso o que ela deveria fazer o dia todo, agora que tinha um bebê? Ir fazer compras na Mothercare para passar o tempo? Ela e Maddie vestiram os casacos, colocaram Markie no carrinho e saíram para outro incomum dia cinzento e frio de junho.

— Caramba — Maddie disse enquanto ajudava a erguer o carrinho de Markie na descida dos degraus. — Parece que estamos em novembro.



## Capítulo Trinta

Bella sentou-se à mesa da cozinha, observando o vento frio agitar um arbusto no jardim. Lágrimas corriam pelo seu rosto, mas ela não se importava, nem mesmo notava. Estava exausta, mas não conseguiria voltar para a cama. E, se conseguisse, Markie iria acordar assim que ela caísse no sono.

Ela estava de pé desde as cinco da manhã, dando de mamar, mudando as fraldas, andando de um lado para outro, esterilizando mamadeiras, arrumando a casa, dando de mamar, mudando as fraldas, andando de um lado para o outro dando de mamar, mudando as fraldas, andando de um lado para outro. Era um ciclo longo e interminável. Markie estava chorando menos, mas não dormia mais as longas sonecas às quais havia se acostumado quando Maddie estava presente. Bella culpava-se. O que estava fazendo de errado? Maddie partira há quatro dias e Markie já estava de novo todo irrequieto.

As noites de Bella eram interrompidas irregularmente e ela mal conseguia compensar o sono perdido com sonecas durante o dia. Assim que Markie adormecia, ela saía correndo para arrumar a casa, vestir-se e fazer tudo o que não tinha tempo de fazer quando ele estava acordado. E, assim que ela deitasse e comesse a relaxar, ele acordaria novamente. Era como viver com um torturador implacável, exceto pelo fato de que ela o amava loucamente e era levada ao desespero quando ele estava infeliz. A tortura mais sofisticada de todas.

Porque ela não conseguia arrumar as coisas? Jesus, ela ainda estava vestindo um roupão às duas da tarde e deveria comer alguma coisa...

Limpou as lágrimas do rosto e tentou lembrar se havia alguma coisa na geladeira que pudesse comer.

Foi aí que a campainha tocou. Quem diabos seria? Não havia tempo para mudar de roupa, teria que abrir a porta do jeito que estava.

Subiu as escadas e pensou em olhar pelo olho mágico antes de abrir, mas pensou "Ora, danem-se, quem liga pra isso?" e abriu a porta.

Era Red, das aulas de Ioga. Bella esquecera completamente que tinham trocado telefone e endereço e prometido manter contato.

— Olá — Ked disse, abrindo um amplo sorriso que exibia lindos dentes brancos contra sua pele escura. — Achei que deveria vir exibir o meu bebê e conhecer o seu.

Sua aparência era adorável e de dar inveja, usando um top esportivo justo, calças largas e tênis, com as trancinhas balançando ao vento. Uma bolsa-canguru xadrez estava presa em seu peito e Bella via somente o gorrinho de um pequeno bebê acomodado lá dentro.

— Olá. — Bella deu um largo sorriso de volta, surpresa ao perceber como estava feliz em vê-la. — Entre, a casa está uma bagunça... eu estou uma bagunça... desculpe.

— Desculpe?! — Red respondeu, incrédula. — Nunca peça desculpas. As seis primeiras semanas são um completo inferno. Fique agradecida se todos ainda estiverem vivos.

Bella caiu na gargalhada.

— Não ria — disse Red, gargalhando também. — Os assoalhos pélvicos ainda não aguentam isso, vamos fazer xixi nas calças.

O comentário fez com que gargalhassem ainda mais. Bella começou a sentir-se mal de

tanto rir, as lágrimas subindo para o canto dos olhos e, ó meu Deus, ia chorar de novo. Começou a soluçar e Red colocou um braço ao seu redor. — Sinto muito, queria ter vindo antes — ela disse.

— Não seja boba — Bella conseguiu dizer depois de alguns minutos.

— Nós nem nos conhecemos muito bem.

— Sim, claro, mas eu já passei por isto antes e deveria ter pensado em você. — Apertou afetuosamente o braço de Bella. — Vamos lá, vamos tomar um chá. A propósito, a casa é maravilhosa.

— Obrigada — Bella respondeu agradecida e desceram para a cozinha. — Esta é Ellie. — Red deu uma palmadinha no gorrinho enterrado na bolsa-canguru. — Nasceu em 25 de maio, às 10h32 da manhã, com 2,9 quilos, depois de quatro horas de trabalho de parto, epidural. Deus seja louvado, o segundo bebê é mais fácil — Red disse.

— Sim, claro — Bella respondeu. — Tinha me esquecido que você já tem um filho. Quantos anos tem...? — Jamie tem três anos — Red respondeu. — Está com o pai — ela disse enquanto sentava-se. — Vamos lá, quero todos os detalhes sórdidos.

Bella encheu a chaleira e percebeu que estava faminta.

— Quer um sanduíche? — Sim, por favor — Red respondeu. — Amamentar não é o máximo? Uma desculpa para comer mais ainda do que quando estava grávida.

— Queijo brie, patê ou manteiga de amendoim — Bella disse, olhando para o interior da geladeira.

— Sim, por favor — Red disse com uma risadinha. Quando estavam sentadas com xícaras de chá e grandes pratos com sanduíches na frente delas, Bella deu um relatório completo do parto e não escondeu nenhum detalhe. Levou cerca de meia hora. Bella estava surpresa pelos bebês ainda estarem dormindo.

— Foi muita dor — ela disse. — Nunca imaginei que doeria tanto assim. E acho que não me preveniram disso.

— Acho que ninguém quer dizer isto para as grávidas, para evitar que passem nove meses em pânico — Red disse, e acrescentou: — Bom, na verdade eu poderia ter dito a você. Fiz o tal parto natural em casa da primeira vez, mas foi tão horroroso que eu disse ao Sandy que só teria outro filho completamente anestesiada. Combinamos que seria com anestesia peridural — ela disse entre grandes mordidas no sanduíche — e foi fabuloso, sem comparação com o maldito gás anestésico e oxigênio.

Acho que eles dão aquele bocal para gente parar de gritar. Não funciona para nada.

As duas riram.

— Como vai você agora? — Red perguntou.

— Estou tão cansada — Bella confessou. — Não sabia que teria que passar a maior parte da noite acordada, todas as noites... porque amamentar leva tempo e ele não quer voltar a dormir depois.

— Eu sei — Red disse. — Você tem que dormir durante o dia, foda-se a arrumação da casa, foda-se a comida, deixe a casa desabar. Você tem que dormir! Caso contrário vai ficar louca, começar a falar com as paredes, pirar mesmo.

— Acho que estou perto disso — Bella respondeu.

— Você vai voltar logo para o trabalho, não vai, sua mulher corajosa? O que é mesmo que

— você faz? — Red perguntou.

— Sou consultora empresarial. Devo voltar em três semanas, mas ainda não me mexi para procurar uma babá. Não sei por onde começar e não quero pensar no assunto. — Bella parecia chorosa novamente.

— Tudo bem — disse Red. — Tudo o que você está sentindo é normal, Você vai ficar bem.

— Ela deu um sorriso encorajador. — Dê um tempo para você mesma.

Mas é essa a única coisa que não tenho. — Bella olhou para seu chá.

— E você? O que faz? — Ela olhou para Red.

— Sou contadora... meio período — Red respondeu. — Bom, quando Jamie nasceu, voltei a trabalhar em período integral, mas achei impossível continuar. Eu mal o via. Mal via Sandy porque ele estava dando duro no escritório dele e os três estavam exaustos. Vivemos nesta luta por seis meses, depois decidimos reduzir o estilo de vida — ela continuou. — Vendemos a casa, compramos um apartamento pequeno aqui perto e Sandy e eu agora temos uma empresa juntos e trabalhamos em casa. Ele faz quase tudo e eu ajudo quando posso.

Red tomou um gole do chá e acrescentou: — Eu realmente acredito na amamentação. É bom para o bebê, desenvolve anticorpos, traz outros benefícios, mas é terrível para a mãe, tremendamente cansativo e uma enorme obrigação. Você só pode sair de perto deles por, no máximo, quatro horas, e mesmo assim se preocupa o tempo todo. Como você está lidando com isso?

— Está melhorando. Também dou mamadeiras para Markie — Bella disse, — Espero que ele tome mamadeiras de dia e leite materno à noite, quando voltar a trabalhar.

— Bom para você — Red disse. — Nunca consegui que meus filhos dessem mais do que um golinho na mamadeira. Mas não se atreva a sentir-se culpada se tiver que parar de amamentar quando voltar ao trabalho, porque poderá achar que é um esforço demais. Quer dizer, eu era uma lunática, trabalhando o dia todo e amamentando a noite inteira! Bella sentiu uma onda de alívio ao ouvir alguém sendo honesta sobre o trabalho que era. Era maravilhosamente conspiratório e um grande elo entre elas.

Red acrescentou: — Não digo que seja impossível trabalhar em período integral em Londres com um bebê, mas é muito, muito difícil. O que seu marido faz? — Don é jornalista — Bella respondeu.

— Que merda! — Red disse. — Não está muito por perto, certo? — Bom, não é tão ruim. Fica longas horas na redação, mas ele não fica fora da cidade mais do que uma semana a cada mês.

Bella viu que as luzinhas da babá eletrônica começaram a piscar.

Markie estava acordando e ela se levantou para ir buscá-lo.

— Meu Deus, ele é enorme — Red exclamou quando Bella apareceu com ele na cozinha. — Estou surpresa que você consiga se sentar.

— Só em almofadas! — Bella riu e começou a amamentá-lo. Quando Ellie começou a acordar, Red nem a tirou da bolsa-canguru.

Simplemente levantou com perícia o top, abriu um sutiã de amamentar estampado, colorido — na verdade muito bonito, Bella não pôde deixar de notar e seu bebê, faminto, começou a mamar, deixando Red com as duas mãos livres para segurar a xícara de chá.

— Gosto da sua roupa — disse Bella. — Não consigo vestir nada além das roupas velhas de Don. E me recuso a usar novamente as roupas de gestante.

Red riu.

— Compre roupas esportivas, esta é a minha dica. Esticam bastante, estão cheias de logotipos e listras que desviam a atenção dos calombos e curvas. E acho que é mais elegante do que calças de moletom e camisetas, o uniforme das mães em todo o mundo ocidental.

Foi a vez de Bella rir.

— E o que comprar para o trabalho? O que você usava quando voltou a trabalhar? — Usei algumas das roupas da gravidez, inteligentemente modificadas — Red confessou. — Mas comprei um par de conjuntos, dois ou três manequins acima do meu, e depois mandei ajustar quando voltei ao normal.

— Não sei se algum dia voltarei ao normal — Bella disse, olhando tristonha para sua barriga.

— Você está brincando, certo? — disse Red, — Você está prestes a se transformar na mulher mais ocupada do planeta. Nunca mais vai sentar, comer direito ou ter novamente a chance de vagabundear. As gordurinhas extras vão desaparecer. Na verdade, você vai ter que se esforçar para comer mais, se continuar amamentando.

Bella não acreditou muito nela, mas foi bom ouvir assim mesmo.

— Preciso ir embora — Red disse finalmente. — Aqui está meu endereço e telefone, caso tenha perdido — deu um cartão de visitas vermelho-forte para Bella. — Apareça ou telefone, a qualquer hora, adoraria rever você.

Subiram as escadas e Bella sentiu-se infantilmente feliz quando abriu a porta da frente e Red lhe deu um afetuoso beijo no rosto ao sair.

Markie voltara a dormir e Bella subiu as escadas, decidida a encontrar uma roupa nova. Mas não havia nada no guarda-roupa que coubesse, por isso voltou a vestir as calças de moletom e a camisa xadrez.

Deprimidamente horrível.

Mas lavou o rosto, escovou o cabelo, passou batom e sentiu-se surpreendentemente melhor. OK, foda-se a arrumação da casa, o mais importante agora era encontrar uma babá, ela pensou. Pegou a lista telefônica na sala de estar e começou a telefonar.

Vários telefonemas mais tarde, estava completamente desanimada.

Todos com quem falara estavam surpresos por ela ter deixado a busca para tão tarde.

Basicamente, ela queria uma babá que pudesse começar a trabalhar em duas semanas. Todos disseram que a colocariam em listas de espera, mas que não podiam prometer nada.

Ela discou outro número.

Em vez de um suspiro como resposta ao seu pedido, uma mulher com voz mais humana respondeu: — Alguém deixou você na mão, meu bem? — Sim, infelizmente — Bella mentiu.

— Coitadinha, é horrível quando isso acontece. Mas, sorte sua, pois preferimos manter uma lista de espera de babás, em vez de mães. Precisa de alguém esta semana? — Não, ela deve começar daqui a duas semanas. Devo voltar ao trabalho em três semanas, mas é

claro que quero encontrar a pessoa certa.

— Claro! Temos somente uma babá com experiência com bebês disponível no momento, mas deixe que eu lhe diga mais sobre ela e podemos marcar uma entrevista.

Bella sentiu uma onda de alívio e ansiedade invadi-la. OK, parece que conseguiria resolver o problema com a babá, mas isso queria dizer que realmente voltaria a trabalhar em três semanas.

Pensou em seu filhinho mamando contente no seio e sentiu uma tristeza imensa ao pensar em abandonar isso. Os olhos lacrimejaram. Jesus, não iria permitir-se chorar novamente. Voltando para a cozinha, tentou manter as palavras de Maddie na cabeça. Deveria voltar ao trabalho com a mente aberta depois veria como as coisas ficariam. Se tivesse que mudar os planos, tudo bem.

## Capítulo Trinta e Um

Bella estava levemente consciente em seu sonho do alarme do despertador muito antes de conseguir arrastar-se para a superfície e abrir os olhos. Seu sono agora era tão interrompido que cada soneca a levava ao sonho mais profundo e complicado. Don decidira ficar com Markie depois da mamada das seis da manhã para que Bella pudesse dormir até às oito. Mas agora ela precisava levantar e se vestir. Hoje entrevistaria a babá.

Depois de ter lavado o rosto e se inclinado no alto da escada para ter certeza de que não estava ouvindo um berro, voltou ao banheiro. O problema de costume sobre o que usar aumentou de proporção hoje. Pois só nesta manhã passara pela cabeça de Bella que não bastava ela gostar da babá: a babá também precisava gostar dela.

Abriu o guarda-roupa e o fechou, desesperada, minutos depois. Foi espiar no de Don. Lá, encontrou uma camisa branca, que pelo menos abotoava no peito, e um par de jeans bege. Vestiu a calça, enrolou as bainhas das pernas e se olhou no espelho. Meio desmazelada, mas não horrível, isso teria que servir.

Colocou brincos, seu pingente de diamante, batom e até um pouco de perfume. Foi uma leve melhora.

— Bella! — Don disse com um sorriso quando ela entrou na cozinha. — Você está bonita.

— Não, não estou — ela respondeu.

— OK, melhorzinha — ele disse. — Caramba, eu estava tentando ser gentil.

— Melhorzinha se comparada com o quê? — Ela estava tão cansada que não tinha energia para ser outra coisa que não irritável.

— Bom, melhor do que na minha velha calça de ginástica. Olhe, não vou dizer mais nada. Parece que tudo o que eu digo só piora as coisas. — Ele virou-se para Markie, que estava deitado no chão, sobre o tapete de pele de ovelha gorgolejando. — Tenho certeza que ele sorriu .....para mim há um minuto — disse Don, agitando um chocalho na frente do filho.

— Foi? — Bella saiu correndo. Se Markie iria começar a sorrir, ela achava bom que ele desse seu primeiro sorriso para ela. — Olá, querido, como vai você hoje? — ela disse em tom suave. Markie olhou para ela e sorriu.

— Aí está!! — Bella e Don disseram isto juntos e riram.

— Uau, ele está sorrindo com cinco semanas. Eu acho cedo — Bella disse, olhando para o filho.

— Oh, não — Don gemeu. — Ele deveria ter a sua beleza e o meu Q.I! Bella conseguiu rir com a piada, sentou-se e comeu um pouco de cereal, a cabeça voltada para todas as coisas que queria fazer na casa antes da babá chegar, às dez da manhã. Ainda bem que Don havia tirado a manhã de folga para ajudá-la.

Bella ainda estava amamentando em uma sala imaculadamente arrumada quando a campainha tocou, faltando dez minutos para as dez.

Don levantou-se para abrir a porta e Bella ouviu educados cumprimentos antes de Don acompanhar a babá até a sala.

— Olá, sou a Joanne — disse a garota gorducha que veio em sua direção com a mão estendida.

Bella equilibrou Markie por um momento e conseguiu apertar a mão de Joanne.

— Olá, sou Bella Browning, prazer em conhecê-la. Por favor, sente-se. — Ela ficou surpresa ao ver o quão rapidamente usara sua ríspida voz para negócios, mesmo com um bebê grudado em seu mamilo.

— E este deve ser Mark — disse Joanne, sentando-se na beirada da poltrona.

— Markie, nós o chamamos Markie — Bella respondeu, olhando para a cabecinha penugenta que mamava.

Olhando novamente para cima, analisou Joanne. Não era uma beleza especial em nada, corpo quadrado, sardenta, olhos azuis aguados e um cabelo castanho-acinzentado cortado curto. Tinha um nariz largo, lábios finos e usava roupas sóbrias, blusa branca, calças e um paletó azul-marinho com botões dourados.

Bom, veja o lado positivo da coisa, Bella disse a si mesma. Don não vai querer dormir com ela.

Conversaram sobre o último emprego de Joanne, que lhe dava a experiência necessária, dois anos cuidando de um menino, do nascimento até a escolinha maternal.

Enquanto Don fazia café, Joanne fez perguntas a Bella: — Você já o colocou em algum tipo de rotina? — Hã, bom, ele acorda por volta das seis da manhã para mamar — Bella respondeu. — Normalmente fica acordado até as oito, depois voltamos para a cama, para uma mamada intermediária e depois uma soneca. A partir das dez da manhã, ele mama a cada duas horas e meia, três horas e as sonecas entre as mamadas variam de nenhuma até três horas completas... humm... a última mamada é às 21 horas, quando eu vou dormir, depois Don cuida dele até que ele durma, quase sempre uma hora depois.

Ela sabia que isto não era uma rotina, apenas o caos diário.

— Ele acorda lá pelas duas da manhã e depois às seis... — ela acrescentou. — e tudo começa novamente. Ainda não é bem uma rotina, eu sei... — A voz de Bella acabou num murmúrio.

— Bom, não é tão ruim para... cinco semanas, agora? — Sim.

— Então, você consegue dormir o suficiente? — Bom, só o suficiente para não enlouquecer. — Bella sorriu.

— E ele também toma mamadeira? — Sim, ele tomou várias mamadeiras complementares até poucos dias atrás, mas, subitamente, não pareceu mais estar tão faminto.

— Então nós temos que deixá-lo muito satisfeito com a mamadeira antes de você voltar ao trabalho. Você vai deixar de amamentar? — Joanne perguntou.

— Ainda não quero fazer isso. Acho que vou tentar amamentar de manhã e à noite o máximo que puder — Bella respondeu.

Joanne parecia em dúvida.

— Isto fará com que seja muito difícil para o bebê se separar de você — ela disse em tom casual.

Espero que sim, pensou Bella, não quero que ele se separe de mim.

— Bom, não estou decidindo aqui uma regra definitiva, preciso ver como as coisas andam — ela disse, sentindo-se subitamente receosa que Joanne não aceitasse o trabalho.

Conversaram sobre mais detalhes. Joanne ficou levemente abalada com o horário exigido: das oito da manhã às oito da noite, de segunda à sexta.

— Esta é uma semana com 60 horas de trabalho — comentou.

— Bom, espero estar em casa por volta das 19h30 na maior parte das noites, mas quero ter certeza de ter cobertura se eu me atrasar — Bella disse.

— A princípio não tenho problemas com este horário, até que estejamos adaptados, mas você vai ter que pensar em me oferecer um fim de semana com três dias e encontrar alguém para as segundas ou sextas feiras — Joanne respondeu, e acrescentou: — E eu não poderei trabalhar durante noite.

Esta não era a atitude que Bella esperava encontrar na primeira entrevista. Pensou em seu primeiro emprego e como trabalhou quase 24 horas por dia.

— É um trabalho muito duro, exaustivo, cuidar de um bebê pequeno — Joanne disse como explicação.

Sim, é, pensou Bella, mas não é tão ruim assim, se você dormiu a noite anterior.

Don voltou com o café e deixou Joanne mais à vontade com perguntas cordiais sobre a cidade natal dela e como foi que decidiu ser babá.

A pergunta seguinte que ele fez foi: — Você cozinha? — Sim — Joanne respondeu. — Mas é claro que esta não é uma de minhas tarefas aqui, é? — Bom, poderia ser — Bella gaguejou. — Se você quiser...

— Não quero — Joanne respondeu de modo definitivo. — Vou poder usar o carro? — ela perguntou.

— Não imediatamente — Don respondeu, tentando imaginar Bella deixando alguém dirigir seu Mercedes. — Mas pensaremos nisso no futuro.

Bella estava horrorizada. Não queria que ninguém andasse de carro com Markie sem ela.

Era hora de acabar com isto, ela decidiu.

— Foi um prazer conhecê-la, Joanne — ela disse com um sorriso levemente forçado. — Vamos discutir o assunto, ligar para as suas referências, se possível, e eu lhe darei um retorno na segunda-feira, se você concorda.

— Sim, tudo bem — Joanne disse, pegando a enorme bolsa azul-marinho e levantando-se. Apertou a mão dos dois e inclinou-se para acariciar gentilmente a cabeça de Markie antes de sair.

Assim que a porta fechou, Bella e Don entreolharam-se.

— Bom, o que você achou? — Don perguntou primeiro.

— De jeito nenhum. Simplesmente de jeito nenhum — Bella respondeu.

Você ficou louca? — Don perguntou exasperado. — Eu achei que ela era realmente legal.

— O quê!? Ela não quer mexer um dedinho. Não posso contratar alguém que quer estabelecer regras para cuidar de meu bebê. O que vai acontecer se ele ficar acordado uma hora a mais do que ela previu? Ela vai ignorá-lo? — Bella, sobre o que você está falando? Ela quis esclarecer quantas horas deveria trabalhar, que são muitas, e ter certeza que não seria sobrecarregada com limpar e cozinhar. Acho que isso é bastante justo.

Houve uma pausa enquanto os dois se olhavam.

— Parece ser uma pessoa gentil e carinhosa, com certeza sabe onde está se metendo porque já fez isto antes — Don disse. — Além disso, você tem alguma alternativa? — ele acrescentou. — Você volta a trabalhar em menos de três semanas e ela é a única candidata. — Oh, não, Bella estava quase a chorar novamente.

— Olhe — ele disse, colocando um braço ao redor dela. — Por que não liga para a família



onde ela trabalhou anteriormente e faz umas perguntas antes de decidir? Depois, se quiser, pode contratá-la por um mês, como experiência. Se não funcionar, procure outra pessoa quando já estiver de volta ao trabalho. Bella fungou alto.

— Você deveria estar aproveitando este período — Don a abraçou contra si —, não deveria estar preenchendo seu tempo preocupada com babás e voltar ao trabalho. Tenho certeza que vai dar tudo certo — acrescentou. — Quando estava grávida, você vivia me dizendo que era isto que queria. Vai ficar tudo bem.

— Eu não quero abandoná-lo — Bella ouviu sua voz gemer contra o peito de Don. — Ele é tão pequeno, precisa de mim e eu ainda não entendi como tudo isto funciona.

Don a abraçou mais forte e não disse nada por um momento. Depois, usando sua voz mais reconfortante, disse: — Bella, aguente e tente ver no que dá, querida. Volte ao trabalho e veja como as coisas ficam. Você adorava seu trabalho, eu não acredito que você seja feliz sem ele. Você precisa começar a pensar em como vai fazer as coisas funcionarem, não coloque tudo fora de proporção.

Ela sabia que ele tinha razão, mas ela ainda estava chorando.

## Capítulo Trinta e Dois

Joanne foi contratada por causa das recomendações absolutamente fantásticas de seus últimos patrões e Bella agora tinha só uma semana sozinha com Markie pela frente. Na semana seguinte Joanne começaria a trabalhar e depois ela voltaria ao trabalho. De volta à Prentice, começaria o projeto Danson. Parecia irreal.

Bella acordou com uma lista de coisas a fazer naquela manhã. Este era o de ser boazinha com Don. Iria ao supermercado, limparia um pouco a casa, faria o jantar e, quem sabe, até poderiam fazer sexo. Afinal de contas, seis semanas haviam passado.

Ela colocou Markie na cadeirinha e o deixou balançando no hall enquanto ia e voltava, levando todo o equipamento para seu minúsculo carro; uma mamadeira térmica com leite morno, outra com água fervida e fria caso ele ficasse com sede, uma muda de roupa, boné, sombrinha, fraldas, lenços umedecidos, paninhos para limpar vômito, a bolsa para levar tudo isso, a bolsa dela, o carrinho, protetor contra o sol para as janelas do carro... isto era um pesadelo, como ela iria colocar tudo isso lá dentro? Enfiou o carrinho de bebê no porta-malas, encaixou a bolsa de trocar fraldas no espaço por baixo do assento do passageiro e encheu tanto o porta-luvas com fraldas extras, mamadeiras e brinquedinhos que teve de fechá-lo à força. Quando foi pegar Markie, sentiu o odor inconfundível de fralda suja e com um gemido, sentiu toda a sua determinação descer pelo ralo. Mas ela o trocou, colocou-o de volta na cadeirinha, enfiou-a no carro e finalmente saíram.

Bella, como qualquer outra nova mãe meio demente, dirigindo com uma mão no volante e a outra cobrindo os olhos do seu filho.

Quando Don chegou naquela noite, encontrou esposa e filho no jardim, apreciando os últimos raios de sol. Bella em uma espreguiçadeira, Markie deitado no tapete de pele de ovelha. Os dois tinham acabado de tomar banho e trocado de roupa. O cabelo de Bella ainda estava molhado, mas ela estava bonita, usando uma camiseta branca limpa (dele), o sarongue e sandálias.

A cozinha estava incomumente arrumada e, na verdade, cheirava como se algo tivesse sendo preparado.

— Olá. — Ele beijou os dois. — Atravessei um portal espaço-temporal e voltei à década de 50? Bebê no gramado, esposa usando saias, jantar no forno. — Ra, rá... — Bella respondeu. — Estou sendo boazinha com você para variar um pouco. — Ela sorriu para ele, e ele a beijou novamente.

A noite estava quente e eles comeram um jantar simples, de batatas assadas, presunto e salada no jardim. Bella acendeu velas na mesa do jardim e serviu vinho branco gelado.

Markie surpreendeu aos dois ao dormir depois da mamada das 21 horas, então Bella o colocou no berço e ligou a babá eletrônica para poder voltar ao jardim. Quando voltou a sentar na espreguiçadeira, Don puxou sua cadeira para atrás dela. E começou a massagear o seu pescoço e a desarrumar seus cabelos, que ela adorou.

— Como você vai indo? — ele perguntou.

— Ótima — ela disse. — É bom ver você, parece que não o vejo há séculos. Você está bem? — Sim — ele respondeu e, enquanto ela sentia os polegares fortes dele fazerem círculos na base da sua nuca, deixou a cabeça pender e fechou os olhos. Depois de alguns

momentos, Don disse: — Bom... Markie está dormindo... mas você não. Será que você gostaria de entrar e, quem sabe... namorar? Bella virou-se e olhou para ele com um sorriso maroto.

— Você não quer dizer entrar e foder como um animal? — Puxa, estava tentando ser sensível e compreensivo! — Ele sorriu e não conseguiu evitar correr um dedo pelo nariz e os lábios dela.

— Nós pelo menos ficamos enroscadinhos desde que ele chegou? — ela perguntou.

Don balançou tristemente a cabeça.

— Isto é uma desgraça — ela disse e saiu da cadeira.

Apagou as velas, pegou a mão dele e o levou para a cozinha. Virou-se para ele na porta e o puxou para um beijo. Ele tinha um gosto quente, com aroma de vinho; ela enfiou a língua mais fundo na boca de Don e passou as mãos pelo seu cabelo.

Ele a beijou de volta por vários longos minutos, mas manteve as mãos firmemente presas na cintura dela. Não iria para os seus seios ou para as calças sem permissão escrita. Apertou-a bem firme e se concentrou nos beijos.

Depois Bella o surpreendeu tirando a camiseta, Rapidamente abriu o sutiã branco de amamentação e o atirou para o lado.

Ele colocou as mãos nos seios dela, sentindo-os pesados e sólidos.

— Você está OK? — ele murmurou.

— Estou ótima. Tive saudades suas... — isto numa voz provocadora, enquanto puxava a camisa dele para fora das calças.

— Para onde vamos? — ele perguntou com uma voz tão rouca de estou tão-pronto-para-te-foder que ela subitamente passou de "isto pode ser divertido" para "me possua já".

Seus beijos tornaram-se longos, quentes e devoradores.

— Vamos para a mesa da cozinha? — ela parou para dizer. — Não, vou ficar esmagada.

Que tal a parede da cozinha? — Ahá! — Ele a conduziu até ela ficar de costas contra a parede e depois se beijaram novamente. Enquanto ela abria sua braguiinha, ele passou as mãos pelo tecido da saia dela.

Tateou pelas dobras da saia até encontrar a calcinha e a puxou para o lado Seus olhos estavam abertos e ele a olhava atentamente.

— Me diga o que fazer — ele sussurrou, sentindo como ela estava encorajadoramente molhada.

— Enfie o dedo dentro de mim — ela sussurrou de volta. A sensação era gostosa, boa. Ela sorriu para ele e passou a língua na boca dele, sentindo a forte ereção palpitando nas suas mãos.

— Você é um homem adorável — disse.

Puxou a calcinha para baixo, desapertou o nó da saia para cair no chão depois o guiou lentamente para dentro.

Sentiu uma pontada de dor na entrada do pênis e, além disso, nada, a não ser insensibilidade.

Ele se moveu contra ela e olharam um para o outro. Onde é que ele estava? — Você já entrou? — ela perguntou.

— Sim — ele respondeu.

— Quase não o sinto.

Deixe eu me mexer um pouco. — Ele retirou o pênis quase todo e depois enfiou de volta.

— Au! A cabeça de Bella bateu na parede.

— Desculpe. — Oh, meu Deus, é só isto? — Bella perguntou, com voz perturbada. — É assim que agora vai ser o sexo? Parece um lápis pontudo batendo dentro de uma grande caixa, Não leve a mal, Don — acrescentou.

— Hã... não, nada.

— Está gostoso para você? — ela perguntou.

— Bom... está diferente, mas ainda é bom — ele a reconfortou. — Quer que eu pare? — Não, não, desculpe. Estou completamente deprimida. É obviamente mais uma coisa que ninguém avisa, ter um bebê arruina sua vida sexual para sempre.

Don saiu de dentro dela e levantou-lhe o queixo com a mão.

— Talvez não, Bella. — Ele a beijou na bochecha. — Talvez as coisas voltem lentamente ao lugar. Tudo bem. Eu não vou fugir para lado nenhum. — Ele a beijou novamente. — Vamos, tenho certeza que vai ficar tudo OK. Seja como for, há inúmeras outras coisas que podemos fazer...

Mas para ela o momento tinha mesmo acabado. — Sim, como lavar a louça! — ela respondeu.

Assim que teve uma oportunidade, Bella ligou para sua nova amiga.

— Oi, Red, é Bella.

— Oh, olá! Como vai indo? — Red parecia estar feliz em ouvi-la, embora estivesse falando alto para cobrir o barulho do bebê e da criança.

— Estou bem, pensei em dar uma passada aí hoje à tarde, se você estiver por aí.

— Sim, isso será ótimo. Que tal por volta das quatro, quatro e meia, assim todos tiram uma soneca primeiro? — Perfeito — Bella respondeu. — Escute, gostaria de perguntar uma coisa, não posso esperar mais.

— Sim? — Red estava intrigada.

— Sexo? Tudo fica assim frouxo para sempre? Houve uma pausa momentânea e Bella imaginou se Red não sabia como contar as más notícias.

Mas aí Red caiu na gargalhada.

— Caramba! — ela disse. — Estou impressionada. Pretendo empurrar isto por pelo menos mais um mês. — Exercícios pélvicos — ela acrescentou. — É o que você provavelmente precisa. Ninguém os faz e tudo volta ao normal depois de um tempo, mas eu acho que você pode fazê-los para acelerar as coisas.

— Então as coisas voltam a ser como eram? Quero saber a verdade — Bella perguntou, odiando soar tão ansiosa.

— Faça exercícios suficientes e provavelmente será melhor. — Red riu. — Seja como for, vejo você mais tarde, vai ser legal.

— OK, obrigada. Tchau! — Tchau. — Ela contraiu e tentou segurar até dez... para onde foram aqueles músculos?

## Capítulo Trinta e Três

Red abriu a porta e estava irritantemente bonita: rosto corado, cabelo em cascata.

— Olá! — ela disse entusiasmada e desceu as escadas descalça para ajudar Bella com o carrinho. Bella viu que ela estava com as unhas dos pés pintadas — dos pés!! Quando ela encontrava tempo para fazer estas coisas?? — Puxa vida, você está sempre tão bonita que chega a irritar! — Bella disse.

— Obrigada, eu acho! Você está com um ar muito melhor do que quando a vi pela última vez — Red respondeu.

— Mas ainda preciso melhorar. — Bella olhou para si mesma, usando mais roupas de Don, desta vez uma camiseta azul desbotada e shorts cinza. Revoltante.

— Oh, ele está dormindo — Red disse, olhando para Markie enquanto entravam. — Vamos deixá-lo no hall? — Sim, tudo bem — Bella disse.

— Entre — Red disse e indicou a direção da sala de estar para Bella.

Ela entrou e ficou surpresa em ver uma linda salinha decorada em estilo campestre. Uma estampa floral clara no papel da parede, sofá e poltronas estampadas e confortáveis. Móveis antigos de madeira escura preenchiam todos os espaços disponíveis, e brinquedos, livros, bolas e carrinhos estavam por todo o lugar.

No único espaço livre no chão da sala, um menininho com cabelos negros desenhava agachado.

— Jamie, esta é Bella, diga olá — Red disse.

— Olá — Jamie disse sem olhar para cima.

— Ele está em um momento de grande inspiração — Red disse — Na verdade acho que deveríamos sentar na cozinha, que não está em um estado tão calamitoso.

Ela levou Bella para uma cozinha vermelha, entupida com mesa, cadeiras um armário para louças de pinho, vários vasos com temperos, prateleira com livros e um barzinho.

Bella puxou uma cadeira, sentou-se à mesa e calculou que pelo menos 50 carrinhos e caminhõezinhos estavam espalhados em sua superfície, — É um pouco diferente da sua linda casa zen! — Red disse, vendo a careta de Bella para a mesa.

— Ah, não, é adorável — Bella disse, sentindo-se apanhada em flagrante.

— acredite — Red colocou a chaleira no fogo e saiu à cata de xícaras limpas —, adoraria viver na sua casa, mas é impossível. Deixaria Jamie e Sandy malucos pedindo para arrumarem tudo o tempo todo... além disso, os pai de Sandy e minha mãe faleceram recentemente e não tivemos coragem de dar os móveis deles, de modo que tentamos enfiar tudo aqui...

sem falar que nunca conseguimos redecorar o apartamento depois que mudamos... — ela concluiu.

Então Bella disse: — Pare com isso! Sua casa parece com uma casa. Eu ando pela minha e fico preocupada se não é demasiado branca. Provavelmente vai parecer muito fria no inverno, como um hospital.

— Bom, as casas costumam evoluir ao seu redor, quase nunca do jeito que você planeja — Red disse, colocando xícaras na mesa. — E como vai você? Ela sentou-se, apoiando o queixo na mão, olhando direto para Bella. — E me diga a verdade, por favor, não venha

com a versão "sou uma mãe de primeira viagem e estou indo muito bem!".

— Não vou tão mal — Bella respondeu. — A babá começa na semana que vem, na sexta vou trabalhar meio período e a partir de segunda-feira começo normalmente. Credo.

— Que bom que você achou uma babá. Você gosta dela? — Hummm. Para dizer a verdade, não gostei dela logo de cara, mas as referências são boas e pensei em contratá-la por um mês de experiência e ver o que acontece.

— Boa idéia. Está ansiosa para voltar ao trabalho? — Ainda não. — Bella suspirou, tinha sentimentos conflitantes a respeito do assunto. — Acho que vou ficar bem quando voltar ao trabalho.

É que estou muito preocupada com Markie. Preocupo-me em como ele vai se adaptar e acho que sentirá minha falta o tempo todo.

— Você vai ter que esperar para ver o que acontece — disse Red. — Só vai saber quando voltar. Tente não ficar muito preocupada antes do tempo.

— No momento eu sinto mesmo muita inveja de você, Red — Bella disse. Você não sente nenhuma falta do trabalho? — Bom, eu trabalho meio período para não esquecer como a contabilidade é chata, mas sabe do que sinto falta? — ela disse. — Sinto falta de me arrumar toda, ir para o escritório, participar de reuniões, ter colegas, trabalhar em equipe, este tipo de coisa. E sinto falta do modo como podia esquecer de tudo na minha vida e simplesmente trabalhar. Você nunca sente isso quando trabalha meio período, principalmente se trabalha em casa. Mas quando você vira uma mãe, é preciso ceder em quase tudo.

Ela colocou a chaleira na mesa e duas colheres de açúcar na xícara dela. — Mas, sabe — ela continuou —, eu queria mesmo ficar com meu filho e agora com o bebê, mais do que queria ficar no escritório, então fazia sentido largar o emprego. Mas o outro lado da moeda é que agora eu não ganho mais tanto dinheiro, tampouco o status do "nossa, que impressionante" que vem com o trabalho.

Ela deu um golinho no chá e acrescentou: — Ninguém no mundo considera que ser mãe é um bom emprego ou que é importante. Como pode ser levado em consideração quando a maioria das mulheres como nós contrata alguém para fazer a mesma coisa por uma fração dos nossos salários? Bella estava quieta.

— Sinto muito — Red disse. — Não estou sendo diplomática, mas você me estimulou a falar do meu assunto favorito.

— Não peça desculpas, estou interessada — disse Bella.

— Bom, como eu disse, é uma concessão. Gosto de estar em casa, de ensinar Jamie a desenhar, de ler para ele, construir castelos de areia, todas aquelas pequenas coisas que são importantes para ele, e serei capaz de amamentar Ellie por anos. Mas é um sacrifício ficar em casa — financeiro, de carreira, de status. Simplesmente aprendi a viver com isso — por enquanto — ela acrescentou com uma certa ênfase. — Talvez eu mude de idéia em alguns anos e queira voltar. Digo a mim mesma que a vida é longa e a infância, muito curta mesmo. — É isso. — Red bateu a palma da mão no tampo da mesa. — Com isto acabamos o discurso de hoje. As duas sorriram.

— Só não sei como vou ter energia para fazer tudo — Bella disse. — No momento consigo fazer as coisas razoavelmente porque durmo duas ou três horas à tarde. Mas em uma

semana isso vai acabar.

— Não sei, Bella. Talvez você tenha que pedir para a babá dormir na casa, para que ela o alimente à noite — Red disse.

— Ela já deixou bem claro que não vai fazer isso.

— Escute, tente não se preocupar com isso. Você vai ter que descobrir o que vai funcionar para você quando voltar ao trabalho — Red a tranquilizou.

— A única dica que eu tenho a lhe dar é a de não ser muito radical.

— Que quer dizer com isso? — Bella perguntou.

— Eu comecei como uma mãe obcecada com o trabalho e a carreira, coloquei Jamie em um berçário onde ensinavam francês e matemática a partir dos três meses de idade, e à noite eu dava um analgésico infantil que causava sono.

Mas eu me senti um horror de pessoa, e o que fiz? Fui para o outro extremo, saí do meu emprego e virei uma supermãe enlouquecida que o amamentou e alimentou com purê de legumes e frutas orgânicos até ele fazer dois anos. E, surpresa, surpresa, não me senti melhor com isso. — Desta vez, estou tentando achar um ponto de equilíbrio. Mas cada pessoa é um caso diferente — ela acrescentou rapidamente. — Há sempre um modo correto.

— Humm... — disse Bella, parecendo levemente em pânico. Ela tinha alguma idéia de onde estava se metendo? Jamie entrou na cozinha.

— Oi, docinho — Red disse, e seu filho subiu no seu colo.

— Eu gostaria de um pouco de suco, por favor — disse a vizinha melodiosa.

— Claro que sim. Red levantou-se e, segurando Jamie debaixo de um braço, com bíceps impressionantes, Bella notou, lavou com habilidade um copo e o encheu com o suco de maçã diluído com água que estava na geladeira.

Jamie sentou-se no seu colo e bebeu.

— "Venha lá em cima conhecer o Sandy — ela disse quando Jamie acabou de beber.

— Ah, ele está aqui? — Bella estava definitivamente interessada em conhecer a carametade de Red.

— Sim, ele está sempre aqui, trabalhando como um escravo no escritório. Red a levou pela escada estreita até o andar superior e abriu uma das duas portas.

— Trouxe Bella para dizer olá — Red disse e uma cabeça surgiu atrás da enorme tela de computador que dominava a pequena sala florida.

— Olá — disse Sandy com um largo sorriso. Ora, ora, pensou Bella, olhando para um homem surpreendentemente jovem e simplesmente maravilhoso, com cabelos negros desarrumados, olhos escuros, usando calças caqui e um suéter azul.

— Olá — ela respondeu, lamentando muito estar vestida daquele modo, principalmente pelos shorts.

— Lamento estar tão ocupado, senão desceria para bater papo — ele disse e sorriu novamente.

— Bom, vamos deixar você em paz — Red disse depois de conversarem amenidades.

— Espero encontrar você novamente — Sandy disse enquanto as duas saíam da sala.

— Uau! — Bella sorriu para Red enquanto desciam as escadas. — Ele é lindo.

Red deu uma risadinha.

— Eu sei, e ele é cinco anos mais jovem que eu. Mal acredito na sorte que tenho.  
— Não me diga... ele tem 25 anos? — Não — Red parecia surpresa. — Vinte e nove. —  
Caramba — disse Bella. — Você está linda para a idade que tem.  
— Quantos anos você tem? — Red perguntou, sorrindo com o elogio recebido.  
— Também 29, e eu sei, pareço uma velha.  
Red caiu na risada e o bebê começou a chorar. Elas ouviram por um segundo e Bella soube  
que não era o dela. Era estranho, ela pensou, como podiam saber a diferença.  
Voltaram para a cozinha, onde Red amamentou Ellie enquanto bebia chá com Bella.

\*\*\*

No domingo, Bella, Don o Markie saíram para o que deveria ser um almoço agradável e relaxante. Mas não foi nada disso. Markie chorou e amolou todo mundo assim que se sentaram no restaurante.

Bella lutou com a saia e o sutiã e amamentou Markie em público pela primeira vez, sentindo-se estranhamente envergonhada considerando-se o fato de que não tinha problemas em fazer sexo em lugares públicos — mas Markie não se acalmou. Enquanto esperavam pelos pratos, ele começou a berrar.

Bella via os outros clientes remexendo, irritados, nos jornais e reclamaram, e o pior de tudo é que ela sabia que tinha feito exatamente a mesma coisa naquele café, quando ela e Don viviam no apartamento na esquina e frequentavam o lugar.

Sentiu-se perturbada e zangada. Ofereceu a mamadeira de água, tentou dar de mamar novamente, mas Markie virava a cabeça e não queria nada, só gritava e chorava.

Don suspirou, o que a deixou ainda mais zangada.

— Vou sair um pouco com ele, talvez o ar fresco o acalme — ela disse, levantando-se.

— Vou pedir para que não tragam o seu prato antes de você voltar.

— ele respondeu.

— Quanta gentileza sua — Bella disparou.

Depois de andar pela rua para cima e para baixo por 20 minutos, com Markie chorando em seu ombro, decidiu voltar e comer alguma coisa.

— O que você acha que é? — Don perguntou quando ela voltou.

— Não sei, Don — ela respondeu, sentindo-se totalmente estressada.

— Talvez ele esteja um pouco tenso, como eu.

— Olhe, fique aqui e eu vou sair com ele no carrinho. Talvez ele durma.

Não podemos deixá-lo berrando aqui no restaurante.

Bella sentiu-se como uma traidora ao entregar seu filho que berrava.

Don o colocou no carrinho e saiu com ele. Ela sentia como se todos estivessem olhando para eles no restaurante.

Olhando ao redor, viu que havia vários bebês no restaurante, mas todos felizes da vida nos carrinhos e nas cadeirinhas, gorgolejando e olhando felizes para os pais. Qual era o problema com o filho dela? Sentiu uma lágrima correr pelo rosto. Ele sempre precisava da atenção dela, o tempo todo.

Ela parecia incapaz de deixá-lo um só momento e permitir que ele assistisse. Jesus,



estava na cara que ela era a pior mãe, a mais nervosa e tensa do mundo, e estava criando o bebê mais nervoso, tenso e infeliz do mundo. Mais lágrimas caíram nos ovos mexidos com salmão defumado.

Ela limpou as lágrimas e tentou concentrar-se para comer alguma coisa.

Já fazia um tempão que tinha acabado de comer quando finalmente viu Don entrar no restaurante. Estava empurrando o carrinho e sorrindo para ela, indicação precisa de que Markie estava dormindo.

Ele foi até a mesa e sentou-se, cansado. Bella virou-se imediatamente para o carrinho, a fim de checar seu bebê adormecido.

— Ele chorou por um tempão, coitado, mas finalmente dormiu — disse Don. — Graças a Deus posso ter alguns momentos de paz com minha esposa.

Olhou para ela e colocou a sua mão sobre a dela.

— Olá — ele disse, sorrindo, — Lembra de mim? Sou a pessoa com quem você passava um tempão antes deste sanguessuginha aparecer.

Ela caiu na gargalhada.

— Não o chame de sanguessuga! — Mas ele é um. Só o que faz na vida é sugar, sugar, sugar os seus seios, com os quais eu não consigo mais brincar, ou dizer buáááááááá de montão. Pobre Bella. Você está OK? — ele perguntou.

— Estou cansada — ela respondeu, esfregando as mãos no rosto. — Acho que vou estar eternamente cansada, nunca mais dormirei o suficiente e estou preocupada como vai ser quando voltarão trabalho.

— Tudo vai ficar bem, Bella — Don acalmou-a. — Você vai estar no escritório, que é seu ambiente natural. É a parte do bebê, ficar em casa, amamentar e ouvi-lo chorar o dia todo que é diferente para você. É por isso que você se sente tão estranha. — Ele sorriu para ela. — Uma semana trabalhando, demitindo gente, tirando sangue das empresas, e você vai voltar ao normal. Acho que você vai perder uns seis quilos e me deixar de quatro na cama até o fim do mês.

— Certo — ela disse, sombria. — Não me deixe esquecer de comprar para você um livro chamado... "O que Não se Deve Dizer às Mães de Primeira Viagem, a Não Ser que Queira Levar um Pontapé Muito Bem Dado no Saco". — E tirou a mão da dele.

— Bella! listou brincando. mas há um fundo de verdade no que digo.

Lamento, mas gostaria que as coisas voltassem um pouco ao normal. Quero que você volte ao normal. Você está envolvida demais nisto tudo, não há lugar para mais nada. Puxa vida, você nem comprou roupas novas. Não posso acreditar que você está usando de novo minhas calças e camisa.

— Ah, vá se foder — ela disse e olhou para o outro lado. Lágrimas subiram novamente aos seus olhos. Meu Deus! Ela detestava toda esta autopiedade. mas não conseguia evitar.

— Sinto muito — ele disse —, eu me sinto deixado de lado. Não posso fazer muito por Markie. O máximo que me cabe é andar com ele no carrinho. Ele não está em uma idade terrivelmente interessante, ainda não posso jogar futebol com ele.

Don achou que estava sendo divertido, mas Bella sentiu que cada palavra era uma bofetada.

— Meu Deus, Don... — ela olhou para ele com os olhos cheios de lágrimas. — Você pode

conversar com ele, cantar para ele, carregá-lo no colo, mostrar as flores no jardim, agitar um chocalho na frente dele... tentar dar uma mamadeira... há uma centena de coisas que você pode fazer. Mas vamos admitir a verdade, você não está nem um pouco interessado... — As lágrimas corriam pelo rosto e ela cuspiu as últimas palavras: — Para começar, você nem o queria, é isso o que quer dizer, não é? — Acalme-se — ele disse apressadamente. — Desculpe. Desculpe...

— ele segurou no braço dela. — Estou muito feliz em ter tido um bebê.

Estou muito feliz em você ter me transformado em um pai. Ele é maravilhoso.

Ela sentiu-se um pouco melhor ao ouvi-lo dizer isto com tanta emoção. Mas, então, Don acrescentou: — Só estou um pouco assustado ao ver quanto as coisas mudaram.

Sinto como se você não tivesse mais tempo para mim em casa. Você, obviamente, não tem tempo algum e não há nada para nós.

— Bom, azar o seu, Don — ela respondeu, irada. — Somos adultos.

Imagino que você seja capaz de cuidar de si mesmo. Markie tem seis semanas e não pode.

Houve um silêncio incômodo. Então, Bella disse simplesmente: — Gostaria de ir para casa, por favor.

Don acenou para o garçon e pediu a conta.

Foram em silêncio no carro, Contrariando as regras, Markie não acordou durante a transição do carrinho para a cadeirinha e estava dormindo no banco traseiro. Bella olhou pela janela do carro e viu as ruas elegantes da glamourosa Zona Norte de Londres começarem gradualmente a ficar feiosas enquanto dirigiam para a rua onde moravam.

Jesus, por que mudaram para uma casa tão grande, tão longe de algo interessante? Porque não compraram um apartamento bonito, com dois dormitórios, perto da civilização? Tinham feito um empréstimo de uma fortuna para comprar uma casa em estilo georgiano no fim do mundo. O que ela pensara? Começou a sentir-se ainda mais miserável. Que diabos iriam fazer durante o resto do dia? Só cuidar do bebê e brigar. Nada mais era divertido, tudo era esforço.

## Capítulo Trinta e Quatro

Bella estava na frente do espelho do banheiro, nervosa como nunca, tentando maquiarse corretamente para ir trabalhar. Não podia acreditar que o tempo passara tão depressa. Já era sexta-feira. E aquilo era um começo de queixo duplo? Bom Deus.

Joanne, a babá, saíra para dar uma volta com Markie e Bella estava indo para o escritório. Decidira aproveitar a tarde para uma reunião de atualização como todo mundo antes de entrar de cabeça no trabalho da Danson na segunda de manhã.

Sua mão tremia enquanto passava o rímel e sua boca estava seca.

Não conseguia saber se estava nervosa ou animada. Estava ansiosa para ver todos novamente e saber das novidades. Mas não conseguia livrar-se da culpa e da ansiedade em abandonar o bebê.

No quarto, colocou um dos novos e malditos conjuntos e camisas manequim 46 que tinha comprado na véspera, durante as duas horas em que Joanne a obrigou a sair de casa e deixar Markie sozinho.

Vestiu a saia em tom escuro na altura do joelho e a blusa branca. Não havia motivos para colocar o paletó, fazia 27 graus lá fora. Jesus, seus seios estavam enormes. Uma barriga pós-parto começava desconfortavelmente logo abaixo da cintura da saia. Ela parecia com qualquer outra mãe fora de forma e isto a deixou profundamente deprimida.

Vestiu as meias e calçou os sapatos com os saltos mais altos que encontrou, ficando chocada ao perceber como eles eram dolorosamente desconfortáveis, mas não compensavam as curvas e a barriga. Pelo menos seu cabelo estava limpo e brilhante, arrumado em um coque. Decidiu usar os brincos de brilhantes para elevar o moral e iria passar o batom vermelho no carro.

OK, quase pronta para ir. Bella olhou o conteúdo de sua pasta executiva, intocada há dois meses. Revirou tudo. Tudo o que precisava estava lá e, ahá, na bolsinha lateral estava um maço de Marlboro Lights e o isqueiro de ouro. De repente, sentiu que estava vendo a resposta às suas orações.

Ela pegou a bolsa e correu para o jardim. Sentou-se na beira da mesa de ferro, tirou um cigarro do maço e o acendeu. A fumaça encheu sua boca e tocou o fundo de sua garganta, oh sim... sim... sim, ela decididamente sentira mais falta disso do que de sexo. Passou alguns minutos de sonho apreciando cada tragada, e depois finalmente apagou a bituca com o salto na grama e voltou para dentro de casa para apanhar a bolsa, as chaves do carro e o paletó.

Pronto, ela pensou, olhando-se no espelho do hall. Tudo certo.

Adeus, licença-maternidade; olá, mãe trabalhadora.

Fechou e trancou a porta da frente, sentindo um pânico momentâneo ao pensar se Joanne tinha lembrado de levar suas chaves com ela ou não.

Ora, cale a boca, disse para si mesma, está tentando virar a mulher mais neurótica do planeta? Claro que Joanne está com as chaves dela.

Foi até o carro, gostando de ouvir o som do salto alto na calçada e o barulho da trava do carro. Entrou desajeitadamente, completamente esquecida de como usar uma saia e, maldição, sujou a perna com óleo.

Automaticamente estendeu a mão para o porta-luvas e apertou o botão.

Uma montanha de fraldas caiu no chão, seguidas por uma mamadeira com água, um brinquedinho de apertar e um boneco. Ela piscou forte por um minuto, mas conseguiu evitar as lágrimas.

Não, não havia um único par de meias no porta-luvas. Ela examinou novamente a mancha. Bom, não era tão ruim assim, nada impossível de aguentar.

Ligou o motor e saiu. Era bom dirigir novamente, sem uma barrigona ou um bebê. Na verdade, era delicioso. Ela entrou no trânsito, colocou os óculos de sol, abaixou a capota e olhou seus CDs. Rock feminino a todo o volume.

Claro que Kitty foi a primeira pessoa que viu ao sair do elevador e atravessar as portas duplas do escritório.

— Oi — Kitty, vestida em algo verde fluorescente, disse oi silenciosamente com um grande sorriso, acenando animada, porque estava ao telefone.

Não havia mais ninguém na recepção e, por um minuto, Bella não sabia se batia na porta das salas de todo mundo ou se ia direto para sua sala.

Decidiu ir direto para a sua sala.

Abriu a porta e ficou surpresa ao ver Hector sentado a sua mesa, com os pés sobre ela, enquanto falava ao telefone. A sala cheirava a café e estava na cara que ele usara sua cafeteira. Café!! Ela esquecera que café existia e passara toda a licença-maternidade bebendo chá.

As sobrancelhas de Hector ergueram-se quando a viu.

— Escute — disse ao telefone —, apareceu uma coisa urgente e eu ligo mais tarde. Desculpe. Tchau.

Desligou, levantou-se e esticou a mão para ela, sorrindo.

— Oi, Bella, bem-vinda — disse —, espero que me desculpe por ter usado sua sala enquanto você estava fora.

— E a minha cafeteira — ela cortou, notando como ele estava bem-vestido do. Ele estava claramente ganhando estilo.

— Oh, não, ela também é sua? Desculpe — ele respondeu. — Ela faz um café delicioso. Quer uma xícara?

— Suma daqui, Hector! — Ela estava tentando disfarçar a irritação que sentiu ao ver um usurpador em sua sala. — Você se mudou para cá assim que eu virei as costas! Houve um breve silêncio e ela começou a imaginar o que mais ele tinha usurpado.

— Estou ansioso pelo projeto Danson — ele respondeu. Merda, esquecerá completamente que Susan tinha decidido há meses que ela teria que dividir o projeto com Hector.

— Sim, claro — Bella conseguiu responder.

— O gerente de projeto na Danson estudou em Cambridge comigo.

Almocei com ele para conversarmos sobre o projeto e tudo parece interessante.

Estas eram novidades ainda piores.

— Humm — ela disse. — Quem mais está no escritório hoje? — Oh, Kitty não avisou as pessoas da sua chegada? — Hector perguntou.

— Sim — respondeu Kitty, da porta, — Olá, mamãe — ela disse, estendeu do os braços para Bella, Enquanto Bella a abraçava, viu Susan e Chris saindo de suas salas para

cumprimentá-la.

— Olá, querida — Chris disse quando a cumprimentou. Apertou-a nos braços e a beijou dos dois lados.

— Alô. Parabéns — Susan disse e, por um milésimo de segundo, ficaram se olhando, paradas, até que Susan inclinou-se para um abraço fraco e um beijinho no rosto.

— Então — Susan disse —, conte-nos tudo sobre ele. Ele é lindo e adorável e eu espero que você tenha trazido fotos.

Ora, esta era uma demonstração inesperada de interesse.

— Bom, na verdade... — Bella respondeu, abrindo a bolsa, e todos caíram na risada.

Ela tinha se controlado e levado somente um envelope com umas dez fotos.

— Oh, ele é maravilhoso — disse Kitty.

— Tem lindos olhos — Susan disse. — Parece com você, Bella. Os rapazes foram mais desajeitados: — Sinto muito, mas ele parece o Mao Tse-tung nesta foto — Chris disse, erguendo uma foto do rosto de Markie.

— Chris! — Kitty bateu no braço dele.

Então, Susan, alguém mais vai trabalhar ou vamos encerrar o dia no pub? — Chris perguntou.

— Estamos encerrando o dia — Susan disse.

— Mas são só duas da tarde — Bella lembrou. — Quero trabalhar! — Mas este é um dia muito especial — Chris disse. — Nossa superfuncionária voltou. — Ele colocou o braço ao redor dela e acrescentou: — E tenho que dizer que seus seios estão fantásticos.

Outra onda de gargalhadas.

Todas as ligações foram transferidas para o celular de Kitty e todos foram para o pub do outro lado da rua para beber e fofocar sobre o trabalho e o bebê. Ela não queria que eles ficassem entediados e contou as piores partes do parto com toques humorísticos.

— E então, quando estou sofrendo o máximo que um ser humano pode aguentar sem desmaiar ou morrer, Don e o parteiro — Declon — começam a discutir qual foi melhor jogo de futebol que tinham visto na semana. — Seria o empate ao último minuto do Manchester United ou a final da Liga dos Campeões entre o Bayern de Munique e o Inter de Milão? — ela brincou. — Isto pouco depois de eu ter parido algo do tamanho de um sofá. Tudo o que eu posso dizer, meninas, é "não façam isto em casa".

Da próxima vez eu quero anestesia.

Tomou um golinho do vinho branco e tragou com vontade seu quinto cigarro. Sentia-se relaxada, civilizada e de volta ao normal, como Don disse que seria.

Mas, por volta das seis da tarde, começou a ficar preocupada com Markie e Joanne. Markie nunca tinha ficado tanto tempo sem ela e seus seios estavam aumentando a cada minuto. Chris mal conseguia tirar os olhos deles. Eles estavam ficando quentes e sensíveis: era hora de ir embora.

Ela disse adeus afetuosamente e foi para o carro, sentindo-se feliz e leve. Isto iria dar certo, tudo ficaria bem.

Quando chegou em casa, às 18h45, Markie dormia e Joanne arrumava a cozinha.

— Oi — Bella disse, jogando a bolsa e as chaves na mesa da cozinha. — Quero um relatório completo.

— Ele ficou bem — Joanne disse. — Não morre de amores pela mamadeira. Bebeu um pouco de leite, mas passou um bom tempo sentindo-se ainda desconfortável. Faz uma hora que ele adormeceu profundamente.

Não se preocupe, estamos nos acostumando um como outro e tudo vai ficar bem.

— Obrigada — disse Bella. — Obrigada pela ajuda com a cozinha.

Quer beber alguma coisa? Vou tomar uma taça de vinho.

— Não, obrigada — Joanne respondeu. — Vou embora, se você não se importa. Quer que eu chegue mais cedo na segunda-feira, já que é seu primeiro dia? — Isso será ótimo. É muita gentileza sua. Por volta das 7h45 seria perfeito.

— OK, até lá... Tchau, Markie — ela disse, inclinando-se sobre o moisés.

— Tchau, Joanne — disse Bella.

Serviu-se de vinho e parou ao lado do cestinho do filho. Ele estava deitado de lado, dormindo profundamente, com os pequenos punhos cerrado perto da boca.

Ela não resistiu e o pegou. Ele se espreguiçou, virando instintivamente a cabeça para os seios dela, que abriu a blusa e o sutiã. Ele abocanhou o bico começou a mamar sem abrir os olhos.

Ela acariciou seu rosto carinhosamente. Ele era simplesmente perfeito e tudo iria dar certo.

## Capítulo Trinta e Cinco

Hector e Bella estavam em uma linda salinha no centro da Corporação Danson, tomando um café de comemoração. Tinham acabado de fazer uma excelente apresentação juntos e sentiram que mereciam umas palmadinhas nas costas. O projeto Danson seria divertido, desde que Hector não fosse um saco. Era uma empresa saudável e lucrativa, que queria enxugar custos, ouvir novas idéias e aumentar o giro do capital.

O tipo de projeto que Bella poderia fazer em dois meses no máximo, e dar um bom lucro para a Prentice and Partners.

— Você parece cansada — Hector disse.

— Cansada? Rá! Cansaço é para maricas. — Ela aspirou o odor que saía de sua xícara de café. — Tenho é que me acostumar a funcionar com este nível de falta de sono. Fui para a cama às 21h30 ontem. Acordei à meia-noite e meia, depois às três, e levantei às 6h30. Só as mulheres é que são suficientemente aptas para aguentar isto todas as noites.

— Sente falta do bebê? — Markie? É engraçado, mas não — ela respondeu. — Talvez porque não o associe com o trabalho. Mas quando penso nele, só quero estar com ele. É como quando você se apaixona, sabe, quando quer segurar alguém, olhar para esta pessoa, estar com ela, fazê-la sorrir e olhar para ela enquanto dorme. Sim, sou obcecada. — Cale a boca agora mesmo, Bella — ela disse a si mesma.

— Hummm — Hector respondeu.

— Bom — ela disse, tentando voltar para o trabalho. — Correu tudo muito bem esta manhã. Acho que eles nos adoram.

— Sim — ele disse. — Este é um projeto bom e fácil para você voltar a estar a par das coisas.

— Eu não estou fora das coisas! — ela exclamou — Então me diga quais serão as idéias novas que iremos nos apresentar. — perguntou.

Além da redução de custos e avaliação de praxe, ela queria abordar os níveis de estresse e falta de comunicação na empresa, acrescentando um monte de temas sobre "preocupações com as pessoas"... um expediente menor, centrais para o café da manhã, reuniões de brainstorming informais, licenças para pais e até mesmo uma creche.

— Tem certeza que não é o bebê que a está levando nesta direção? Hector perguntou.

— Não — ela respondeu. — Não sou a única pessoa no mundo com um filho, sabia?

Hector não fez mais comentários e Bella delineou o primeiro lote de dados a serem analisados.

Depois de várias horas de trabalho contínuo, era óbvio que ela precisava cuidar do excesso de leite que começava a vazar dos seios, gigantescos como zepelins. Também precisava telefonar para casa, não conseguia aguentar mais.

— Tenho que parar para tirar leite — ela disse, — Espero que você não ache isto muito estranho.

— Certo — ele disse.

Sentada em uma cadeira no banheiro feminino, desabotoou o sutiã e colocou a bomba em um seio sólido e pulsante. Apertou o gatilho ritmadamente e observou o leite branco-

azulado ser despejado na mamadeira.

É claro que pensava no filho enquanto fazia isto. Imaginava o que ele estaria fazendo agora. Estaria dormindo enroladinho? Estaria olhando ao redor sorrindo? Ou estaria tomando a mamadeira, desejando se enroscar e mamar na mamãe? Ao pensar nisto sentiu as lágrimas surgindo nos olhos.

Deus, ela sentia muita falta dele.

O trabalho parecia surreal, não era mais como antes, era um jogo elaborado, uma maneira de passar o tempo antes de voltar ao mundo real.

Markie era a realidade dela agora, não inventar esquemas e truques para que uma empresa milionária economizasse dinheiro.

Ela lavou os acessórios da bomba, guardou-os numa bolsa preta e ligou para casa no celular enquanto andava pelo corredor.

— Alô. — Bella ouviu a voz de Joanne, apertou o ouvido ao aparelho e ouviu Markie chorando ao fundo.

— Oi, Joanne, é Bella. Queria saber como vão indo as coisas.

— Bom, ele está um pouco nervoso. Mal tocou na mamadeira a manhã toda e agora está faminto e cansado.

— Oh, querido. — O coração de Bella partiu-se ao ouvir o choro no fundo. — O que você vai fazer? — ela perguntou, sem saber o que deveria ser feito.

— Bom, pensei em sair um pouco com ele. Com sorte ele adormecerá e depois de dormir irá querer beber alguma coisa.

— OK, telefone se eu puder ajudar em alguma coisa — Bella disse, mas sentiu-se inútil.

— Não se preocupe com ele — Joanne disse. — Logo as coisas se acalmam e entraremos em uma rotina.

— OK... — ela respondeu, tentando não soar tão ansiosa como se sentia. — OK, tentarei chegar em casa por volta das seis. Até mais tarde.

— OK, tchau — Joanne disse e desligou.

Ela manteve a pose durante o almoço com Hector e vários executivos da Danson, mas o tempo não passava durante a tarde e ela estava desesperada para ir para casa.

As cinco Bella disse a Hector que precisava ir embora.

— Vou levar umas planilhas comigo para ver mais tarde no computador. Se precisar de mim é só ligar, mas preciso mesmo ir embora, é o primeiro dia de Markie sem mim — ela explicou.

— Sim, claro — ele disse. — Mas é uma pena, vou encontrar meu amigo, Peter Garvy, para um drinque depois do trabalho, e ele contava com sua presença.

— Não dá. Por enquanto, drinks depois do expediente estão fora de questão. Diga que almoço com ele esta semana — ela respondeu, tentando massacrar o sentimento de culpa gerado por esta conversa.

O amigo de Hector não era um simples estagiário como ela imaginava, mas um dos executivos principais da equipe do projeto na Danson. Ela não queria mesmo que Hector começasse a ter encontrinhos amistosos com ele enquanto ela ia embora às cinco da tarde. Merda. Mas precisava ir embora.

Assim que entrou no carro, disse para si própria que precisava se controlar. Era a



executiva principal do projeto e lembrava-se da conversa irritada que teve com Chris quando estava grávida. Pretendia aumentar o valor cobrado por dia para que as pessoas não a quisessem nos escritórios por muito tempo. Ela e Susan precisavam conversar sobre a promoção para sócia ou, pelo menos, um aumento.

Como não tinha falado com Don o dia todo, apertou a tecla de memória do celular.

— Olá — ele respondeu quase imediatamente, soando tenso e estressado como sempre.

— Oi, Don, sou eu. — Bella. Oi, o que foi? — Don! É o meu primeiro dia de volta ao trabalho. Não vai pelo menos perguntar como foi? — Oh, Deus! Andei muito ocupado, querida. Estava no tribunal, acompanhando o julgamento do caso Mitchell.

— Oh.

— Como vai indo? — ele perguntou.

— Eu vou bem, mas acho que Markie está passando maus bocados.

Quando liguei na hora do almoço, ele gritava a plenos pulmões e não tomou nada de manhã.

— Ele vai ficar bem — Don disse. — Tente não se preocupar com isso.

— Vou para casa mais cedo — ela disse.

— OK. Jante sozinha. Vou chegar tarde, por volta das nove, dez horas.

— OK. Acho que não vou ver você então, já estarei dormindo — ela disse, um pouco chateada com isso.

— Conversamos depois, querida, preciso ir.

— OK, então, tchau. Depois de dirigir frenética e impacientemente para casa, através de avenidas engarrafadas, Bella subiu correndo os degraus de casa, desesperada para ver seu bebê. Abriu a porta da frente e já o ouvia chorar.

Correu para a sala, onde encontrou Joanne embalando seu filho, que estava vermelho de raiva e inconsolável. Pegou-o nos braços e desabou no sofá. Enquanto lutava com os botões da blusa e o gancho do sutiã, Markie já estava se acalmando e virando a cabeça em sua direção para mamar.

Só quando abocanhou um seio ele abriu os olhos e olhou para ela pela primeira vez.

— Ele está assim o dia todo? — Bella perguntou.

— Infelizmente, sim. Dormiu bastante à tarde, mas está chorando sem parar desde as quatro horas.

— Oh, meu Deus. — Bella estava cheia de culpa.

— Não consigo fazê-lo tomar a mamadeira. Quer dizer, ele toma alguns goles. Nem quis beber água. Tenho medo de que ele se desidrate com este calor. — Joane parecia perturbada.

— E o instinto de sobrevivência? — Bella disse. — Pensei que bebês fossem programados para comer ou beber quando estivessem com fome.

— Eu também achava isso — Joanne disse.

— Ele não vai fazer greve de fome sem a minha presença, vai? — Bella perguntou.

— Não, acho que não — Joanne disse. — Mas vai passar horas bastante desconfortáveis esperando você voltar para casa.

— Oh, meu Deus — Bella disse novamente.

— Olhe, as coisas vão melhorar em uma ou duas semanas. Não podemos desistir já. — O

tom sensato e reconfortante de Joanne fez sentido. — Vou fazer uma xícara de chá antes de ir embora. Você deve estar cansada.

— Obrigada — disse Bella. Sim, ela estava cansada. Afundada no sofá, imaginou onde iria encontrar forças para se levantar.

Uma hora depois, com Markie aninhado contra ela, dormitando e mamando ocasionalmente, sabia que não tinha forças para se mover. Pediu comida chinesa pelo telefone ao lado dela e assistiu ao noticiário na TV enquanto esperava planejava jantar, tomar um banho com Markie no cestinho ao lado dela e ir deitar com ele. Foda-se o trabalho que tinha levado para casa.

Decidiu que Markie iria dormir e comer ao lado dela a noite toda, pensando que isso lhe daria mais tempo de sono do que acender a luz, tirá-lo do berço para mamar nos dois seios, depois tentar colocá-lo para dormir novamente, o que levava uma eternidade.

Colocou a cabeça no travesseiro pouco depois das 21 horas, para ela ainda cedo, mas parecia que eram duas da madrugada depois de um dia duro de trabalho e uma noite.

Foi uma noite tumultuada. Don acordou quando deitou por volta da meia-noite. Depois Markie acordou quase de hora em hora para mamar.

Finalmente, às seis da manhã, não havia motivos fingir estar dormindo e decidiu levantar. Olhou para seu marido, que dormia tão profundamente que nem se mexeu, pegou o bebê e foi para a sala. tomaram o café da manhã e assistiram ao noticiário juntos.

Quando Joanne chegou, Bella estava pronta, com cabelo e maquiagem arrumados. Só vestiu sua roupa no último minuto, para evitar que o vômito do bebê a sujasse. Don ainda estava na cama.

— Simplesmente ignore meu marido — Bella disse a Joanne. — Ele provavelmente vai acordar tarde.

— Markie parece feliz hoje — Joanne disse ao vê-lo gorgolejando no chão da sala.

— Sim, e está com a barriga cheia porque se entupiu de leite a noite toda.

— Puxa vida — Joanne disse. — Isto não é fácil para você.

— Humm. Há um monte de mamadeiras com leite materno na geladeira para ele hoje. E ele precisa ser trocado para vestir roupas limpas.

Não tive chance nem energia para fazer isso — ela confessou.

— OK, vá embora. Vamos ficar bem, não se preocupe. Bella pegou seu filho, beijou-o e abraçou-o.

— Tchau, doçura, volto logo.

Assim que o colocou novamente no chão, ele começou a chorar. Ela saiu de casa com o coração na mão.

## Capítulo Trinta e Seis

Bella telefonou para casa na manhã de sexta e mal conseguiu ouvir Joanne por causa dos gritos de seu filho ao fundo.

Markie chorou a semana inteira, durante quase todo o tempo em que não esteve em casa. Agora se recusava terminantemente a beber qualquer coisa, e ela tinha a estranha sensação de que ele estava se afastando quando ela chegava em casa à noite. Ele parecia virar o rosto, não interagia muito, simplesmente mamava e dormia quando ela estava por perto, não parecia interagir mais e não sorria desde quarta-feira.

Joanne parecia tensa e perturbada, já que estava claro que não sabia mais o que fazer para tirar o bebê daquele estado.

— Por que você não o traz aqui? — Bella perguntou. Ela sabia que não era uma boa idéia, tampouco prática, mas esperava que isto gerasse algum tipo de alívio. Markie seria amamentado por Bella, dormiria a tarde inteira, porque estaria com a barriga cheia, e Joanne se distrairia com a viagem até o escritório.

— Sim, por que não tentamos? — Joanne parecia animada com a idéia.

À uma da tarde em ponto, Bella recebeu um chamado da recepção e mandou os visitantes subirem. Ela tinha avisado Hector, que saíra mais cedo para almoçar, para que ela pudesse ter privacidade.

Joanne chegou com Markie em uma cadeirinha.

— Espero que você não se importe que eu tenha usado isto, mas é que os carrinhos são difíceis de usar no metrô — ela disse quando entrou na sala.

— Não, não — disse Bella.

— É um escritório muito bonito — Joanne acrescentou.

— Sim. Estou trabalhando em um projeto aqui. Como vai ele? — Bella olhou ansiosamente para a cabecinha que via no alto da cadeirinha.

— Está tirando uma soneca. Ficou exausto de tanto chorar, mas tenho certeza que vai acordar com a proximidade do almoço.

— Isto é simplesmente terrível — Bella disse.

— Ele está muito agarrado a amamentação — Joanne disse. Nunca vi nada assim antes. Você deveria ter dado mamadeiras logo de saída. A maioria das mulheres que pretendem trabalhar faz isso.

— Mas o leite materno é tão bom para eles. Ninguém me avisou que isto poderia acontecer.

Bella tirou seu filho do colo de Joanne. Seu cabelo estava grudado na testa com suor e o macacãozinho, úmido. O rostinho estava corado.

— Ele está um pouco quente, Joanne — Bella disse, embalando-o nos braços.

— Está muito quente lá fora e senti calor no metrô. Desculpe, deveria ter pensado nisso — ela disse.

Markie acordou quando sentiu Bella e, instintivamente, começou a mamar. Assim que ele começou, Bella sentiu-se relaxar. Quem sabe Joanne poderia trazê-lo todos os dias na hora do almoço? Talvez fosse esta a maneira de aguentar as próximas semanas. Era óbvio que era só o que ele precisava para aceitar a mamadeira, acostumar-se a este novo cenário

onde ela não estava por perto o dia todo, não? Ela sentiu o peso da culpa em seu coração ao olhar a bochechinha mover-se a poucos centímetros de seu rosto.

Markie mamou lentamente nos dois seios. Quando estava completamente entupido de leite, parou de mamar. Bella olhou o leite branco escorrendo no queixo dele. Estava dormindo profundamente. Ela o acariciou suavemente. Parecia uma maldade mandá-lo de volta, para dormir em casa. Ele iria acordar e não entenderia onde tinha estado e por que ela não estava mais lá.

Ela abotoou o sutiã e arrumou a blusa. Alguém bateu na porta.

— Entre — ela disse, pensando que fosse Hector.

A porta abriu e ela ficou horrorizada ao ver Tom Proctor, o diretor financeiro que tinha demitido da AMP no ano passado. Aquele que telefonara para ela, chamando-a de filha-da-puta. Meu Deus, ela ainda lembrava-se daquela conversa, palavra por palavra.

— Ora, ora, você novamente. — Não havia como ocultar o desprezo na voz dele. — Não achei que seria tão azarado assim, mas aqui estamos nós. Quando a merda bate no ventilador, ela atinge a todos.

Ela não via motivos para responder a isto.

— Hora de reunião na creche, é? — ele perguntou com desdém. — Não, na verdade não há uma creche na Danson. — Como ele se atrevia a fazer com que ela sentisse culpa por ver seu filho? — Está trabalhando conosco, sr. Proctor? — Tentou soar simpática.

— Espero sinceramente que não — ele respondeu. — Vou fazer o possível para eliminar vocês, seus parasitas, do prédio.

— E qual é o seu cargo aqui? — ela perguntou, tentando evitar demonstrar pânico na voz.

— Sim, claro, você está doida para saber isso, não está? Mas acho que vou deixá-la em suspense, sra. Browning. E tome cuidado comigo.

Depois de dizer isso, bateu a porta e sumiu. Bella olhou para Joanne e viu a expressão horrorizada no rosto dela.

— Não se preocupe com ele — ela disse, tentando esconder como estava abalada. — Ele é um imbecil. Tenho certeza que se estivesse em um cargo com autoridade suficiente, teria dito. Ele só quis me assustar. — Ela esperava que isto fosse verdade.

Temos um contrato com a empresa, um contrato de meio milhão de libras, ela repetiu para si mesma.

Era hora de Joanne ir embora. Bella beijou o bebê na testa e o passou para ela, sentindo-se uma traidora. Joanne o colocou na cadeirinha e ele dormia tão profundamente, tão saciado, que nem se mexeu.

— Até mais tarde — disse a babá, pegando suas coisas e saindo.

— Tchau e obrigada por trazê-lo. — Bella observou a porta fechar e de repente sentiu-se fraca e tonta.

Seu celular começou a tocar e ela foi até sua mesa e atendeu distraída, enquanto Hector entrava.

— Olá — ela atendeu.

— Olá, Bella. — Ela não reconheceu a voz.

— Sim, quem é? — perguntou.

— Achei que você não iria se lembrar. — Era um sotaque americano, entrecortado e frio.

— Mitch! Como vai? — ela disse ternamente.

— Como diabos você acha que eu vou? Acabei de ser demitido. O grupo Merris perdeu a ação judicial, a empresa foi comprada por um bando de abutres sedentos por dinheiro. Ninguém é mais culpado por tudo isto do que você, e eu não acredito que você não tenha me avisado.

Ela estava boquiaberta.

Mitch continuou, furioso: — Eu perguntei a você, Bella, fui vê-la em seu escritório, Disse que meu filho estava para nascer. Você podia pelo menos ter me avisado, não? Bella sentiu como se tivesse sido esbofeteada, ou como se lhe tivessem dado um soco no estômago e tirado a vontade de resistir.

Não estava disposta a repetir a mesma ladainha de sempre — que a empresa estava indo ladeira abaixo, que Mitch iria perder o emprego de qualquer modo, que ela tinha sido a última chance de salvação do Grupo Merris. Talvez Mitch tivesse razão, talvez ela tivesse arruinado a empresa.

Mas, acima de tudo sabia que não queria mais ser a pessoa a ouvir toda esta merda o tempo todo.

— Você não tem nada a dizer? — ele perguntou.

— Sinto muito — ela murmurou —, eu não sabia.

— Bom, é um pouco tarde para desculpas. É uma merda. E tarde demais para isso.

Houve uma longa pausa.

— É só isso o que você tem a dizer? — ele perguntou, ainda mais furioso por ela não lhe dar uma chance para brigar.

— Sim — ela sussurrou. Mitch desligou.

— Oh, merda — ela disse entre dentes.

— Quem era? — Hector perguntou.

— Alguém do Grupo Merris. Alguém um pouco zangado — ela murmurou. — Não sabia que tinham perdido a ação.

— Sim. Apareceu nos noticiários semanas atrás — Hector respondeu Não ligue. Você deveria ter lhe dado a sua famosa resposta: vá se foder e trabalhar no campo restaurando móveis — Hector disse com uma gargalhada, e ficou atônito ao ver Bella explodir em lágrimas.

— Ora, vamos lá, Bella, recomponha-se — ele disse — ou as pessoas vão mesmo pensar que você não dá mais conta do trabalho.

Ferida com o comentário, percebeu imediatamente que Hector achava que ela não dava mais conta do que fazia e imaginou para quem mais ele teria dito isto.

Escondida no banheiro feminino, acendeu um cigarro e deu uma tragada profunda. OK, disse para si mesma, mais duas horas de trabalho e saio daqui. Talvez Markie nem tenha acordado. Mas quando ligou para casa, ao sair do escritório, os gritos altos no fundo disseram o contrário.

Agüente firme, Joanne, estou entrando no carro e chego aí em 40 minutos.

Mas não foi o que aconteceu, Bella ficou presa em um enorme engarrafamento, na companhia de motoristas zangados e com calor, que buzonavam e xingavam uns aos outros. Seus seios estavam duros, quentes e vazando leite na blusa grudada com suor em

seu corpo. Ela apertou o botão para fechar a capota do carro, a fim de poder chorar sem chamar a atenção das pessoas. O dia fora uma merda de um pesadelo.

Finalmente, chegou em casa e desabou no sofá com o bebê.

Joanne foi buscar uma bebida gelada na cozinha enquanto Markie mamava freneticamente.

— Fiz algo para comer — ela disse, entregando um copo de suco de frutas gelado para Bella.

— Oh, obrigada. — Bella sentiu-se pateticamente grata. Joanne também arrumara a sala, apesar de ter dito anteriormente que se recusava a cuidar da casa. Mas não era de surpreender, a casa estava um nojo, com bolas de pó nos cantos e quatro dias de pratos sujos empilhados.

Maldito Don, ele não deveria ajudar um pouco? Em vez disso, ele chegara tarde em casa todas as noites, e ela saía antes dele acordar.

Bella mordiscou o delicioso sanduíche de galinha com tomate, escorregando em maionese e mostarda e, às vezes, olhava para Joanne, que também comia um. Não havia muito a dizer. Joanne tivera um dia terrível e Bella estava comovida. As duas esperavam que as coisas melhorassem na semana seguinte.

— Realmente entendo como as coisas estão difíceis para você no momento — Bella disse.

— Espero que melhorem.

— Eu também. Vamos esperar e ver o que acontece — Joanne respondeu. Logo depois de comer o sanduíche, ela saiu e Bella e Markie ficaram sozinhas. Bella acariciou sua bochecha e o aninhou perto dela.

Encostada nas almofadas do sofá, dormiu profundamente com Markie nos braços.

Eram 22h30 quando Markie começou a chorar. Ela abriu os olhos e ficou momentaneamente surpresa ao ver um teto e cortinas diferentes, até perceber que estava na sala.

Olhou para o bebê aninhado contra seu peito. Seu rosto estava rosado, marcado pelas dobras das roupas. Estava banhado em suor por ter dormido tão junto dela. Havia uma umidade reveladora nas costas dele; oh, nojeira, conseguia ver uma meleca amarela escorrendo para fora da fralda.

Decidiu ir para o andar de cima, onde os dois poderiam despir-se e tomar um banho de banheira juntos antes de dormir.

Para variar, o dia seguinte, sábado, foi perfeito. Assim que Don saiu das profundezas do seu sono, tomou conta dos dois. Tomou conta do bebê, cozinhou e arrumou a casa. Markie esteve calmo e contente o dia todo mamou bem, dormiu longas sestas e deixou Bella livre para andar pela casa e relaxar.

Ela deitou no sofá, observando a luz do sol entrar na sala, e ficou contente em ver como o ambiente era bonito, branco-neve, com cortinas leves agitando-se na brisa e grandes faixas de luz no elegante piso de madeira clara.

No domingo de manhã, Bella estava tão calma e descansada que, quando telefonaram para Don dizendo que ele iria cobrir um acontecimento fora da cidade por um ou dois dias, não se abalou. Pensou em ligar para Red ou Tania, a fim de ter companhia, e lembrou que não falava com Tania há semanas. Mas, de algum modo, o dia passou e ela não fez nada. Era engraçado como a idéia de ligar para Mel, Lucy ou Jaz parecia quase ridícula agora. Sobre o

que conversariam? As antigas amigas dela não iriam se interessar por Markie.

Ela brincou com seu filho, balançando coisas acima da cabeça dele, observando-o esticar as mãozinhas. Ele estava muito surpreso com suas mãos, abrindo-as e fechando-as, maravilhado, e ficava assustado quando elas o tocavam. Bella o observava com total devoção e ele a recompensava com longos olhares de adoração e o ocasional indício de sorriso. Na noite de domingo ela sabia que não queria voltar ao trabalho, que não poderia passar outra semana como a anterior, onde todos sofreram.

O trabalho do próximo mês na Danson era basicamente a análise de números e não havia motivos para que ela não pudesse fazer isso em casa.

Hector poderia mandar os dados diariamente por e-mail. Poderia telefonar sempre que precisasse dela. Com os diabos, poderiam fazer uma reunião a cada dois dias se preciso, mas basicamente ela iria trabalhar em casa.

Poderia amamentar Markie sempre que ele tivesse fome e Joanne poderia cuidar dele enquanto ela trabalhava.

Quanto mais Bella pensava a respeito, mais perfeita a solução parecia. Por que não tinham feito isso desde o começo? Pura ingenuidade.

Ela não sabia como era um bebê com nove semanas e ninguém no escritório sabia também.

Estava na hora de explicar para eles como era.

## Capítulo Trinta e Sete

Na a manhã de segunda-feira, Bella vestiu sua roupa de trabalho, colocou sapatos de salto alto e foi para o escritório. Pensou em manter o plano A até que todos soubessem sobre o plano B. Às 8h05, ainda no carro, decidiu ligar para Susan, antes de cair no congestionamento da manhã. Discou para a linha direta.

— Alô — ela atendeu antes do segundo toque.

— Susan, oi, é Bella.

— Oh, oi, Bella. Estive pensando em você. Como vai indo? — Estou bem. Mais ou menos. Você tem um tempo livre hoje? Durante o almoço ou depois do expediente para um encontro rápido? Houve uma pausa. Susan estava, sem dúvida, olhando a agenda superlotada em busca de um tempinho livre.

— Não, estou completamente lotada. Você está falando comigo no único momento livre do dia todo.

Ah, bom, lá vai. Bella pensou, respirando fundo.

— Gostaria de sugerir que eu fizesse a minha parte do projeto da Danson em casa nas próximas semanas. Não falei com Hector nem com a Danson ainda, queria discutir primeiro com você.

Nenhuma resposta. Bella pensou que o melhor era continuar: — Hector e eu podemos nos comunicar por e-mail e telefone e termos reuniões regulares. Realmente acho que não haverá problemas.

— O que causou esta idéia? — Susan perguntou.

— Bom, tenho uma babá, mas meu filho está tendo sérios problemas comigo fora o dia todo, Susan. Ainda estou amamentando e ele precisa de mim por perto.

Ela tentou não ser muito emotiva ao dizer isto.

Houve total silêncio da parte de Susan. Bella esperou um minuto e depois pensou se deveria dizer mais alguma coisa.

Finalmente, Susan falou: — Bom — disse —, tenho montes de outras coisas que você pode fazer para mim em casa, Bella. Mas se você quer fazer dela a sua base por um tempo, Hector assume o projeto Danson sozinho, sob a supervisão de Chris.

Bella não podia acreditar. Estava abalada, completamente chocada para fazer mais alguma coisa além de respirar.

— Isto está bom para você? — Susan disse, descontraída.

— Não, merda, não está! — Bella ficou surpresa com a raiva em sua voz.

— Hector! — exclamou. — Não acredito no que ouvi. Lembre-se que este é um contrato de meio milhão de libras que eu consegui para você.

Abandonei um mês inteiro da licença-maternidade para voltar ao trabalho e tudo o que estou pedindo é um pouco de flexibilidade. Hector é o funcionário mais novato no escritório e era meu assistente no projeto.

Susan respondeu, calma e controlada: — Não me venha com chiques infantis, Bella. Sim, é meio milhão de libras que está em jogo aqui e eu não vou correr riscos. Hector contou na sexta que você não parecia estar pronta para voltar ao trabalho. Comentou que estava chorona, saindo cedo. impossibilitada de participar de reuniões importantes. E,



aparentemente, há um executivo sênior na empresa com quem você tem problemas.

Bella estava abalada, o merdinha puxara o tapete dela.

— Vá para casa e pense a respeito por um ou dois dias se quiser — Susan continuou antes que Bella pudesse contradizer a versão de Hector: — Estou certa de que você vai me dar razão. Tenho muito trabalho para mantê-la ocupada, mas não vou arriscar nossa reputação mandando você para um de nossos clientes antes que esteja de volta à forma antiga.

Bella não podia acreditar no que ouvia. Estava sendo rebaixada para a posição de Hector, e ele estava nos bastidores, pronto para pegar o emprego dela. Seu adorado emprego, pelo qual tinha lutado tanto.

— Eu deveria ter sido promovida depois do projeto Merris, Susan — ela disse, surpresa com sua calma. — Em vez disso, você está me rebaixando porque tive um bebê.

— Não estou rebaixando você — Susan retrucou.

— Se você colocar Hector como o número um do projeto Danson, não me deixa outra alternativa a não ser pedir demissão. — Ela percebeu que estava falando muito sério.

— Pelo amor de Deus, Bella, não seja melodramática. Está na cara que você está cansada e com efeitos pós-parto. Não faça nada que vá lamentar depois.

Bella estava tão furiosa que perdeu a voz. Susan falou novamente, agora também zangada: — Pedir demissão! Não seja ridícula, É claro que você não vai pedir demissão. Este é o emprego dos seus sonhos, você nasceu para isto, não vai ficar sentada em casa e fazendo purê de cenouras, você vai enlouquecer.

Houve uma longa pausa e depois Bella começou a falar, reconhecendo a verdade em suas palavras somente depois de dizê-las: — Quer saber de uma coisa? Eu vou pedir demissão. Não é ridículo.

Deixar meu bebê de dois meses sozinho o dia todo com uma desconhecida é que é ridículo. Obrigada por me fazer entender isso.

Outro longo silêncio e Susan gritou: — Bella? Bella? Não se atreva a desligar o telefone agora, Bella. Se você desligar, seu emprego já era. E eu estou falando a sério, não vou renegociar nada com você... Bella? Bella afastou o fone do ouvido e apertou o botão para desligar.

Ficou olhando, incrédula, o símbolo na tela verde que indicava que o telefone fone estava desligado.

O símbolo da caixa postal estava piscando, ela a ativou e leu um texto maravilhosamente inadequado de Don: "Ñ deixe q eles a chateiem.

Amo vc. D." Jesus. Ela balançou as chaves do carro na mão e pensou no que iria fazer. Ainda não queria voltar para casa, precisava de tempo para pensar.

Decidiu ir para o café ao lado de seu apartamento antigo.

Durante o trajeto de 15 minutos, ela repassou as palavras de Susan várias vezes em sua mente: "Você está cansada e com efeitos pós-parto...

Não vai ficar sentada em casa e fazendo purê de cenouras." Estava tão furiosa que teve dificuldades em dirigir em linha reta.

Mas ela tinha pedido demissão. Sentiu o estômago revirar com as implicações da decisão. Nada de Danson, nada de Prentice, nada de Chris e Kitty, nada de grande salário. Mas, por outro lado, nada de deixar Markie para trás... bom, por enquanto. Deus ela precisava pensar

a respeito de tudo.

No café, bebeu várias xícaras de café com leite e fumou cinco cigarros. Não ajudaram a clarear a situação, mas sentiu-se mais calma, em uma forma cafeinada cheia de nicotina. OK, ela pedira demissão da Prentice, passaria alguns meses em casa com Markie em período integral e depois voltaria ao trabalho. Que diabo, ainda poderia aceitar a oferta de Merris, quer dizer, se ele ainda tivesse uma empresa para administrar. Ela estremeceu ao lembrar do telefonema de Mitch.

De repente, sentiu uma enorme vontade de conversar com Chris sobre tudo o que aconteceu e ligou no celular.

A reação dele não a surpreendeu: — O que?!!!! — Tive uma discussão com Susan esta manhã — ela explicou. — E pedi demissão.

— Bella! Que diabos aconteceu? — Eu só queria fazer o trabalho da Danson em casa. Achei que seria perfeitamente possível. Mas ela disse que daria o projeto Danson para Hector gerenciar e eu teria "outras coisas" para fazer.

— Oh, meu Deus... e você se descontrolou? — Chris! — Bella sentiu-se extremamente na defensiva. — Fiquei muito ofendida com o fato de ela não acreditar que eu poderia trabalhar desta maneira. E ela ia dar o contrato, que eu consegui, para aquele cretino.

Ele telefonou para ela na sexta-feira e disse que eu não estava à altura do projeto.

— Jesus. — Chris soltou um longo suspiro. — Mas você está contente com esta decisão? Quer mesmo ir embora? — Não acho que tenha tido outra possibilidade, Chris. Não sei.

Tenho que pensar. Agora só quero estar com meu filho.

— Escute... talvez você precise de uns dias de folga, para pensar — ele disse. — Por que não deixa alguns dias passarem e telefona novamente para ela? tenho certeza que podemos resolver as coisas. — Bella... — Chris agora estava quase suplicando. — Você não quer mesmo ir embora, quer? De repente Bella sentiu-se exausta, cansada demais para lidar com tudo isto, tão cansada que não se importava mais com nada.

— Não sei, Chris — ela conseguiu dizer, — Você tem razão, não estou com cabeça para tomar decisões. Preciso ir para casa, preciso dormir.

— Eu ligo para você. Cuide-se.

— OK, obrigada. Sabe, você é mesmo legal — ela disse.

— Obrigado, tchazinho — disse Chris.

— Tchau — ela respondeu.

Ela precisava voltar para casa. Pagou a conta, entrou no carro e voltou para casa pensando no que diabos iria dizer a Don.

Quando entrou em casa, ouviu os gritos desesperados de Markie no andar de cima, mas também ouviu a TV ligada na sala. Viu Joanne deitada no sofá assistindo a televisão.

Joanne virou-se para ela, com a boca aberta.

— Bom, você está despedida — Bella disse simplesmente.

— Não há nada que eu possa fazer para que ele se sinta melhor. Tive que deixá-lo chorar até que durma — ela explicou, levantando-se rapidamente.

Bella estava pálida de raiva, mas controlada.

— Não me interessa — disse. — Não é o que eu faria e preciso de uma babá que faça as coisas do meu modo ou Markie nunca será feliz.

Joanne ficou vermelha, pegou a bolsa e o paletó. Olhou para Bella, querendo obviamente dizer algo antes de sair.

— Você deveria ter dado mamadeiras logo de saída. A situação em que se meteu é injusta para ele e para mim — disse em voz alta.

— Obrigada, Joanne — Bella respondeu sombria. — Pode ir embora Acertarei as contas com a agência.

Bella ficou parada onde estava na sala até ouvir a porta bater com força e subiu correndo para ver seu filho.

Ele estava deitado de costas no berço ao lado da cama. Seu rosto estava vermelho de tanto chorar e os bracinhos se agitavam no ar furiosamente.

Deus, como Joanne pôde deixá-lo deste modo? Bella o pegou e afundou na cama. Colocou travesseiros atrás das costas e despiu-se depressa para amamentá-lo.

Depois da mamada, os dois dormiram.

Bella acordou com o toque do celular. Colocou Markie gentilmente no berço e correu para o hall. Diabos, onde o tinha metido? O toque parou e o telefone de casa tocou.

Ahá, ela sabia quem era.

Correu de volta para o quarto, a fim de atender. — Bella? — Era Don, com voz ansiosa. — Sim. Está tudo bem? Não a encontrei no celular e resolvi tentar o telefone de casa.

— Está tudo ótimo — ela disse. — Tirando o fato de que pedi demissão e despedi a babá, está tudo bem.

Don xingou. Ele sabia que isto não era uma piada por causa do estranho tom de voz dela.

Bella segurou firme o telefone e esperou pelo que vinha depois.

— OK — ele disse, agora muito tenso. — O que aconteceu? Bella fez um breve resumo da briga com Susan e da demissão de Joanne. — Certo — Don disse. — Posso voltar estar noite, acho que deveria. Está na cara que você precisa conversar. Era a resposta certa.

— Obrigada, isso seria muito bom — ela disse. Ele prometeu chegar lá pelas sete da noite.

— Dirija devagar — ela pediu, imaginando-o em disparada com o jipe pela faixa expressa da rodovia na pressa de chegar em casa.

Don ficou surpreso ao voltar e encontrar a casa tão pacífica; enquanto voltava para casa, imaginou o pior sobre Bella. Esperava encontrá-la histérica, à beira do suicídio, com um bebê gritando nos seus braços. Em vez disso, a encontrou aninhada no sofá, vendo TV, com Markie dormindo com a boca no seio. Ela tomara banho e o cabelo úmido estava preso no alto da cabeça.

Eles deram um beijinho de olá. Ela cheirava a limpeza, flores e leite, e ele estava com a barba por fazer, ensebado e fedia ao café gorduroso onde passara a tarde.

— Você parece incrivelmente calma — Don disse, sentando-se no sofá ao lado dos dois. — Esperava encontrar os dois tendo um chique.

— Eu estou muito calma — ela disse, sorrindo, para ele. — Preciso de mais um tempo para ficar com Markie e depois não terei problemas para encontrar outro emprego.

— OK — ele disse. — Você parece estar decidida. Não quer deixar uma porta aberta na Prentice? Tenho certeza que pode ajeitar as coisas.

— Talvez, mas não agora. Tenho que provar algo a Susan.

— Certo... e o que seria? — Agora ele estava irritado com ela.

— Que não pode ter tudo do jeito que ela quer.

— Acho que não é só ela quem precisa aprender isso — ele disse devagar. Bella virou-se para ele.

— Vá se foder, Don. Esta é a minha vida. Eu tenho o direito de tomar minhas próprias decisões.

— Claro que sim, Bella — ele retrucou. — Só não quero ver você jogar sua carreira no lixo porque quer passar algumas semanas a mais no papel de boa mãe.

— E que merda isso significa? — ela perguntou, furiosa.

— Você se matou para conseguir aquele emprego e adora o que faz.

Não acredito que tenha jogado tudo fora por causa de uma briguinha boba.

— Boba? Ela não iria me deixar trabalhar em casa. Não me deixou ficar aqui com um bebê de dois meses que precisa de mim.

— Ela disse que você poderia trabalhar em casa, só que em outra coisa — ele recordou.

— Ela ia dar o meu trabalho para Hector! — Bella gritou, Markie acordou assustado e começou a chorar.

— Sim, claro, este é um motivo perfeitamente lógico para pedir demissão. Orgulho ferido

— Don respondeu.

— Vá se foder — Bella disse outra vez. — E vá tomar banho, você está fedendo horrivelmente.

Don saiu batendo os pés e Bella ficou amamentando Markie novamente para que ele voltasse a dormir. Estava muito magoada e zangada. Tinha dado um passo enorme, embora não tivesse pensado a respeito, e precisava do apoio de Don. Ele sempre tinha ficado do lado dela antes, feito com que ela se sentiu-se confiante, compreendida e fantástica.

Agora ela estava insegura e totalmente furiosa com ele.

Don, debaixo do chuveiro quente e coberto de espuma, não estava com melhor humor. Esteve fora por dois dias e, honestamente, desejava não ter voltado. Tinha saudades de como as coisas eram antigamente.

Lembrava-se de comer na cama e do sexo fantástico. O relacionamento deles estava se transformando em tudo que ele tinha medo na vida de casados, tudo o que não queria — brigas, o bebê berrando, uma casa caótica, frustração sexual.

Pela primeira vez na vida, estava de saco cheio de Bella. Ela sempre fora tão divertida interessante, atrevida, ousada. Tudo isto agora era tão mundano e estressante. Como é que ela achava que eles iriam pagar a hipoteca sem o salário dela? Bella estava pensando exatamente a mesma coisa quando o telefone tocou.

Era Tania, mas Bella não ficou muito contente em ouvi-la.

— Oi. como vai indo? — a amiga perguntou.

— Bem... Pedi demissão hoje.

— Mesmo? Recebeu uma oferta melhor? Sua vaca, não se atreva a ganhar mais do que eu.

— Rá, rá. Não, decidi ficar em casa mais alguns meses cuidando de Markie e procurar outro emprego depois — Bella explicou.

— Oh, meu Deus! Agora estou mesmo chocada! — Tania caiu na gargalhada — O que você vai fazer o dia todo? E com que dinheiro vai viver? — A resposta à sua primeira

pergunta é foder muito. — Agora Bella estava gélida. — E vou viver com as minhas economias — mentiu. — E às custas do meu marido, se ainda tiver um. São só dois meses, pelo amor de Deus, é só não fazer compras por algumas semanas.

— Que chato — Tania gemeu. — Liguei para convidar você, vamos sair no sábado, só nós duas. Podemos ter um dia exclusivo para meninas, fazer compras, beber cappuccinos, quem sabe fazer uma massagem ou algo assim. Tive uma semana muito estressante e quero conversar com você sobre Greg.

— Tania — Bella cortou —, tenho um bebê pequeno e estou amamentando, não posso passar um dia longe dele. E eu não quero fazer isso — ela bufou.

Tania não respondeu e Bella disse: — Desculpe. Por que você não vem para cá? Faço um almoço, podemos passear com Markie e dar uma longa caminhada.

— Meu Deus, Bella, você está prestes a se transformar em uma esposa de subúrbio — Tania brincou.

— Bom, pelo menos não sou uma pobre Bridget Jones — Bella disparou. — Por que não me liga novamente quando tiver crescido? — E bateu o telefone.

Jogou-se novamente no sofá e ficou deitada olhando seu filho adormecido no cestinho.

Que maravilha, ela disse para si mesma. Nesse ritmo vou acabar sem trabalho, sem marido e sem amigos. E em parte pensou "E daí? Meu filho me ama e eu só quero é estar com ele".

E acariciou a cabecinha com cabelos encaracolados.

## Capítulo Trinta e Oito

Bella levantou-se bem devagar para poder tirar seu bebê adormecido dos braços e colocá-lo no berço. Deitou-o com movimentos mínimos e cuidadosos, mas assim que a cabeça dele tocou o colchão, acordou e começou a chorar. Um xingamento escapou de seus lábios. Droga, droga, droga. Já era a terceira vez que teria que se sentar e colocá-lo no seio até que ele adormecesse, e depois tentar movê-lo. Estava furiosa com ele. Por que não conseguia dormir sem um mamilo em sua boca? Por que não podia deixá-la sozinha por meia hora para que pudesse fazer algo por ela mesma, lavar a louça do café da manhã, tomar um banho, deitar no sofá em paz. Precisava ficar sozinha, pelo menos por alguns minutos.

Ele estava tão cansado que ela sabia que deveria deixá-lo no berço, berrando até que dormisse, mas não era capaz de fazer isso. Nas tentativas anteriores ele chorara, chorara e chorara, e no fim ela sempre desistia, pegava-o no colo e o confortava dando o seio.

Todos os exemplares da montanha de livros sobre bebês com os quais se tinha cercado recentemente avisavam que alimentar um bebê até ele dormir era uma má idéia, mas o hábito já tinha se enraizado agora.

Markie estava com quatro meses e meio. Era assim que ele dormia, de manhã, ao meio-dia, à noite, de madrugada. Ela não sabia como corrigir o mau costume. E só se sentia pior em saber que a culpa era toda dela. Pegou o bebê com brutalidade.

— Seu chato! — ela gritou, Ele chorou ainda mais alto, assustado. — Desculpe, desculpe — ela o acalmou contra o ombro e sentiu que iria chorar também.

Deitou no sofá e colocou Markie ao lado dela para que pudesse pegar o seio. Ele mal tinha sugado um pouco de leite e dormiu novamente. Seus lábios fizeram ruído quando soltaram o bico do seio e para sua irritação, o barulho o acordou e ele voltou a mamar rapidamente. Finalmente, dez minutos depois, ele adormeceu profundamente. Ela não se atreveu a mexer nele. Se ele acordasse novamente, ela temia que fosse sacudi-lo, bater nele ou fazer algo que considerara inimaginável anteriormente. Agora, com mil pequenas frustrações sobre ela noite e dia, sabia que qualquer pessoa poderia agredir o próprio filho, desde que chegasse a seu limite.

E ela estava muito perto do limite. Estava absolutamente exausta.

Todos os dias mantinha-se com seis ou sete horas intercaladas de sono, estava com olheiras duplas debaixo dos olhos e sua pele estava acinzentada.

Só tinha energia para passar o dia e nada como reserva. Isto era demais.

Cuidava do bebê o dia todo, amamentava dia e noite, Don fazia o jantar em algumas noites e ajudava no fim de semana, mas tirando isso ela não tinha mais nenhum apoio.

No momento não via uma saída. Não podia contratar uma babá enquanto estava sem trabalho por causa da culpa com a despesa, e porque ainda detestava a idéia de deixar alguém com Markie depois da última experiência.

Mas sabia que não teria nenhum aspecto de sua vida de volta antes conseguir ter algum tempo para si e recuperar um pouco de energia.

E como diabos iria trabalhar deste modo?? Não podia ser uma consultora meio período.

Não era uma opção para este tipo de trabalho, e mesmo se descobrisse um modo de trabalhar meio período, poderia jogar sua ambição na lata de lixo.

Onde estava a solução?? Todas estas perguntas e ansiedades giravam em sua mente em um ritmo tão frenético que ela começava a ficar muito deprimida.

Um dia antes, cometera o erro de pensar que se animaria se tivesse companhia e foi encontrar Mel e Lucy para um almoço na City, mas o abismo visível entre o que ela fora e o que era agora só a deixou mais deprimida ainda.

Apareceu para o almoço em um restaurante elegante usando jeans e uma camisa de Don, com uma bolsa de bebê nas costas e carregando Markie na cadeirinha do carro. Mel e Lucy estavam usando lindos conjuntos criados por estilistas, bolsas Fendi, saltos altos, unhas compridas e celulares minúsculos.

Markie comportara-se perfeitamente. Ela o colocou em um dos cadeirões do restaurante — um milagre inesperado — e ele comeu pedacinhos de pão, enquanto Mel e Lucy babavam cima dele, mesmo depois de Bella proibi-las de fumar a menos de 45 metros de distância e dele ter vomitado em cima de Lucy, que o balançou um pouco rápido demais.

Foi difícil responder às perguntas sobre seus planos porque simplesmente não sabia o que dizer.

Bom, vocês sabem que em alguns meses ele vai beber em uma canequinha e comer mais alimentos sólidos. E aí serei capaz de deixá-lo com alguém por um tempo — ela ouviu a si mesma, mas acrescentando mentalmente: mas jamais o dia todo.

— Meu Deus, como estão vivendo sem seu salário? — Mel perguntou, verdadeiramente interessada.

Estremecendo, Bella pensou no enorme buraco no cheque especial, nos cartões de crédito estourados e disse: — Ora, vocês sabem, eu tinha umas economias reservadas para passar um tempo...

— Você passa os dias fazendo coisas deliciosas? — Lucy disse. — Indo aos parques, galerias de arte, lanchonetes sofisticadas, deve ser tão relaxante não ter que trabalhar. Puxa vida, deve ser fabuloso.

Bella viu a si própria amamentando ininterruptamente dia e noite, desviando o carrinho do bebê de cocô de cachorro, sempre indo à farmácia e lidando com o trauma de ter um bebê aos berros quando não havia um lugar para alimentá-lo ou trocá-lo, e respondeu com um vago "Hummm, sim".

— Mas você não sente nenhuma falta do trabalho? — Mel perguntou.

Ela olhou para as duas, impecavelmente vestidas e arrumadas, prontas para voltar para seus empregos com salários astronômicos e irem depois para um coquetel barulhento. No sábado dormiriam a manhã toda, leriam os jornais, sairiam para almoçar, veriam um filme, iriam ao salão de beleza, comprariam roupas caras, fariam reservas em hotéis para as férias.

Merda, Merda. Merda. Ela sentia uma falta desesperadora disso.

Mas, então, Markie agitou um pedaço de pão em sua mãozinha gorda, feliz da vida. Estava dando risadinhas e um fio de baba escorria pelo seu queixo rechonchudo, caindo no babador que ela colocara em seu pescoço. Ela o adorava, seu coração doía só de olhar para ele.

— Não sei. — Ela suspirou. — Sinto falta de um monte de coisas do trabalho, a agitação, o

poder, o dinheiro, aquela sensação de ter um propósito todas as manhãs. Caramba — ela conseguiu rir —, nem crédito que costumava correr todas as manhãs! Mas agora estou caidinha por ele.

Não quero perder nada.

Não quero que ele seja infeliz e quero fazer tudo certo. — Quando disse isso, desejei poder imaginar uma maneira de viver as duas vidas, mas parecia completamente impossível.

— Você falou com Susan desde que... hã? — Lucy perguntou, sem graça.

— Não — disse Bella.

— Quem sabe trabalhar dois ou três dias por semana. Estou certa que Susan iria aceitar você de volta, não? — Lucy perguntou.

— Hããã... não sei, sempre penso em falar com ela. Puxa, não sei.

Lucy e Mel ficaram perdidas. Esta era Bella, a garota que sempre sabia o que fazer, que conseguiu primeiro o emprego fabuloso, que casou primeiro, que teve primeiro um bebê. Era perturbador vê-la naquele estado, com uma aparência horrível, distante e ansiosa.

No trajeto de volta para o estacionamento, Bella olhou para as ruas onde andou tantos anos. Sentiu-se como uma estrangeira. Todo mundo que passava por ela estava com um terno e com pressa. Markie foi instalado no carro enquanto os trabalhadores da City corriam de volta para os escritórios para fazer mais dinheiro.

Um casal elegantemente vestido beijava-se apaixonadamente na esquina e ela viu que se afastaram rindo quando os celulares tocaram ao mesmo tempo.

— Sincronicidade — a voz de Don soou em sua cabeça. Aquilo acontecera na noite em que se conheceram... há um século.

Agora, um dia monótono depois, ela estava de volta à casa, com Markie finalmente adormecido no sofá — bem apertadinho contra o encosto, de modo que mesmo ela, a mãe mais ansiosa do planeta, não precisava se preocupar com uma queda. Ligou a babá eletrônica e saiu da sala com o aparelho na mão.

No andar de baixo, na cozinha, abriu todas as janelas e acendeu um cigarro. Inalou profundamente até a fumaça chegar ao fundo dos pulmões e sentiu a maravilhosa sensação do tabaco. Colocou novamente os lábios na bituca e chupou novamente. Era quente, reconfortante e maravilhoso.

— Meu bom e velho amigo Marlboro — ela disse em voz alta, com um tom áspero causado pela grande baforada de cigarro que estava exalando. Falando sozinha — disse novamente em voz alta. — Um desenvolvimento interessante. O primeiro sinal óbvio de que estou quase enlouquecendo.

Apagou o cigarro no minúsculo cinzeiro de bronze e subiu para pegar outra cesta de roupa para lavar.

Jesus, ela estava entediada. Estava se tornando uma escrava das intermináveis tarefas domésticas. Precisava lavar a roupa, cuidar dos pratos e desentupir o chuveiro. Havia 101 pequenas tarefas com as quais poderia ocupar seu dia, mas para quê? As roupas e os pratos ficariam sujos e o chuveiro entupiria novamente. Tudo não passava de uma versão de cavar um buraco e tapá-lo novamente. Uma maneira de fazer com que se sentisse ocupada.



— Ah, cale a boca — disse para si mesma —, a coisa está ficando preta. Mas foi então que uma vozinha interior disse: — Você costumava ficar bêbada todas as noites, levava homens desconhecidos para a sua cama, fazia apresentações tão boas que chegava a ficar excitada sexualmente... e agora compra roupinhas de bebê. CALE A BOCA, BELLA. Mas era um saco e ela estava de saco cheio.

Ele hoje conseguiu virar e ficar de barriga para baixo, e ergueu-se com os braços. Ficou tão feliz consigo mesmo que deu risadinhas e gritinhos. E apontava para mim e fazia "ah, ah". Tenho certeza que ele queria dizer "Ma Ma". É realmente excitante — ela ouviu-se dizendo a Don durante o jantar. Parecia uma idiota.

Quando terminou de tomar banho, foi para o quarto e encontrou Don esperando por ela na cama. Ele estava bonito, ainda bronzeado, embora já fosse o fim do outono. Seu cabelo estava comprido demais e precisava ser cortado, mas ela gostava desse jeito.

— Oi, Bella — ele disse suavemente e ela conhecia aquele olhar.

— Socorro — ela disse, sorrindo, — Você pode tentar, querido, mas eu estou muito cansada, será como ressuscitar um morto.

— Venha cá. — Ele esticou os braços, — Vamos só nos enroscar.

— Sim, você diz isso, mas eu sei o que isso quer dizer... vamos dar uma trepada.

— Bella! Pare de ser tão defensiva e venha cá! Ela manteve sua grossa camisola branca bem enrolada ao redor dela e deitou cuidadosamente na cama, ao lado dele. Ele rolou para o lado e envolveu-a com os braços, apertando-a tanto que seus seios cheios de leite doeram.

Depois a beijou na boca, passando a língua entre os lábios dela. Deus do céu, ela lutou contra a ânsia de o afastar. Não estava mesmo com disposição para isto. Porque começar já assim, sem dar um tempo para ela? Não poderia começar por um beijo no pescoço? Ou na testa? Ela se afastou e o beijou no rosto, no pescoço, na orelha, tudo para fugir da proximidade de um beijo na boca.

Ele abriu a camisola dela e lhe acariciou os seios, mas ela os sentiu pesado e amassados com brutalidade. A mão dele desceu para baixo, para as suas pernas, enquanto ela abriu o zíper das calças dele e segurou a sua ereção nas mãos. Decidira fazer só isto.

Pobre Don, ele era um cara legal, estava mesmo se esforçando e eles não faziam sexo há semanas. Ela poderia fazer isto para ele, sabia que para ela também seria muito gostoso, só que estava muito longe de ficar realmente excitada com isto.

Ele a estava beijando de novo na boca. Argh. Ela se afastou e se dirigiu para baixo, para lambar o pênis dele. Estranhamente, isso parecia muito menos íntimo.

Continuou tanto tempo quanto ele a deixou, esperando diminuir a duração da parte de sexo que vinha já a seguir.

Don a puxou para cima dele e disse, arfando: — Como estamos quanto a contraceptivos?

— Preservativos — ela respondeu. — Na gaveta, junto com o gel KY... A cicatriz ainda está bem desconfortável. Oh, o romance.

— OK — ele disse, virando-se para a gaveta. Ela saiu de cima dele para que ele pudesse se sentar e brigar com os invólucros de celofane e alumínio, depois colocar o preservativo e, finalmente, passar o gel. — Você está OK? — ele se virou para lhe perguntar.

Ela se debruçou e beijou o seu rosto, enquanto ele esfregava o lubrificante no seu pênis

protegido com o preservativo. Beijou as pequenas e macias maçãs do rosto dele e lembrou-se que amava este homem. Pôs as mãos no seu cabelo e o recebeu no seu corpo. Sentia-se bem, aconchegada e quase musculosa por dentro, sentia-o de novo bem na medida certa.

Ele fechou os olhos.

Ela acompanhou o ritmo dele, gostando, mas não querendo perder o controle. Focou a atenção na peseira da cama à sua frente e sentiu as mãos dele ao redor dos seios. Sentia-os pesados e caídos. O balançar suave em cima dele já era doloroso, para não falar dos seios de meia tonelada batendo com violência no seu peito. Olhou para baixo, para a sua barriga sacudindo, e imediatamente se arrependeu. Isto não era o seu corpo, simplesmente não conseguia se sentir sexy com ele.

Don estava lentamente chegando ao orgasmo por baixo dela e, com algum afastamento, olhou para o rosto dele mudar de tensão, olhos apertados e boca entreaberta, para prazer e descarga.

Ele abriu os olhos e a fitou: — Você não estava aqui, estava? — ele disse isto com ternura e um sorriso.

— Bom... estava um pouco em outro lado — ela confessou. — Foi agradável.

— Oh, meu Deus, agradável. — Ele só estava com um mínimo sorriso. — Chegamos ao estado de "sexo agradável". Você sabe o que vem a seguir, não sabe? O estado de "sem sexo". O estado de "hoje não, querido. Prefiro uma boa xícara de chá".

— Não diga isso, Don. — Ela saiu de cima e se deitou ao lado dele.

— Sinto muito. Não estou com vontade.

— Você nunca está com vontade — ele disse.

— Não comece. Você vai ter que me aguentar um tempo. Cuido de um bebê 24 horas por dia, estou cansada. E, afinal de contas, já estamos juntos há dois anos. — Ela começava a soar zangada.

— E o que uma coisa tem a ver com outra? — ele perguntou.

— Bom, é quando as pessoas começam a perder um pouco o interesse.

— Bella, sua pessimista! — Ele a abraçou e decidiu fazer piada a respeito: — Pretendo sentir tesão até quando você tiver 50 anos. Mas, por favor, não se iniba, faça todas as cirurgias plásticas possíveis e use lingerie sexy. Ela deu um tapa na cabeça dele.

— Rá, rá. Agora me deixe em paz. Preciso dormir um pouco.

— OK . — Ele a beijou na boca. — Boa-noite. Tente relaxar, tudo está bem. Você vai ficar bem logo.

Ela não respondeu. Não iria de jeito nenhum começar agora uma briga sobre o dilema bebê/emprego/trabalho. Não conseguia enfrentar os fatos. Não queria falar sobre o assunto.

## Capítulo Trinta e Nove

Bella estava recostada assistindo TV e amamentando Markie em uma tarde cinzenta e sombria quando o telefone tocou. Inclinou-se pegou o aparelho na mesinha lotada de coisas ao lado do braço do

— Alô, Bella? — Por um instante ela não reconheceu a voz e hesitou — É Red. Liguei para saber se você ainda está viva.

— Oi, Red, como vai? — Vou bem. Como vai você? Não é uma hora estranha para você estar em casa? Eu ia deixar um recado na secretária eletrônica ou com a babá.

— Ah, meu Deus, eu não contei o que aconteceu? — Não... — Red estava curiosa.

— Pedi demissão... e demiti a babá.

— Ah, meu Deus, jura? Quando isto aconteceu? — Hãã... Markie estava com dois meses e, nossa, vai completar seis meses agora.

— E por que você não me telefonou? Poderíamos ter passado adoráveis momentos juntas.

— Desculpe... eu me senti meio, você sabe. — Bella sentiu um nó formando-se na garganta.

— Entediada, só, exausta, deprimida... suicida? Eu sei.

— Não, estou bem mesmo. Estou realmente gostando de ficar com ele.

— Sim, claro, isso também. — Havia verdadeira compreensão na voz de Red, o que aumentava ainda mais o nó na garganta de Bella.

— Que tal vir fazer ioga comigo no sábado? — Red perguntou. — Existe um curso pós-parto, sabe? — Não, não, não posso voltar lá. — parecia chorosa. — Eu era tão diferente, não quero que me vejam deste modo.

— De que modo, Bella? — Red perguntou. — Talvez você devesse ir, para ver que todas estão se sentindo como você: abaladas, incertas sobre o que fazer a seguir: — Não posso.

— Bom, então eu tenho outra sugestão. Por que não me deixa cuidar dele uma noite destas? — Obrigada, mas acho que não vai funcionar.

— Por que não? — Ele dorme mamando e, às vezes, acorda uma hora depois para uma nova mamada. Se não conseguir mamar, começa a berrar até que eu apareça.

— Bom, vamos ao pub na esquina, então. Você precisa sair de casa sem ele, acredite em mim. Você vai ficar maluca.

Já estou, Bella pensou, mas disse: — Vou pensar a respeito, Red, prometo.

— OK, desculpe, Bella, não quero parecer bruta ou insensível, mas quer me encontrar ou vir aqui? Tenho algumas tardes livres mais para o fim da semana. E faço parte de um grupo de mães com bebês ao qual podemos ir juntas às sextas-feiras.

— Obrigada, Red — ela disse. — Como vai você? Conversaram um pouco e, quando Bella desligou, sentiu-se um pouco melhor. Talvez conseguisse enfiar Markie e seus acessórios no carro amanhã e ir um pouco mais longe.

Ela tentava gostar de ir ao parque, mas a verdade é que ele ainda era muito pequeno. Markie ficava sentado no carrinho e observava ao redor com interesse, mas ela olhava com inveja as outras mães sentadas, conversando nos bancos no parquinho enquanto olhavam as crianças brincando no escorregador e no cercado de areia.

Seria mais divertido quando Markie ficasse mais velho. A fase de bebê parecia uma tarefa ingrata. Meu Deus, senti-se imediatamente culpada com o pensamento. Não era ingrato, ele sorria para ela, dava risadinhas, olhava-a em total adoração e ficava furioso quando ela saía do ambiente onde estava. O amor incondicional de seu filho por ela era arrebatador.

No fim de semana seguinte, Bella olhou a chuva que escorria pela janela. O céu estava cinza-chumbo e, apesar de sei somente 16h30, começava a escurecer. Maldito novembro. Ela sempre odiou o mês de novembro, e agora começava a odiar também os domingos.

Os três tinham ficado enfiados o dia todo em casa, sem poderem sair para dar uma volta e sem coragem de ir de carro para algum lugar. Ela sentiu como se ela e Don tivessem trabalhado em turnos o dia todo — ele cuidou de Markie enquanto ela dormia, ela manteve o bebê entretido enquanto Don lia todos os jornais do país no domingo. E, enquanto Markie tirava a soneca da tarde, os dois arrumaram a casa, colocaram roupas para lavar e Don arrumou as compras do supermercado. Meu Deus, as coisas não podiam ficar mais domésticas do que isso. Ela olhou a chuva cair do lado de fora da janela, entediada até a alma.

O que ela não daria para ter um pouco de tempo para si mesma, longe de tudo isto? Quando era adolescente, pegou sua mochila e viajou sozinha, percorrendo o Leste Europeu. Agora estava presa dentro de casa, em um bairro nojento da Zona Norte de Londres. Melhor ainda, presa em um sofá, em uma casa em um bairro nojento da Zona Norte de Londres.

Como foi que ela permitiu que seus horizontes desaparecessem deste modo? Sentia-se desesperada para ficar sozinha, mas não queria deixar Markie. Não fazia sentido ter duas emoções tão conflitantes lutando dentro de sua mente deste modo. Gostaria de fazê-lo desaparecer, de modo que as suas intermináveis exigências não existissem, pelo menos durante um fim de semana.

Fantasiava sobre o que poderia fazer: iria ao aeroporto pegar um avião para Nova York para poder andar por uma cidade barulhenta, ativa e agitada, e ficar acordada a noite toda sem ter que se preocupar em acordar as seis da manhã no dia seguinte. Ou talvez fosse para um lugar silencioso, limpo e verde. Finlândia Sempre quis ir até lá.

Querida aventura, mudanças e, acima de tudo, ficar sozinha para poder pensar na vida. Querida tempo mental livre, tempo para não pensar em: Temos fraldas e roupas limpas suficientes? As pernas estão suficientemente maduras para o purê? Ele já tem idade para comer iogurte? A casca do pão pode fazê-lo engasgar? Todas as coisas que ocupavam seus pensamentos diariamente e que nunca ali tinham estado antes.

Ela costumava ser capaz de pensar sobre o trabalho, Don, férias e o futuro. Agora estava demasiado ocupada.

Que diabos iria fazer a seguir? Até agora sua vida tinha seguido o seu plano.

Sabia exatamente para onde estava indo e como chegaria lá. Agora, de repente, aos 29 anos, estava em queda livre.

Não ia voltar para um emprego das nove às cinco; que piada, agora era das oito às oito. Ela não iria voltar a arrumar empresas para ganhar montes de dinheiro e demitir pessoas como Mitch. Era um trabalho massacrante e ela diria o quê quando seu filho perguntasse: "Mãe, o que você faz?" "Bom, querido, eu sou o carrasco, aquela que conta os feijões,

que corta as despesas, demite os homens que usam ternos cinza, sou o cartão vermelho." Mas o dinheiro era bom, o poder, o status, o respeito, tudo tinha sido bom. Agora não tinha nada disso.

— OK, Bella. — Don colocou algo que parecia galinha com macarrão na frente dela quando ela apareceu depois de ter colocado Markie para dormir. — vamos ter uma conversa séria durante o jantar de hoje. Já deixei você por sua conta demais e quero saber o que anda acontecendo.

Você parece um ser de outro planeta há semanas.

Ela sentou, pegou o garfo e provou a comida.

— Hummm, muito bom — ela disse, pensando em por onde diabos iria começar.

— Eu sei, isso agora não interessa... — Ele olhou para ela com um rosto sério, quase zangado. — Nosso filho está com quase seis meses e você ainda está em casa, ainda amamentando o dia todo, sem telefonar para ninguém, sem contratar uma babá, sem ganhar dinheiro... você sabe que não podemos nos dar ao luxo de continuarmos assim.

Bella olhou para ele com olhos arregalados e cheios de lágrimas e não sabia o que dizer. Não sabia como explicar seu próprio desespero com a situação: "Bem, Don, a solução é fazer Markie desaparecer por alguns dias para que eu possa ir até a Finlândia descansar e aparecer com um brilhante plano novo." Isto não iria funcionar.

— Qual é o problema, Bella? — O tom de voz dele suavizou. — Eu simplesmente não a reconheço mais. Você está tão distante e indecisa. Não acho que esteja realmente feliz enfiada o dia inteiro em casa com Markie, mas você parece incapaz de dar um jeito nisso.

— Dar um jeito nisso? — Agora ela estava zangada.

— Bom, sim. Você só está se arrastando pela casa, sentindo pena de si mesma. Poderia conseguir qualquer emprego que quisesse, mas não tentou.

Poderia conseguir outra babá facilmente, mas não tentou. Jesus, você até hoje nem se importou em comprar algo que lhe servisse, vive escondida aqui, usando minhas roupas velhas. Você está horrível. — Don lamentou ter dito isso imediatamente. Mas era tarde demais, já tinha dito e talvez tivesse sido gentil demais com ela durante muito tempo. Talvez fosse a hora de fazê-la reagir.

— Don, não comprei nada porque não estou ganhando dinheiro — ela gritou.

— Sei muito bem disso — ele gritou de volta. — Como, raios, você acha que vamos pagar a hipoteca no mês que vem? Estou quase estourando o limite do cheque especial e a sua conta bancária já deve ter explodido. O que você está pensando? Se quiser passar os próximos anos sendo uma dona de casa, temos que vender esta casa e mudar para um apartamento menor. Mas eu não casei com você para isso.

— E o que isso significa exatamente? — Agora ela estava furiosa.

— Nunca quis me casar com alguém que ficasse em casa, cozinhasse, limpasse e falasse sobre crianças a noite toda. É tudo tão tremendamente chato. Pensei que você era o oposto de tudo isso e me sinto como se tivesse sido enganado.

— Você foi enganado?! Como, diabos, acha que eu me sinto? — Agora corriam lágrimas pelo rosto dela. Estava muito magoada. — Nunca imaginei que fosse ser assim. Não pedi um bebê que só quer mamar no seio, que berra a ponto de derrubar a casa sempre que me afasto dele. Não pedi para me sentir tão mal, tão cansada e tão de saco cheio de tudo.

As palavras não eram suficientes para expressar sua raiva e frustração, de modo que ela empurrou o prato, derrubando comida por toda a mesa, e correu para o andar de cima.

Deitada soluçando na cama, ela ouviu a porta da frente bater. Ótimo.

Don saíra e ela esperava que ele não voltasse mais.

Depois de ter chorado até as lágrimas secarem, ela foi lavar o rosto no banheiro.

Naquela noite começou a pensar como seria sua vida se abandonasse Don Para onde ela e Markie iriam? Como iria pagar as contas? Jesus.

Poderia vender o carro, Mas precisava arranjar um trabalho primeiro. Foi até o quarto de Markie dar uma olhadinha nele. Estava deitado de costas, com os braços levantados acima da cabeça. Ele parecia divinamente tranquilo.

Agitada demais para conseguir dormir, voltou para a cozinha, abriu uma garrafa de vinho e pegou o maço de cigarros.

Dois cigarros depois, sentiu-se mais calma. Pegou o telefone e ligou para Tania. Era inacreditável que tivesse ficado meses sem falar com ela.

Tinha sido tão mal-educada com ela na última vez que conversaram e nunca teve tempo ou vontade de fazer as pazes.

A secretária eletrônica atendeu e Bella desligou. Não queria deixar um recado, precisava falar pessoalmente com Tania.

Quem mais poderia chamar? Acendeu outro cigarro e pensou um pouco, olhando o teclado.

Ahá. Discagem automática número 7.

Depois de alguns toques, uma voz muito querida atendeu: — Alô? — Oi, Chris, é Bella.

— Bella! Oi. Puta que pariu. Pensei que você tivesse morrido ou algo parecido. — Ele parecia tão feliz em ouvir a voz dela que ela sentiu arrepios.

— Você nunca escreveu, nunca telefonou — ela brincou.

— Não, não mesmo. Desculpe, foi muito, muito indelicado de minha parte. Mau menino.

— Como vão as coisas? — ela perguntou.

— Horríveis — ele respondeu. — O pessoal na Danson ficou maluco quando souberam que você não cuidaria mais do projeto. Ameaçaram fazer um contrato pessoal com você, depois Susan os ameaçou com uma ação judicial por quebra de contrato etc. etc. Tenho trabalhado como um burro de carga porque Hector não passa de um filho-da-puta convencido e ardiloso. Retiro todas as coisas gentis que disse sobre ele. E sentimos sua falta. Parece que perdemos uma perna. O telefone não pára de tocar com pessoas querendo trabalhar com você e todos fomos orientados a dizer que você não trabalha conosco ou com outra firma, que você simplesmente não está disponível.

Bella estava surpresa ao ouvir tudo isso.

— Mas isso não é verdade, é? — Chris perguntou. — O que está fazendo? Criou coragem e abriu um escritório sozinha? — Hãã... bom, para ser honesta, não. Estou em uma espécie de ano sabático... hã... maternal.

— Mesmo? — Ele parecia surpreso.

— Bom, meu próximo passo profissional é importante para mim.

Não quero precipitar nada. — Era engraçado ouvir um tom profissional, de mulher de negócios, voltar à sua voz.

— Não, você está absolutamente certa — ele disse e acrescentou: — Susan está

desesperada por sua volta. Ela é muito orgulhosa para procurá-la, mas daria a mão direita para ter você de volta, nos termos que quisesse.

— Sócia? — Tenho certeza que sim. Provavelmente eu seria demitido para abrir espaço para você.

— Rá, rá.

— Bom, e como vai seu filho? Bella contou, tentando não falar demais sobre ele.

— Ele parece adorável — Chris disse. — Está mesmo gostando de ficar em casa? — Quase sempre. Mas é um bocado cansativo e eu me preocupo em ver que a maioria das pessoas acha que eu sumi da face da Terra. Parece que todos esperam que você leve o celular para a sala de parto e volte correndo ao trabalho antes dos pontos cicatrizarem.

— Não seja boba — disse Chris. — Ninguém esqueceu você, Bella.

Na verdade, seu misterioso desaparecimento só fez com que mais pessoas solicitassem seus serviços.

— Você às vezes questiona o trabalho que fazemos, Chris? — ela perguntou, surpreendendo a si mesma.

— Oh, uma crise de consciência. Não, não mesmo. Fazemos rapidamente o que aconteceria mais lentamente e com mais danos a longo prazo.

— Hummm — ela respondeu, pensando se acreditava ainda nesta frase. Seria bom ver você.

— Adoraria... onde e quando? Estou livre! — Nenhuma namorada gostosa no momento, é? — ela provocou.

— Não. Combinaram um encontro no domingo, na casa dela, às 20 horas.

— Vai ser bom ver Don novamente — Chris acrescentou, porque queria saber se Don estaria presente mas não queria perguntar diretamente.

— Não, você não vai encontrá-lo, ele está passando dez dias na África, cobrindo uma matéria sobre guerra civil, refugiados ou coisa que o valha. — Ele iria partir amanhã. Ela pensou se teriam uma chance de fazer as pazes antes da viagem e se queria isso.

— Então seremos só nós dois — Chris disse de um modo que a fez pensar... — Bom, você, eu e, com sorte, um bebê adormecido. — Ela riu.

## Capítulo Quarenta

Pela manhã, ela e Don foram educados um com o outro, mas não houve nenhuma grande cena de reconciliação. Ele dormira no sofá depois de uma noite no pub e acordou com uma enorme ressaca.

Arrumou as malas enquanto Bella preparava o café da manhã para ela e Markie. Don só quis café. Seu filho comia mingau de aveia com banana amassada e pedacinhos de pão, enquanto ela tomava suco de laranja fresco e comia cereais e duas torradas.

A campainha tocou, o que significava que o táxi de Don chegara mais cedo. Ela o ouviu xingar no hall. Ele abriu a porta para dizer que ainda não estava pronto.

Cinco minutos mais tarde, apareceu na cozinha usando o casaco comprido, impermeável, que ela adorava ver nele, e uma sacola de viagem no ombro.

— OK, tchau, então — ele disse um tanto rígido.

Inclinou-se sobre Markie sentado na cadeirinha e lhe deu um beijo: — Cuide-se, amiguinho — disse. O bebê deu um tapinha no rosto dele. Ele foi até Bella e colocou os braços ao redor dela.

— Cuide dele e de você. Lamento a briga de ontem à noite, mas não retiro nada do que disse. Acho que você precisa colocar suas idéias em ordem. — disse. — Eu quero ajudar, mas você não me diz o que posso fazer para isso.

— Sim, entendi o recado — ela respondeu.

— Não quero ir embora com um mal-entendido entre nós — ele disse. Mas é trabalho. Tenho que ir e quero. Desculpe.

— Tudo bem, Don, vou ficar bem, são só dez dias, não é? — Não tenho uma data de retorno definida ainda, mas não deve ser mais do que uma quinzena. — Ele inclinou-se, beijou-a rapidamente na boca e disse: — Cuide-se, eu telefono. — E saiu.

— Tchau — ela disse e, quando ouviu a porta bater, desejou ter sido suficientemente adulta para pedir que ele se cuidasse também. "Cuide-se" não era a mesma coisa que "amo você". Os dois ainda estavam demasiado zangados um com o outro, mas pelo menos significava "eu me preocupo com você".

Duas horas mais tarde, Markie finalmente tirava a soneca matinal quando o telefone tocou. Bella correu e atendeu antes do ruído o acordar.

Ficou surpresa ao ouvir a voz de Don.

Ele levava o laptop errado para o aeroporto. Ainda poderia usar o que estava com ele, mas pediu que ela acessasse um arquivo que deixara em casa e pegasse os telefones que precisava para a viagem. Ela encontrou o computador na sala e, assim que o ligou, telefonou de volta para ele.

Ele deu todas as senhas até que ela abrisse o arquivo correto, depois anotou os números e disse adeus, novamente com um "cuide-se". Desta vez ela disse o mesmo.

Desligou e resolveu mandar o arquivo por e-mail e, quem sabe, com uma nota conciliatória no final.

Escreveu a mensagem, conectou o computador ao telefone e apertou o botão enviar. Enquanto a mensagem era enviada, ela olhou para os e-mails guardados e viu



"[S.Sewell@nota.Virgin.net](mailto:S.Sewell@nota.Virgin.net) ref: viagem".

S. Sewell só podia ser Simone Sewell, a harpia dos infernos com quem Don tivera casos recorrentes por anos até conhecer Bella. Era uma jornalista do jornal rival e tinha aceitado o cargo de correspondente em Los Angeles logo depois do noivado de Bella e Don.

Bella abriu a mensagem que dizia apenas "Esperando ansiosa por ela". Mas à medida que lia as mensagens, a história desdobrou-se — todas as mensagens recentes de Simone para Don e as respostas dele estavam na pasta.

Simone tinha voltado. Era uma repórter sênior no jornal e ela e Don agora eram rivais. Ela iria cobrir a mesma matéria sobre a guerra civil e iria encontrá-lo no aeroporto. Seu primeiro encontro em dois anos. Simone enviara a seguinte mensagem elegante: "A noiva-menina agora tem um bebê, portanto você deve estar desesperado por uma boa trepada de adultos", além de algumas lembranças selecionadas das aventuras dos dois.

Bella leu tudo, pensando que uma vala inundada pela chuva, durante uma busca policial por um bebê sequestrado, não seria um bom local para um encontro sexual, não importa o quão irresistível Don fosse.

Desligou o computador. Suas mãos tremiam e ela sentia o sangue pulsando em seus ouvidos. A situação não a preocuparia tanto se Don tivesse ao menos mencionado a volta de Simone e não houvesse saído de casa no meio de uma discussão feia.

— MERDA!! — ela gritou. — Merda, merda, merda. — Não sabia o que fazer. Deveria ligar para Don e perguntar que diabos estava acontecendo? Devia pegar Markie e ir atrás dele no primeiro avião? Não, isto era ridículo.

Infelizmente, isto ativou a sua profunda insegurança e o jantar com Chris assumiu novo significado.

Revirando a agenda, marcou hora em um dos salões de beleza mais caros de Londres e começou preparativos elaborados para a noite de domingo.

Don abriu os olhos e viu um teto desconhecido. Seu braço estava dormente e, ao se virar, viu uma mulher loira de 40 anos de idade deitada sobre ele. Ele removeu o braço debaixo de seu pescoço sem que ela acordasse.

— Meu Deus, Simone! Ele não a via há mais de dois anos e mesmo assim ela lhe deu um beijo de língua quando se encontraram no aeroporto.

Levou um susto com o arrepio de desejo que sentiu, apesar do tempo passado em Los Angeles não ter sido gentil com ela.

Sua pele tinha agora um forte bronzeado, as unhas estavam enormes, usava tamancos rosa-shocking e terminava cada frase com um "sabe, né?" que era mesmo irritante.

É claro que ainda era solteira, ainda completamente neurótica com sua carreira, e era óbvio que, agora que estava de volta, tinha a intenção de recomeçar o romance.

O caso deles começara quatro anos atrás, quando ela entrou no jornal. Tinha sido um relacionamento tórrido, com idas e vindas, altos e baixos, baseado em sexo e no jornal, com tudo o que poderia ter, incluindo roubar entrevistas exclusivas um do outro e aproveitar as chances para trepar na redação. Tinha sido excitante em partes, tremendamente estressante, e depois de apenas uma hora no avião com ela, bebendo a champanhe morna oferecida pela companhia aérea, ele lembrava-se exatamente por que tinha terminado tudo com ela quando conheceu Bella.

Bella, Bella... sua linda e jovem Bella, que pensava ser durona e esperta. Para Don ela parecia ser nova, inexperiente e definitivamente ingênua. Todo aquele entusiasmos — pelo trabalho, pela vida, por ele! Finalmente, alguém que não tinha levado porrada da vida, como Simone e todas as outras mulheres com quem ele convivia na época.

Ouviu Simone soltando suas piadinhas e comentários sarcásticos durante o voo, consumida pela amargura e completamente cínica, e lembrou como ela ria na cara dele sempre que ele tentava dizer algo agradável para ela, sempre que tentava atravessar a couraça protetora. Ele poderia ter ficado deste jeito, mas graças a Deus ele tinha encontrado sua garota — aquela garota maravilhosa, sexy e astuta que lhe pedira fogo.

Aquela que confiara nele o suficiente para baixar a guarda e se apaixonar.

Pobre Bella. Agora Don estava sentado na cama e esfregou a mão sobre a barba de três dias. Ela não fazia idéia do que a atropelou quando o bebê nasceu, e ele a deixou sozinha, trabalhando duro, longe de casa, preocupado com o dinheiro. Ele precisava tirar férias e dar um descanso a ela.

A semana fora um inferno, cobrindo a merda de um lugar na beira da civilização. As coisas tinham ficado pretas e ele e outros oito jornalistas estavam enfiados nos únicos dois quartos de hotel disponíveis, esperando um voo.

Olhou para o relógio: 8h15. O avião partiria em duas horas. Se conseguisse boas conexões, chegaria em Londres no domingo de madrugada, ou segunda cedo. Estava ansioso para chegar em casa, abraçar Bella e seu pequeno filho, dizer que tudo iria dar certo. Iria fazer tudo dar certo.

Simone estava acordando. Olhou para ela e viu seus olhos se abrirem. Ela bocejou, esticou os braços acima da cabeça e sorriu para ele.

— Você ainda tem tempo de mudar de idéia, sabe, né? — disse, e ele sentiu a mão dela procurar a fivela do cinto dele debaixo das cobertas. — Eles vão dizer que nós transamos mesmo. — Ela indicou os dois fotografos em estado comatoso, dormindo em sacos de dormir no chão.

— Obrigado, mas não, obrigado — ele disse e afastou a mão dela.

— Ora, ora, ele respeita a noiva-menina — Simone disse. — Ela finalmente colocou rédeas em você, sabe, né? — O nome dela é Bella — Don respondeu. — Passe a dizer Bella.

Ele afastou as cobertas e, como já estava vestido com calças e camiseta, saiu da cama e calçou as botas.

— Vou ver se encontro algum café neste lugar — disse.

\*\*\*

O corte de cabelo estava fantástico, valeu a pena pagar a conta astronômica. A massa de longos cabelos castanho-escuros de Bella foi transformada em um corte chanel elegante, em camadas, na altura dos ombros, com luzes ruivas caramelo. Tinham deixado uma franja pesada na frente, que a fazia parecer ter 19 anos de novo.

Na noite de domingo, a geladeira estava repleta de comidas deliciosas, vinho muito caro. Uma roupa nova estava pendurada na porta do guarda-roupa e a casa estava arrumada e impecável, cheia de flores frescas e velas.

Ela colocou Markie cedo na cama, para ter meia hora para se arrumar. Ainda era estranho ele dormir agora no quarto dele, mas decidira mudá-lo para lá há três noites, para poder ter o quarto para ela.

Depois de uma ducha rápida, passou creme perfumado e um pouco de maquiagem. De volta ao quarto, vestiu sua melhor lingerie: ligas, fio dental de renda, sutiã meia-taça que faria seus seios saltarem.

Ela não fazia idéia se teria coragem de seduzir Chris ou não, tudo o que sabia é que planejar isto era a coisa mais divertida que fazia há séculos.

Vestiu as meias 7/8 com barra de renda, lutando para ver o que fazia por sobre o busto enorme, e prendeu as ligas. Por cima delas vestiu uma saia reta com uma fenda que ia do tornozelo ao meio da coxa, uma blusa justa verde-esmeralda abotoada embaixo e as sandálias de tirinhas verdes.

Tinha acabado de passar o batom, um pouco de perfume e checado e aprovado sua aparência ao espelho quando a campainha tocou. Uma onda de excitação a invadiu e ela correu escada abaixo.

Abriu a porta da frente e ali estava ele, ainda lindo e gostoso.

— Alô! — Ela chegou mais perto para beijá-lo nas duas faces. — Que bom ver você.

— Oi, você está maravilhosa — ele disse com um sorriso, fechando a porta atrás de si.

Ele também. Ela nunca o tinha visto sem terno antes, e lá estava ele, com calças de veludo cotelê e uma camisa com o colarinho aberto, mostrando sua macia pele morena. O cabelo estava mais comprido do que de costume, com uma leve ondulação, e amarrado sobre os ombros estava um suéter azul-marinho.

— Entre. — Ela o levou para a sala.

Chris deu um buquê de rosas cor-de-rosa e uma garrafa de champanhe, tão gelada que o vidro estava molhado. A garrafa escorregou um pouco em sua mão.

— Obrigada, você é mesmo um cavalheiro.

— Vamos beber? — Ele balançou a garrafa.

— Acho que sim. — Ela ergueu a sobancelha, sorriu e olharam-se nos olhos por um longo instante.

Ela o observou enquanto removia o invólucro e polegares habilidosos pressionaram a rolha. Ele a empurrou devagar e ela saiu com um som de coisa cara.

— Tem taças? — ele perguntou.

— Sim, claro. — Ela foi buscar taças de champanhe na cozinha, depois recostou-se no sofá, colocando as sandálias verdes para cima enquanto o via servir cuidadosamente a bebida.

Fizeram tim-tim com as taças e beberam. Depois ele sentou-se no outro lado do sofá em L, bem perto dos pés dela.

— Gostei do seu cabelo — ele disse.

— Obrigada.

— Susan sabe que estou aqui — ele disse, surpreendendo-a.

— Verdade? O que ela disse? — Quer um relatório completo sobre os seus planos. Ela sabe que você não está trabalhando. Bom, pelo menos acha que saberia se você estivesse.

— O que você vai dizer a ela? — O que você quiser que eu conte, chefe — Chris

respondeu. Bella tomou um grande gole e acendeu um cigarro.

— Quer um? — perguntou.

— Acho que sim. — Ela jogou o maço para ele, apreciando o fato de ele fumar ocasionalmente, só para lhe fazer companhia.

Quando se sentou para acender o cigarro dele, ele inclinou seu rosto para perto das suas mãos e ela sentiu a respiração morna dele em seus dedos. Teve que se controlar para não tocá-lo.

— Então... — ele disse, soltando a fumaça. — O que você vai fazer agora? — Estou pensando — ela respondeu.

— O que você quer fazer, Bella? — Bom, quero ter uma semana de três dias, para começar — ela disse. — Mas uma semana de três dias que não mate minhas idéias; algo lucrativo, um pouco mais valioso, e algo que dê a sensação de que tem futuro. Estou cheia de pular de projeto em projeto.

— Esta é uma lista e tanto — ele disse.

— Qualquer problema pode ser resolvido se você passar tempo suficiente tentando achar a solução — ela disse, sabendo que não levaria muito tempo para resolver este.

— Bem... estou ansioso para ver isso — ele respondeu, e depois perguntou: — O que você quer que eu diga para Susan? — Diga que eu lamento termos discutido e que entrarei em contato com ela em breve, quando tiver uma idéia melhor do que quero fazer — Bella respondeu, decidindo que seria boa idéia fazer as pazes. — Acha que ela vai concordar?

— Sim. Conversaram animadamente no sofá, com Chris contando todas as novidades no trabalho e, quando a champanhe acabou, ela o levou para baixo, para comerem.

— Que cozinha sensacional — Chris disse quando desceu o ultimo degrau, entrando na aconchegante cozinha que Bella tinha dado duro para criar.

A mesa estava posta com copos de cristal, velas e flores. A iluminação em íntima e as luzes do jardim estavam acesas, tornando o ambiente bem maior e mais glamouroso do que realmente era.

— Obrigada... sente-se. Abra outra garrafa. — Bella passou a garrafa de vinho e serviu o primeiro prato.

Comeram lentamente, ainda falando do trabalho e das fofocas do escritório. Já tinham bebido dois terços da garrafa de vinho quando Bella se lembra de que não bebia tanto assim há mais de um ano, mas sentia-se ótima. Sentia-se bem.

— Não estou com muita fome — disse a Chris. — Quer outro cigarro? Acenderam-no em ambiente de conspiração, rindo sobre isso.

— É isto que eu chamo de cigarro-trepada — ela brincou, sentindo-se entrar em modo de flerte total.

— Precisamos de mais vinho — ele disse e se levantou para pegar uma garrafa na geladeira.

— Oh, meu Deus, por que ainda não me sinto bêbada? — ela perguntou quando recebeu outro grande copo cheio.

— Talvez você esteja se divertindo demais — ele respondeu, inclinando a cabeça, de maneira a uma madeixa de cabelo preto balançar na sua testa. Por um momento, ela sentiu-se consumida pelo desejo.

— Está tentando me embebedar, Chris? — ela perguntou quando recuperou a voz.

— Não, não, não. — Ele estava sorrindo para ela. — Embora você seja muito agradável quando está bêbada.

— Oh, socorro. — Ela sorriu para ele.

— Você sempre sabe quando se sente mesmo, mesmo atraído por uma pessoa, porque as coisas mais sem graça se tornam sexy — ele disse, voltando a encher os copos.

— Tais como? — Ela sabia que isto era terreno muito, muito incerto, mas ela tinha calçado as botas e estava andando por lá.

— Estou me sentindo muito excitado por essas marcas úmidas na sua blusa — ele disse. Ela olhou para baixo e viu duas grandes marcas molhadas, onde seus seios tinham vazado, e caiu na gargalhada. Ele também começou a rir e, por alguns momentos, foram dominados pelo riso.

Foi aí que ela percebeu como estava completamente bêbada.

— OK, é a sua vez — ele disse quando se acalmou um pouco. — O que é a coisa menos atraente em mim? Ela olhou atentamente para ele, tentando não rir. Dois dos seus dentes da frente eram saídos... adorável. Tinha uma sobrancelha bem grossa no meio... linda. Olhou para ele por muito, muito tempo e não conseguia ver motivos de queixas.

— Escute — ele acabou por dizer. — Você se sente realmente atraída por mim? — Sim — ela respondeu.

Ele se inclinou e a beijou com força na boca. Ela abriu os lábios e deixou, pensando apenas em como uma boca diferente era estranha, mas interessante, quando se está com uma só pessoa por tanto tempo.

O beijo continuou por um bom tempo. Os seus olhos estavam cerrados e os joelhos de ambos se tocavam. Ela sentiu os braços dele ao seu redor, pondo-a de pé para que pudessem chegar mais perto. Ele arriscou apertá-la contra o seu corpo, para que ela sentisse como estava excitado.

Por fim, ele se afastou e olhou para ela, vendo como seus lábios já estavam corados e inchados da intensidade do beijo.

— Você está a fim mesmo? — ele perguntou.

— Oh, sim — ela murmurou e voltou a se colar à sua boca. Depois beijou o pescoço dele e sentiu o palpitar das artérias sob os seus lábios.

— Onde você quer fazer isto? — o ouviu perguntar.

— No quarto — ela respondeu, com o surto de desejo e o álcool eliminando qualquer indecisão.

Subiram as escadas da cozinha e se beijaram no hall, passando a língua um no outro e se tocando novamente. Ele desabotoou a blusa dela e a deixou cair no chão. Retirou um mamilo do apertado sutiã de renda e colou a boca nele, passando a língua ao redor e mordendo bem na ponta, murmurou: — Tem um gosto doce.

Ela esmagou os lábios de ambos num beijo e, para seu horror, ele a pegou nos braços e subiu as escadas.

— Chris! — ela gritou. — Você não consegue fazer isto! Bella fechou os olhos e tentou gozar a viagem. Chris estava em dificuldades quando chegaram no fim dos degraus, e ela tinha despencado tanto nos seus braços que ele estava quase a arrastando. Tropeçou e

caiu em cima dela.

— Ai! — Ela riu debaixo dele.

— Meu Deus, desculpe. — Ele viu que ela estava bem e grudou sua boca na dela. Beijando-o com força, ela alcançou o cinto dele e lutou para o desafivelar, depois abriu o zíper das calças e procurou o pênis.

Ela pôs as mãos nas coxas dela, por baixo da saia, depois prendeu os dedos na calcinha dela e a puxou pelas pernas. Pôs uma mão sobre o púbis nu e manteve-a lá, para que ela sentisse o calor da sua palma. Doida de tensão com a ausência de movimentos dele, sem a apalpar, ela se esfregou na mão dele, completamente molhada de desejo.

Seus lábios se grudaram e suas mãos masturbavam o pênis dele, sentindo a rigidez e o comprimento, esfregando a cabeça e a pequena abertura na ponta.

— Venha para o meu quarto — ela sussurrou. É claro que tinha dito "meu quarto", o pensamento lhe passou rapidamente pela cabeça.

— Pode ser? — Chris sussurrou de volta.

Ela se levantou e o levou pela mão, com o coração batendo forte.

Apenas a luz do poste entrava pela janela do quarto, com as cortinas abertas.

Bella tirou a saia e sentou-se, vestida só com sutiã, meias, ligas e saltos altos. Gostava de ver o efeito que isto tinha nele. Ele livrou-se das suas roupas sem tirar os olhos dela. Bella olhou para o peito dele, liso, sem cabelos, a barriga firme e o pênis latejante.

Chris se ajoelhou na borda da cama e puxou as ancas dela para o seu rosto.

Ela fechou os olhos e deitou, deixando-o enterrar o rosto entre as suas pernas. Sentiu-se gozando quase imediatamente, mas isso não conseguiu acalmar em nada a sua sede.

— Por favor, me foda — ela disse. — Você tem algum preservativo? — Ouviu a urgência na voz dele.

— Na mesa ao seu lado, na gaveta de cima — ela disse.

Ele puxou a gaveta e encontrou a caixa de preservativos, aberta, com vários ainda lá dentro. Abriu o pacote de um e o colocou.

— Você também vai precisar do gel KY — ela disse, e depois acrescentou: — Pontos — como explicação.

— Ah — ele disse e pegou o lubrificante. Tirou um pouco para a sua mão e esfregou no seu pênis com o preservativo, que já não estava tão duro.

Ela estendeu os braços para ele e ele pensou onde limpar o gel da mão.

Apoiou-a no edredom e tentou limpá-la discretamente enquanto subia cuidadosamente na direção de Bella, cobrindo o corpo dela com o seu.

Depois de um longo beijo exploratório, ele notou como ela estava parada, deitada por baixo do seu corpo. Abriu os olhos e a fitou. Estava olhando muito seriamente para ele. O desejo e a bebedeira que a tinham atizado para fazer isto estavam se dissolvendo rapidamente, e agora estava simplesmente se sentindo muito nua por baixo de um corpo estranho.

— Ora, bolas — ele disse e rolou para o lado. Apoiou o rosto numa mão e olhou para ela, deitada de costas na grande cama. De repente estavam ambos muito sóbrios e muito sérios. — Tudo bem — ele disse.

— Não está bem, não está nada bem... — O som da sua voz era irritado. — Achei que isto ia me fazer sentir melhor, mas não fez.

— Lamento muito mesmo, isto é tudo culpa minha — ele disse. — Sinto como se estivesse me aproveitando de você.

— Não, não. — Ela estava surpresa de sentir lágrimas surgindo nos seus olhos. — Não. Acho que eu quis que isto acontecesse. Estou com muito medo de que Don esteja tendo um caso. E de alguma maneira pensei que, se pudesse me vingar, não o magoaria tanto... E você tinha que ser assim tão gostoso? — acrescentou.

— Lamento muito mesmo — ele disse de novo e se sentou na cama.

Agora ela também se sentou.

— Tenho que falar com ele e descobrir o que diabos está havendo de errado com o nosso casamento. — Ela estava limpando as lágrimas do rosto. — Tenho andado tão deprimida, não é surpresa nenhuma ele ter ido dar uma volta com outra.

— Ei, não pode ser tudo culpa sua. — Chris pôs um braço ao redor dela, distraidamente matutando onde havia de se livrar do preservativo escondido na outra mão.

Ela apoiou o rosto úmido no ombro nu dele e sentiu seus seios aflorando.

— Estou apaixonado por você, Bella — ele disse, surpreendendo a si mesmo. Na verdade, nem sabia se isto era verdade.

— Não, não está — ela disse, mas olhou para ele e lhe deu um meio-sorriso. — Você realmente gosta de mim e me deseja. E eu sinto o mesmo por você.

Com algum alívio, percebeu que estava certa.

— Merda. — Ela suspirou. — Não devíamos mesmo ter feito isto.

— Não — ele disse. — Bom, na verdade não fizemos... não exatamente. Na verdade não sei se eu teria conseguido.

— Ataque de consciência? — ela perguntou.

— Bella, estou com o preservativo do seu marido na minha mão.

Mesmo antes que ela conseguisse rir em resposta a isto, ouviu um choro fininho do quarto ao lado. Tinham acordado o bebê.

— Ora, bolas — disse Bella, pegando a camisola.

Chris se levantou e se virou de costas para ela, subitamente sem graça e precisando se vestir.

— Acho que seria melhor eu ir embora — ele disse.

— Tem certeza? — ela perguntou. — Há muita comida lá embaixo.

— Bom...

— Vá comer um pouco de comida indiana da cozinha. Vou acalmar Markie e depois encontro você.

Assim que o filho estava novamente a dormir, ela despiu a lingerie e as meias, deixou-as caídas num monte no chão do quarto e, depois, vestida com a camisola e os chinelos, desceu.

Comeu um bom prato de comida indiana com Chris e ambos beberam água. Sentindo-se completamente sóbrios, falaram de assuntos seguros, de receitas favoritas de comida indiana e de culinária, até que era tempo de Chris pegar um táxi e sair.

— Obrigado pelo jantar — ele disse na porta, pondo a mão no ombro dela.

— Sim, e pelo resto. — Bella lhe deu um sorriso amarelo.

— Tudo bem. Beijaram-se no rosto.

— Lamento muito ter despejado tudo isto em cima de você — ela disse. — Ainda bem que você é um cara tão legal. — E lhe deu um abraço de gratidão.

— Está mesmo tudo bem — ele disse e a beijou na testa. — Me chame se eu puder ajudar em alguma coisa e fale logo com Susan, OK? — Sim — ela respondeu. — Você é um doce.

— Boa-noite.

— Boa-noite.

Ela trancou a porta da frente e ficou sozinha no hall. Deus, ela estava exausta. Decidiu apagar as velas e ir direito para a cama. Podia arrumar tudo de manhã, não tinha mais nada planejado.

No meio de um sono leve na madrugada seguinte, pensou ter ouvido a som da porta da frente destrancar.

Abriu os olhos e olhou o despertador: 5h41 da manhã. Fechou os olhos novamente e ouviu malas sendo colocadas no hall.

MALAS!!!! Jesus! Agora estava acordada, sentada reta na cama, com o coração disparado.

Ouviu o roçar da capa do impermeável sendo despida e o ranger da porta da sala abrindo.

Ela sabia o que ele ia ver na sala — velas, flores ainda no embrulho e dois copos de champanhe vazios. Ouviu os passos pesados de Don nas escadas, na direção da cozinha, onde ele veria a mesa ainda posta com o jantar para dois, além das guimbas de cigarros, algumas sujas com baton no cinzeiro, e garrafas de vinho vazias.

Ele agora estava novamente no hall, provavelmente pegando a blusa dela do chão. Merda, merda, merda... ela o ouviu subindo rapidamente a escada, dois degraus por vez. Congelada no lugar, viu suas meias e ligas caídas no chão quando a porta do quarto abriu-se em um só golpe.



## Capítulo Quarenta e Um

Que diabos está acontecendo? — O rosto de Don estava branco como giz.

— Bom... bom... — ela respondeu, tentando não entrar em pânico — eu ia perguntar a mesma coisa.

— E o que diabos isso quer dizer? — ele gritou. Ela o encarou em silêncio.

— Quem diabos esteve aqui na noite passada? — ele perguntou.

— E por que você haveria de se importar? — ela respondeu.

— Sou seu marido, caso você tenha se esquecido.

— Bom, você não tem agido como tal ultimamente.

— Que diabos está acontecendo, Bella? — ele perguntou novamente.

— suas calcinhas estão dependuradas na cabeceira da cama. — A sua fúria estava quase saindo do controle, especialmente depois que acabara de ver a pilha de renda e meias no chão ao lado da cama.

— Bom, comece você, Don. Teve uma boa viagem de reconhecimento com Simone? Simone "você deve estar desesperado por uma boa trepada de adultos" Sewell.

— Jesus Cristo, Bella. — Por um momento ele parecia quase gargalhar. Ela ficou meio desorientada com isto.

— Acabei tudo com a Simone quando nos conhecemos, você sabe disso. Mas ela está de volta aqui, trabalha como jornalista, é uma tremenda sedutora e você simplesmente vai ter de conviver com isso. Já deixei bem claro para ela que não estou interessado.

— Oh.

— Mas o que, raios, você andou fazendo? — ele disse enfurecido. — Ficou louca? — Bom, e o que diabos você está fazendo aqui de volta? — ela devolveu a pergunta, ainda evitando responder à dele. — Você não telefona durante cinco dias seguidos e depois aparece na porta de casa.

— Lamento ter estragado a sua diversão. Acabei de ser retirado às pressas de dentro de uma zona de guerra pela ONU. Achei que você ia gostar da surpresa! — ele gritou.

— Oh.

Don pôs as mãos na cintura e a enfrentou. Tinha um ar envelhecido to, as calças de algodão preto estavam salpicadas de lama, a camisa verde claro estava manchada e tinha uma barba de alguns dias. Mas ela só viu o homem que mais amava no mundo e, como alguém que acorda de um sonho para a realidade, percebeu que erro monumental tinha acabado de fazer.

— As suas roupas estão espalhadas pela casa toda, vi o jantar da noite passada, para dois, à luz de velas, na cozinha. Você vai me explicar isso? E não se atreva a mentir para mim.

— Ela nunca o tinha visto tão zangado.

Bella abaixou a cabeça, não conseguia olhar para ele.

— Chris esteve aqui — ela acabou por dizer. — Nós... as coisas meio que — Isto era mesmo difícil. Lutando contra o nó na garganta, ela disse: — Quase dormi com ele, mas mudei de idéia.

Don voltou-se para a janela e engoliu em seco. Sentia-se como se lhe tivessem dado um

pontapé no saco.

— O Chris, do trabalho? — ele perguntou.

— Sim — ela respondeu.

Don cruzou os braços e manteve o olhar fixo na janela. Houve uma longa pausa. Ela olhou para ele e ficou perturbada ao ver que ele estava tentando não chorar.

— Foi um tremendo de um erro — ela implorou. — Só que eu me senti sozinha, sem amor, pouco atraente, pensei que você estava dormindo com outra pessoa e ele parecia ser o remédio. Don, sinto mesmo falta de você... — ela parou para engolir um soluço. — Sinto falta de como nós costumávamos ser.

— Jesus. Tenho que dormir um pouco — foi a resposta dele, em um tom de voz tenso. — Girou nos calcanhares e saiu do quarto. Bella podia ouvi-lo subir as escadas para o sótão. Então ele ia dormir no sofá de lá. O sofá tremendamente desconfortável naquele ambiente austero e sem aquecimento.

Ela sentiu muita pena dele e estava tão arrependida. Por um momento só quis chorar, desesperadamente, mas depois decidiu não ceder a isso.

Não podia continuar a sentir pena de si mesma por mais tempo, isto era tudo sua culpa. Ela quisera o bebê, engravidara sem lhe dizer, fora incapaz de lidar com tudo, afastara Don, lera seus e-mails, seduzira Chris...

JESUS. Que confusão. Conseguia ouvir Markie se mexendo no quarto.

A tarde já estava avançada quando Don desceu. Bella já tinha arrumado a casa e levado Markie ao parque e ao supermercado, e voltara para casa. Estava pondo os pratos do almoço na máquina de lavar e Markie estava sentado na sua cadeirinha, brincando com comida à sua frente, quando Don entrou.

— Olá — disse Bella.

Don não respondeu, mas se debruçou sobre Markie na sua cadeirinha.

— Oi, pequeno — disse com ternura.

Markie estendeu as mãos meladas para ele e Don parecia ter ficado emocionado.

— Você agora está comendo sozinho? Isto é que é um garoto inteligente. — Pegou a colher de Markie e apanhou um pouco de purê de fruta.

— Bella. Decidi sair de casa por um tempo — ele disse enquanto guiava a colher para a boca de Markie.

Bella ficou paralisada.

— Acho que isso vai nos dar algum tempo para pensar sobre tudo e decidir o que fazer a partir de agora — ele disse.

— Não, não me vai dar tempo. — Ela estava furiosa com ele por esta decisão. — Deixa-me presa ao bebê 24 horas por dia.

— Bom, assim você pode finalmente encontrar uma babá — ele retrucou.

— E onde exatamente você pretende ir? — ela perguntou.

— Para a casa de Mike. Ele tem um quarto extra vazio e não se incomoda. Como é que ele se atrevia a estar tão calmo com tudo isto? — Como é que se mudar para um apartamento de solteiro com o seu amigão vai ajudar exatamente a resolver os nossos problemas conjugais? — ela perguntou.

— Bom, talvez você devesse ter pensado nisso antes de trepar com o seu chefe — foi a

resposta furiosa. — Não acho que resolver os problemas estava no topo das suas prioridades ontem à noite, estava? — Bom, com toda certeza resolveu alguns problemas. — ela gritou de volta.

— E o que raios isso quer dizer? — Oh, esqueça... simplesmente vá embora, Don, abandone a mim e ao seu filho. Vá, faça suas malas e vá embora... espero que o faça sentir-se muito melhor. Você é simplesmente um egoísta, imaturo e completamente incapaz de lidar com qualquer responsabilidade.

— E você — ele gritou de volta. Markie estava agora olhando para eles sem fazer um ruído. — Você é tão obcecada com o controle, não confia em ninguém para tomar conta do nosso filho, sim, nosso filho... nem mesmo eu... ninguém é suficientemente bom. O que você vai fazer, Bella? Cuidar dele todos os dias, até o arrancarem dos seus braços para ir para a escola? — Cale a boca! — ela gritou. — Cale a boca e deixe-nos em paz.

— Volto amanhã à tarde para vê-lo. Você não vai tirá-lo de mim, Bella. — A voz de Don estava agora mais controlada e ameaçadora.

Saiu da cozinha e subiu as escadas, deixando Bella caída na cadeira ao lado de Markie.

Agora o bebê estava rindo, isto tudo tinha sido um grande espetáculo para ele ver, não uma cena assustadora.

— Desculpe — ela sussurrou para ele, pegando a colher e lhe dando mais comida. — Sinto muito mesmo. — Havia lágrimas surgindo nos seus olhos, mas não queria chorar até Don sair.

Dez minutos depois, ela o ouviu no hall.

— Amanhã, às três da tarde, é melhor você me deixar ver Markie, ou, estou avisando você, Bella, chamo um advogado — ele disse em voz alta de cima das escadas da cozinha. Ela não respondeu. A porta da frente bateu com força. Jesus Cristo, como foi que as coisas chegaram neste ponto? Pegou o bebê da cadeirinha alta a o aconchegou enquanto suas lágrimas corriam soltas.

O dia arrastou-se depois disso. A rotina com Markie — mudar as fraldas, dar de comer, levá-lo para passear, trocar a fralda, dar de comer, o banho, colocá-lo para dormir — significava que tinha de continuar, mas sentia-se como se pudesse ter um surto histérico a qualquer momento.

Meu Deus, tinha de sair dali, desta casa onde tudo tinha corrido tão mal.

Ela tinha feito uma completa cagada de tudo — sua carreira, seu casamento como isso tudo iria afetar seu filho? Provavelmente também ia fazer uma cagada completa com ele. Bateu a mão na parede, furiosa consigo mesma.

Tinha de sair daqui.

Markie estava limpo, tinha comido, eram 19h30 e, por isso, ele estava ficando com sono. Ela o aconchegou em um casaquinho acolchoado e cobertores o colocou no carrinho com a cobertura sobre ele. Vestiu o pesado casaco de inverno e saíram de casa.

A rua estava escura e escorregadia por causa da chuva miudinha, mas com o brilho alaranjado dos postes de iluminação.

Ela andou até o fim da rua e pensou no que diabo havia de fazer. Ir a um pub? Podia-se levar bebês para lá? Ir para algum lado no carro? Onde? Onde? onde? Cristo, sentia-se no limiar da insanidade. Se estivesse sozinha, iria correndo no carro e beber até a

inconsciência em algum lugar muito chique e caro. Mas estava presa.

Deu por si arrastando-se na direção da casa de Red, sem saber se queria realmente tocar na campainha a esta hora da noite e despejar tudo em cima dela. Não se conheciam assim tão bem.

Mas Bella não sabia mesmo para quem pedir ajuda. Tania nunca lhe telefonara para fazerem as pazes... Jenna estava no outro lado do planeta...

Mel e Lucy não iriam compreender... Chris era um caminhão de problemas.

Jesus. E depois de mudar de casa nunca mais vira ninguém. Red era a única pessoa que conhecia ali.

Jesus, não admira que as mães acabem viciadas em Prozac e Valium.

Será que todos pensavam que elas sumiam do planeta só porque paravam de trabalhar e ir a bares? Estava na rua de Red. Olhou para Markie, que estava hipnotizado pelas luzes da rua. Ele agora estava maravilhoso. Os longos gritos inexplicáveis tinham finalmente acabado e agora era uma alegre delícia de se ter por perto, com sua total admiração por tudo no mundo. As luzes na casa de Red estavam acesas. Assim, inspirou fundo e tocou a campainha.

Houve uma longa espera antes que Sandy viesse abrir a porta.

— Olá — ele disse com um quê de surpresa na voz.

— Olá — ela respondeu. — Sei que não é hora, eu estava só passando por aqui e queria dizer olá... Red está?... Quer dizer, se ela...? — Entre, entre, é sempre boa hora — Sandy a interrompeu — Red! — berrou na porta de casa. — É a Bella.

Bella estava tão agradecida por ele se lembrar do seu nome. Red a chamou, de cima das escadas: — Olá, Bella! Sandy, pode vir aqui em cima e tomar conta das coisas? Ele subiu as escadas, e Red desceu pouco depois, úmida e desgrenhada.

— Oi... me salvou do banho. Que simpático! — ela disse, descendo rapidamente e beijando Bella no rosto. — A propósito, o seu cabelo está fantástico.

— Obrigada — disse Bella. — Pode me mandar embora se esta não for uma boa hora.

— Tudo bem, deixe-me pegar o seu casaco, entre. Olá, Markie — ela disse espreitando através da cobertura do carrinho.

Bella a seguiu até a cozinha, que estava tão alegremente caótica como antes.

— Chá, café ou, não, vamos tomar vinho — Red sorriu e pegou uma garrafa já aberta.

— Boa idéia. — Bella soltou Markie do carrinho e se sentou, colocando-o em cima do joelho. Ele estendeu imediatamente as mãos para pegar os carrinhos de brinquedo na mesa.

— Então, como vai você? — Red perguntou, trazendo os copos.

— Horrível, não podia estar pior. — Bella disse isto com uma espécie de sorriso lunático.

— Puxa vida. — Red se sentou e serviu o vinho. — O que aconteceu? — Estou completamente deprimida. Arrumei a minha carreira e dormi com um dos meus chefes... bom, é como se tivesse dormido... e agora o meu marido descobriu tudo e saiu de casa. — Ela não fazia idéia de por que estava sorrindo para Red enquanto lhe contava isto.

— Ah. — Red tomou uma golada do vinho. Bella fez o mesmo.

— Então... — Red disse depois de um tempo — o que você vai fazer agora? — Bom, estava planejando chafurdar em autocomiseração um pouco — Bella respondeu.

— Não, você só vai ficar ainda mais deprimida. Está assim tão mal a coisa com o seu marido? Ele saiu mesmo de casa? Ou vocês ainda podem se entender? Quer dizer, você quer se entender com ele? — Red perguntou.

— Sim — Bella disse baixinho. — Quero mesmo. Mas não sei o que ele está pensando — Quando isso aconteceu? — Bom, ele saiu hoje. — Bella suspirou e esperava não chorar novamente. — Caramba — disse Red. — Acho que provavelmente vocês dois precisam esfriar um pouco a cabeça.

— As coisas nunca mais foram as mesmas entre nós desde que Markie nasceu — disse Bella.

Red bufou.

— Claro que não. Há um bebê chorão e carente entre vocês dois. — Sorriu para Markie, que riu de volta para ela. — Não é? — ela disse para ele. — Vocês têm que se adaptar... demora um século. Eu costumava ter sempre uma mala feita debaixo da cama quando Jamie era menor de tão farta que estava. — Riu ao se lembrar. — E na única vez em que fugi mesmo para a casa da minha mamãe, ela me mandou de volta para casa, que Deus a abençoe.

— Red, acho que não sou uma pessoa muito legal — Bella deixou escapar. — Acho que não mereço Don, ou Markie, ou a minha carreira brilhante... bom, a que eu tinha. — Deu um meio-sorriso, mas agora queria mesmo chorar, ou pelo menos fumar.

— Caramba — Red acabou o copo de vinho. — Não seja ridícula.

Você deve ter dado tão duro para conseguir o seu trabalho, e eu sei como você tem cuidado de Markie. Agora você só tem que voltar a sua atenção para Don e você mesma. Seja generosa consigo mesma.

— Não sei o que eu tenho para as pessoas gostarem de mim. — Bella pôs o nariz em cima da cabeça do filho, sentiu uma lágrima escorrer pelo rosto e viu-a brilhar em cima do cabelo de Markie.

— Bella! — Red estava sorrindo afetuosamente para ela. — Quando você entrou em disparada por aquela aula de ioga adentro, você era como uma onda contagiosa de energia e determinação... e você é divertida e muito bonita... todos querem estar com você. Você só está um pouco deprimida e cansada. Você precisa de tempo para descansar e de um pouco de paz interior, cara.

Bella sorriu para ela, comovida e agradecida por esta conversinha encorajadora.

— Estou muito feliz por tê-la conhecido — disse. — Você é tão resolvida.

— Bom, obrigada, mas não se martirize por causa disso. Demorei três anos para me entender com esta coisa de ser mãe... um pouco...

Red pôs o resto de vinho nos copos e depois se levantou para procurar outra garrafa.

— O que você quer mesmo fazer agora? Já pensou nisso? — ela perguntou.

— Sim, até a exaustão — Bella respondeu. — Está constantemente andando na minha cabeça. Sei o que eu quero, só não descubro como conseguir. — um trabalho em meio período que de algum modo pague mais do que o meu trabalho anterior, e tenha perspectivas de carreira, alguém que cuide de verdade Markie... oh, e quero que ele durma a noite toda e só tenha de amamentar duas vezes por dia. Depois quero Don de volta, como ele era antes de termos Markie, mas também como um pai dedicado. — Bella deu

uma risadinha. — Uma lista um pouco grande.

— Nem por isso — disse Red. — Don provavelmente não quer nada radicalmente diferente — você como era antes, trabalhando, mais disponível para ele, mas também uma mãe dedicada. Pense em tudo o que você passou como... ajustando-se.

— Mas não sei se ele me vai perdoar pelo que fiz — disse Bella.

— Foi uma única transa de uma noite? — Red perguntou.

— Hãããã... mais ou menos. Na minha cabeça, foi — Bella respondeu — Bom, tudo o que você pode fazer é tentar explicar isso a Don.

Houve uma longa pausa.

— Você está casada há quanto tempo? — Bella perguntou.

— Oh, um tempão — disse Red. — Seis anos agora. E algumas coisas ficavam mais fáceis, outras mais difíceis — acrescentou. — Na verdade, acho que estar casada e ter filhos é muito parecido com comer uma dieta saudável e ir à academia — você sabe que lhe faz mesmo bem, mas por vezes é completamente aborrecido e haja paciência para isso.

As duas riram com isto.

— Mas é mesmo difícil acertar em tudo — disse Bella. — É só você se distrair um pouco e a coisa toda fica uma confusão.

— Humm. — Red acenou com a cabeça. — E, admita, antes de se casar você tinha uma linda fantasia sobre o casamento, não?... Você de vestido, flores e um homem lindo no altar? Bella sorria e fazia que sim com a cabeça.

— Depois — Red continuou —, assim que ele colocou uma aliança no seu dedo, aposto que começou tendo uma fantasia sobre um funeral, não foi? Sabe, aquela onde você está vestida com um lindo conjunto preto, com chapéu e véu, e está arrasada, mas ainda jovem e... livre!! Bella estava de boca aberta, fingindo indignação.

— Red!! Não acredito que estou dizendo isto, mas... sim!! Caíram em risadinhas.

— Acho que e só a natureza humana — Bella acabou por dizer. — O sentimento de que a grama é sempre mais verde no vizinho.

— Seja grata pelo que há de bom na sua vida, menina — Red disse, imitando uma voz. — Era o que minha mãe costumava dizer, e tinha razão.

Seja como for — acrescentou —, posso ajudar com as coisas do bebê. Você pode arrancar de mim tudo quanto é conselho sobre isso.

Depois falaram sobre como desmamar um bebê, como conseguir dormir a noite toda e babás, e Bella concordou em conhecer a babá de Red.

Sandy apareceu na porta.

— Red, os bebês querem um beijo de boa-noite de você.

— OK. — Ela se levantou, — Tome outro copo de vinho, Bella, eu desço em um instante.

— Não, tudo bem — Bella também se levantou. — Tenho mesmo de ir, pôr Markie na cama. — Ele estava sonolento, quase dormindo nos seus braços.

— A que horas ele costuma adormecer? — Red perguntou.

— Por volta das oito, por isso já é muito tarde para ele.

— OK. Bom, eu apareço lá amanhã, mais ou menos às sete, para podermos resolver o problema do sono.

— O meu Deus.

— Confie em mim, eu também sou mãe! — Red riu.

Os três se despediram e Bella foi para casa, desejando ter aceitado a oferta de Sandy de uma carona quando começou a cair uma chuva forte.

Correu o fim do trajeto para casa, fazendo Markie pular no carrinho. Ela estava encharcada e rindo quando entrou no hall e sentindo-se muito melhor por ter passado parte da noite fora de casa.

Quando Markie estava aconchegado na cama, Bella tentou telefonar para Don. Discou o número do celular dele, que tocou por alguns momentos, mas depois o serviço de voz atendeu.

— Don, querido, sinto muito mesmo — ela disse. — Eu amo você...

— Sem saber mais o que dizer, ela desligou.

## Capítulo Quarenta e Dois

A babá de Red, Sylvia, era encantadora, como Bella descobriu quando foi lá no dia seguinte. Ellie já estava lá, engatinhando atrás de uma bola que fazia um barulhinho quando a apertava, e Markie se retorcia nos braços de Bella até ser posto no chão, para poder também tentar engatinhar.

Sylvia queria dois bebês para cuidar, disse, porque podiam brincar juntos fazer companhia um ao outro.

— Só queria fazer isto por uma ou duas manhãs por semana, para começar — disse Bella, mal acreditando que seria capaz de fazer isto, deixar seu filho com uma mulher que parecia simpática, mas era uma estranha.

— Começamos gradualmente, isso não é um problema, você só tem que combinar e pagar por hora, depois todos ficaremos satisfeitos, não é? — Sylvia dirigiu esta pergunta a Markie, que estava de novo nos joelhos dela, balançando para cima e para baixo, sentado no joelho dela. — Quando você quer começar? — ela perguntou com um sorriso.

— Há... posso trazê-lo amanhã por duas horas, e você pode ver como se dão um com o outro. — Bella se ouviu dizer... pensando "Oh, Deus, o que estou fazendo?".

— Sim, está ótimo.

Quando saiu da casa de Sylvia, Bella sentiu um tipo de pânico. Oh, meu Deus, será que conseguiria lidar com isto? Enquanto estava pegando o carrinho para subir as escadas da porta da frente, o seu celular tocou. Procurou às apalpadelas por ele na bolsa de trocar fraldas, esperando que fosse Don.

Era.

— Oh, querido — disse, lutando para abrir a porta sem deixar Markie rolar escada abaixo.

— Sinto muito mesmo. Sinto mesmo, mesmo, muito. — Empurrou o carrinho pelo hall e se sentou no chão.

— Escute — disse Don —, estou telefonando porque não vou poder ir aí hoje.

— OK — Bella disse, temendo que isto quisesse dizer que ele ainda não a queria ver.

— Meu emprego estúpido, estúpido, de merda — ele disse zangado.

— Eu deveria ter uns dias de folga, mas agora me deram esta bosta para perseguir, na Costa Sul, por uns dias.

— Oh — respondeu, sentindo o desapontamento desabar sobre ela.

Ele ia de novo embora, não se veriam por mais uns dias e ela não poderia resolver nada.

— Ainda estou muito zangado com você — Don acrescentou.

— Eu amo você — ela disse. — Eu amo mesmo você, Don. Nem acredito no quanto fui estúpida. — Agora ela estava quase chorando, ele conseguia perceber. — Não poderia aguentar perder você, querido, por favor...

Ele deu um longo suspiro e depois disse: — Vou ficar fora até o fim de semana. Acho que nós dois precisamos de tempo para nos acalmar e refletir.

— Se é isso que você quer — ela disse. — Mas me prometa que vem no fim de semana.

— OK.

— Diga-me: como vai Markie? — ele perguntou, mudando de assunto. — Sinto mesmo



falta dele.

— Está lindo — ela disse, tentando engolir as lágrimas. — Está usando um adorável casquinho vermelho e um gorro de lã. Está sentado no carrinho e olhando para mim. Parece que seus olhos vão ficar escuros como os meus.

— Ainda bem — disse Don —, gosto de olhos escuros.

— Eu preferia que ele tivesse os seus olhos, gosto mais dos seus. E o seu novo brinquedo favorito é o molho de chaves de casa, o que é um pouco assustador, porque, quando estamos fora de casa, fico sempre pensando que ele vai deixar cair no buéiro.

— Deveríamos deixar umas cópias com sua amiga da esquina.

— Você é tão sensato! — ela conseguiu dizer com um pequeno riso.

— Só porque você é uma criança rebelde.

— Don, por favor, nunca mais vou fazer mais nada como aquilo.

Houve uma pausa, antes de ele dizer: — OK, tenho de ir, Bella. Vou telefonar e apareço no fim de semana.

— Cuide-se — ela disse.

— Tchau — ele respondeu simplesmente. Bella pousou o telefone e retirou Markie do carrinho, levando-o no colo até a cozinha. Ainda não conseguia saber no que o seu marido estava pensando.

Ainda estava zangado, mas ela tomou o comentário "gosto de olhos escuros" como um bom sinal. Meu Deus, olhem só para mim, pareço uma adolescente imbecil, pensou.

Ela mesma tinha sentimentos conflitantes — queria Don de volta, sem dúvida, mas o Don que lhe comprara todo o estoque de um florista para ela, que a fizera correr para o registro civil num apaixonado ato de fé, que ficara junto dela quando deu à luz e lhe renovou a força de vontade para sobreviver.

Às 19 horas em ponto dessa noite, Red chegou para ajudar a colocar Markie para dormir sem precisar mamar. Ela garantiu a Bella que podia fazer isso, e que ele dormiria muito melhor. Mas Bella não acreditou.

— Oi — Red chegou cheia de energia e a cumprimentou com um beijo, carregando uma sacola cheia. — Provisões essenciais — explicou.

— Meu Deus, parece que estou deixando entrar uma bruxa na minha casa — Bella brincou, nervosa. — Você vai enfeitiçar meu filho? — Não! — Red fungou, seguindo-a para a sala de estar. — Confie em mim, juro que isto vai funcionar todas as noites a partir de agora.

Atirou o casaco para cima do encosto de uma cadeira e pôs a sacola na mesinha de café, reparando em uma foto emoldurada em cima.

— Meu Deus, seu pai tem um ar tão jovem... ficou mesmo bonito segurando Markie.

Bella gargalhou.

— Você vai ficar tão sem graça! — Não!! Não é? Bella acenou vigorosamente com a cabeça.

— Oh, sim.

— Bom, ele é muito bonito, mas... hã... um bocado mais velho que você.

— Treze anos — Bella respondeu. — Ficou grisalho muito cedo, mas acho que é sexy. É óbvio que tenho um complexo de Electra ou coisa parecida.

— Ok... Red pousou a foto e esvaziou a sua sacola de apetrechos. — Para você uma

garrafa de vinho tinto, outra de vinho branco, um pacote gigante de batata frita e dez Marlboro Lights. porque suspeito que você fuma, estou certa? Bella fez que sim com a cabeça.

— Também algum óleo de lavanda, para manter todos calmos, e, finalmente... — Red pegou a última coisa da sacola — isto é para você, Markie. — Ela tirou um pequeno coelho bege, de malha, com orelhas grandes e caídas.

— Obrigada. — Bella ficou mesmo comovida por tudo aquilo.

Markie pegou o coelho e deu umas risadinhas.

— OK, temos de encaixar o banho, comida e contar uma história até as oito em ponto.

Mostre o caminho — Red disse a Bella.

Depois do banho, Markie foi amamentado no sofá do piso de baixo, com a TV em som alto e as luzes acesas para garantir que não adormecesse.

No fim, mamara a sua dose e estava sonolento.

— Agora leve-o para cima — Red mandou. — Leia um bom livrinho para ele, no seu joelho, depois diminua as luzes, deite-o no berço com o coelhinho, diga boa-noite bem gentilmente e saia quando ele ainda estiver acordado. E nada de tentar driblar.

— Ele simplesmente vai colocar a casa abaixo de tanto gritar, e eu não vou conseguir aguentar — Bella insistiu.

— Não vamos deixá-lo sozinho, prometo. Confie em mim.

— OK, OK, vou experimentar, mas vou desistir se ele não cooperar.

— OK.

Quando Bella pousou Markie no berço, ele afastou o cobertor com os pés, rindo, e voltou a ficar todo desperto. Mas ela fez um carinho na pequena testa, disse boa-noite e depois saiu do quarto, deixando uma luz fraca acesa.

Houve silêncio por um momento, e depois um choro de surpresa.

Quando Bella chegou ao piso de baixo, junto de Red, saíam rugidos abafados da babá eletrônica na sua mão.

— OK. — Red puxou um despertador de dentro do bolso do casaco e deu um copo de vinho a Bella.

— Fique aqui sentada por dois minutos, vamos cronometrar, só isso.

Depois você vai até a porta do quarto de Markie e o acalma, diz que você está aqui embaixo. Depois saia.

— Certo — disse Bella, na dúvida.

Bebeu o vinho, depois foi de novo lá em cima e fez exatamente como Red tinha dito. Markie parou de chorar durante os poucos momentos em que ela estava à porta, mas berrou com vigor redobrado quando saiu.

— Caramba — ela disse a Red quando desceu. — Você espera mesmo que ele adormeça assim? — Vai dormir, confie em mim. — Bella a apressou para acabar o copo de vinho, serviu outro e abriu o pacote de batatas fritas. — OK — ela disse. — Agora você tem de esperar cinco minutos.

Bella não achou que podia discutir com isso.

Ficaram sentadas por cinco minutos, Bella emborcando o vinho, mastigando distraidamente as batatas e fitando severamente a babá eletrônica. A fila de luzes verdes e vermelhas

subiu e desceu no aparelho, Markie estava berrando como um louco.

— OK — Red disse quando se passaram cinco minutos. — Faça exatamente o mesmo, de novo. Enfie a cabeça pela porta e fale com ele, depois saia.

Bella ficou chocada quando viu Markie desta vez, estava vermelho como um pimentão e o seu cabelo, colado com suor na cabeça. Parecia furioso e não parou de gritar até vê-la. Ela falou da maneira mais calma que conseguiu e depois foi rapidamente para baixo.

— Você tem certeza que ele vai ficar OK? — perguntou ansiosamente a Red. — Ele parece estar todo acalorado.

— Ele vai ficar ótimo, agora descontraia — Red disse, oferecendo um cigarro. — Você tem que lidar com uma espera de dez minutos completos desta vez.

— Ai, caramba. — Bella puxou uma tragada funda no cigarro. Fixou o olhar no despertador, que parecia ter parado completamente.

— Você tem certeza que isto está funcionando?

— O relógio? Claro! — Red respondeu.

Cerca de uns sete minutos depois, o choro de Markie começou a ser menos desesperado, e depois parou abruptamente.

Bella olhou para a babá eletrônica. Foi até o hall... silêncio. O quê!? Ele deve estar sentado no berço, tentando chamar a atenção dela.

Red olhou para ela e deu um sorriso de triunfo.

— Ele vai recomeçar em um segundo — Bella lhe disse.

— Está adormecido, profunda e completamente adormecido — disse Red.

Acredite em mim, se ele tivesse mais uma gota de forças, ainda estaria urrando a plenos pulmões.

Bella aumentou o volume da babá ao máximo: conseguia ouvir o ressonar suave da respiração do seu filho.

— Não acredito. — Ela estava atônita ao ver que seu filhito conseguia mesmo dormir sem ter de amamentá-lo, embalá-lo, andar com ele no colo, acalmado de uma maneira ou de outra.

— E aposto que ele não vai acordar até amanhã — Red disse. — Porque aprendeu a adormecer sem você.

— Em uma aula só?! — Bom, pode demorar algumas noites, vamos ver — Red respondeu.

— Simplesmente faça o mesmo amanhã à noite e logo vai conseguir adormecê-lo sem um ai.

— OK. — Bella ainda não estava convencida. — Posso ir ver como ele está? — Não! Ele está bem... OK, pode ir daqui a cinco minutos.

Entretanto, não vamos desperdiçar o vinho — Red respondeu.

Beberam a maior parte das duas garrafas e Bella fumou sete cigarros.

Ops. Mas foi divertido. Era uma coisa de meninas, bom, mais uma coisa de mães.

Falaram sobre leite orgânico para bebês, parar de amamentar, purês favoritos e Bella sentiu finalmente que algumas das suas ansiedades com Markie se acalmaram.

Depois ficaram mais íntimas e falaram sobre elas mesmas. A origem de Red foi explicada: era parte polonesa, parte inglesa, e com uma quantidade generosa de genes jamaicanos.

— Então. — Red encheu os copos. — Quando foi que você conheceu Don? E como? Bella contou, lembrando-se de como fora um romance estonteante.

— Meu Deus, vocês não perderam tempo, não foi? — foi o veredicto de Red.

— Simplesmente sabíamos que estávamos certos e prontos... acho.

— Bella respondeu e depois gaguejou: — Tudo foi sempre muito intenso entre nós. O que está acontecendo agora é estranho. Simplesmente não sei o que ele está pensando.

— Espero mesmo que vocês fiquem OK — Red disse.

— Hum. — Bella deu uma longa tragada no cigarro e pensou sobre o marido. Tinha que se pôr na linha e trazê-lo de volta.

Era a hora de Red ir embora. Enquanto vestia o casaco, perguntou: — Então Markie vai para a casa de Sylvia amanhã? — Sim... acho que si. — Bella ainda não tinha certeza se conseguiria fazer isso.

— Temos de sair, você precisa se distrair, senão vai ficar aqui, preocupando-se com ele e telefonando a Sylvia a cada dez minutos para tentar escutar o choro ao fundo.

— Sim, acho que você tem razão. Você não tem trabalho para Fazer? — Posso fazer uma exceção.

— Onde podemos ir durante duas horas? — Vamos ao shopping e ao mercado do fim da rua — respondeu Red. Bella ergueu as sobrancelhas. Não conseguia pensar numa razão para ir lá.

— Bella! É óbvio que você é uma tremenda esnobe e nem viu as boas ofertas de lá — Red provocou. — Vai ser divertido. Encontro você na Sylvia quando deixar Markie lá. Agora estavam na porta.

— OK — Bella disse. — Encontro você lá amanhã, às dez horas.

Obrigada por hoje, Red — Bella disse e a beijou no rosto.

— Foi um prazer ajudar! — Red sorriu.

## Capítulo Quarenta e Três

O som do choro acordou Bella — como de costume nos últimos sete meses. Ela abriu os olhos e viu a luz do dia que entrava através das cortinas brancas. Luz do dia?! Ela inclinou-se para ver o relógio — 7h26! Estava acordando depois da primeira noite completa de sono que tivera desde o nascimento de seu filho. Apesar do peso inacreditável nos seios cheios de leite que pareciam tijolos, tudo parecia fantástico! Ela foi até o quarto de Markie e inclinou-se para tirá-lo do berço. Ele sorriu e deu risadinhas, esticando as mãos gorduchas. Ela o levou de volta para a cama, onde se aninharam, Markie abocanhando o bico vorazmente para mamar.

Ele olhou para Bella com a testa franzida e ela simplesmente o adorava. Esta era a única hora do dia em que ele ficava quieto em seus braços, tinha se transformado em uma coisinha irrequieta e curiosa. Iria sentir muita falta de amamentá-lo.

As duas horas seguintes foram passadas em um leve estado de pânico — café da manhã, troca de fraldas, vestir, enfiar uma centena de coisinhas na bolsa de Markie para que ele não ficasse sem sua bebida, lanche, brinquedos favoritos, e tudo o mais que ela achava necessário para a sobrevivência dele durante as duas horas inteiras que iria passar com Sylvia e sem ela. Colocou uma folha de papel na bolsa com os números do telefone residencial, do celular dela, do bipe, do celular e do número da redação de Don. Você está sendo ridícula, ela disse para si mesma. Relaxe.

Finalmente, estavam quase prontos para ir. Ela saiu com Markie, o carrinho e a malinha dele, entupida de coisas, e foi para a casa de Sylvia.

Red estava lá, esperando por ela, e Bella conseguiu deixar Markie sem sentir-se horrível por causa disso. Despejou uma torrente de instruções para Sylvia sobre os horários de mamadeiras e sonecas, embora estivesse com a impressão de que Sylvia a ouvia, mas não estava dando a mínima — Ela acha que sou completamente neurótica, não é? — Bella perguntou a Red enquanto saíam da casa.

— E quem poderia culpá-la por isso? — Red brincou e acrescentou: — Não seja tão dura consigo mesma. Você vai aprender a abrir mão dele aos poucos.

Bella revirou a bolsa, procurando um cigarro. Acendeu e tragou.

— Sente-se melhor? — Red perguntou.

— Sim, um pouco. Quer dar uma volta de carro pela rua principal? — Bom, é mais ecológico caminhar, mas, se você faz questão em ir de carro...

Red ficou muito impressionada com o carro de Bella.

— Meu Deus! Como é que nunca vi isto estacionado na sua casa antes? Entraram no carro e Bella ligou o motor.

Enquanto Bella manobrava com habilidade o carro, no estacionamento do shopping, Red falava sobre trabalho.

— Você não pode trabalhar meio período ou em casa... trabalhar por conta própria, como eu? — Bom — Bella disse enquanto desciam a escadaria em direção às lojas —, todas estas opções são possibilidades, estou tentando me decidir a respeito.

— OK — Red disse quando chegaram ao fim dos degraus e olharam ao redor: bancas vendendo legumes murchos, um supermercado brega, uma loja de departamentos e lojas

de jóias folheadas. — Onde você quer ir? — Vamos ao café, mas não antes de revirmos as fantásticas lojas de roupas. Siga-me! Bella ficou pensando que diabos Red queria dizer. Tudo o que via eram lojas feias, de ar barato, com preços pregados nas vitrines. Red estava indo em direção a uma delas.

— Você não pode estar falando sério — disse Bella.

— Vamos lá! — Red disse.

Quando entraram, Red revirou as araras como uma profissional.

— OK, Bella, vamos finalmente livrar você das calças de moletom, da camiseta de futebol e trazê-la para o século XXI.

Bella estava olhando as roupas e rindo.

— Jeans com lantejoulas?? Você não vai conseguir que eu vista isto! — Olhe aqui, calças esportivas cinza perfeitamente aceitáveis... por oito libras na liquidação... um colete acolchoado, 12 libras, camisetas por cinco libras, jeans personalizado, saia jeans... blusa preta com mangas três- quartos... etc, etc, etc. Bella, você vai sair daqui como uma nova mulher...

por menos de 50 libras.

Foram para os trocadores com os braços cheios de roupas.

— Oh, meu Deus, é tamanho GG — Bella choramingou, vestindo uma Blusa muito apertada.

— Os tamanhos enganam nestas lojas — Red disse. — É assim que economizam — usando menos material.

— Sim, e trabalho infantil em países do Terceiro Mundo.

— Não, estas roupas são OK. A maioria é feita no Marrocos e em Portugal.

— OK, bom, vou deixar minha consciência social de lado. Como é que sua barriga já está tão achatada? — Bella perguntou, olhando o reflexo de Red no estreito espelho de corpo inteiro, instalado provavelmente para fazer as mulheres se verem também altas e magras.

— Academia duas vezes por semana. Freqüente uma desde que Ellie era recém-nascida — foi a resposta orgulhosa.

— Ah! Eu me lembro da academia. Ainda sou sócia daquela academia superchique em Belsize Park.

— Bom, então vá! — Red respondeu. — Se não for, quando parar de amamentar vai ter que amarrar seus seios, de tão caídos. Eles têm uma creche, sabia? — Sim, sei. Mas não posso suportar a idéia de deixá-lo lá.

— Mas você está superando isso, não está? Parece bom — Red acenou com a cabeça ao ver Bella em calças esportivas cinza e uma camiseta de mangas compridas vermelha com uma flor estampada na frente.

— Não pareço uma velhota com roupas de adolescente? — Não! É a moda de Seattle... de quem trabalha em casa, diminuiu os luxos, dos gênios da informática. Você precisa de tênis. E que tal isto? — Red perguntou, mostrando uma saia jeans bordada com flores de várias cores. — Saída diretamente da passarela. Isto é design de moda... esqueça as marcas famosas... eles só estão tentando acompanhar o ritmo. Estas roupas são copiadas nos desfiles e estão nas lojas três dias depois.

— Como é que você sabe disso tudo? — Bella disse, vestindo uma jaqueta de pele

sintética com zíper e longos caracóis de lã acrílica branca.

— Rá, rá, olhe para isso. Chocante! — Ela caiu na gargalhada.

— Esta cadeia de lojas é a minha maior cliente — Red respondeu.

— Não diga! — O presidente da empresa ganhou quase um milhão em bônus no ano passado.

— Uau. Você consegue desconto? — Bella brincou.

Ela gostou do tecido de todas as jaquetas brilhantes. Pensou em como deveriam ser fáceis de limpar e decidiu gastar ali, comprando um par de calças bege e outro cinza, uma saia preta longa, tudo no mesmo material brilhante, crepitante, com cintura de amarrar e fechos de plástico.

Depois comprou três camisetas de mangas compridas com desenhos malucos na frente e uma jaqueta curta prateada, forrada com tecido aveludado. Red a obrigou a comprar uma mochila de tecido, dizendo, debochada, que sua bolsa de mão de crocodilo não combinava com os novos modelitos.

O total da conta foi menor do que a despesa semanal no quitandeiro e Bella pagou tudo sem sentir-se culpada.

— Agora a farmácia — Red disse depois de comprar algumas blusas.

Foram para a farmácia e investigaram a seção de maquiagem como duas adolescentes.

— Você não pode comprar esmalte vermelho. É a cor mais chata do mundo — Red insistiu.

— Bom, não vou comprar verde! — Bella disse.

— Por que não? — E adolescente demais.

— E daí? Você está com vinte e poucos anos, não 100. Não precisa vestir se de bege e usar as roupas da sua mãe.

— Hummm. Que tal prata? Combina com a jaqueta.

— Acho que há um lado selvagem em você, pronto para sair por aí.

— Não, acredite em mim, passei anos enterrando-o.

— Não diga! Mas você sempre teve um ar tão... conservador.

— Sim, moda nunca foi a minha especialidade, somente drogas leves e sexo casual.

— Talvez você devesse canalizar sua necessidade de chocar as pessoas com algo menos prejudicial.

— Como esmalte de unhas verde? — experimente! — Red riu.

Ainda tinham tempo para tomar um café em um restaurante natural, vegetariano, com xícaras de cerâmica, escondido nos fundos do shopping, que Bella não tinha notado antes.

— Costumo ir até a Mothercare e àquela lojinha infantil bonitinha e saio correndo daqui. — Seu rosto ficou subitamente sombrio.

— Pare com isso — Red disse, bebendo o café com leite. — Estava pensando em Markie, não estava? — Sim, mas somente porque não pensei nele desde que chegamos aqui.

— Ainda bem.

— Mas nem sequer fui até a loja infantil — Bella disse, pegando o celular na bolsa e checando mais de uma vez para ver se havia mensagens.

— Eles estão bem — Red disse com firmeza.

E quando Bella voltou à casa de Sylvia, 35 minutos mais tarde, ficou óbvio que Red tinha

razão. Markie dormia profundamente no carrinho e Ellie brincava com Lego no meio da sala de estar.

— Ele é um anjo — Sylvia disse.

Bella levou Markie para casa enquanto Ellie continuou com Sylvia, porque Red tinha trabalho a fazer em casa.

Trabalho... Bella pensou consigo mesma enquanto empurrava o carrinho pela calçada... trabalho?? Não podia negar que tinha um pouco de inveja de Red. Ela iria sentar no seu escritorzinho, fazer telefonemas, usar todas as partes legais e lógicas do seu cérebro e ganhar dinheiro.

Uma parte enorme de toda esta situação estressante com Don seria aliviada se ela estivesse novamente ganhando um montão de dinheiro. O saldo do cheque especial estava para lá de estourado, e, falando realisticamente, se não conseguisse um trabalho, logo teriam que colocar a casa à venda. O pensamento a deprimiu imediatamente.

Entrou em casa, tirou o casaco de Markie, desamarrou seu gorriño e o deixou dormindo no hall.

Subiu com as sacolas das compras matinais e decidiu animar-se um pouco experimentando rapidamente as roupas. Primeiro vestiu a saia longa com a comprida fenda na frente, depois colocou meias, as calças de ginástica e uma das novas camisetas de manga comprida. Por cima de tudo a jaqueta prateada e caiu na gargalhada ao ver seu reflexo no espelho.

Era muito diferente, mas confortável e legal — olhou as roupas antigas em uma pilha no chão. Como usou aquelas porcarias tanto tempo? Ela fazia o estilo gênio elegante da Internet. Olhou se no espelho e lembrou-se do comentário de Red sobre a distribuição no setor da moda.

Difusão, nomes de grifes por menos dinheiro, estilo Internet chique.

Tinha a estranha e estimulante sensação de que algo se formava em sua mente e... bingo! Todas as peças do quebra-cabeça se encaixaram e ela teve uma idéia. absolutamente excelente.

— Oh, meu Deus! — disse em voz alta. — É isso! É isso! Brilhante! Sentou-se na cama e os pensamentos voaram. Era tão bom que suas mãos tremiam e não podia esperar. Pegou o telefone e apertou o botão 3 na discagem automática.

Uma voz muito conhecida respondeu: — Boa-tarde, Prentice and Partners. Aqui fala Kitty, como posso ajudar? — Kits — ela quase gritou.

— BELLA! Oi, como vai você? — Kitty respondeu animada, e depois acrescentou num sussurro: — O que aconteceu, Bella? Ninguém me diz nada. Só tenho de dizer que neste momento você está indisponível para trabalhar.

— Você podia ter telefonado! — Sim, bom, mas não queria incomodar.

— Incomodar! Estou andando pela casa com um bebê que acabou de nascer, evitando o colapso nervoso, e você está preocupada em não incomodar! Jesus do céu, Kitty. O que é feito da irmandade feminina? — Deus. Desculpe, Bella. Nunca pensei nisso dessa maneira.

— Bom...

— Você vai voltar? — Kitty a interrompeu.

— Vamos ver. E como vão todos? — Bem, o de costume. Temos uma nova garota e ela é



uma tremenda vaca. Tem 24 anos ou coisa parecida.

— Hector não se tornou sócio, não é? — Bella tentou evitar que a voz esganiçasse.

— Meu Deus, não. Recebeu uma advertência de Susan, por escrito, na semana passada.

— Jura? — Isso era bom. Subitamente, percebeu como sentira falta deles e da intriga do dia-a-dia.

— Como está Susan... e Chris? — Pobre Chris. — Susan está cheia

de saudades suas, acho. — Agora a voz de Kitty estava baixa, em ambiente de conspiração. — Chris está muito calado, talvez também esteja com saudades suas! — Também sinto muito a falta de todos — disse Bella, sentindo uma avalanche de culpa sobre Chris.

— Como vai o seu filhinho? — Kitty perguntou.

— Oh, ele está fantástico. Seja como for, quero ver Susan, mas vou aparecer de surpresa, quando ela estiver aí e sem mais ninguém.

— Bom... — ela conseguia ouvir Kitty percorrendo a agenda de Susan — ...a sua melhor chance é de manhã bem cedo, quinta ou sexta- feira.

— OK, bom, acho que será melhor na sexta. Você me telefona se mudar alguma coisa e ela não estiver disponível? — Sim, claro. Mas, me diga... para que isto tudo? — Não posso dizer... ainda não. Mas prometo que você vai ser a primeira pessoa a saber se Susan entrar nesta.

— Bella! — Agora tenho que ir. Até sexta.

— OK, então tá! Tchau! — Tchau! Bella respirou fundo e apertou o botão 4 na discagem automática.

Havia outra coisa que também tinha mesmo que resolver. O tom de chamada apitou no seu ouvido duas, três vezes. Sentia a determinação fugindo, talvez esta não fosse uma boa hora... talvez devesse deixar isto para a noite.

Mas depois houve um "Oi?" ríspido do outro lado.

— Oi, Tania, é Bella.

— Bella?! Meu Deus... oi! — Houve uma pequena pausa, e então Bella continuou: — Lamento muito ter sido tão mal-educada, Tania. Não sei por que demorei tanto tempo para telefonar. Sinto muito mesmo.

— Eu também sinto muito — Tania disse. — Oh, estou tão feliz que você telefonou. Também queria telefonar. Tudo bem, somos duas estressadas... você com o bebê e eu com Greg.

— Greg? O que aconteceu? — Bella perguntou.

— Nem acredito que você não sabe de tudo. — Tania respondeu.

— Tudo o quê? — Ele é casado.

— O quê!!!? — É. — Tania continuou: — Todos aqueles fins de semana com os pais e não querer a gente vivendo juntos... no fim das contas, ele tem uma mulher e três filhos.

— Oh, meu Deus! — Bella estava atordoada, nem mesmo ela tinha pensado nisso.

— Sim, eu descobri... bom, é uma longa história. Estava telefonando para você naquela noite para lhe contar como suspeitava de tudo.

— Oh, Deus — Bella cortou. — Lamento tanto, tanto. Pensei que eu tinha os maiores problemas do mundo, e é óbvio que não tinha. — Cristo, ela pensou, isso foi há meses. Como foi que Tania passou por tudo isto sem ela? Ela estava tão zangada consigo mesma por não ter estado lá, de não ter oferecido ombro para a sua amiga chorar. — Como vai você? — Bella perguntou.

— Não muito mal. Estive absolutamente miserável durante semanas.

Mas o lado positivo da coisa é que perdi uns seis quilos, então estou linda.

Simplesmente trabalhei como um demônio, o que me manteve ocupada, redecorei o

apartamento... e comprei um novo carro.

— Não! Não um...

— Uma Ferrari vermelha brilhante novinha em folha — Tania cortou.

— Sua vaca! — disse Bella, e depois acrescentou sinceramente: — Não acredito que você não me telefonou.

— Não conseguia fazer isso, Bella. Aí está você, toda casada e feliz, com um bebê, e eu novamente solteira.

— Oh, sim — disse Bella. — Tem sido tudo uma felicidade só. Pedi demissão do meu trabalho, Don e eu estamos dando um tempo separados, estamos, quase falidos. Mas graças a Deus, graças a Deus, meu filho está finalmente dormindo a noite toda.

— O quê? — Agora foi a vez de Tania ficar chocada.

— Sim, é fantástico, pô-lo acordado na cama, ele primeiro chora, mas depois adormece sozinho e...

— Não estava falando do bebê! — Tania agora estava praticamente guinchando. — Você e Don separados?? — Sim, mas espero que não seja por muito tempo. Tem sido mesmo estressante e eu meio que dormi com o meu chefe, mas tenho esperanças de que ele consiga me perdoar...

— O quê!? Mais devagar, você está gaguejando, garota. — Você tem tempo para a história toda? — Bom, se me der agora a versão resumida, talvez depois nos possamos encontrar no sábado e você me conta a saga completa.

Depois do resumo de Bella sobre os acontecimentos, combinaram se encontrar no sábado de manhã.

— Por favor, na academia — disse Bella. — Tenho que voltar lá, meu corpo ainda parece uma gelatina.

— Rá, rá, rá, rá, eu estou magra e elegante — Tania cantou. — É hora de trocarmos de lugar.

— Sua tremenda vagabunda! O que adianta ser sua amiga se você ficará mais bonita do que eu? — Bella disse, feliz em ver que ela e Tania tinham voltado a ser as melhores amigas de sempre.

— Sua vaca! — Tania gritou. — Mexa essa sua bunda flácida. Não é à toa que seu homem saiu procurando outra.

— Ele não fez isso! — Bella gritou ao telefone. — Fui eu quem saiu procurando, e não gostei do que vi... quer dizer, não era nada feio...

— Bella! Você agora é mãe. Precisa comportar-se com responsabilidade — Tania disse, fingindo estar chocada.

— Estou doída para ver você — Bella respondeu. — Que tal por volta das 10h30? Fazemos uma aula de ginástica, depois sauna e um longo almoço? — E pensava: quatro horas longe do meu filho... Eu consigo, eu conseguirei, Don pode cuidar dele... ele consegue, ele conseguirá...

— Perfeito. Vejo você lá.

— Tania, eu senti mesmo muitas saudades — Bella disse.

— Eu também — Tania respondeu. — Vamos ser melhores amigas para sempre.

— OK — Bella riu. — Vejo você no sábado.

— Tchaaaaau.

## Capítulo Quarenta e Quatro

Don telefonou por volta das nove, como fazia todas as noites desde que saíra de casa. As ligações eram curtas e restringiam-se basicamente a Markie, que era motivo de um assunto neutro e seguro. Era a terceira vez que ela colocava Markie no berço sem amamentar e ele só chorava alguns minutos.

— Durmo como um boi — ela disse a Don. — Vou para a cama às 22 horas e não acordo até que Markie chore, às sete. É uma maravilha.

Sinto-me novamente uma pessoa normal e sadia, é surpreendente.

— Você ainda está amamentando? — Sim, três vezes por dia, o que é muito bom para nós.

— Bom, e está tudo bem com a babá? — Ela é adorável. Vai ficar com ele duas manhãs inteiras, amanhã e sexta.

— Nossa, você tem algo planejado? — Algo alta e completamente secreto. Conto no sábado. Você vem no sábado, não vem? — Sim — ele respondeu por fim.

— Pretendo ir à academia de manhã para encontrar Tania, porque pensei que você gostaria de passar um tempo sozinho com Markie. Depois, com sorte, ele dormirá à tarde e nós poderemos conversar um pouco.

— Está bem, Bella — Ele disse e acrescentou: — Você vai à academia? Encontrar Tania? Ora... — ele quase disse "você está voltando a ser o que era", mas evitou. Não havia uma volta, ela estava se tornando outra pessoa. Bella com o bebê. Ele não tinha certeza de onde se encaixava nessa equação, mas iriam descobrir isso.

— Você concorda? — ela perguntou, por causa do prolongado silêncio.

— Tudo bem, legal. Sinto muitas saudades de Markie — disse. — Mal posso esperar para vê-lo.

— Sim. — Ela decidiu não acrescentar "eu sinto mesmo a sua falta" porque, se ele não dissesse a mesma coisa, seu coração se partiria.

— OK — ele disse. — Preciso ir, boa-noite, Bella. — Ela percebeu um quê de ternura nestas palavras e isto a reconfortou.

— Boa-noite, querido.

Desligou o telefone e subiu para ver seu filho. Entrou no quarto na ponta dos pés e olhou para ele na penumbra da iluminação noturna. Ele estava deitado de lado, com as mãos curvadas à sua frente, levemente quente e úmido ao toque, ainda suado por causa do choro na hora de dormir.

Suas bochechas gorduchas eram rosadas e cílios incredivelmente longos curvavam-se nos olhos, Ela ouviu a respiração suave e inclinou-se para sentir seu cheiro doce, levemente amanteigado. Ele era perfeito.

Nunca se sentira assim, tão completamente cheia de amor. Era calmante, estabilizante, e seu coração se expandia.

De algum modo deveria haver espaço no coração dela para todo este amor pelo bebê, e também por Don, pelo seu trabalho, seus amigos e, ela deveria tratar disso, seus pais.

A princípio achou que Markie iria exigir todo o seu amor e não haveria mais nada a ser oferecido aos outros, Mas começava a aprender que Markie abria as comportas. Ela tinha

gerado esta quantidade extra de amor na sua vida, e agora iria espalhá-lo. Suavizar um pouco... cheirar as rosas...

abraçar as árvores.

Sentiu seus olhos embaçarem e ficarem novamente cheios de lágrimas. Estou virando uma completa boboca, ela pensou... e gosto disto.

Acariciou a cabeça de seu menininho e saiu do quarto.

No andar de baixo, preparou um jantar simples e subiu para o escritório no sótão com o laptop. Tinha um plano e agora precisava pesquisar.

Três horas depois, foi deitar, cansada, mas muito animada. Isto iria funcionar.

Na manhã seguinte, Bella foi para a cidade depois de deixar Markie na Sylvia, Se ia enfrentar Susan amanhã, precisava se preparar para isso.

Iria apresentar um plano novo, revolucionário, e achou que deveria ter uma imagem radicalmente nova para acompanhar.

Calças jeans e tops coloridos eram bons para ficar em casa, mas o novo visual de trabalho precisava ser um pouco mais sóbrio.

Nada de saias apertadas, saltos altos, meias de nylon e decotes. O que precisava provar? Estava casada, tinha um bebê, sabia que era atraente e muito boa no seu trabalho. Já era hora de seguir em frente. Agora ela queria parecer elegante, coordenada, profissional. Não havia mais motivos para que suas roupas de trabalho servissem para ir a um coquetel depois do expediente. Assim que o expediente terminasse, iria para casa.

Além disso, ela estava on-line, ao telefone — por que diabos precisava estar em um escritório o dia todo? Deixou o carro em um estacionamento e foi para a Regent Street. Era início de dezembro, fazia frio, mas o céu estava azul e limpo, Ainda não eram dez horas, as lojas começavam a abrir e as calçadas estavam meio vazias.

Uma hora mais tarde, depois de ter conversado por um bom tempo com uma atenciosa vendedora, Bella encontrou exatamente o que precisava: um conjunto com calças, longo, elegante, cinza-claro, que ficava perfeito com o seu corte de cabelo mais curto. Olhou-se no espelho e mal acreditou como parecia jovem e mais em forma. Os ombros da jaqueta eram estreitos e sem enchimento, o comprimento ia até o meio das coxas e as calças tinham corte fluido, sem serem amplas.

Por baixo usava um top sem mangas, de tricô de seda cinza, com decote reto. Nada de decotes, mas no seu lugar, braços nus, Ainda era sexy, mas de um modo esportivo. Decidiu levar um top igual verde-garrafa.

O novo casaco era de nylon preto, na altura dos joelhos, com um forro xadrez. Depois decidiu comprar uma pasta executiva também nova — nylon preto brilhante, suficientemente grande para caber um laptop, celular, chave. do carro e algumas fraldas — o que mais alguém poderia precisar? Tudo foi embrulhado e colocado em sacolas azuis brilhantes. Ela entregou o cartão de crédito sem culpa, porque, a partir de amanhã, teria um emprego novinho em folha. Tinha certeza disso.

Muitas lojas depois, possuía dois novos pares de sapatos, mocassins futurísticos em couro preto e cinza, com solas de borracha moldada como as de tênis — legal.

Depois a maquiagem nova: sombra verde-musgo, batom marrom.

Depois lingerie nova. Explicou que ainda estava amamentando e a vendedora sugeriu um

sutiã esportivo de lycra cinza com uma tanga alta combinando.

Bella ficou animada ao perceber que voltava à antiga forma. Seus seios ainda estavam imensos mas a barriga eslava diminuindo. Ia conseguir.

Já era quase meio-dia e meia, de modo que ela ainda tinha tempo para um rápido sanduíche antes de correr de volta para Sylvia às 13h30.

Passou a tarde brincando com Markie, depois deu-lhe o jantar, banho, e colocou-o no berço e voltou a trabalhar novamente.

Coitada da Susan, não fazia idéia do que ia desabar em cima dela.

## Capítulo Quarenta e Cinco

Estava na hora de atacar, Bella disse para si própria, enquanto caminhava em direção ao elevador que a levaria até o escritório da Prentice and Partners pela primeira vez em cinco meses. Apertou o botão e as portas abriram com um bipe. Assim que entrou no elevador, sentiu que as mãos tremiam ligeiramente e apertou a pasta com mais força, enquanto acalmava o ritmo da respiração. Isto ia dar certo, não havia motivos para fracasso.

Ping — fez o bipe do elevador. Era o hall do quarto andar. Foi na direção da portas duplas de vidro e viu Kitty tirando o casaco. Bella sorriu e tentou relaxar. Era o escritório dela, o trabalho dela. Tudo iria dar certo.

Eram 8h25 e somente Kitty e Susan deveriam estar na empresa.

— Olá — cumprimentou Kitty. Kitty a olhou e ficou assombrada.

— Meu Deus, você está completamente diferente! — Mas é bom? — perguntou Bella.

— Sim, muito bom. Muito moderno. Dê-me um abraço. É fabuloso ver você. As duas abraçaram-se e beijaram-se.

— Ela está aqui? — Bella disse baixinho, não queria estragar a surpresa para Susan.

Kitty fez que sim com a cabeça e pegou o telefone.

— Oi, Susan — ela disse. — Há uma visita inesperada para você na recepção... mas tenho certeza de que você vai querer vê-la.

Depois de um minuto, a porta do escritório de Susan abriu. Por alguns segundos seu rosto só demonstrava surpresa, depois sorriu. estendeu um pouco os braços e disse: — Bella, meu Deus. Bem-vinda! — Espere um pouco — Bella sorriu. — Acabei de passar pela porta. Acho que precisamos conversar primeiro.

— Sim, claro, entre — Susan fez um gesto com os braços e acrescentou: — Kitty poderia nos trazer um café, por favor? E segure todas as minhas ligações. Entre, Bella.

Bella não sabia o que esperar de Susan, mas este certamente era um bom começo.

Entrou na salinha e ficou surpresa ao ver que tinha sido redecorada.

Agora havia uma mesa pequena à janela, com um laptop minúsculo, um celular prateado em cima dele e, debaixo da mesa, estava um elegante gaveteiro inoxidável com rodinhas de aço. O resto do espaço da sala estava praticamente tomado por três grandes poltronas de couro marrom ao redor de uma mesinha de centro.

— É a nova versão do século XXI, somos todos iguais, compartilhamos sentimentos. Gosta? — Susan perguntou, indicando uma poltrona.

— É uma maravilha — Bella disse, sentando-se na fofa poltrona de couro e sentindo-se muito à vontade em suas novas roupas. Nenhuma saia subindo muito alto nas pernas, nenhum salto incômodo colocando seus joelhos em ângulos estranhos.

— Você está linda — Susan disse, empoleirando-se na poltrona por causa da saia e dos saltos. — Gostei de como arrumou seu cabelo... e isto é um esmalte verde? — Sim... obrigada — disse Bella. Ficou pensando se deveria pedir desculpas primeiro ou se Susan iria fazer isso.

Houve uma pausa enquanto as duas mulheres se olhavam e sorriam.

— Sobre a maneira como eu parti... — Bella começou. — Lamento, mas acho que tive um motivo. Não estou dizendo que tinha razão, mas estava apresentando um motivo que você



deveria ter levado em consideração.

— Acho que isso é justo — Susan respondeu. — Não queria que você saísse da empresa. Lamento ter reagido daquele modo. Não quero que você deixe a empresa. Na verdade, adoraria que você voltasse.

— Eu gostaria muito de voltar, Susan — Bella disse. — Mas não no meu cargo antigo, mudei demais.

Susan não disse nada, esperava que Bella explicasse.

— Não posso colocar o trabalho em primeiro lugar como fazia antes.

— Bella continuou: — Acho que isto vai ser difícil para você compreender.

Isto é, quero fazer um excelente trabalho para você, mas não quero mais controlar o universo como fazia antes. — Sorriam uma para a outra. — Meu filho está em primeiro lugar. Se tiver que escolher entre o trabalho e o bebê, Markie ganha. Mas isto não quer dizer que eu não posso trabalhar.

Bella olhou séria para Susan, analisando a reação dela, e continuou: — Sou uma pessoa muito capaz, tenho um enorme potencial que você pode usar nas horas do expediente.

Kitty bateu na porta e entrou com a bandeja de café, no momento perfeito, porque Bella sabia que Susan estava pensando muito sobre o que ela pretendia e, fosse qual fosse o cenário imaginado por Susan, Bella sabia que seu plano iria chacoalhar os alicerces.

Kitty serviu o café e, para quebrar o silêncio, disse para Bella: — Lindos sapatos.

— Obrigada, são sapatos que me ajudam a ganhar tempo — Bella brincou — Em vez de ir para a academia, venho para o trabalho correndo.

— Então — Susan disse assim que Kitty fechou a porta —, o que tem em mente? — Quero dirigir a nova divisão da Internet da Prentice and Partners.

— Continue. — As sobancelhas de Susan estavam erguidas, mas continuava ouvindo.

— Sua empresa vai ser a primeira a oferecer uma consultoria on-line para pequenas empresas. Um giro de menos de cinco milhões por ano.

"As pessoas irão acessar o site, preencher um questionário detalhado e receber um plano inicial de ação — gratuitamente. Se quiserem mais conselhos, poderão receber assessoria on-line ou pelo telefone, pagando uma taxa.

"É a difusão planejada, o produto mais barato da Prentice para os pequenos que realmente precisam de ajuda. É claro que você pode vender publicidade no site para inúmeros serviços financeiros relacionados — bancos, financeiras, seguradoras etc." — Meu Deus — Susan disse, tomando café. — Você acha que vai ser lucrativo? — Aposto que vai gerar toneladas de dinheiro — Bella disse, mal conseguindo conter seu entusiasmo pelo projeto.

— Você vai ter que contratar mais gente para atender à demanda. É o mercado de massa, Susan, dezenas de milhares de hits, em vez de cinco grandes projetos por ano. É também uma propaganda inacreditável para você. Você vai passar a idéia de que é a empresa mais inovadora e voltada para o futuro do mercado.

— Mas vamos dar conselhos de graça. — Susan quase tremeu ao pensar nisso.

— Eu sei, é um conceito assustador, mas a atração dele é que ao obter algo tão bom de graça, você paga para obter mais. E, seja como for, a receita com a propaganda irá cobrir os custos das pessoas que acessam o site em busca de material gratuito e depois desaparecem.

— Você tem um plano comercial para isso? — Susan perguntou.

— Claro — Bella disse, sorrindo. — Vou mandar por e-mail. Susan caiu na gargalhada e depois perguntou: — Como vai ter tempo para dirigir isto? — Bom, tenho uma babá para cuidar de Markie quatro manhãs por semana, que é quando estarei conectada, fazendo a maior parte do trabalho em casa — Bella disse.

"Porque isto me garante 90 minutos, o tempo que eu gastaria dirigindo o carro.

"Posso conectar-me novamente à noite para ficar atualizada e fazer reuniões com as pessoas aqui no escritório quando necessário, mas não deverão ser mais do que algumas vezes por mês." — Parece que você pensou em tudo — Susan disse com um sorriso.

— Por que sinto que estou quase deixando você experimentar a idéia? — Bom... — Bella disse, ainda sorrindo — ou você aceita ou eu entro com uma ação trabalhista por demissão inadequada durante a licença-maternidade.

— Ai... seria muito ruim para a empresa... com uma chefe mulher acima de tudo.

— Muito ruim — Bella respondeu.

— Bella, estou mesmo orgulhosa de você — Susan finalmente disse.

— Você faz com que eu me lembre de mim mesma quando tinha a sua idade, mas acho que você fez escolhas melhores.

— Susan! — Bella cortou. — Você dirige uma empresa de sucesso internacional. Esta foi uma boa idéia.

— Sim, mas nunca tive um filho.

Bella ouviu um lamento surpreendente nestas palavras e percebeu que era a primeira vez que Susan tinha mencionado algo pessoal.

— Vivi adiando a idéia por causa da promoção seguinte, o melhor emprego, o melhor grande cliente, de repente, estou com 48 anos e não vai mais acontecer. — Susan continuou: — Mas, sabe, por um lado estou feliz.

porque não acho que teria conseguido tudo isto com uma família. Mas lamento ter reagido mal a sua gravidez; provavelmente estava chateada com tudo, com pena de mim mesma.

— Sinto muito — Bella disse. — Ouvimos um monte de bobagens sobre carreira e filhos e não acho que se possa ter tudo. Você pode ter parte disso, parte do tempo, se tiver sorte e der muito duro.

— Viu, você fez boas escolhas — Susan disse, e acrescentou com um sorriso: — Mas não vai sentir saudades de entrar nos grandes escritórios cheios de homens e dizer "Tudo bem, vim aqui para arrumar as coisas"? — Ah, bom... um pouco — Bella respondeu. — Mas posso voltar a fazer isso mais tarde. Gostaria de tentar ver esta idéia funcionar.

— De quem precisa para se estabelecer? — Susan perguntou. — Chris? — Não. Acho que Chris e eu devemos cuidar separadamente de nossos impérios no momento. Que tal a nova garota? — Milly? Você sabia sobre ela? — Sim. Vou me encontrar com ela e ver se nos damos bem. Hector...

bom — Bella tentou ser o mais diplomática possível. — Não é o meu tipo.

— Não tenho certeza de que ele é o meu também — Susan disse. — Contrate alguém novo se quiser, um gênio da informática. Em breve poderemos precisar de um escritório maior — ela acrescentou com um tom que parecia entusiasmado.

— Quem sabe posso contratar outra mãe que queira trabalhar em casa. E conheço um

americano genial... Bella lembrou-se repentinamente de Mitch e imaginou se ele atenderia uma ligação dela.

— Bom, você decide — Susan disse.

— Hãã, não falamos ainda sobre...

— Dinheiro? — Susan disse, colocando a xícara na mesa.

— Vou trabalhar menos horas, mas não será meio período. Lamento, mas esta não é uma oportunidade para você cortar meu salário — Bella disse, tentando ser firme.

— Relaxe, esta é uma fantástica aventura nova — Susan respondeu.

— Vou lhe dar um aumento de 20%, fazer você sócia da nova divisão da Internet e dar 35% dos lucros deste departamento.

— Quarenta e cinco por cento — Bella respondeu, firme. — Você não perdeu a cara-de-pau, não foi? — Susan respondeu. — OK, 40.

— Negócio fechado. — Bella esticou a mão e Susan a apertou.

Depois Bella pulou da poltrona e disse: — Viiiiiiiiiiiiiva! — dando um soco no ar.

Susan, também de pé, olhava para ela, incrédula, mas Bella a apertou em um abraço.

— É a nova versão do século XXI, somos todos iguais, compartilhamos sentimentos. Gosta? — ela disse entre risinhos, abraçando Susan forte.

— Oh, meu Deus — Susan gaguejou. — Calças, tênis... esmalte verde... você enlouqueceu.

As duas caíram na gargalhada, Bella sentia-se ridiculamente feliz.

Isto ia dar certo, ela iria recompensar Susan centenas de vezes por esta chance.

— Então, quando quer começar? — Susan perguntou.

— Virei me encontrar na semana que vem com a garota nova que você contratou e decidir se precisamos de outra pessoa. Precisaréi de alguns meses nos bastidores antes que possamos fazer um tremendo de um lançamento do site em fevereiro ou março. E estou assumindo que terei direito às férias coletivas de fim de ano.

— OK — Susan disse, erguendo as sobrancelhas. — Começo a contabilizar seu salário na semana que vem.

— Sim, por favor — disse Bella. — Caso contrário, serei despejada.

— Mantenha contato — Susan advertiu.

— Sim. Isto vai ser fantástico, estou muito, muito animada.

— OK, mantenha a calma, quero notícias suas em breve. Agora estavam na porta do escritório de Susan.

— Mais uma coisa — Bella disse com um olhar malicioso.

— Siiim? — Susan estava preocupada.

— Preciso levar você para fazer compras, Susan. Você precisa se modernizar. O visual de conjuntos com ombreiras, cabelos presos... está tão ultrapassado. — Bella cruzou os dedos nas costas, esperando não ter ido longe demais.

Mas Susan caiu na gargalhada.

— Vamos ver, Bella. Traga um vidro de esmalte verde... eu talvez

comece por aí.

O celular de Susan começou a tocar assim que Bella abriu a porta.

— Obrigada, Susan, do fundo do coração. 'Tchau. Você não vai se arrepender. Susan estava com o celular na mão e conseguiu dizer, rápido: — Espero que não! Tchau — ela disse antes de atender com tom ríspido: — Alô, Susan Prentice...

Bella fechou a porta e estava no escritório principal. Ninguém parecia ter chegado.

Kitty a olhou.

— Então, vai me dizer o que aconteceu? Você voltou? — Voltarei na semana que vem, mas não posso contar mais nada. — Bella deu um largo sorriso.

— Mas você prometeu, sua traidora.

— É tão excitante! — O que diabos pode ser suficientemente excitante neste trabalho para você gritar "iupi" como uma idiota na frente de Susan? — Não foi "iupi", foi "viiiiva". — Bella respondeu, e acrescentou: Gosto da sua roupa — olhando para as calças em estampa de camuflagem e top de plástico laranja fluorescente.

— Oh, meu Deus. Você deve ter sofrido um colapso nervoso! — Algo parecido, mas estou começando a me sentir muito melhor.

Muito melhor mesmo. Vejo você em breve, Kits, cuide-se. — Bella foi em direção da porta principal.

— Você não pode ir embora e não me contar nada! — Kitty gritou.

— Sim, claro que posso. — Bella sorriu, matreira.

Quando o elevador parou no térreo, Bella abriu a pasta e pegou o maço de cigarros.

Estava tirando um do maço quando percebeu o que estava fazendo.

Ia fumar para comemorar, mas também quando estava deprimida, quando estava feliz, quando bebia, quando não bebia. Basicamente, passava o dia todo arrumando desculpas para fumar.

Amassou o maço, destruindo os últimos três cigarros dentro dele, e jogou tudo dentro da lixeira ao lado da portaria. Saiu do edifício apreciando o modo confortável e com passos largos que podia dar usando calças e sapatos sem salto.

## Capítulo Quarenta e Seis

Na manhã de sábado, Bella e Markie ainda estavam tomando o café da manhã na cozinha quando ela ouviu a porta da frente abrir no andar de cima.

Don falou alto no hall: — Olá, sou eu — e Bella correu escadaria acima para encontrá-lo. Ela o abraçou, beijando-o na boca, sem se preocupar se deveria ou não.

— Caramba — ele disse, afastando-a. — Você está... extraordinária.

— Extraordinariamente boa... ou extraordinariamente ruim? — ela perguntou, enquanto ele a mantinha a um braço de distância e olhava os tênis, as calças de nylon cinza e a camiseta apertada rosa e prata com mangas vazadas.

— Bom, bom... acho. Gosto, estou me acostumando. Você está muito sexy — ele acabou dizendo, e não conseguiu evitar puxá-la para outro beijo. — E o cabelo?! — ele disse de repente. — Quando foi que você o mudou? — Semanas atrás, mas você estava muito zangado para notar — ela respondeu.

— Está lindo — ele disse, depois de decidir que ainda não era hora de discutir os motivos pelos quais "estava zangado".

Foram interrompidos por gritinhos impacientes vindos da cozinha.

— Ele está na cadeirinha — Bella disse, e os dois desceram as escadas. Ela notou que Don não trouxera as malas com ele e sentiu uma onda de desapontamento, mas o que esperava? Que ele tivesse esquecido e perdoado o que acontecera há apenas seis dias? Don foi direto na direção de Markie, retirando-o da cadeira e balançou-o no ar.

— Olá, como vai meu meninão? — ele disse todo orgulhoso. — Você cresceu tanto em uma semana.

Markie deu uma risadinha, esticou as mãos e despejou um fio de baba comprido no rosto de Don.

— O primeiro dentinho já está nascendo — Bella disse quando Dou abaixou rapidamente o bebê, dizendo "argh" e limpando o rosto com a mão.

— Chá? — ela perguntou, — Torradas? — Estamos acabando de comer.

— Na verdade, isso será ótimo. Vim mais cedo porque pensei que Markie iria precisar de algum tempo para se acostumar novamente comigo e... Mike provavelmente quer ficar sozinho na casa o dia todo.

— Claro — disse Bella. A pergunta sobre quando ele voltaria para casa pairava no ar, mas nenhum deles se atreveu a tocar no assunto.

— Como vai o Mike? — ela perguntou. Ela gostava do editor de reportagem de Don.

— Vai bem, vai se aposentar — Don respondeu.

— Mesmo? Ele só tem uns 50 e poucos, não é? — Cinquenta e seis, mas o seu trabalho é duro, sem falar que a segunda ex-mulher voltou para a Escócia com as crianças e ele está pensando em mudar-se para lá porque nunca os vê.

Don passara a maior parte das noites desta semana ouvindo as lamentações de um homem de meia-idade, superestressado, que sempre colocou a carreira na frente da família. A ironia da situação não passara despercebida.

— E como vai você? — Don sentou na cadeira, com o filho pulando no joelho, tentando puxar seus óculos.

— Bem — disse Bella. — Muito bem. Comprei roupas novas, encontrei uma babá adorável, Markie dorme a noite inteira e arrumei um emprego novo e tive uma semana agitada. — Ela virou-se para colocar a água fervendo no bule e Don não pôde vê-la sorrindo.  
— Puta merda! — disse Don. — Emprego novo?!! — Ele parou, esperando uma explicação. Bella levou o bule e as xícaras para a mesa, dizendo: — OK, mantenha a calma e eu contarei tudo. E foi o que ela fez, começando na loja de roupas baratas, com as roupas para os maníacos por informática.

Ele ouviu atentamente, e sua admiração por ela foi crescendo.

— E então — ela perguntou quando acabou. — Nada mau, há? Eu vou ganhar mais do que você, e trabalhar menos. Isso não lhe dá tesão? — ela brincou, mas continuou a falar rapidamente, porque não aguentaria se ele não respondesse. — Agora preciso mesmo ir ou chegarei atrasada. A comida de Markie está geladeira, todas com etiquetas neuróticas dizendo quando e quanto dar de comi etc. Divirtam-se. Estou com o celular caso você entre em pânico. — Ela beijou os dois, pegou a sacola de ginástica e correu porta afora, antes que mudasse de idéia sobre deixar Markie sozinho a manhã inteira nas mãos do pai. Don ficou para trás, sem fala e impressionado com a saída tempestuosa dela.

Assim que a porta da frente bateu, Markie olhou para ele e disse: — Pa-pa — o som saiu claramente e Don ficou surpreso ao sentir lágrimas ungirem nos olhos.

— Oi, Markie — ele disse suavemente. — Eu amo você. — Ele apertou o menininho bem junto de si.

Certo, pensou consigo mesmo, hora de andar no parque. Onde estaria o casaco de Markie? E a bolsinha-canguru? E sapatos, ele usa sapatos?

Deveria levar um lanche? Quando Markie deveria comer novamente? Como é que ele não sabia nada destas coisas?? Tinha sido um imprestável, inútil, mas as coisas iam mudar.

— Ok, filhote — ele disse e deu um tapinha na cabeça do bebê. — Hora de passear. Preste atenção, este é o seu pai falando. Aquele que vai ensinar você coisas sobre carros, futebol, garotas, não se meterem crianças... este tipo de coisas.

Markie virou-se para ele e piscou. Don pensou que ele lembrava um pouco uma corujinha, mas era bonitinho... E é meu, pensou, inchando de orgulho.

Bella estava saindo do carro no estacionamento da academia quando uma Ferrari vermelho vivo estacionou perto dela.

— Alô, querida! — Tania gritou pela janela aberta.

— Puta que pariu! Que carro lindo! — Bella gritou enquanto ia na direção dela. As duas mulheres sorriram uma para a outra.

— Grunge urbana? — Tania gritou de volta. — Meu Deus, Bella, nunca pensei que você se vestiria assim. Uma jaqueta prateada!?! — É confortável e não custou caro. — Bella retrucou. — Deixa pra lá, saia do carro. Deixe-me ver como você está.

Tania escancarou a porta e saiu usando botinhas com saltos altos, calças justas de couro preto e um suéter vermelho minúsculo. Óculos de sol enormes estavam empoleirados no alto de sua cabeça.

— Oh, meu Deus! — Bella exclamou. — É a Iiz Hurley.

— Sou muito mais nova que ela! — Tania respondeu, fingindo estar horrorizada.

— Claro que é, todo mundo pode ver isso.

— Venha cá — Bella esticou os braços. Elas se abraçaram e Bella disse: — Eu amo você.

— Que nojo — Tania disse, afastando-se. — Minha amiga foi raptada por alienígenas e no lugar dela colocaram uma adolescente americana.

— Cale a boca, você é muito metida. — Bella gargalhou. — Vamos malhar.

— Aposto que você também parou de fumar — Tania disse enquanto subiam as escadas.

— Mó meu — Bella respondeu.

— Quer parar de falar deste modo? O que aconteceu com você? Tem passado muito tempo na Internet? — Mó meu... e vou piorar — ela disse.

Depois de uma hora e meia de esforço, decidiram desfalecer juntas na sauna.

— Foi mesmo duro, não foi? — Bella perguntou à amiga enquanto estavam deitadas em meio ao calor.

— Sim, foi — Tania respondeu. — Eu me senti tão traída e furiosa...

furiosa com ele, furiosa comigo por ter sido tão burra. Quando penso sobre isso, agora... tudo parece óbvio. Quer dizer, não estava interpretando mal os sinais, Bella, estava passando batido na frente de outdoors enormes que diziam o que estava acontecendo em letras garrafais, e virando a cabeça para o outro lado, Jesus. Mas, sabe, depois de duas semanas de soluços histéricos, fumando como uma chaminé, sofrendo de insônia e em luto profundo, adotei as regras normais de um rompimento.

— Jogou tudo fora? — Sim, vendi as jóias, rasguei as fotos, apaguei os números dele de todos os arquivos, mudei as fechaduras e fiz tudo o que deveria fazer.

— Estou tão orgulhosa de você — Bella disse. — Já fez sexo de transição com algum homem? — Na verdade, já. — Tania caiu na gargalhada.

— E foi o melhor de todos? — Sim, mas eu chorei na manhã seguinte.

— Bom, homens que não fazem você chorar de manhã são difíceis de encontrar — Bella disse e pensou em seu marido.

— Como vão as coisas com Don? — Tania perguntou, imaginando o motivo que fez Bella ficar com o olhar parado.

— Acho que vamos ficar bem. Espero que sim. Eu o amo muito e, se foder tudo, não vou ser a única a sofrer, Markie também sofrerá — ela respondeu.

— Oh, meu Deus. — Tania sentou-se e olhou para a amiga. — Sinto muito, Bella. Você tem que conversar com ele, sabe, dizer que cometeu um grande erro.

— Sim... um erro enorme.

— Lamento não ter estado por perto.

— Eu também lamento — disse Bella. — Mas meio que estou feliz de termos nos desentendido uma com a outra, porque nunca tínhamos nos zangado, e sempre me chateou muito, muito mesmo, eu não poder dizer sempre o que pensava, com medo de nos chatearmos.

— O quê! Você quer brigar novamente? — Não, só que agora eu sei que se brigarmos novamente iremos superar isto, e mais depressa na próxima vez! Afinal de contas, se não brigarmos somos apenas conhecidas, não somos amigas de unha e carne de verdade, não é? — Então, o que é que sempre quis me dizer durante todo este tempo? — Tania a desafiou.

— Ah, um monte de coisas! — Então vamos ver, continue.

— Você está brincando? Quer mesmo que eu diga? — Bella sorriu.

— Vamos lá, ponha isso para fora, se acha que é suficientemente durona — Tania provocou.

— Tá bom, então... eu achava que Greg era muito chato e que você merecia alguém melhor.

— OK — Tania disse.

— E eu acho que às vezes você age muito como uma tonta, quando na verdade é uma pessoa realmente inteligente e legal.

Tania sorriu.

— E morro de inveja porque você tem um irmão adorável... e pais fantásticos que lhe deram dinheiro suficiente para você começar sua empresa e comprar um apartamento... você é obcecada com moda, o que é chato demais... O que me deixa mais irritada é que você nunca acha que fica bem em nenhuma roupa. Isso me deixa louca... Por favor, me faça parar agora. — Bella riu. — Viu? Poderia ter deixado tudo isto ir fermentando durante anos, mas agora soltei tudo em uma gigantesca onda destruidora de amizades.

— Sua vaca! — Tania disse, fingindo estar horrorizada. — E você? Sua Dona Metida a Esperta e Perfeita, você é tão boa em apontar as falhas dos outros e mandar em todo mundo que deveria ser esta a sua profissão.

— Sou muito boa nisso — Bella interrompeu.

— Cala a boca, é a minha vez de reclamar! E você acha que seu gosto em roupas é moderno, quando na verdade é muito chato...

— Ei, e a jaqueta prateada? — E como você se atreve a casar e ter um bebê primeiro, sempre ter conseguido todo homem que queria, exibindo o decote e abaixando as calcinhas. Espero que você tenha aprendido sua lição desta última vez, Bella.

— Ai — disse Bella, séria.

— E... eu tinha tanto ciúme de você e Daniel na universidade — Tania disparou.

— Daniel!! — Isto era uma novidade. — Você não pode ter ciúme de Daniel. estivemos juntos por três anos e meio, éramos um casal, estávamos apaixonados! — Claro que posso ter ciúme. Ele era tão lindo, representava Hamlet e, vamos admitir os fatos, todas as meninas da universidade estavam a fim dele, e eu ainda não acredito que você ficou com ele.

— Oh, meu Deus, você não podia ter ciúme. Estávamos com você o tempo todo. Não me diga que você gostava dele, porque você não gostava! E, seja como for, você não esqueceu do trauma que foi o fim daquele relacionamento? — Você o abandonou — Tania disse, como se Bella precisasse ser lembrada disso.

— Mas ele me traiu.

— Mas ele queria que você o perdoasse, Bella, do mesmo modo que você quer que Don a perdoe.

— Jesus — Bella eslava irracionalmete zangada —. não foi nada igual.

— Se eu perguntar uma coisa você promete responder a verdade? — Tania perguntou, depois de uma pausa.

— Não — disse Bella, emburrada.

— Bom, vou perguntar do mesmo modo. Você ama Don tanto quanto amava Daniel? —



Não — disse Bella, sem hesitar.

— Oh, meu Deus! — Tania estava chocada.

— Agora sou uma mulher adulta — Bella disse calmamente. — Amava Daniel incondicionalmente. Não foi bom para nenhum de nós.

Acho que Don e eu hoje lidamos melhor com a fronteira tênue entre dependência e independência — ela tentou explicar. — Entre nós as coisas são mais "eu amo você, quero estar com você, mas, se você me tratar mal, eu vou... reconsiderar." — Foi difícil dizer isto, porque ela sabia que Don estava reconsiderando a situação neste exato momento... sabia que ela esteve reconsiderando nas semanas que antecederam aquela noite com Chris.

— Então, por que foi se meter com outra pessoa? — Hoje Tania não estava pegando leve. Bella abraçou os joelhos junto ao peito e apoiou o rosto neles.

— Meu Deus, não sei, foi porque eu podia... porque ele estava ali.

— É essa a resposta? — Tania perguntou. — A justificativa para escalar o Everest é porque ele estava ali... isto é absolutamente estúpido.

As duas deram uma risadinha, depois gargalharam, depois caíram em risadas histéricas.

— Vamos embora — Tania disse por fim. — Vamos sair daqui, está quente demais e vamos acabar tendo um colapso.

O almoço foi rápido, porque Bella começou a ficar preocupada com Markie, e quando se beijaram na despedida, Tania desejou boa sorte e prometeu que tudo ficaria bem.

Bella desejava ter a mesma certeza da amiga. Sentia-se terrivelmente ansiosa e agitada.

Quando chegou em casa, abriu a porta da frente o mais silenciosamente possível. Se Markie estivesse dormindo, não queria acordá-lo, e entrou na ponta dos pés.

Ouviu um jogo de futebol na sala de estar e Don fazendo comentários, como: — Boa! — e: — Você deve estar brincando! Espiou e viu Don deitado de costas no sofá, com Markie sobre o seu peito.

Os dois estavam completamente absorvidos no jogo. Era de doer o coração de tão bonitinhos.

— Oi — ela disse na porta e, quando os dois se voltaram, ela por um momento não sabia para quem olhar primeiro. Deu um breve sorriso para Don e depois alargou o sorriso quando viu seu filhinho rindo e estendendo os braços para ela.

— Oi, querido, como vai? Quer colinho? — Sim, por favor — disse Don. Ela riu e correu para pegar Markie.

Don desligou a TV, dizendo: — Era uma porcaria de jogo mesmo — e sentou.

— Como foi? — ela perguntou, aninhando Markie contra seu corpo e observando que Don estava com uma camisa nova.

— Bom, no geral, bom. Não vá ainda ao banheiro, não tive chance de limpá-lo.

Bella ergueu as sobrancelhas.

— Levei-o na bolsinha canguru para dar uma volta, e, quando voltamos bom, ele sujou toda a fralda. Meu Deus... — Don começou a rir — havia merda em todo o lugar, em cima de Markie, em cima da bolsa, em cima de mim.

Bella fez um ruído de desdém.

— É, faz parte do aprendizado.

— Mas, sabe, nós nos divertimos. Ele é um menininho genial. Gosto da maneira como ele bate os braços como se fossem asinhas quando está animado, o que acontece três vezes por minuto. — Don sorriu.

— Ele dormiu? — ela perguntou.

— Tirou uma soneca por uns dez minutos na bolsinha, mas acordou quando voltamos para casa — ele respondeu.

— OK — ela disse. — Vamos levar você para cima para uma boa mamada e uma naninha.

— Ela beijou Markie nas bochechas.

— Posso ir junto? — Don perguntou.

— Se quiser — ela disse, surpresa com o pedido.

No quarto, Bella sentou-se na cama. Apoiada nos travesseiros, virou-se, levantou a camiseta, abriu o sutiã e colocou Markie contra os seios cheios de leite.

Don deitou na cama, ao lado dela, apoiado no cotovelo, para poder assistir.

Markie abocanhou o mamilo e começou a chupar forte, com o maxilar subindo e descendo. Ela esperou alguns momentos, até sentir o calor e a sensação excitante da saída do leite, e viu Markie fechar seus olhos com prazer.

Um fio de leite escorria pela lateral do seu queixo.

Don apoiou a cabeça no ombro dela, para poder ver a cabecinha apertada junto de sua pele macia e branca. Sentiu uma onda de amor e desejo.

Enquanto Markie chupava o seio com força, Bella começou a sentir os efeitos da ligação entre mamilos e clitóris, que tornavam a amamentação um prazer tão grande.

Sentia o hálito morno de Don no seu pescoço, e desejou-o. Cheirava a um sabonete desconhecido e a roupa limpa. Ele se mexeu um pouco, até chegar mais perto dela. Suas chaves e as moedas no bolso tilintavam enquanto se mexia.

Ela encurvou as costas para tocá-lo e ele beijou o seu pescoço. Ela tremeu e deixou os olhos fechar, e depois se beijaram novamente, com suavidade.

Markie parara de chuchar, então Bella soltou o outro seio e o pôs na boca sonolenta do bebê. Ele começou de novo a chuchar, lentamente, Don deu-lhe pequenos beijos no pescoço, passando a sua língua morna nele.

Pôs a mão na curva da sua cintura e fez um carinho. Ela estava extasiada ao sentir a ereção dele contra o seu corpo.

Don passou a mão para a cintura das calças dela e puxou o cordãozinho que o prendia. Depois a sua mão desceu em direção ao clitóris úmido e inchado.

Com um suspiro, ela abriu os lábios assim que ele a tocou. O bebê ainda estava chuchando com força o mamilo, e Don mexia lentamente o dedo para cima e para baixo entre as suas pernas. A sensação era maravilhosa.

Sentia-se excitada e desesperada de desejo quando ele enfiou um dedo dentro dela.

— Podemos fazer isto? — ela sussurrou, com urgência na voz.

— Não sei — Don sussurrou de volta... — Esperamos até ele adormecer? — Ele já está quase dormindo — ela murmurou.

Viu quando Don abriu o zíper das calças e sentiu o pênis morno e duro contra as suas nádegas.

A boca de Markie deslizou do seu mamilo e ela conseguia ver que estava profundamente

adormecido. Ela o afastou ligeiramente de si na cama e depois correu para tirar as calças. Don agarrou suas ancas, puxou-a contra o seu penis e o empurrou para dentro. Beijou a nuca dela, mantendo a mão úmida no seu clitóris, e se moveu com força dentro dela.

— Oh, meu Deus — ela gemeu. — Assim vou gozar bem rápido.

— Eu também. Pode ser? Ela sabia que não deveria, mas não aguentaria se ele pegasse a caixa de preservativos e percebesse que havia um a menos do que na última vez.

— Sim — ela gemeu e sentiu-se sacudida pela onda quente do seu próprio orgasmo chegando. Então ele enfiou com força e ela gozou, com o leite dos seus seios escorrendo, mesmo antes do longo suspiro de prazer dele.

Estavam suados e saciados. Ele a abraçou e enterrou o rosto no seu pescoço.

— Ah, isso foi bom — ele sussurrou.

— Sim — ela respondeu e ficaram quietos por uns momentos, com ele encolhendo gradualmente dentro dela.

Quando ele saiu de dentro, ela virou-se para olhá-lo.

— Don? — Olhou dentro dos olhos dele e tentou ler a resposta à sua pergunta antes de formulá-la: — Você ainda me ama? Ele colocou a mão no rosto dela e respondeu: — Sim, claro. E você? — ele perguntou. — Você me ama? — Sim — ela respondeu.

— Mas não acho que estava zangado. Meu Deus, eu estava furioso...

mas cheguei à conclusão que posso perdoar uma pequena infidelidade aqui — seu dedo alisou o osso púbico dela — enquanto não houver nenhuma infidelidade aqui — ele apertou o dedo contra o osso esterno no meio dos seios dela.

— Sinto muito. Você é o homem da minha vida e eu sei disso agora — ela sussurrou.

— Quer estar casada comigo? — ele perguntou.

— Quero — ela respondeu.

— Quer criar uma criança comigo? — Quero — Vai tentar ser fiel e esquecer os outros?

— Meu Deus, sim. — Ela piscou e uma lágrima escorreu pelo nariz, ficando dependurada na ponta. Ele a lambeu.

— Sinto muito não ter ajudado mais com Markie — ele disse. — Foi demais para você. Vou ajudar mais, estar mais presente. Para começar, vou tirar férias.

Ela o abraçou e pressionou o rosto molhado contra o ombro dele.

— Lamento não ter pensado mais em você... estava tão envolvida com o bebê, além de estar frustrada por ter perdido meu emprego e todo o resto... — Ela começou a chorar, encostada nele. — Eu te amo, Markie ama você também. Prometo que serei muito boazinha se você me aceitar de volta.

— Bella, está tudo bem — ele a tranquilizou. — Não é uma questão de aceitar você de volta. Nunca imaginei que seria diferente.

— Eu amo você — ela disse novamente.

— Também amo você — ele respondeu.

— Você volta para casa hoje? — ela perguntou.

— Sim, minhas coisas estão no carro, mas...

— Ah, meu Deus... — ela disse, — Este "mas" não parece bom.

— Provavelmente terei que passar outras duas semanas no exterior em breve. Lamento,

mas prometo que vou tirar pelo menos 15 dias de férias no Natal.

— O que acha de ir para a Itália no Natal? — ela disse, surpreendendo a si mesma.

Ele também estava surpreso.

— Seus país não vivem na Itália?! — ele perguntou.

— Sim... Mas isso não quer dizer que ficaremos lá com eles.

Poderíamos visitá-los, mas ficaremos num hotel.

— OK — disse Don. — Isto é uma grande novidade.

Ela não disse mais nada, só sorriu para ele. Ficaram aninhados na cama, sem conversar, por muito tempo.

Finalmente, Bella sentou-se e disse: — Estou faminta. Que tal fazer uns sanduíches de bacon? — Fantástico — ele disse. — Você coloca Markie no bercinho? Ela olhou para ele com as sobrancelhas erguidas.

— Espera um pouco: por que eu não tento fazer isso? — ele acrescentou, depressa. — Mas não me culpe se ele acordar.

— Mas vai ser sua culpa.

## Capítulo Quarenta e Sete

Bella estava enfiada em seu pequeno escritório do sótão, trabalhando duro desde que Markie fora para a casa de Sylvia, às 8h45 da manhã. Agora gostava muito mais do ambiente amarelo brilhante.

Tinha instalado prateleiras novas, um arquivo, uma mesa com cadeira e uma máquina de café expresso. Assim que fechava a porta no alto da escada, era fácil esquecer o bebê e o resto da casa, e entrar direto no ritmo do trabalho.

A Prentice fornecera um fantástico computador novo, com todos os acessórios necessários, e um celular prateado minúsculo, igual ao de Susan.

Bella tinha se divertido muito quando tudo chegou em caixas marcadas "Bebê da Bella".

Estava muito concentrada nas propostas que apareciam no monitor à sua frente quando o soar estridente da campainha a assustou.

Oh, Deus! Não estava pronta para atender outra testemunha-de-jeová, marcador da companhia de eletricidade ou vendedor de xampu para carpetes. Ficou sentada, esperando que quem quer que fosse desistisse. A campainha soou novamente, por bastante tempo. Droga. Fechou o arquivo e desceu dois lances de escada, batendo os pés.

Abriu o trinco, escancarou a porta e viu Don, cansado, amarrado, com uma grande sacola de viagem no ombro.

— Olá, linda — ele disse com um grande sorriso. — Perdi minhas chaves.

— Olá!! — ela gritou. — Achei que você só iria voltar esta noite.

Eles se abraçaram e se beijaram na porta. Não o via há duas semanas e morreu de saudades dele.

— Bonito casaco — ela disse quando ele entrou. Apoiou a bochecha no ombro dele, cheirou seu pescoço e o beijou.

— É, minha esposa me deu. Não conte para ela que eu vim ver você primeiro — ele sorriu e beijaram-se novamente.

— Você parece muito cansado. Quer tomar café na cozinha? — ela perguntou.

— Não, não, estou bem. Markie não está? — Não, fica com a Sylvia até a uma. Como foi a viagem? — Absolutamente horrível, mas não faz mal, foi a última. — Ele deu um sorriso provocador e entrelaçou as mãos atrás da cintura dela.

— O quê? — Ela o empurrou para olhar para ele.

— Bem... tenho uma novidade para contar... — ele parou, adorando o suspense. — Acabei de ser promovido a editor de reportagem.

— Não!! — Ela estava realmente chocada. — Você está brincando!! — Não estou. — Don parecia muito satisfeito consigo mesmo. — Fiquei sabendo esta manhã. Disse que não queria aceitar, porque teria que passar mais tempo na redação, mas eles vieram com uma proposta salarial ainda melhor e que eu poderia trabalhar quatro dias por semana a partir de janeiro.

— Meu Deus! Você está feliz? — ela perguntou, algo desnecessariamente.

— Estou absolutamente extasiado — ele respondeu com um sorriso.

— Mas não haverá mais viagens ao exterior... — ela disse, certa de que ele sentiria falta

delas.

Mas ele a surpreendeu, dizendo: — Puta que pariu, até que enfim! — com uma gargalhada.

— Bom, parabéns. Quatro dias por semana... isto é maravilhoso.

— Então... — ele disse. — E você? — Bem... Eu também tenho novidades. — Ela o olhou intensamente.

— Você vai ter uma pequena surpresa. — Ela parecia nervosa e ele começou também a ficar.

— Acabei de descobrir que estou grávida novamente. Foi um completo acidente, e desta vez é verdade — ela acrescentou.

— Oh, meu Deus! — Ele engasgou e colocou os braços ao redor dela. Apoiando o queixo no ombro de Bella, ele deu um assobio baixo e disse: Meu Deus, Bella.

— Deve ter sido naquele sábado. Estava tão feliz com a sua volta...

nem sequer pensei nisso.

— Sim — ele cortou sua frase —, foi um encontro quente. — Ele olhou para ela, carinhosamente. — É um sinal. — Ele sorriu. — Era para ser.

Ela o abraçou apertado.

— Obrigada, Don — sussurrou e sentiu as lágrimas chegando.

— Deus — ele disse novamente e limpou as lágrimas dela com o polegar. — Tudo vai dar certo, eu prometo... agora preciso mesmo de um café.

Enquanto andavam juntos pelo hall em direção às escadas da cozinha, ela parou subitamente, perguntando com um sorriso: — Espere um pouco... você conhece algum editor de reportagens que tenha permanecido casado? — Não, mas eu encaro isto como um desafio — ele respondeu, sorrindo de volta.

— Agora você vai ganhar mais do que eu? — Só um pouquinho a mais, acho. Mas não recebo bônus...

portanto...

— Está tudo bem, então!! — Ela riu e o virou, para que pudesse beijá-lo na boca.

— Hummm... — ela disse. — Só eu e você, aqui no hall... é como nos velhos tempos.

— O que você tem exatamente em mente, sra. McCartney? Desabotoando o casaco dele e deixando-o cair no chão, ela respondeu: — Que tal simplesmente eu mostrar a você, sr. Browning?

FIM

11 \* City - centra Financeiro de Londres (N T )